

CARPE CORPUS

RACHEL CAINE

AUTHOR OF LORD OF MISRULE

They never covered this in biology.

Rachel Caine
The Morganville Vampire Series –
Book 6 – Carpe Corpus

THE
MORGANVILLE VAMPIRES





"Feliz aniversário, querida!"

No brilho das dezessete velas no bolo de aniversário de Claire, sua mãe parecia febrilmente feliz, usando o tipo de sorriso forçado, que era muito comum na casa dos Danvers estes dias.

Era muito comum em toda Morganville, Texas. Pessoas sorriam porque eles tinham que sorrir, ou não.

Agora era a vez da Claire fingir e sorrir.

"Obrigado, Mãe", disse ela, e ela forçou os lábios em algo que realmente não parecia como um sorriso. Ela saiu de sua cadeira na mesa da cozinha para soprar as velas. Todas as dezessete chamas e se apagaram no primeiro sopro. *Eu gostaria...*

Ela não ousaria desejar qualquer coisa, e que, mais do que isso, sua frustração e raiva e dor se transformava em uma coisa quente, pegajosa. Este não era o aniversário que tinha sido planejamento nos últimos seis meses, desde que ela tinha chegado em Morganville. Ela tinha planejado uma festa em sua casa, com seus amigos. Michael teria tocado sua guitarra, e ela podia ver o quase perdido, sorriso maravilhoso que ele daria enquanto tocava a sua música. Eve, alegremente e gótica, teria cozinhado algo esquisito e provavelmente não comestível bolo em forma de morcego, com velas pretas e brancas. E Shane...

Shane teria...

Claire não queria pensar em Shane, porque isso fazia sua respiração travar na garganta, fazia seus olhos arderem de lágrimas. Ela sentia falta dele. Não, isso era errado... saudades dele era muito pouco. Ela precisava dele. Mas, Shane estava trancado numa gaiola no centro da cidade, junto com seu pai, o idiota vampiro caçador.

Ela ainda não queria levar sua cabeça a pensar o fato de que Morganville – uma normal, cidade empoeirada do Texas no meio do nada – estava sendo comandada por vampiros. Mas acreditava que ela poderia acreditar mais facilmente do que a idéia de que Frank Collins alguma fosse fazer algo melhor.

Afinal, ela encontrou o homem.

Bishop, o novo comandante-vampiro de Morganville – estava planejando algo excitante para a execução de Frank e Shane, que aparentemente era a antiga escola-padrão para se livrar de pessoas com idéias de grandeza. Ninguém tinha se incomodado em saber os detalhes com ela, e ela adivinhou que deveria ser grata por isso. Isso seria medievalmente horrível.

A pior coisa sobre isso, para Claire, era que não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo. Nada. Do que adiantava ser um agente do mal se você não pode apreciar isso – ou salvar seus amigos?

Agente do Mal. Claire não gostava de pensar nela dessa maneira, mas Eve tinha dito aquilo para ela da última vez que se falaram.

E, claro, como sempre, Eve estava certa.

Uma fatia de bolo de aniversário - baunilha, com creme de baunilha e alguns bolinhos com granulados (e exatamente o oposto daquilo que Eve teria feito) – estavam na frente dela, sua

mãe tinha feito algo como a segunda melhor coisa-da-China. A mãe tinha feito o bolo, o creme; ela não acreditava em nada pré-pronto. Estava delicioso, mas Claire já sabia que ela não iria apreciar. O bolo fantasioso de Eve teria sido horrível, e seus dentes e língua ficariam pretos, e Claire teria adorado cada dentada.

Claire pegou seu garfo, piscou para estancar as lágrimas, e voltou o pensamento para o bolo de aniversário. Ela murmurou, "Maravilhoso, mamãe!" e abocanhou um pedaço de bolo cheia de dor e tristeza.

Seu pai estava sentado à mesa e pegou uma fatia, também. "Feliz aniversário, Claire. Tem planos para o resto do dia?"

Ela tinha planos. Todos os tipos de planos. Ela imaginou a festa um milhão de vezes, e em cada versão, ela tinha terminado com ela e Shane sozinhos.

Bem, ela estava sozinha. E ele também.

Eles não estavam sozinhos juntos.

Claire engoliu e manteve o seu olhar baixo, sobre o prato.

Ela estava prestes a dizer a verdade: não. Ela não tinha qualquer plano. Mas o pensamento de ficar aqui presa com seus pais o dia inteiro, com seus olhos assustados e sorrisos felizes, era muito para ela. "Sim", disse ela. "Estou... indo para o laboratório. Myrnin precisa de mim".

Myrnin era o seu patrão – chefe vampiro – e ela o odiava. Ela não tinha sempre o odiado, mas ele lhe traiu algumas vezes, e a última tinha sido a pior; ele colocou, ela, Michael e Shane com seu pior inimigo, só porque era mais fácil para ele do que ser fiel a eles quando coisas ficam difíceis.

Ela podia apenas ouvir a voz de Shane, pesada de ironia: *Bem, É um vampiro. O que você esperava?*

Algo melhor, ela adivinhou. E talvez isso faça dela uma idiota, porque, hey, um vampiro, e Myrnin nunca teve grande sanidade de qualquer forma. Ela teria recusado a trabalhar para ele depois...

só que ela não podia recusar nada que Bishop lhe ordenasse diretamente. Mágica. Claire não acredita em magia - que era, na medida do que ela acreditava, apenas coisas que a ciência ainda não tinha explicado – mas isso fazia ela se sentir desconfortável em determinar sua definição.

Ela não gostava de pensar no momento em que ela se tornou - como Eve brilhantemente colocou – um agente do mal, porque ela estava com medo, no fundo dos seus profundos pesadelos, que ela tinha feito a escolha errada. Como quando ela pegou seu copo de Coca-cola, sua camisa de manga longa escorregou para trás em seu antebraço para revelar o que Bishop tinha feito com ela – tinta azul, algo como uma tatuagem tribal, apenas que essa tinta se mexia. Observando que girava lentamente e passeava lentamente sob sua pele a fazia ficar doente.

Não tem nada dessa coisa de magia. Isso não existe.

Claire puxou sua manga de volta para baixo para escondê-lo – não de seus pais, eles não puderam ver nada de errado com seu braço. Era algo que apenas ela pudesse ver, e os vampiros. Ela pensou que tinha ficado um pouco mais claro desde o dia que Bishop colocou a marca nela, mas talvez fosse apenas um desejo tolo. Se desaparecer o suficiente, talvez pare de funcionar. Parar de obedecer suas ordens.

Ela não tinha qualquer forma de saber se estava ficando mais fraco, de uma forma ou de outra, a não ser que ela estivesse disposta a arriscar desafiando abertamente Bishop. Isso era tão saudável quanto nadar num tanque cheio de tubarões, banhada em óleo de peixe e usando um grande sinal Me Coma.

Ela vasculhou a biblioteca de Myrnin à procura de qualquer indício do que Bishop havia feito com ela, e como se livrar disso, mas se a informação estava lá, ele ocultara muito bem para ela encontrar. Para o seu próprio bem, ele provavelmente teria dito, mas ela não iria acreditar nele. Não mais. Myrnin fazia apenas o que era bom para ele, e ninguém mais.

Pelo menos ela poderia fingir que tinha feito uma tatuagem para ela – isso era melhor do que dizer Não ao Sr. Bishop. Não é mágica, ela disse para si mesma pela milésima vez hoje. Não é mágica, porque não há tal coisa como mágica. Tudo tem uma explicação. Nós apenas não podemos compreendê-lo, mas esta tatuagem tem regras e leis, e tem de ter uma maneira de fazê-la ir embora.

Claire puxou a manga de novo sobre a tatuagem, e os dedos tocaram sobre a pulseira de ouro que ela ainda usava. O bracelete de Amelie com o símbolo do antigo governador vampiro de Morganville. Antes do Sr. Bishop chegar, tinha sido uma marca da Proteção... que significava que ela devia impostos à Amelie, geralmente sob a forma de dinheiro, serviços e doação de sangue e, em contrapartida Amelie - e os outros vampiros – ficam na deles. Era tipo como a Máfia, com presas. E ela não tinha sempre que trabalhar, mas que era muito melhor do que caminhar cerca em Morganville como almoço grátis.

Agora, porém, a pulseira não servia. Ela não tinha visto ou ouvido de Amelie em semanas, e de todos os aliados da Amelie pareciam ter sumido. O mais proeminente dos vampiros em Morganville estava na clandestinidade, ou talvez até mesmo mortos... ou então estavam sob controle de Bishop, e eles não tinham vontade real de si mesmos. Parecia que estava acontecendo mais e mais à medida que o tempo passava. Bishop tinha decidido que era mais problemas matar a oposição do que convertê-los.

Assim como ele a converteu, embora ela fosse a única humana que ele se incomodou de colocar diretamente sob o seu polegar. Ele não tinha uma opinião muito elevada de pessoas, em geral.

Claire terminou o bolo e, em seguida, abriu os presentes de aniversário de seus pais que estavam em cima da mesa. O pacote do pai – embalado pela mãe, dentro do hospital - continha um belo colar de prata com um delicado coração. O presente da mãe era um vestido – Claire nunca usou vestido – uma cor e um estilo que Claire imaginou que cairia estranhamente em seu corpo.

Mas ela os beijou e agradeceu simultaneamente, prometeu tentar mais tarde o vestido, e tirou o pingente do colar do pai enquanto mãe ia na cozinha guardar o resto do bolo. Ela colocou junto da cruz que Shane havia dado.

"Aqui", disse o pai, tentando ser útil. "Deixa que eu ajudo."

"Não!" Ela bateu com uma mão sobre o colar de Shane e olhou para longe, os olhos cheios de culpa, e o olhar do pai parecia machucado e confundido. "Desculpe. Eu... eu nunca ganhei um como esse. É... um presente."

Ele compreendeu então. "Ah. Daquele rapaz?"

Ela concordou, e as lágrimas em seus olhos novamente escorriam, queimando. O pai abriu os braços e a abraçou apertado por um momento e, em seguida, sussurrou: "Vai ficar tudo bem, querida. Não chore."

"Não, não vai", disse ela lastimosamente. "Não, se não fizermos tudo ficar bem, pai. Não está entendendo isso? Temos de fazer alguma coisa!"

Ele a segurou nos braços grandes e estudou ela com olhos cansados, desbotados. Ele não tinha estado em bom estado de saúde durante um tempo, e cada vez que ela o via, Claire se preocupava um pouco mais. Por que eles não poderiam deixar os seus pais fora disso? Porque eles os trouxeram até aqui, no meio disto?

As coisas estavam bem antes - bem, talvez não muito bem, mas estável. Quando ela tinha vindo para a Texas Prairie Universidade, que tinha tido de abandonar o louco-perigoso dormitório para encontrar algum tipo de segurança, e que tinha acabado por se alojar na Glass House, com Eve e Shane e Michael. Mamãe e Papai se mantinham seguros longe, fora da cidade.

Ou eles tinham, até Amelie decidir que mantê-los aqui iria ajudar a controlar melhor Claire. Agora, eles eram residentes em Morganville. Encurralados.

Assim como ela.

"Nós iremos sair, querida. Eu empacotei as coisas de sua mãe na outra noite e pegamos a estrada, mas o nosso carro morreu, nos limites da cidade." Seu sorriso parecia frágil e quebrado. "Não creio que o Sr. Bishop nos deixe ir."

Claire estava um pouco mais aliviada de que pelo menos eles tentaram, mas num segundo depois - então ela decidiu que estava muito horrorizada. "Pai! Por favor, não tente isso de novo. Se os vampiros pegarem você fora dos limites da cidade -" Ninguém deixa Morganville sem permissão, havia todos os tipos de salvaguardas para evitar isso, mas o fato de os vampiros eram implacáveis no monitoramento das pessoas da cidade para deter a grande maioria.

"Eu sei." Ele colocou a mão quente de ambos os lados do seu rosto, e olhou para ela com tanto amor que isso quebrou o coração dela. "Claire, você acha que está pronta para assumir o mundo, mas você não está. Eu não quero você no meio de tudo isto. Você é muito jovem."

Ela deu um sorriso triste. "É tarde demais para isso. Além disso, pai, eu não sou mais uma criança - tenho dezessete. Peguei as velas do bolo para provar e tudo."

Ele beijou sua testa. "Eu sei. Mas você sempre terá cinco anos, para mim, chorando sobre meus joelhos."

"Isso é embaraçoso."

"Eu sentia o mesmo quando os meus pais diziam a mim." Ele assistiu enquanto ela brincava com a corrente de Shane. "Você está indo para o laboratório?"

"O quê? Ah, sim."

Ele sabia que ela estava mentindo, ela podia contar, e por um momento, ela tinha certeza que ele ia falar para ela sobre isso. Mas em vez disso, "Por favor, não me diga que você vai sair hoje para tentar salvar seu namorado. Mais uma vez."

Ela colocou suas mãos sobre a dele. "Papai. Não tente me dizer que sou muito jovem. Eu sei o que eu sinto por Shane."

"Não estou tentando fazer isso contudo," disse o pai dela. "Estou tentando lhe dizer que, agora, estar apaixonada por qualquer menino nesta cidade é perigoso. Estar apaixonada por aquele rapaz é suicídio. Eu não deixaria de estar preocupado em circunstâncias normais, e esta nem sequer está próximo do normal".

Não brinca. "Não vou fazer qualquer coisa estúpida", ela prometeu. Ela não estava certa se ela realmente podia manter esse voto, apesar de tudo. Ela se alegraria em fazer algo estúpido se lhe desse um único momento com Shane. "Pai, eu preciso ir. Obrigado pelo o colar."

Ele ficou parado tão estranhamente em frente a ela por uns segundos que ela pensou que ele a tinha trancado em seu quarto ou qualquer coisa assim. Não que ela não poderia encontrar uma saída, é claro, mas ela não queria fazer se sentir pior do que ele já estava.

Ele finalmente suspirou e balançou a cabeça. "Você é bem-vinda, querida. Feliz aniversário. Tenha cuidado."

Ela ficou por um momento, vendo ele brincar com um pedaço de bolo de aniversário. Ele não parecia ter fome. Ele estava perdendo peso, e ele parecia mais velho que ele tinha sido há apenas um ano atrás. Ele olhou para Claire. "Claire. Estou bem. Não faça essa cara."

"Que cara?"

Inocência não estava funcionando com ele. "A cara meu-pai-está-doente-e-eu-me-sinto-culpada-por-estar-saindo".

"Oh, essa." Ela tentou um sorriso. "Desculpe".

Na cozinha, a mãe dela se movimentava como uma abelha na colméia. Enquanto Claire colocava os pratos na pia, a mãe dela falava de mil coisas ao mesmo tempo - sobre o vestido, e como ela sabia que Claire ficaria perfeita nele, e eles realmente deviam fazer planos para ir a um bom restaurante e comemorar esta semana em grande estilo. Então ela comentou sobre as novas amigas do Clube do Cartão, onde jogavam bridge¹ e bebiam algum tipo de gin e algumas vezes, daringly, Texas Hold 'Em². Ela falou de tudo, mas aquilo era tudo que os rodeava.

Morganville parecia uma cidade normal, mas não era. Casual viajantes entravam e saíam, e não sabiam de nada; até mesmo a maioria dos estudantes universitários permaneciam rigorosamente no campus e não sabiam aonde tinham ido – Texas Praire University era um mundo a parte. Para as pessoas que viviam aqui, os verdadeiros residentes, Morganville era uma prisão, e eles estavam todos presos, e eles tinham muito medo de falar sobre isso abertamente. Claire escutava com paciência as coisas sobre plásticos e afins, pronta para sair,

¹ Jogo de cartas

² Tipos de bebidas

e finalmente sua mãe tempo suficiente para entrar em um precipitado, "Obrigado", e, "Eu volto logo; te amo, mãe".

A mãe dela parou e apertou seus olhos fechados. "Claire", disse ela em um tom completamente diferente - um verdadeiro. "Eu não quero que você saia hoje. Queria que você ficasse em casa, por favor."

Claire parou na porta. "Não posso, mãe," ela disse. "Não vou ser um espectador no meio de tudo isto. Se você quer ser, eu entendo, mas isso não é como você me ensinou."

A mãe de Claire quebrou um prato. Apenas ficou olhando os cacos na pia, no balcão e no chão.

E então ela só ficou lá, ombros tremendo.

"Está bem", disse Claire, e rapidamente pegou os pedaços quebrados do chão e, em seguida, tirou o resto para fora do balcão. "Mãe – está tudo bem. Eu não tenho medo."

Sua mãe riu. Foi um quebrado, um pouco histérico riso, e isso assustou Claire. "Você não está? Bem, eu estou, Claire. Estou com medo do que eu nunca estive em minha vida. Não vá. Não hoje. Por favor, fique em casa."

Claire ficou lá por alguns segundos, deu um suspiro profundo, e despejou os cacos no lixo.

"Desculpe, mas eu realmente preciso fazer isso", disse ela. "Mãe-"

"Então vá". A mãe dela voltou a limpar outro prato, mergulhada em água com sabão e começou a esfregar com especial força, tal como ela se estivesse prestes a tirar os desenhos do prato.

Claire escapou de volta para seu quarto, colocou o vestido em seu armário, e ela agarrou a mochila. Enquanto ela estava saindo, ela bateu os olhos numa fotografia no espelho. Uma foto da Glass House - Shane, Eve, ela, e Michael, com meio sorriso. Era a única foto que tinha de todos eles juntos. Ela estava tão feliz, era um prazer, mesmo se fosse sobre expostas e um pouco fora de foco. Estúpida câmera de celular.

No impulso, ela agarrou a foto e prendeu em sua mochila.

O resto do quarto dela era como um tempo antes de formada – a mãe tinha guardado todas as suas coisas da escola e colégio (1 e 2 graus), todos os seus animais empalhados e cartazes e agendas coloridas. Seus cartões Pokémon e seus kits de ciência. Suas estrelas e planetas que brilhavam no escuro no teto. Todas as suas medalhas e certificados e prêmios.

Ela sentiu-se tão distante agora, como se isso pertencesse a outra pessoa. Alguém que não estava enfrentando um futuro brilhante como um agente do mal, e preso em Morganville para sempre.

Exceto para os pais dela, a fotografia era realmente a única coisa em toda esta casa que ela iria perder, se ela nunca mais voltasse.

E isso era, inesperadamente, uma espécie de tristeza.

Claire ficou na porta por um longo momento, olhando para seu passado, e então ela fechou a porta e saiu para o que o futuro iria mostrar.

Morganville não era diferente agora do que quando Claire tinha chegado na cidade, e descobriu que era realmente, realmente estranho. Afinal, quando o Mal assumiu o poder, você acharia que teria feito algum tipo de diferença visível, pelo menos.

Mas em vez disso, a vida continuava as pessoas iam para o trabalho, à escola, alugavam vídeos, e bebia em bares. A única diferença era que ninguém andava volta sozinho depois do escurecer. Nem mesmo os vampiros, não que ela soubesse. O escuro era o momento da caçada do Sr. Bishop.

Mesmo que não fosse uma grande mudança como você deseja pensar, apesar de tudo. As pessoas sensatas em Morganville nunca tinham ido para fora depois do escurecer se isso pudesse ajudá-las. Instintos, nada mais.

Claire verificava seu relógio. Onze da manhã - e ela realmente não tinha de ir para o laboratório. Na realidade, o laboratório de informática era o último lugar que ela queria estar hoje. Ela não queria ver o seu suposto chefe Myrnin, ou ouvir o seu vagabundo, louco jeito de falar, ou ter de agüentar suas perguntas sobre por que ela estava tão zangada com ele. Ele sabia porque ela estava com raiva. Ele não era louco.

Seu pai estava certo sobre o dinheiro. Ela pretendia passar o dia tentando ajudar Shane.

Primeiro passo: ver o prefeito de Morganville - Richard Morrell.

Claire não tinha um carro, mas Morganville não tão grande, realmente, e ela gostava de caminhar. O clima ainda estava bom – um pouco frio mesmo durante o dia, mas não o frio cortante. Isso era efeito da tempestade que tinha passado no Oeste do Texas, o que significava que as folhas eram um amarelo pálido nas bordas, em vez de verde escuro. Ela tinha ouvido dizer que tinha uma bela queda tempo em outras partes do país e do mundo, mas por aqui, era mais ou menos uma meia hora em chamas entre verão e inverno congelante.

Enquanto ela caminhava, as pessoas notaram ela. Ela não gostava disso, e geralmente não acontecia isso; Claire tinha sido sempre uma dos Grandes Exércitos Anônimos de Nerds, exceto quando ia à feira de ciências ou ganhava algum tipo de prêmio acadêmico. Ela nunca se destacou fisicamente - muito baixa, muito magra, muito pequena e ela sentiu estranho as pessoas lhe observarem e acenar com a cabeça, ou simplesmente olhar.

Diziam que ela era a menina de recados de Bishop. Ele nunca mandou ela fazer nada, realmente, mas ele fazia ela levar suas ordens.

E coisas ruins aconteceram.

Mandando ela fazer isso, enquanto ela ainda estava vestindo a pulseira de Amelie, era a idéia de Bishop de uma piada.

Começou a sentir os efeitos da longa caminhada mais do que devia.

Enquanto ela subia os degraus do escritório substituto de Richard – o original tinha sido transformado em uma lixeira pelo tornado - ela se perguntou se a cidade tinha nomeado Richard como prefeito só para não ter de alterar qualquer dos sinais. Seu pai, o original Prefeito Morrell, um daqueles bons rapazes texanos com grande sorriso e pequenos, duros olhos - tinha morrido durante a tempestade, e agora seu filho ocupava uma desgastada antiga loja com um papel na janela que se lia, PREFEITO RICHARD MORREL, ESCRITÓRIO

TEMPORÁRIO.

Ela estaria disposta a apostar que ele não estava muito feliz em seu novo emprego. Havia muita coisa ao redor.

Um sino soou quando Claire abriu a porta, e os olhos dela ajustando lentamente para a obscuridade interior. Ela supôs que ele mantinha as luzes baixas por cortesia para os visitantes vampiros - mesmo motivo pelo qual ele tinha as grandes janelas de vidro em frente fechadas. Mas fez que o pequeno e sujo quarto parecessem como uma gruta para ela, uma gruta com papel ruim e barato, tapetes finos.

A assistente de Richard olhou para cima e sorriu enquanto Claire fechava a porta. "Ei, Claire," disse ela. Nora Harris tinha uma voz como manteiga em calda de chocolate quente, e ela era uma senhora de cerca dos cinqüenta, bonita, limpamente vestida em ternos escuros na maior parte do tempo. "Você está aqui para ver o prefeito, querida?"

Claire concordou e olhou ao redor da sala. Ela não era a única pessoa que ia passar por aqui hoje, tinha três homens mais velhos sentados na sala de espera, e um nerd – parecia criança ainda tentando perder as dobrinhas de bebê, vestindo uma camiseta da escola de Morganville com seu mascote - uma serpente, dentes expostos. Ele olhou para ela, olhos grandes e bonitos, obviamente, com medo, e ela sorriu ligeiramente para acalmá-lo. Ela se sentiu estranha, sendo a pessoa que as outras pessoas estavam com medo de ver chegando.

Nenhum dos adultos olhou diretamente para ela, mas ela podia sentir sendo estudada pelos cantos dos seus olhos.

"Ele tem casa cheia, hoje, Claire," continuou Nora, e indicou a sala de espera. "Vou deixá-lo saber que você está aqui. Vamos tentar trabalhar por você."

"Ela pode ir na minha frente", disse um dos homens. Os outros olharam para ele, e ele se encolheu. "Não machuca ninguém para ser agradável."

Mas ele não estava a ser simpático; Claire sabia. Era simples interesse, não ofender a menina que atuava como serva de Bishop - entre a comunidade humana. Ela era importante agora. Ela odiava cada minuto disso.

"Eu não irá demorar muito", disse ela. Ele não voltou a olhar para ela. Nora fez sinais dela indicando a porta fechada na parte traseira. "Vou deixá-lo saber que você está aqui. Sr. Golder, você será o próximo, logo que ela sair."

Sr. Golder, que tinha cedido seu lugar para Claire, acenou volta. Ele era um homem resistente ao sol, a pele como botas velhas, com os olhos cor de gelo sujo. Claire não sabia dele, mas ele sorriu para ela assim que ela passou. Parecia forçada.

Ela não sorriu de volta. Ela não tinha jeito para fingir.

Claire hesitantemente bateu na porta fechada enquanto ela a abria, espreitando em volta da porta, ela estava com medo de apanhar Richard fazendo alguma coisa... bem, não-normal. Mas ele estava sentado atrás de sua mesa, lendo um arquivo de uma pasta cheia de papéis.

"Claire." Ele guardou o processo e sentou novamente em sua cadeira de couro velho, que rangeu e chacoalhou. "Como você está indo?" Ele levantou-se para oferecer-lhe a mão, que ela apertou e, em seguida, ambos sentaram. Ela estava tão habituada a ver Richard limpamente em um uniforme da polícia que ainda sentia estranha ao vê-lo em um terno, um belo risca de

giz, hoje, em cinza, com uma gravata azul. Ele não era velho, nem sequer trinta, ela pensou, mas ele parecia como alguém com duas vezes sua idade.

Eles tinham isso em comum, ela pensou. Ela não se sentia com dezessete estes dias, também.

"Estou bem", disse ela, que era uma mentira. "Estou indo. Eu vim para -"

"Eu sei o que vai pedir", disse Richard. "A resposta ainda é não, Claire." Ele parecia triste sobre isso, mas firme.

Claire engoliu duro. Ela não tinha esperado obter um fora qualquer. Richard normalmente a ouvia. "Cinco minutos", disse ela. "Por favor. E eu não te peço mais isso?"

"Definitivamente. Mas não é o meu apelo. Se você quiser a permissão para ver Shane, você tem que ir a Bishop." Os olhos de Richard estavam frios, mas firme. "Estou fazendo tudo que posso para mantê-lo vivo e seguro. Eu quero que você saiba disso."

"Eu sei que você está, e eu sou grata. Sério." Seu coração afundou. De alguma forma, ela tinha tido a esperança – de que sem trabalho para fazer, como em todos os outros dias. Ela estudou as mãos. "Como é que ele está?"

"Shane?" Richard riu suavemente. "Como você esperar que ele esteja? Chateado. Zangado com o mundo. Odiando a cada minuto, especialmente porque ele está preso lá dentro com ninguém, mas com seu pai."

"Mas você viu?"

"Ultimamente", disse Richard. "Mudança de funções. Até agora, Bispo não entendeu por devo caminhar pelas celas e me faz parar de excursionar as celas, mas se eu tentar entrar em você..."

"Eu entendo." Ela veio, mas ela ainda se sentia doente. "Será que ele pergunta -"

"Shane pergunta de você todos os dias," disse Richard muito calmamente. "Todo santo dia. Penso que o menino possa realmente te amar. E eu nunca pensei que eu ia estar dizendo isso a cerca de Shane Collins."

Seus dedos estavam tremendo agora, uma grande vibração que a fez fechar em punhos para fazê-lo parar. "É meu aniversário." Ela não tinha idéia de por que ela disse isso, mas parecia fazer sentido na hora. Pareceu importante. Olhando para cima, ela viu que tinha surpreendido ele, e ele estava temporariamente sem palavras.

"Oferecendo felicitações não parece muito adequado", disse ele. "Então. Você fez dezessete, certo? Isso é velho o suficiente para saber quando as coisas devem entrar em sua cabeça. Claire - só vá para casa. Passe o dia com os seus pais, talvez veja seus amigos. Cuide de si mesmo."

"Não. Quero ver Shane", disse ela.

Ele agitou sua cabeça. "Eu realmente não acho a idéia muito boa."

Ele quis dizer, ela sabia. Ele veio ao redor da mesa e colocou a mão sobre seu ombro, uma espécie de meio abraço, e encaminhou-a para porta afora.

Eu não estou desistindo. Ela pensou, mas ela não disse isso, porque ela sabia que ele não iria aprovar.

"Vá para casa", disse ele, e indicou o homem cuja nomeação Claire tomou. "O Sr. Golder? Entre. Isto é sobre seus impostos, certo?"

"Demasiado caro se viver na merda de cidade," Mr. Golder grunhiu. "Eu é que não tenho muito para dar sangue, você sabe."

Claire içou sua mochila e saiu para tentar uma outra coisa que possa levá-la ver Shane.

Claro, era algo muito mais perigoso.

Ela tentou falar com ela mesma sobre isso, mas no final, Claire foi para o último lugar que ela queria ir... para Praça do Fundador, o lado vampiro da cidade. Em plena luz do dia, parecia deserta; as pessoas geralmente não se aventuravam mais aqui, nem mesmo quando o sol estava em alto, embora tenha sido um parque público. Tinha algumas patrulhas de polícia a pé, e, por vezes, ela podia acreditar existiam formas espionando através das sombras sob as árvores, ou no escuro dos grandes espaços, espaçosos edifícios que delimitavam o perímetro.

Não eram pessoas, no entanto. Tecnicamente não.

Claire se arrastou para perto das brancas, lisas calçadas, cabeça baixa, sentindo o sol bater sobre ela. Ela assistiu ao encardido, ténis vermelho. Era quase hipnótico após um tempo.

Ela veio para uma ponta enquanto as pontas de seus sapatos batiam no primeiro de uma vasta extensão da escada de mármore. Ela olhou e olhou - o maior edifício na praça: grandes colunas, muitos degraus, um imponente templo de estilo grego. Este era o equivalente vampiro da Prefeitura, e no interior...

"Apenas vá em frente", ela murmurou para si própria, e ajeitou sua mochila para uma posição mais confortável enquanto subia as escadas.

Claire sentiu duas coisas quando a sombra do telhado caiu sobre ela - sombra, saiu do sol, e claustrofobia. Seus passos abrandaram, e por um segundo ela queria virar-se e aceitar o conselho de Richard, ir para casa. Ficar com os pais dela. Ficar segura.

Imaginava que tudo estava normal, como a mãe dela falou.

A grande e brilhante porta de madeira aberta à sua frente, e um vampiro ficava ali, bem fora dos reflexos diretos da luz solar, observando-a com o sorriso mais irritante que ela tinha visto. Ysandre, a sexy vampira de Bishop, era linda, e ela sabia. Ela parecia como um modelo da Victoria's Secret, como se a qualquer momento uma inesperada foto pode ser feita.

Mas agora, ela estava usando um par de baixa calças jeans, um top apertado que mostrava sua pele negra, e um par de sandálias pretas de salto baixo. Uma moda vampira casual. Ela alisou as ondas de cabelo brilhante em volta de seu rosto e continuou a sorrir com os lábios mal pintados de vermelho Hooker #5³.

³ Aqui está dando uma idéia de cor de batom, mas Hooker também pode ser prostituta (tem até um filme com este nome), então também poderia ser 'com os lábios vermelhos igual a uma prostituta.'

"Bem", disse ela com voz baixa, doce como veneno e sarcasmo, "olha quem o gato arrastou para cá, vamos Claire. Você está toda no escuro."

Claire esperava que Ysandre estivesse morta, de uma vez por todas, que tinha pensado que era praticamente inevitável, uma vez que a última vez que tinha visto Ysandre tinha sido nas mãos de Amelie, e Amelie não tinha perdão em seu tom.

Mas ela estava aqui, sem uma marca nela. Algo tinha ido muito mal para Ysandre ainda estar viva, mas Claire não tinha nenhuma intenção de saber o quê. Ysandre poderia dizer a ela, mas ela provavelmente diria uma mentira.

Claire, sem qualquer outra escolha real, entrou no interior. Ela ficou tão longe do vampiro como ela poderia, cuidando para não olhar para os olhos do inferno da vampira. Ela não estava certo de que Ysandre tinha autoridade para machucá-la, mas não pareceu inteligente arriscar.

"Você chegou para conversar com o Sr. Bishop?" Ysandre perguntou. "Ou só depois que a lua sair de seu menino miserável?"

"Bishop", disse Claire. "Não que seja do seu negócio, você é apenas uma secretária com dentes."

Ysandre deu uma risada enquanto ela trancava a porta atrás delas. "Bem, você está crescendo, mordida grande. Tudo bem, você pode entrar e ver o nosso Senhor e Mestre. Talvez eu a veja mais tarde, também, e dizer-lhe que seria melhor para o seu trabalho se você não falar muito. Ou nada."

Era difícil dar as costas para Ysandre, mas Claire o fez. Ela ouviu a vampira andar desajeitadamente e, a pele na parte de trás do pescoço dela arrepiou.

Havia um toque de gelo lá, e Claire vacilou e olhou para vê-la atrás pálida, dedos frios no ar quando a parte de trás do pescoço da Claire tinha estado.

"De onde você aprendeu a ser um vampiro?" Claire exigiu, irritada porque ela estava assustada e odiando-o. "Nos filmes? Porque é um grande, estúpido clichê, e você sabe o quê mais? Não impressiona."

Elas olharam uma para outra. O sorriso de Ysandre era perverso e terrível, e Claire não sabia o que fazer, exceto seguir direto.

Ysandre finalmente riu suavemente e caminhou para a sombra.

Sumiu.

Claire deu um suspiro profundo e saiu em seu caminho, um jeito que ela sabia muito bem. Isso levou a um silenciado, corredor grande, átrio circular em mármore, com uma cúpula e, em seguida, virando para a esquerda, para baixo outro corredor.

Bishop sempre sabia quando ela estava chegando.

Ele se sentou direito enquanto ela entrou no quarto. Havia algo muito inquietante sobre a forma como ele assistiu a porta, esperando por ela. Tão ruim quanto o seu olhar era, no entanto, seu sorriso era pior. Era cheio de satisfação, e de propriedade.

Ele era titular de um livro aberto na mão. Ela reconheceu, com um símbolo físico. A capa de couro, com o símbolo do Fundador embutida nele. Esse livro tinha quase matado ela em suas primeiras semanas em Morganville, e que tinha sido muito antes de ter qualquer idéia de seu poder.

Era uma coisa manuscrita, redigidas no código de Myrnin, com todos os seus métodos de alquímica. Todos os segredos de Morganville, o que ele tinha documentado para Amelie. Claire percebeu em detalhes que ainda não conhecia a cidade. Sobre Ada. Sobre tudo.

Ele também continha notas - notas que só poderia pensar como feitiços mágicos, como o que havia incorporado a uma tatuagem em seu braço. Ela não tinha idéia do que estava na outra, porque Myrnin não podia se lembrar, mas Bishop queria muito o livro, muito mesmo. Era a coisa mais importante de Morganville para ele - na verdade, Claire suspeitava que foi por isso que ele veio para aqui em primeiro lugar.

Ele fechou o livro com força, e escorregou para dentro do bolso do seu casaco, como uma pessoa religiosa que mantém uma cópia da Bíblia à mão.

A sala que ele pegou para si próprio era um grande, acarpetado escritório, com um pequeno, sofá e cadeiras ao final do mesmo, e uma escrivaninha no outro. Bishop nunca sentou na mesa. Ele estava sempre de pé, e hoje não era diferente. Três outros vampiros sentados nas cadeiras de visitantes - Myrnin, Michael Glass, uma vampiro que Claire não reconheceu... ela não tinha certeza se era homem ou mulher, na verdade. A estrutura óssea do rosto pálido parecia feminino, mas o corte de cabelo não era, e as mãos e os braços parecia demasiado angular.

Claire olhou o estranho para evitar olhar para Michael. Seu amigo, e ele ainda era seu amigo, ele não poderia ajudar nesta situação mais do que qualquer um pudesse – não poderia olhar nos olhos dela.

Ele estava zangado e envergonhado, e ela desejava que ela pudesse ajudar. Ela queria dizer a ele, não é culpa sua, mas ele não iria acreditar nisso.

Ainda assim, era verdade. Michael não tinha uma tatuagem em seu braço por magia; em vez disso, ele tinha as marcas da mordida de Bishop em seu pescoço, que funcionava tão bem para a vida - contestada. Ela ainda podia ver a lívido sombra das cicatrizes em sua pele pálida.

A mordida de Bishop era como uma marca de propriedade.

"Claire," disse Bishop. Ele não estava satisfeito. "Será que eu lhe chamei, por algum motivo que eu tenha esquecido?"

O coração de Claire saltou como se ela tivesse recebido um choque. Ela desejava que ela não se mexesse. "Não, senhor", disse ela, e manteve a sua voz baixa e respeitosa. "Vim para pedir um favor."

Bishop - que estava vestindo um terno preto simples hoje, com uma camisa branca que tinha visto dias mais brilhantes - com um pedaço de fibra em sua manga. "Então, a resposta é não, porque eu não sou de conceder favores. Mais alguma coisa?"

Claire umedeceu os lábios e tentou novamente. "É uma pequena coisa, eu quero ver Shane, senhor. Só por alguns."

"Eu disse não, como eu já disse centena de vezes", disse Bishop, e ela sentia a sua raiva crepitar através da sala. Michael e o estranho vampiro olharam para ela, olhos luminosos ameaçadores - Michael contra a sua vontade, ela estava certa. Myrnin - vestia algum tipo de traje sortido –calças estranhas e um casaco de uma loja de fantasia, além de várias camadas das baratas, pegajosas contas de Mardi Gras⁴ - parecia entediado. Ele rosnou, mostrando os letais dentes.

Bishop grunhiu para ela. "Estou muito cansado de você fazer este pedido, Claire."

"Então, talvez você deveria dizer sim e ir buscá-lo".

Ele bateu seus dedos. Michael chegou a seus pés, puxado para lá como uma marionete em uma corda. Seus olhos estavam desesperados, mas não parecia haver nada que pudesse fazer sobre isso. "Michael. Shane é seu amigo, se bem me lembro."

"Sim".

"Sim, meu senhor Bishop'."

Claire viu a garganta de Michael engolir o que deveria ter sido um grande pedaço de raiva. "Sim", disse ele. "Meu senhor Bishop."

"Boa. Tragam-no aqui. Ah, e traz algum tipo de cobertura para o chão. Iremos apenas remover esta irritação uma vez por todas."

Claire colocou tudo para fora, "Não!" Ela deu um passo à frente, e Bishop se posicionou na frente dela, forçando-a a parar. "Por favor! Eu não digo... Não machuque ele! Você não pode machucá-lo! Michael, não! Não faça isso!"

"Eu não posso ajudá-la, Claire," ele disse. "Você sabe disso."

Ela sabia. Michael foi em direção à porta. Ela podia ver tudo acontecendo, um pesadelo real com Michael trazendo Shane de volta aqui, forçando-o a ficar de joelhos, e Bishop... Bishop...

"Me desculpe", disse Claire, e deu uma profunda, temerosa respiração. "Não vou pedir de novo. Nunca. Eu juro."

O velho homem levantou suas cinzas sobrancelhas grossas. "Exatamente o meu ponto. Se eu remover o garoto, vou eliminar qualquer risco de que você não irá manter a sua palavra para mim."

"Ah, não seja tão duro, velho", disse Myrnin, rolando os olhos. "Ela é uma adolescente apaixonada. Deixe a menina ter o seu momento. Ela vai se ferir mais, no final. A festa parece tão doce tristeza, de acordo com as normas. Eu não sei, eu mesmo. Eu nunca machuco ninguém." Ele fez uma expressão de rasgar alguém ao meio, tendo uma estranha expressão em seu rosto. "Bem. Dê um tempo, realmente. Não conta."

Claire se esqueceu de respirar. Ela não tinha esperado que Myrnin, de todos eles, falaria, mesmo que o seu apoio tivesse sido mais louco do que útil. Mas ele tinha dado uma pausa à Bishop, e ela ainda se mantinha muito calma, deixando-o pensar sobre isso.

⁴ Mardi Grãs é o carnaval de Nova Orleans, nele as meninas geralmente ganham contas quando levantam a blusa e mostram os seios, quanto mais contas, mais sexy ou seios mais bonitos ela tem...(gente doida d+...hahaha)

Bishop sinalizou, e Michael parou seu caminho até a porta. "Espere, Michael," disse Bishop. "Claire. Tenho uma missão para você fazer, se quiser manter o menino vivo mais um dia."

Claire sentiu um tremor por dentro. Esta não era a primeira vez, mas ela sempre tinha de presumir – que seria! - Que seria a última vez. "Que tipo de tarefa?"

"Entrega". Bishop caminhou para a escrivaninha e abriu uma caixa de madeira esculpida. Dentro tinha uma pequena pilha de papel, todo amarrado com fita vermelha e carimbados com selos de cera. Ele escolheu um, aparentemente aleatório para dar a ela.

"O que é isso?"

"Você sabe o que é."

Ela sabia. Era um mandado de morte, que tinha visto muitas delas. "Eu não posso -"

"Eu ordeno que você leve. Se eu fizer, não me sinto obrigado a lhe oferecer um favor. Este é o melhor negócio que você vai ter, pequena Claire: a vida de Shane por uma simples entrega de uma mensagem", disse Bishop. "E se você não vai fazer isso, vou mandar alguém, Shane morre, e você terá um dia terrível."

Ela engoliu. "Por que me dar a oportunidade? Não é seu tipo de barganha."

Bishop mostrou os dentes, mas não o seu dentes - os que estavam escondidos fora da vista, mas que ele não fez que fosse menos perigosos. "Porque eu quero você para compreender o seu papel em Morganville, Claire. Você pertence a mim. Eu poderia fazer isso para você, com uma simples aplicação da vontade. Em vez disso, eu sou o que lhe permite escolher a fazê-lo."

Claire percorrer com seus dedos a carta e olhou para baixo. Havia um nome do lado de fora, escrito em preto com caligrafia antiquada. Detetive Joe Hess.

Ela olhou para cima, paralisada. "Você não pode -"

"Pense muito bem sobre a próxima coisa a dizer," Bishop interrompeu. "Se ela envolve me dizer o que posso ou não fazer na minha própria cidade, será a sua última palavra, eu prometo."

Claire fechou sua boca. Bishop sorriu.

"Melhor", disse ele. "Se você escolher fazer isso, vá entregar a minha mensagem. Quando você voltar, eu vou lhe permitem ver o menino, só desta vez. Viu como a gente pode se dar bem se tentarmos?"

A mão de Claire parecia pesada, mesmo que fosse só papel e cera.

Ela finalmente concordou.

"Então vá", disse Bishop. "Quanto mais cedo começar, mais cedo termina, mais cedo nos braços de quem você ama. É uma boa menina."

Michael estava olhando para ela. Ela não ousa olhar para ele, ela estava com medo de que ela fosse ver raiva lá, e traição, e decepção. Uma coisa era ser forçado a ser o soldado do diabo.

Outra coisa a optar por ser.

Claire caminhou rapidamente para fora da sala.

No momento em que ela desceu as escadas e sentiu o sol quente, ela estava correndo.

Detetive Joe Hess

Claire virou a esquina e seguiu com as mãos suando cada vez mais, imaginando o que aconteceria se ela se jogasse no chão e esperasse uma tempestade arrasta-la. Bem, obviamente, Bishop não iria gostar. Isso provavelmente daria em um homicídio, não que ele não fosse assim o tempo todo. Além disso, o que ela estava carregando poderia não ser tão mau. Certo? Talvez ele apenas parecesse com um mandato de morte. Talvez fosse apenas um decreto que a sexta-feira ficasse fria, ou algo assim.

Um carro cruzou passando por ela, e ela sentia o motorista olhar para ela, então acelerar. Não há nada para ver aqui, apenas um triste, estúpido, e mal peão, ela pensou amargamente. Ande.

A delegacia estava na Câmara Municipal, e todo o edifício estava sendo reformado, retirando metal retorcido e quebrando pedras para colocar novos suportes e tijolos. O lado que estava funcionando como prisão e a sede da polícia não havia sido muito danificada, e Claire estava indo para o grande, grande patio que foi ocupado pela secretária segurança.

"Detetive Joe Hess," disse ela. "Por favor".

A polícia mal olhou para cima dela. "Entre; Informe seu nome e do que veio tratar."

Ela pegou a prancheta e a caneta e cuidadosamente escreveu o nome dela. "Claire Danvers. Eu tenho uma entrega do Sr. Bishop."

Havia outras coisas acontecendo na recepção principal - um casal de bêbados algemados a um enorme banco de madeira, alguns advogados obtendo uma chávena de café a partir de um grande pote de prata perto das paredes.

Todos pararam. Até os bêbados.

O sargento olhou para cima, e ela viu um raio de raiva nos olhos dele antes de dele colocá-los em uma branca, dura expressão. "Sente-se", disse ele. "Vou ver se ele está aqui."

Ele se afastou e pegou um telefone. Claire não viu-o fazer a chamada. Ela estava muito concentrada em sua própria miséria. Ela ficou observando o pacote que ela estava indo entregar e pensando que gostaria de saber o que tinha lá dentro, mas depois, poderia torná-la pior se ela soubesse. Sou apenas uma mensageira.

Sim, que estaria indo dormir de noite.

O sargento falou calmamente e desligou o telefone, mas ele não voltou para o balcão. A evitando, ela assumiu, ela devia se acostumar a isso. As pessoas boas evitando ela, os maus sugado dela. Era deprimente.

Sua tatuagem coçava. Ela esfregou o pano de sua camisa em cima, e seguiu para uma porta reforçada que levava para o resto da delegacia.

Detetive Hess saiu apenas em cerca de um minuto mais tarde. Ele estava sorrindo quando a viu, e isso machucava. Mal. Ele foi um dos primeiros adultos que foi realmente útil e bom para ela em Morganville, ele e seu parceiro, Detetive Lowe, tinham saído do seu caminho para ajuda-la não apenas uma vez, mas várias vezes. E agora ela estava fazendo isso com ele.

Ela se sentia doente enquanto ela subia.

"Claire. É sempre um prazer ", disse ele, e ele soa como ele realmente o sentisse. "Por aqui."

O sargento pegou um crachá e passou para ela. Ela o colocou em sua camisa e em seguida seguiu Joe Hess, pela sala aberta. Sua secretária estava perto do fundo da sala, ao lado de uma correspondência e tinha um outro parceiro na outra ponta. Nada extravagante. Ninguém tinha um monte de coisas pessoais sobre as suas mesas. Ela supõe que talvez ela não era boa idéia ter algo, se você atende pessoas irritadas todos os dias.

Ela se sentou em uma cadeira ao lado de sua mesa, e ele no banco, inclinou-se para frente, e deixou os cotovelos repousados sobre os joelhos. Ele tinha um tipo cara, e ele não estava tentando intimidar a ela. Na verdade, ela tinha a impressão de que ele estava tentando tornar as coisas mais fáceis para ela.

"Como você está passando?", Perguntou a ela, que era a mesma coisa Richard Morrell tinha perguntado a ela. Ela perguntou se parecia que machucada. Provavelmente.

Claire engoliu e olhou para baixo em suas mãos, e lentamente, segurando ao seu redor. Ela esticou-o lentamente em direção a ele.

"Perdoe-me", disse ela. "Senhor..... eu estou tão triste" Ela queria explicar, mas realmente não parecia ter muitas boas desculpas para uma coisa assim. Ela estava aqui. Ela estava fazendo o que Bishop queria que ela fizesse.

E desta vez, ela tinha escolhido fazer.

Não há desculpas para isso.

"Não culpo a você," Detetive Hess disse, e pegando o envelope entre seus dedos. "Claire, nada disto é culpa sua. Você entende isso, certo? Você não é a culpada por Bishop, ou qualquer outra coisa e estas asneira por aqui. Você fez o seu melhor."

"Não era suficientemente bom, não era?"

Ele olhou-a por um outro momento, por segundo, em seguida, sacudiu a cabeça e abriu os selos sobre o envelope. "Se alguém falhou, foi Amelie", disse ele. "Só temos de descobrir como sobreviver agora. Nós estamos em território inexplorado."

Ele passou as suas mãos no envelope. Suas mãos estavam estáveis e sua expressão cuidadosa ainda. Ele não queria assustá-la, ela percebeu. Ele não quer que ela se sinta culpada.

Detetive Hess leu o conteúdo do documento e, em seguida, deixá-lo novamente de qualquer jeito solto em sua mesa. Depois ele passou-o para sua secretária, no topo de uma torre inclinada de arquivos.

Ela tinha que perguntar. "O que é isso?"

"Nada com que você precise se preocupar", disse ele, o que não poderia ser verdade. "Você fez o seu trabalho, Claire. Vá em frente, agora. E promete-me ... "Ele hesitou, em seguida,

novamente em sua cadeira, abriu uma pasta de arquivo, assim ele poderia parecer ocupado. "Promete-me que não vai fazer nada estúpido."

Ela não podia prometer isso. Ela tinha a sensação que tinha sido estúpida três ou quatro vezes desde o café da manhã.

Mas ela fez um sinal, porque isso era realmente tudo que ela podia fazer por ele.

Ele lhe deu um sorriso distraído. "Desculpe. Ocupado por aqui ", disse ele. Isso foi uma mentira, não havia quase ninguém na sala. Ele pegou um lápis sobre o ficheiro aberto. "Eu tenho tribunal esta manhã. Vá, agora. Eu vou ver você em breve".

"Joe -"

"Vá, Claire. Obrigada."

Ele estava tentando protegê-la, ela podia ver isso. Protegê-la das conseqüências do que ela havia feito.

Ela não podia pensar em como ela um dia poderia realmente lhe pagar por isso.

Quando ela saiu, ela o sentiu olhando para ela, mas quando ela olhou para suas costas, ele estava concentrado em sua pasta novamente.

"Hey, Claire? Feliz aniversário."

Ela não iria chorar.

"Obrigado", ela sussurrou, e bloqueando a palavra quando ela abriu a porta e fugiu de qualquer coisa horrível que ela tinha apenas trago para ele.

Era quase uma hora, quando ela seguiu de volta ao escritório do Bishop, não que fosse uma viagem tão longa, mas porque ela tinha que parar, sentar, e acalmar a sua angústia em sozinha e, em seguida, certifique-se que tinha afastado e limpado quaisquer vestígios antes que ela voltasse. Ysandre cairia sobre ela se ela não o fizesse.

E Bishop.

Claire pensou que ela tinha feito um bom trabalho em olhar calma para Ysandre quando voltou ao escritório. Bishop estava exatamente como tinha estado antes, embora um terceiro vampiro, o estranho, não estava mais lá.

Michael ainda estava lá.

Myrnin estava a tentando construir uma estrutura elaborada feita de clipes de papel e clipes para apostilas, o que era uma de suas formas menos loucas de passar o tempo.

"O filho pródigo retorna", disse Bishop. "E como Detective Hess recebeu a notícia?"

"Ótimo." Claire não iria dar-lhe nada, mas mesmo assim isso parecia divertir-lo. Ele inclinou-se sobre o canto de sua mesa e cruzou os braços, olhando para ela com um ligeiro, sorriso esquisito.

"Ele não lhe disse, pois não?"

“Não perguntei.”

"Morganville é um lugar civilizado." Bishop fez disso um insulto. "Muito bem, você fez o seu dever. Suponho que tenho de manter a minha metade do negócio." Ele olhou para Myrnin. "Ela é o seu animal de estimação. Limpe a bagunça dela."

Myrnin Bispo deu uma preguiçosa saudação. "Como o meu mestre mandar." Ele se movia com a graça que apenas um vampiro poderia ter e Claire sentiu-se pesada, estúpida, e lenta, e os seus brilhantes olhos negros silenciou a ela por um longo momento. Se ele estava tentando lhe dizer alguma coisa, ela não tinha idéia do que era. "Fora, garota. Mestre Bishop tem um trabalho importante a fazer aqui".

Com quê? ela perguntou. Trabalhando em seu riso malvado? Entrevistando subordinados substitutos?

Myrnin atravessou o quarto e fechou os gelados dedos em torno de seu braço. Ela puxou um fôlego e um suspiro, mas ele não lhe dar tempo para reagir, ela foi juntamente para o fundo do corredor com ele, e se desviando de todos os empecilhos.

Ela olhou para trás e viu Michael, mas ele não poderia ajudá-la. Ele era tão preso como ela era.

Myrnin só parou quando havia duas portas fechadas, e cerca de uma milha do corredor, e entre eles o Sr. Bishop.

"Largue-me!" Claire cuspiu e tentou ficar livre. Myrnin olhou para baixo em seu braço, onde a seus pálidos dedos ainda estavam envoltos em torno dela, e levantou suas sobrancelhas, como se ele não poderia perfeitamente descobrir o que sua mão estava fazendo. Claire o encarou novamente. "Myrnin, vamos lá!"

Ele fez, e intensificou de novo. Ela pensou que ele parecia decepcionado por um decimo de um segundo e, em seguida, o seu sorriso apatetado foi firmemente no lugar. "Vai ser uma boa menina, então?" Ela olhou para ele. "Ah. Provavelmente não. Tudo bem, então Claire, vamos fazer o nosso melhor para manter as cabeças em presas no resto de vocês. Venha. Vou levá-la para o seu menino, pois evidentemente o nosso mútuo benfeitor está com bastante humor. "

Ele virou, e as barras do seu vestido estavam queimadas. Ele estava usando suas sandálias novamente, e seus pés estavam sujos, embora ele não cheira muito mal em geral. As camadas de barata esferas metálicas que ficavam clicado como matracas enquanto ele andava, e os sapatos faziam barulhos ruidosos formando um tipo de vampiro que Claire nunca tinha visto.

"Você está tomando seu remédio?" Ela perguntou. Myrnin enviou-lhe um olhar sobre o seu ombro, e mais uma vez, ela não sabia o que significava esse olhar. "Isso é um não?"

"Eu pensei que você me odiasse", disse ele. "Se você sentisse isso, você não se importaria, se importaria?"

Ele tinha um ponto. Claire se calou e se apressou com ele andou ao longo de um longo e curvo corredor para uma grande porta de madeira. Havia um vampiro guarda na porta, um homem, que tinha sido provavelmente asiático em sua vida normal, mas agora era a cor de marfim velho. Ele usava o seu cabelo longo, trançado nas costas, e ele não era muito mais alta que Claire.

Ele e Myrnin trocaram algumas palavras que suavam como um Chinês-vampiro, como todos os

outros, e Michael, ele tinha marcas em seu pescoço o que era uma das marcas dos caras de Bishop, e os vampiros destrancaram a porta e a deixaram aberta.

Isto era tão longe quanto Claire já tinha sido capaz de chegar antes. Ela sentiu uma onda de calor através de seu corpo e, em seguida, ela se arrepiou. Agora que ela estava aqui, estava realmente caminhando através da porta, ela se sentiu ligeiramente doente com a antecipação. Se eles tiverem o machucado ... E ele estava lá a tanto tempo. E se ele nem sequer quiser vê-la?

Outra porta trancada, outro guarda e, em seguida, eles foram para dentro de um simples corredor de pedras com pequenas barras de celas ao lado esquerdo. Não havia janelas. Não, exceto um pouco de luz resplandecente e fluorescentes das lâmpadas gerais. A primeira cela estava vazia. A segunda havia duas pessoas, mas nem uma era Shane. Claire tentou não olhar de muito perto. Ela tinha medo que ela pudesse conhecê-los.

A terceira célula tinha duas pequenas camas, um de cada lado do minúsculo quarto, banheiro e lavatório estavam ao meio. Nada mais. Foi quase dolorosamente neat. Havia um velho homem com cabelos bagunçados e cinza dormindo em uma das camas, Claire demorou alguns segundos para perceber que ele era Frank Collins, pai de Shane. Ela esperava por vê-los acordados, o que surpreendeu a ela vê-lo assim ... frágil. Tão desamparado e velho.

Shane estava sentado de pernas cruzadas sobre o outro leito. Olhou por cima do livro que ele estava lendo, enquanto batia a cabeça para tirar o cabelo dos olhos dele. O reservado e fechado olhar na cara dele lembrou a Claire o seu pai, mas este se quebrou quando Shane a viu.

Ele largou o livro, e ficou em pé, e foi para frente das barras em apenas alguns segundos. Suas mãos enroladas ao redor do ferro, e seus olhos brilhando selvagemmente espremidos até que eles se fecharam.

Quando ele abriu-os novamente, eles estavam sob controle. Novamente.

"Ei", disse Shane, calmamente como se eles simplesmente tivessem se encontrado no corredor da Glass House, um pouco estranha a sua mini-Fraternidade. Como se todo o mês que tinha se passado nunca tivesse ocorrido. "Imaginei ter a visto aqui. Feliz aniversário para você, e todos."

Claire sentiu as lagrima queimar nos olhos dela, mas ela piscou e as colocou de volta com um valente sorriso. "Obrigado", disse ela. "O que você me trouxe?"

"Hum ... um brilhante diamante." Shane olhou em volta e balançou os ombros. "Tenho de ter deixado em algum lugar. Você sabe como é, festa a noite toda, você fica com enxaqueca e esquece onde que você deixou suas coisas. ..."

Ela intensificou suas mãos para frente e colocou-as em torno das dele. Ela sentiu tremores através da pele dele, e Shane suspirou, fechou os olhos, e descansou sua testa contra as barras. "Sim", ele sussurrou.

"Encerrando-se agora. Boa idéia."

Ela pressionou sua testa contra a dele e, em seguida, os lábios dela, e isso foi quente e doce e desesperado, e os sentimentos que explodiu dentro dela a fez tremer em reação. Shane largou as grades e chegou mais perto passando seus dedos através dela e de seu macio cabelo

curto, e aprofundou o beijo, escurecido, assumiu um toque de saudade que fez o coração de Claire acelerar.

Quando os seus lábios finalmente se separaram, eles não se afastaram para longe um do outro. Claire passava os braços através das grades e ao redor do pescoço, e ele transferia as mãos para a cintura dela.

"Odeio beijar você através de grades de prisão", disse Shane. "Eu sei que sou sempre contido, mas auto-restrição é muito mais divertido."

Claire tinha quase esquecido que Myrnn ainda estava lá, por isso o seu suave cacarejar a fez vacilar "É a fala de uma jovem sem muita experiência prática", disse ele, bocejando, e se esticando ao longo de um banco do outro lado do muro. Ele apoiou seu queixo sobre o calcanhar de uma mão. "Aproveite a inocência enquanto você pode."

Shane se debruçou sobre a ela, e os seus olhos escuros estavam dentro dos dela. Ignore-o, eles pareciam dizer. Fique comigo.

Ela ficou.

"Estou tentando te tirar", ela sussurrou. "Eu realmente estou."

"Sim, bem ... não é grande coisa, Claire. Não se coloque em problemas. Espere, esqueci com quem eu estou falando. Que tipo de problema que você se meteu para está aqui hoje, afinal? "

"Em nenhum. Não se preocupe. "

"Eu tenho nada para fazer, a não ser me preocupar sobre você." Shane estava agora muito sério, e ele inclinava a cabeça até obrigá-la a olhar em seus olhos novamente. "Claire. O que é que tem feito?"

"Você está preocupado comigo?" Ela riu, um pouco, e para ele pareceu pânico. "Você está em uma gaiola."

"Não vai adiantar você usar isto, você sabe. Claire, me diga. Por favor".

"Eu ... Eu não posso." Isso não era verdade. Ela podia. Ela só não queria desesperadamente. Ela não queria que Shane soubesse de nada. "Como é que está seu pai?"

As sobrancelhas de Shane subiram um pouco. "Pai? Pois, bem. Ele está bem. Ele está só ... você sabe."

E isso, Claire percebeu, e era o que ela tinha medo - que Shane tinha perdoado seu pai por toda a sua loucura e acrobacias. E então os meninos Collins estavam juntos novamente, unidos em seu ódio por Morganville em geral.

Shane que estava de volta na caça a vampiro. Se isso acontecesse, Bishop nunca iria deixá-lo fora de sua cela.

Shane leu em seu rosto. "Não gosto disso", disse ele, e sacudiu a cabeça dele. "É muito perto aqui. Temos de chegar junto, ou nos vamos matar um ao outro. Estamos decididos a nos dar bem, isso é tudo."

"Sim", disse uma profunda, áspera voz do outro beliche. "Tem sido um grande e desleixado balde de alegria, poder re-conhecer o meu filho. Eu estou com lágrimas nos olhos e todo sentimental."

Shane rolou seus olhos. "Cala a boca, Frank."

"Isso lá é forma de falar com o teu pai?" Frank ralhou, Claire e viu um brilho em seus olhos duros. "Qual é a sua colaboração que você está fazendo menina? Ainda sendo garota de recados para os vampiros?".

"Pai, por Cristo, poderia calar essa sua boca?"

"Este é a forma de vocês dois ficar juntos?" Claire sussurradas.

"Você vê algum osso quebrado?"

"Bom ponto." Isso não era o que ela tinha imaginado para este momento, exceto a parte do beijo. Então, na verdade, o beijo foi melhor do que ela poderia acreditar que tinha sido possível. "Shane-"

"Shhhh", ele sussurrou, e apertou os lábios à sua testa. "Como estar Michael?" Ela não queria falar sobre o Michael, então ela só balançou a cabeça dela. Shane engolido duro. "Ele está morto ... não?"

"Definir morto por aqui", disse Claire. "Não, ele está bem. Ele está só ... você sabe. Não ele próprio."

"É o Bishop?" Ela concordou. Ele fechou os olhos de dor. "E sobre Eve?"

"Ela está trabalhando. Eu não a vi em um par de semanas. "Eve, como toda a gente na Morganville, estavam tratando a Claire como uma traidora estes dias, e Claire honestamente não podia culpa-los. "Foi realmente um golpe para ela tudo isso com sobre o Michael. E você, naturalmente."

"Sem dúvida," disse Shane suavemente. Ele pareceu hesitar por um batimento cardíaco. "Você já ouviu falar alguma coisa sobre mim e meu pai? O Bishop tem planejado algo para nós?"

Claire balançou a cabeça dela. Mesmo se ela soubesse, e ela não sabia, em detalhes, ela não teria dito a ele. "Não vamos falar sobre isso. Shane – Eu estou sentindo tanta saudades-"

Ele beijou-lhe novamente, e todo o mundo caiu em uma maravilhosa mistura de calor e de sinos, e foi só quando ela finalmente lamentavelmente foi puxada para trás que ela ouviu Myrnin cacarejar firme e aplaudir.

"O amor conquista tudo", disse ele. "Tão legal."

Claire virou para ele, sentindo a fúria irromper como um vulcão em suas vísceras. "Cale a boca!"

Ele nem sequer se incomodou em olhar para ela, apenas se inclinou para trás contra a parede e sorriu. "Você quer saber o que ele tem planejado para você, Shane? Você realmente quer? "

"Myrnin, não!"

Shane avançou mediante a barras e agarrou os ombros de Claire, as costas dela ficaram viradas para o rosto dele. "Não importa", disse ele. "Isto é importante, agora. Claire, vamos sair dessa. Nós iremos sobreviver a tudo isso. Todos nós. Diga-me."

"Todos nós", ela repetiu. "Iremos viver."

A mão fria de Myrnin se fechou em torno de seu punho, e ele arrastou-a para longe das grades. A última coisa que ela deixou ir foi Shane na mão.

"Ei!" Shane gritou, enquanto Claire lutava, e perdeu, e foi puxada pela porta. "Claire! Nós vamos sobreviver! Diga! Iremos viver!"

Myrnin bateu a porta. "Teatral, não é? Vamos, garota. Temos trabalho a fazer."

Ela tentou se soltar dele. "Eu não vou a qualquer lugar com você, seu traidor!"

Myrnin não deu a ela uma escolha; ele a arrastou a partir do primeiro vampiro de guarda, depois do segundo e, em seguida, puxou-a para um vazio, fora do quarto silencioso e longo corredor. Ele fechou a porta com uma boa puxada e olhou para a cara dela. Claire agarrou a primeira coisa que viu, aconteceu de ser um pesado castiçal e avançou-o em sua cabeça. Ele desviou rapidamente, e ele tomou e o jogou para longe dela. "Menina! Claire! "Ele ficou quieto. Seus olhos eram largos e muito escuros. Nem um pouco louco. "Se você quiser que o menino viva, você vai parar de lutar comigo. É improdutivo."

"O quê, eu deveria ficar aqui e deixar você me morder? Não vai acontecer! "Ela tentava se distanciar, mas ele era tão sólido como uma estátua de granito. Seus ossos se quebraria antes de ela o fazer.

"Porque na terra que eu te morderia?" Myrnin perguntou muito razoável. "Eu não trabalho para Bishop, Claire. Nunca trabalhei. Eu pensei que você tivesse cérebro o suficiente para compreender o que estou fazendo."

Claire piscou novamente. "Você está tentando me dizer que você ainda está do nosso lado?"

"Defina nosso, minha querida."

"O lado de..." Bem, ele estava certo. Foi um pouco difícil de definir. "Você sabe. Nosso!"

Myrnin realmente riu, e a deixou ir, e enfiou as mãos nos bolsos casualmente do seu vestido-casaco. "Somos, na verdade. Eu entendo que você possa ser cética a isso. Você tem razão. Talvez eu devesse trazer que alguém, para convencê-la - Ah. Bem na hora."

Ela não teria acreditado nele, nem por um segundo, com exceção de que uma seção do muro, abriu, houve um flash de luz branca e quente, e uma mulher passou graciosamente, seguida de uma longa linhagem de pessoas.

A mulher era Amelie, a vampira-rainha de Morganville embora ela não parecesse mais com a perfeita pálida princesa que Claire sempre tinha visto. Amelie estava de calças pretas, uma blusa preta, e um tênis.

Tão errado.

E por trás dela havia um exercito de vampiros, liderados por Oliver, todo de preto, da forma

mais assustadora que Claire poderia lembrar de um dia tê-lo visto, pelo menos, ele costumava tentar não parecer perigoso, mas hoje, ele obviamente não se importava. Ele usou o seu grosso cabelo amarrado para trás em um rabo de cavalo, e com seu rosto com uma expressão como a de uma máscara.

Ele cruzou os braços e olhou para Myrnin e Claire como se fossem algo viscoso que ele encontrou em seu café ao chão.

"Myrnin", disse Amelie, e sinalizou graciosamente. Ele apontou para as costas, como se eles estivessem apenas passando na rua. Como se fosse apenas um dia normal. "Porque é que envolve a menina?"

"Ah, eu tinha que fazer. Ela tem sido muito difícil ", disse ele. "O que ajudou a convencer Bishop que sou, de fato, a sua criatura. Mas eu acho que é melhor se você deixá-la para trás agora, e eu também. Nós temos mais trabalho a fazer, aqui, trabalho que não pode ser feito na clandestinidade."

Claire abriu a sua boca e, em seguida, a fechou sem conseguir pensar em nada coerente para dizer. Oliver chamou dois deles com um aceno de sua cabeça e movimentou suas tropas de choque vampíricas para toda a extensão da sala, e de cada lado da porta para o corredor.

Amelie pigarreou, um vestígio de carranca em seu rosto. "Você vai protegê-la, Myrnin? Eu estava relutante em deixar você levar ela tão longe no labirinto; odiaria pensar que você poderia abandoná-la por um capricho. Eu devo-lhe proteção." Seus olhos cinza e pálidos pareciam entediados na sua face, como o aço e frio no inverno. "Cuidado com o que responder. Vou detê-lo como a sua resposta."

"Eu vou defender a menina com o meu último suspiro", ele prometeu, e curvou drasticamente a sua mão no peito de seu vestido/casaco esfarrapado. "Oh, espera. Isso não significa muito, pois não, pois eu dei o último suspiro a muito tempo? Quero dizer, é claro que eu vou cuidar dela, com o que está à esquerda da minha vida."

"Não estou brincando, bobo."

Ele olhou, repentinamente, totalmente sóbrio. "E eu não estou rindo, minha senhora. Vou protegê-la. Você tem a minha palavra sobre isso."

A cabeça de Claire estava girando. Ela olhou para Myrnin de Amelie para Oliver e, finalmente, encontrou algo digno de perguntar. "Por que você está aqui?"

"Eles estão aqui para resgatar seu namorado," Myrnin disse. "Feliz aniversário, minha querida."

Amelie enviou-lhe um afiado e arrogante olhar. "Não minta para a menina, Myrnin. Não é correto."

Myrnin sobriamente curvou a cabeça muito ligeiro. Mas Claire ainda podia ver um sorriso maníaco tremer nos lábios.

Amelie transferiu seu olhar firme e cinza para Claire. "Myrnin vai nos ajudar a ganhar a entrada no edifício. Há coisas que estamos fazendo para retomar Morganville, mas é um processo que irá demorar algum tempo. Você entendeu?"

Isso acertou Claire um pouco atrasado. "Você é ... você não está aqui para salvar Shane?"

"Claro que não", disse Oliver bufou. "Não seja estúpida. O que faz o seu namorado ser um possível valor estratégico para nós?"

Claire tentou arranjar um argumento e instintivamente obrigou-se a pensar. Não foi fácil, tudo que ela queria fazer era gritar com ele. "Tudo bem", ela finalmente disse. "Vou fazê-lo estrategicamente valioso para você. Como é isso?"

Myrnin lentamente levantou a cabeça dele. Ele tinha um olhar de aviso na cara dele, que ela ignorou completamente.

"Se você não salvar Shane e seu pai, eu não irei ajudar a manter a Myrnin como espião, e eu vou destruir a manutenção das drogas, bem como o soro que estamos trabalhando. Eu penso que você ainda quer a cura para loucura que os afligem, certo?" Por que todos os vampiros estavam sendo afetados, mesmo Oliver e Amelie.

Quando ela a viu pela primeira vez ao chegar em Morganville, ela tinha pensado que eles eram imortais e perfeitos, mas, em de muitas maneiras, essa era apenas uma fachada. A razão pela qual não havia outros vampiros lá fora, no mundo, ou muito por haver poucos, foi que ao longo dos anos, o seu número tinha diminuído gradualmente, e sua capacidade para fazer outros vampiros tinha desaparecido. Era uma espécie de doença, algo desagradável e progressivo, embora eles se negarão a acreditar nisso um tempo muito longo.

Amelie tinha criado Morganville para ser a última, a melhor esperança de sobrevivência. Mas a doença não tinha levado melhor, estava ficando pior, e parecia estar mais rápida e mais estavam sendo afetados por ela estes dias. Claire tinha aprendido a buscar os sinais sutis até agora, e eles já eram visíveis, tremores nas mãos pálidas, às vezes até os braços. Em breve, ele seria pior. Eles estavam todos aterrorizados com ela. Eles tinham razão de estar.

Myrnin tinha desenvolvido uma droga que ajudava, mas eles precisavam de uma cura. Mal. E com Myrnin enlouquecendo tão rápido, Claire era a chave para obter esse feito.

Houve um profundo silêncio na sala, e por um segundo, a raiva de Claire vacilou. Então ela viu o olhar nos olhos do Oliver. Oh, não você não, ela pensava. Não estás convencido.

"Fazemos isso do meu jeito", disse Claire, "ou eu vou destruir todo o trabalho e deixá-los todos morrer."

"Claire," Myrnin murmurou. Ele parecia horrorizado. Bom. Ela estava feliz. "Você não pode dizer isso."

"Eu fiz isso. Todos os seus trabalhos, toda a sua investigação. Se deixarem Bishop matar Shane, nada disso me importará mais." Ela estava com medo de dizer isto, mas de certa forma, era um alívio. "Não é tudo sobre você e seu estúpido antigo feudo. Existem pessoas que vivem nesta cidade. Temos vidas. Não interessa!"

Ela deixou tudo sair de cima dela e se soltar apavorada de raiva, e agora ela estava fervendo por todo o lugar. Ela se inclinou sobre Myrnin. "Você! Você deu-nos a ele! Você se virou contra nós quando nós precisamos de você! E você "-Amelie, desta vez, "você não fez nada. Onde você estava? Eu pensei que você fosse diferente, eu pensei que você queria ajudar, mas você é como o resto deles; você apenas -"

"Claire." Apenas uma palavra, mas desta vez de Amelie, foi tudo o que teve de fazer para parar Claire no seu desabafo. "O que mais eu poderia fazer? Bishop transformou o suficiente dos meus seguidores que qualquer ação eu tomara teria sido contra o meu próprio povo. Teria sido

uma luta de morte, e que a luta teria destruído todos vocês e os que eu amo. Tive de retirar e permitir-lhe pensar que ele tinha triunfado. Myrnin fez o que podia para proteger você e todos os seus amigos, enquanto nós encontramos uma fora."

Claire aspirada para fora um pouco e soltou um amargo riso. "Claro que ele fez."

"Você está viva, penso, ao contrário do que a maioria das pessoas que atravessaram o caminho de Bishop. Você poderia pensar em como é pouco provável que, tanto tempo depois, ele deveria ter perdido interesse e rasgado você e minha cidade ao meio?" o rosto de Amelie era tão duro como esculpido em mármore. "Meu pai não tem interesse em administrar. Só em destruir. Myrnin está convencendo-o a pelo menos a tentar manter Morganville viva, e colocando-se em risco constante ao fazê-lo."

Claire não queria acreditar, mas quando ela realmente pensou nisso, ela lembrou como muitas vezes que Bishop ordenou pessoas mortas, e quantas vezes Myrnin -ou Myrnin e Michael!-

Tinham conseguido distraí-lo a partir de sua ordem. "Michael", disse Claire lentamente. "Você virou Michael volta, não é mesmo? Ele realmente não é mais um dos Bishop."

Amelie e Oliver trocaram olhares, e Oliver levantou os ombros muito ligeiramente. "Ela é rápida", disse ele. "Eu nunca disse nada. A menos que o rapaz seja um mau ator."

"Se ele fosse um mau ator, ele já estaria morto agora", disse Amelie.

"Claire, você não deve tratar-lo de forma diferente. Por depender da sua vida, você não deve. Agora, eu preciso de você para ir com Myrnin. O soro vocês estão criando a partir do sangue de Bishop sangue é de vital importância para nós agora, temos de tratar todos aqueles que a quem podemos chegar, e temos de ter o suficiente para oferta de fazer o trabalho. Eu dependo de você para isso, Claire."

"Por que eu deveria ajudá-los a todos?" Claire perguntou, e sentiu um tremor de puro frio ao longo das costas de seu pescoço quando Amelie o olhar cinza afiado se prendeu sobre ela. "Você não me prometeu nada. Eu quero que você jure que você vai tirar Shane e seu pai de lá vivos."

Oliver rosnou, e de sua visão periférica que ela viu o marfim de seus dentes afiados. "Você vai permitir que esse cachorrinho fale por você?"

"O que eu faço é da minha conta, Oliver." Amelie deixou um longo, longo momento passar antes de ela disser, "Muito bem, Claire, você tem a minha palavra de que irá recuperar Shane e seu pai, antes de serem executados. Que mais?"

Claire não estava realmente preparada para vencer esse argumento. Ela piscou, procurou e procura, e veio com nada em particular.

Então ela fez. "... Eu quero que você me prometa que, quando isso acabar, você vai mudar as coisas em Morganville."

Amelie olhou, por um momento, perplexa. "Mudar as coisas? Que tipo de coisas?"

"Não há mais caça a seres humanos", disse ela. "Não há mais pessoas que possuem outras. Você vai fazer todo mundo igual aqui."

"Você está falando de coisas que não entendo. Estas coisas são necessárias para nós para

sobrevivemos em relativa segurança. Não vou colocar mais pessoas em risco, nem deixá-los no caprichos e das tuas misericórdias. Tenho visto muitos séculos de morte e destruição." Amelie sacudiu a cabeça dela. "Não, se esse for o preço, então é demasiado elevado para mim pagar, Claire. Façam o que quiserem, mas não vou trair todos que criamos aqui para acomodar o sua sentimental idéia da vida moderna."

Claire tinha ido longe de mais, ela concordou, só para ajudar, e por apenas um segundo, olhando nos olhos da Fundador de Morganville, ela quis desistir.

A única coisa que a impediu foi imaginar o que Shane teria dito, se ele estivesse de pé em seu lugar.

"Não", ela disse, e senti o coração dela bater loucamente em seu peito, em pânico. Seu corpo inteiro estava tremendo, gritando para ela correr, e evitar o confronto. "Você ouviu o que você está dizendo, certo? Você deseja salvar o seu povo à custa de vidas humanas. Não vou concordar com isso; eu não posso. Acabou. Eu não vou ajudar você. E na primeira chance que tiver, digo a Bishop sobre Myrnin, também."

Amelie bateu nela, dura e rápida, e antes que ela soubesse o que estava acontecendo Claire sentiu uma mão fria em torno de sua garganta, e ela foi esmagada contra a parede. Claire gritou e bateu, ela fechou os olhos, mas não rápido o suficiente para bloquear a raiva de Amelie aparecer em seu rosto, e em seus afiados dentes brancos e os olhos.

Ela sentiu o hálito de Amelie fresco em sua garganta, e ouviu algo sobre Myrnin como um sopro sob sua respiração, algo em um idioma que não podia compreender. Ele parecia horrorizado.

Amelie ficou dura, suas frias mãos soltaram a garganta. Em vez disso, eles fixaram em torno dos ombros de Claire apertou-a. O crânio de Claire parecia que ia saltar quando bateu nos tijolos, e ela imaginou ter visto estrelas.

"Abra os olhos!" Amelie rosnou. Claire o fez, piscando afastando a confusão. "Eu nunca conheci um tão ridículo, tolo ser humano em toda minha vida. Há oitocentos vampiros em todo o mundo, Claire. Em todo o mundo. Menos a cada dia. Somos caçados, estamos doentes, estamos morrendo. Existem bilhões de você! Não vou colocar você em primeiro lugar! "Essa última foi uma matéria-prima, uma furiosa sibilização, e que provocou alguma coisa terrível nos olhos de Amelie, algo fora de controle e com fome. "Eu vou salvar o meu povo!"

Atrás dela, um outro vampiro intensificou fora das sombras e disse, muito calmamente, "Amelie. Nada disto é culpa de Claire. Você sabe disso. E ela está certa. É a mesma coisa que eu te disse cinquenta anos atrás. Você ficou louca então, também, se bem me lembro. "

O vampiro defendendo Claire era Sam Glass, avô de Michael e ele ainda parecia ter a idade de um garoto de colégio, mesmo após todos estes anos. Ele provavelmente foi o único dos sem-respiração que poderia ter falado em nome de Claire, ou teria o feito.

Ele tocou o ombro de Amelie.

Ela virou para ele, mas ele a envolveu em seus braços, e por um segundo, um segundo, Amelie deixou ele fazer isso, antes dela empurrá-lo para longe e seguir até o canto da sala, agitação em cada movimento. "Oh, basta levem-na para fora", disse ela.

"Myrnin, leve-a para fora. Agora! Antes de eu fazer alguma coisa que eu lamente. Ou talvez, não."

Claire dificilmente poderia respirar, muito menos protestar. Myrnin tomou a mão dela, duramente. Ela olhou para Oliver, cujos olhos estavam faiscando caçador vampiro em cores, e senti um pequeno e débil rosnar encher a sala.

Myrnin a passou por algo que parecia ser uma parede em branco, e por um instante de pânico Claire pensou que estava indo para acertar isso, cara - primeiro ... e, em seguida, ela sentiu o zunido de aviso que Myrnin estava mudando a rota do portal, sua rede de viagem alquímica que a levou a alguns dos locais mais perigosos em Morganville. A parede dissolveu em um turbilhão de névoa, e Claire tinha a sensação de tragédia que se tem no escuro, sem idéia de onde ela estava.

Parecia durar para sempre, mas depois que ela saiu aos tropeços para fora ...

.... ela estava dentro de sua casa.

A Glass House era exatamente o que ela se lembrava, quando ela tinha embalado seus poucos pertences e se mudou para casa de seus pais após eles chegarem a Morganville. A casa parecia calma, solitária, de alguma forma triste e incolor. Isso era só o seu humor. As coisas de Shane ainda estavam por ali - um jogo de controles que ele apenas esqueceu ligado, jogos empilhados nos cantos junto com seu Wii, seu velho moletom preto amassado no canto do sofá. Claire caminhou para ele, sentou, e puxou-o em seu colo como um animal de estimação, em seguida, levou-o até seu rosto e respirou.

Estou em casa. É maravilhoso e triste e horrível, tudo ao mesmo tempo.

Segurar a camisa de Shane era como se ele a segurasse, só por um momento.

Quando ela olhou para cima, Myrnin assistia ela. "O que?" Ela exigiu. Ele encolheu os ombros e se afastou. "Por que me trouxe aqui?"

"Eu tinha que trazê-la para algum lugar", disse Myrnin. "Eu pensei que talvez você iria desfrutar mais deste do que, digamos, a instalação de tratamento de esgoto."

A guitarra de Michael estava no seu case no chão próximo a livros. Algumas das revistas de Eve ainda na mesa de café, orelhas nas revistas estavam presentes devido a negligencia do que devido ao uso.

Ainda cheirava tão familiar, e Claire sentiu a perda de Shane, de seus amigos, ela bateu duro novamente.

"Eve está aqui?", Ela perguntou, mas Myrnin não respondeu.

Eve fez, saindo da porta da cozinha. "Onde mais eu estaria?" Ela perguntou. Ela inclinado contra o portal e cruzou seus braços, olhando para eles. "O que vocês estão fazendo na minha casa, aberrações?"

"Ei, é minha casa, também!" Claire sabia que ela soava ferida, mas ela não podia ajudá-la. Desde da primeira vez que elas se encontraram, Eve tinha estado ao seu lado - sempre no seu canto, sempre acreditando nela. Acreditando nela, que era ainda mais importante.

E machucava saber que tudo tinha mudado agora.

O rosto de Eve era uma máscara de pó de arroz, agressivamente marcado com preto batom e bastante lápis de olho. Seu cabelo preto era puxado para trás em um rabo de cavalo sério, e ela estava vestindo uma camisa com malha preta, com um crânio vermelho na parte frontal, e calças cargo de tamanho desproporcional com bolsos e correntes. Botas de combate.

Eve estava pronto para chutar traseiros, e ela não iria incomodar colocar alguns nomes enquanto fazia isso.

"Eu falo sério," Eve disse. "Eu estou dando-lhe cerca de cinco segundos para sair da minha casa. E leve o seu animal de estimação sanguessuga com você antes de eu jogar o jogo - estaca no vampiro."

Claire segurou o moletom de Shane nos braços para maior conforto. "E você nem vai perguntar como eles estão?"

Eve olhou para ela com os olhos queimando como buracos negros. "Eu tenho fontes", disse ela. "Meu namorado ainda é mal. Seu namorado ainda está na prisão. Você ainda está sob o comando do Escuro Senhor de Mordor.⁵ Do jeito que anda, eu vou começar a te chamar de Gollum, pequeno monstro."

"Eve, espera. Não é como que -"

"Na verdade, é exatamente como isso", disse Myrnin. "Devemos ir, Claire. Agora."

Ele tentou levar a mão dela, ela apertou e se mudou para mais perto Eve, que estranhamente apesar do seu desleixo e escorregou uma mão em um bolso de sua calça. "Não estou brincando, Claire. Saiam da minha casa!"

"Eu moro aqui!"

"Não, você costumava viver aqui!" Isso saiu dos lábios escuros de Eve como um bruto, rosnar vicioso. "Essa ainda é a casa de Michael, e não importa o que aconteceu com ele, eu vou defendê-la, entendeu? Não vou deixar -"

"Michael não é do mal", Claire gritou para fora desesperadamente. "Ele está trabalhando para Amelie."

Eve parou, mordeu os lábios, ampliou os olhos.

"Claire", advertiu Myrnin suavemente por trás dela. "Segredos são melhor conservados segredos."

"Não dela." Claire tentou novamente, desesperada para ver sumir a raiva de seus amigos. "Michael está trabalhando para Amelie. E não no lado do Bishop. Ele quer que eu te diga isso. Ele nunca nos deixou, Eve. Ele nunca te deixou."

Silêncio. Morto, o frio silêncio, e nele, Claire podia ouvir a respiração de Eve. Nada mais.

Eve tirou a mão dela para fora do seu bolso. Ela estava segurando uma faca.

"Portanto, esta é o último jogo de Bishop? Sacaniar o perdedor? Veja como você pode me deixar louca? Porque sinceramente, isso não é muito um desafio, eu já estou um pouco louca." Seus olhos escuros se encheram com lágrimas. "Funciona na minha família, eu acho."

"Claire não está mentindo para você." Myrnin disse, e se intensificou para perto de Claire para bloquear qualquer movimento de ameaça que Eve poderia fazer. "Você tem que ser tão cheio de..."

Eve riu para ele. Myrnin não pareceu se mover, mas de repente ele estava por trás dela, segurando seus braços, e a faca foi ao chão e raspando aos pés de Claire. Eve que nem sequer teve tempo para gritar. Uma vez que ele a tinha, ela não era mais capaz, uma vez que a mão dele estava em sua boca, calando qualquer som.

Os olhos de Myrnin eram de um vermelho estranho, e ele estava com seus lábios próximos ao pescoço pálido de Eve. "Tão cheio de bravura inútil?" Ele falou, exatamente no mesmo tom de antes. "Ela não mentiria para você. Ela é uma péssima mentirosa, quando se trata de algo tão

⁵ Senhor dos Anéis

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

baixo. Isso é o que faz dela tão terrivelmente útil para nós – sempre sabemos onde estamos com a pequena Claire. Agora, vamos jogar direitinho, pequena menina morta. Ou eu vou cumprir os seus desejos mais obscuros."

Ele jogou Eve para longe, para Claire, que chutou a faca para longe do alcance de qualquer pessoa. Eve gritou, obviamente (e compreensivelmente) encontrar Myrnin era mais que uma ameaça. Sob a maquiagem de pó de arroz, o rosto dela era claro, os olhos brilhando com medo.

Myrnin ria como uma hiena. Ele grunhia como uma também.

"Mande ele ir embora", Eve disse. "Claire, mande ele embora!"

"Myrnin, deixa Eve em paz. Por favor?" A coisa mais próxima que Claire se atreveu dizer à Myrnin, especialmente quando ele tinha esse brilho nos olhos dele. Ele estava desfrutando disto. "Eu preciso falar com ela, e eu não posso fazer isso se você está assustando ela. Por favor".

Ele deu mais alguns passos, e ela o viu ficar com o controle de si mesmo com um verdadeiro esforço físico. Ele sentou em uma cadeira na mesa de jantar e colocar os seus pés sujos em cima. "Tudo bem", disse ele, e cruzou os braços. "Fale. Vou apenas esperar, ok? Porque a minha missão para salvar esta cidade não tem qualquer importância ao lado de sua conversa com essa garota."

Claire laminados olhos. "Ah, cala a boca, rainha do drama medieval." Agora que ele estava sentado e tinha ido embora o brilho de seus olhos, ela poderia dizer, e ele pode concordar com um pequeno dar de ombros. "Eve, tentei te ligar. Tentei entrar e ver você." Ela estava conversando com Eve agora, e Eve estava bem olhando para ela, não a Myrnin, como se a ameaça real na sala estivesse em Claire. "Eve"?

"Eu ouvi."

"E?"

"E eu estou pensando", disse ela. "Porque você foi muito sociável com Papai-Vampiro Bishop. Você é o seu pequeno animal de estimação, andando por toda a cidade, entregando o seu amor em pequenas notas. Certo?"

Claire realmente não podia contestar isso. "Não é como se eu tivesse uma escolha", disse ela. "Acredite em mim, prefiro não estar no meio de tudo isto, mas ele sabia que eu pertencia a Amelie. Eu era apenas mais uma coisa para tirar dela, que é tudo. Ele gosta de fazer ela sofrer, me usando."

Eve descongelou apenas uma ínfima parte. "Merda ser uma lição."

"Você não tem idéia."

"Ele não tem, você sabe ...?" Eve imitou a coisa de presas, só para o caso de Claire pensar que significava algo mais. Então ela olhou preocupada com isso, também.

"Ele não está interessado em mim", assegurou Claire à ela. "Sou apenas um peão para ele mover sobre o tabuleiro de xadrez. E, além disso, Myrnin cuida de mim". Myrnin levantou sua mão no ar, a meio caminho entre um leve acenar e uma onda de reconhecimento como de um

príncipe preguiçoso. "Ele não vai deixar Bishop me machucar." Bem... não muito. Se ele estava prestando atenção. "E você?"

"Tem sido tranqüila", disse Eve, e olhou para fora um instante. "Meu irmão tem vindo e verificado se estou bem."

"Jason?" Uau, que não era a coisa mais confortante que Claire poderia pensar. "Diga-me que você está brincando."

"Não, ele é... eu acho que ele finalmente colocou sua cabeça no lugar. Ele parece... diferente. Além disso, eu preciso de alguém do meu lado, e ele é o único."

"Jason é um dos que se venderam na festa, você se lembra disso? Ele não liga para nada disso! Você fala sobre eu ser a favorita de Bishop, pelo menos eu não escolhi!" Não até hoje, de qualquer maneira.

Eve enviou-lhe um feroz olhar. "Jason ainda é o meu irmão. Olá, gostaria que ele não fosse, mas não é como se eu fosse pegar uma família!"

"Você parece Shane falando do pai dele."

"Você só vem aqui para me insultar, ou você tem um ponto? Porque se não, eu preciso trabalhar." Eve se afastou da porta e agarrou uma mochila de couro e um molho de chaves, que ela segurava com impaciência. "Isso é uma expressão em latim para caíam fora, a propósito. Eu acho que uma menina estudiosa como você sabe disso."

Myrnin lentamente se sentou, os olhos aumentando. "Sinto muito, pequena criatura pálida – você esta nos dando uma ordem?"

"Nem tanto para você quanto ela, mas sim, se você quiser ver dessa forma. Claro, você imitação de Lestat⁶. Saiam da minha casa." Eve esperou ansiosamente, mas nada aconteceu. "Puxa vida, realmente não funciona, não é?"

"Não uma vez que o proprietário da casa virou vampiro", Myrnin disse, e se levantou de forma misteriosa que ele tinha, como se a gravidade tivesse acabado de ser cancelada perto dele. "Por favor, fique à vontade para tentar me fazer sair. Eu vou gostar muito."

"Myrnin." Claire suspirou. "Eve. Nós não somos inimigos, ok? Parem de cutucar uma ao outro."

Ela pegou sua estaca no bolso. Isso não era nada agradável.

"Estamos apenas... passando", disse Claire, e sentiu uma onda de verdadeiro arrependimento. "Aqui é nosso caminho para... Onde vamos?"

"Em algum lugar remoto," Myrnin disse. "E eu não pretendo dizer a sua amiga irritada sobre isso, de qualquer modo. Termine de fofocar. É hora de ir."

Como se fosse sua idéia, e eles estarem sendo jogados para fora. Claire não pôde resistir e rolou seus olhos.

Ela pegou Eve fazendo a mesma coisa, e elas de repente, se sentiram envergonhadas.

⁶ Lestat de Lioncourt é um personagem fictício que aparece em vários dos romances de Anne Rice, incluindo O Vampiro Lestat. Ele é um vampiro, e o principal personagem, na maioria das Crônicas Vampirescas (*Vampire Chronicles*) onde o mesmo é narrado em primeira pessoa. Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>
Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

"Desculpe", Claire murmurou. "Honestamente, Eve. Estou com saudades."

"Sim," Eve disse. "Senti sua falta, também, aberração. Eu não desejo isso algumas vezes, mas você teve de ir."

Claire não tinha certeza o que moveu em primeiro lugar, mas realmente não importava, pois elas colocaram os braços para fora, e sentiram o abraço quente e bom e verdadeiro. Eve beijou-a rapidamente na bochecha e, em seguida, se afastou, escondendo as lágrimas que caíam. "Estou saindo!" Ela gritou de volta, e desapareceu no corredor. "Isso significa que você deve, também!" A porta da frente bateu.

Enquanto Myrnin abria o portal na parede, Claire se agarrou na camisa de Shane e puxou-a de suas roupas. Era enorme para ela. Ela enrolou as mangas, e que não pôde resistir levantar o pescoço para cheirá-lo mais uma vez.

Myrnin sorriu. "Não há nenhum drama tão grande quanto a de uma menina adolescente", disse ele.

"Exceto o seu."

"Será que ninguém nunca te ensinou a respeitar os mais velhos?" Ele agarrou-a pelos ombros e empurrou através do portal. "Cuidado com o fosso. Ah, e em sua bochecha, tem batom negro."

Eles saíram em um obscuro, úmido - um lugar genérico, cheio de caixas. "Me levando para os locais mais legais da cidade", disse Claire, e espirrou. Myrnin empurrou as caixas para fora do seu caminho, sem se incomodar em responder, revelando escadas de ferro que tinham mais ferrugens do que tudo. Claire seguiu-o, testando cada degrau com cautela ao longo do caminho. A coisa toda parecia pronta para colapso, mas eles chegaram ao topo, que incluía... uma porta trancada.

Myrnin procurou em seus bolsos, suspirou, e socou a fechadura com o seu punho. Ela quebrou. O rangido da porta se abrindo, e cedeu sua vez como um cavaleiro. Que ele era, ela pensava, em seus dias bons.

"Onde estamos?"

"Morganville High School".⁷

Claire não tinha pisado neste local. Ela começou seu último ano quando tinha quinze, cortesia de seu cérebro esperto-mutante, mas enquanto eles caminhavam no corredor, ela sentiu que tinha viajado no tempo. Apenas um ano, na verdade, o que era particularmente estranho.

Assustador, andares de linóleo polido. Paredes de cores industriais verde. Bateria de filas de armários em toda a extensão do corredor, a maioria com fechaduras. Cartazes e banners publicitários para a produção do 'Annie Get Your Gun' e venda de coisas. O lugar cheirava a limpeza industrial, suor e estresse.

Claire parou para observar em tamanho desproporcional o mascote pintado na parede no final do corredor.

⁷ Deixei em inglês mesmo, mas é a escola do segundo grau

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

"O quê?" Myrnin pediu impacientemente.

"Sério. Vocês não têm senso de sutileza, não é?" Era a mesma imagem da camisa do rapaz no escritório do Richard Morrell: uma víbora dando um bote ameaçador, com dentes a amostra. Lindo.

"Eu não tenho idéia do que você quer dizer. Vamos lá. Temos muito pouco tempo antes das aulas acabarem."

Um alto barulho de campainha, e o corredor se encheu de gente andando para cima e para baixo, as portas foram abertas, libertando os jovens da idade de Claire, ou próximo a ela. Myrnin agarrou seu braço e avançaram, rápido.

Escola. Isto era surreal como tudo parecia normal, como ninguém poderia lidar com a verdade, então eles simplesmente mantinha toda a superfície com mentiras, e, nesse sentido, a escola de Morganville era como o resto da cidade. Todo o falatório parecia falsamente brilhante, e as crianças caminhavam em grupos, que procuram conforto e proteção.

Todos evitavam Myrnin e Claire, ela via todo mundo olhando-a. Ela ouviu pessoas falando. *Ótimo. Eu sou famosa na escola, finalmente.*

Outra rápida virada à esquerda liderada por um conjunto de portas duplas, e ao ruído dos pés, falatório, armário e fechar as portas atrás deles tudo caiu num absoluto silêncio. Myrnin seguia na frente dela. Mais salas de aula, mas estas estavam escuras e vazias.

"Eles não usam esta parte do prédio?" Claire perguntou.

"Não há necessidade para isso", disse Myrnin. "Foi construído com um plano que a população humana de Morganville fosse crescer. Não aconteceu."

"Não é preciso imaginar por quê", murmurou Claire. "Esse ótimo lugar para se viver e tals. Você acha que há gente que morreria para estar aqui. Palavra errada, morrendo."

Ele não se incomodou a debater. Havia uma outra porta no fim do corredor, e esta tinha um brilhante bloqueio de prata sobre ela.

Myrnin bateu.

Após um longo momento de silêncio, a trava foi puxada com um som metálico, e a porta estava aberta.

"Dr. Mills?" Claire ficou surpresa. Ela não tinha ouvido muito sobre o Dr. Mills, médico do pronto-socorro e seu assistente, durante semanas. Ele saiu fora de vista, juntamente com sua família. Ela tentou descobrir o que tinha acontecido com ele, mas tinha medo de que fosse má notícia. Às vezes, era só melhor não saber.

"Claire", disse ele, e deixou ela e Myrnin entrarem na sala. Ele fechou e trancou a porta antes de dar um sorriso cansado em sua direção. "Como você está, criança?"

"Hum, bem, eu acho. Fiquei preocupada-"

"Eu sei". Dr. Mills era um homem de meia-idade e tipo de média, em todos os sentidos, exceto a sua mente, que era - até mesmo pelas normas de Claire - totalmente afiada. "O Sr. Bishop

descobriu que eu estava fazendo investigação sobre sangue de vampiros. Ele queria que parasse - mas isso não é o seu interesse neste momento, se você sabe o que quero dizer. Tivemos que nos mover com rapidez. Myrnin nos recolocou." Ele indicou Myrnin, que lhe deu uma espécie de aviso.

"Sua família, também?"

"Minha esposa e filhos estão na sala ao lado", disse ele. "Não é o que você pode chamar de confortável, mas é suficientemente seguro. Podemos utilizar o chuveiro do ginásio à noite. Há comida na cantina, livros na biblioteca. É o melhor refúgio que poderíamos ter." Dr. Mills olhou Claire de perto, e amarrou a cara. "Você parece cansada."

"Provavelmente", disse ela. "Então... este é o novo laboratório?"

"Parece que estamos sempre em um novo, não estamos? Pelo menos esta é uma grande parte do que precisamos." Ele sinalizou em torno vagamente. A sala tinha sido claramente destinada a ser uma sala para aula de ciência, tinha grandes mesas de granito, equipados com tanques e construídos com torneiras de gás. Na parte de trás da sala tinha filas e filas de prateleiras preenchidas com vidros e todos os tipos de ingredientes engarrafado e rotulados. Uma coisa sobre a cidade -Morganville realmente investia em educação. "Eu tenho feito alguns progressos inesperados."

"Significativos?" Myrnin se virou para olhar para ele, de repente não em seu estado louco e estranho.

"Você sabe que eu tenho andado rastrear a origem da doença?"

"As origens não são tão importantes quanto o desenvolvimento de um eficaz e coerente tratamento, para não mencionar a produzindo em massa da cura", disse Myrnin. "Como eu te disse antes. Fervorosamente."

Dr. Mills olhou para Claire para pedir apoio, e ela limpou a garganta. "Eu acho que nós podemos fazer as duas coisas", disse ela. "Quero dizer, é importante saber como isso surgiu, também."

"Essa é a coisa", disse o Dr. Mills. "Ela não parecia vir de lugar nenhum. Não havia nenhum outro vampiro doente; tudo o que eu testava no sangue morria sem uma luta, de resfriados e gripes ao câncer. Entretanto, não posso colocar minhas mãos em alguns dos mais altos vírus, mas não vejo nada em comum entre esta doença, bem como qualquer outra, exceto uma."

Myrnin esqueceu as acusações e chegou mais perto. "Qual?"

"A doença de Alzheimer. É uma doença degenerativa progressiva de-"

Myrnin fez sinais cortando. "Eu sei o que é. Você disse que tinha coisas em comum."

"O progresso da doença é semelhante, sim, mas aqui é a coisa: o sangue de Bishop contém anticorpos. É o único sangue que contém anticorpos. Isto significa que existe uma cura, e ela está em Bishop, porque ele contraiu a doença e recuperação."

Myrnin virou lentamente e levantou suas sobrancelhas para Claire. Era uma expressão suave, mas ao olhar nos olhos dele era feroz.

"Interprete, por favor."

"Bishop poderia ter feito isso de propósito", disse ela. "Certo, o Dr. Mills? Ele poderia ter desenvolvido a doença e deliberadamente espalhar a cura utilizado apenas si próprio. Mas porque é que ele faria isso?"

"Não tenho a menor idéia."

Myrnin andava distraído, movendo-se devagar, mexendo nas coisas do laboratório em seu caminho; ele pegou o lixo e o colocou contra a parede, sem tanto pausa. "Porque ele quer controle", disse ele. "E vingança. É perfeito. Ele pode mais uma vez decidir quem vive, quem morre, ele teve uma vez o poder - até que nós tiramos isso dele. Pensávamos que ele foi destruído. Nós estávamos salvos."

"Você e Amelie," disse Claire. Houve um tempo, feio história por trás de tudo isto, ela não entendeu e ele realmente não queria que ela entendesse, mas ela sabia que em algum momento, talvez centenas de anos atrás, Amelie tinha tentado matar o Sr. Bishop e de uma vez por todas. "Mas você falhou. E esta é a maneira dele descontar em vocês. Descontar em todos de uma só vez."

Myrnin parou, de frente para um canto em branco por um momento sem responder. Então ele caminhou lentamente de volta para eles e sentou em um banco do laboratório que não tinha sido destruído, virando as costas caudas de seu casaco enquanto ele sentava "Isso é deliberado, esta desgraça."

"Aparentemente," disse Claire. "E agora ele tem você onde ele quer."

Myrnin sorriu. "Não é bem assim." Ele sinalizou o laboratório. "Nós temos armas."

A maioria das mesas de granito, possuía painéis de metal com os cristais vermelhos. Claire olhava para eles com uma carranca. "Eu pensei que íamos usar a versão líquida da coisa?" Essa coisa é a droga manufaturada que ela e Myrnin tinham desenvolvido - ou pelo menos refinado a ponto de ser útil, que agia para manter os piores efeitos das doenças dos vampiros em stand by. Ela não era a cura, mas ajudava, mas ele tinha rendimentos decrescentes, na melhor das hipóteses.

"Nós íamos", disse o Dr. Mills. "Mas é preciso mais tempo para refinar a sua forma líquida do que para o fabricar os cristais, e precisamos de mais e medicar os vampiros, então aqui estamos. Dois coelhos com uma única cajadada."

"E sobre a cura?" Ele não pareceu feliz, e o coração de Claire sofreu um pequeno, nó apertado em seu peito. "O que há de errado?"

"Infelizmente, a amostra de sangue de Bishop foi-se rapidamente", disse ele. "Eu era capaz de fazer uma pequena quantidade de soro a partir dela, mas eu vou precisar de mais base para desenvolver o suficiente para realmente importar."

"Quanto mais do seu sangue que você precisa?"

"Tubos", disse ele tristemente. "Eu sei. Acredite, eu sei o que você está pensando."

Claire estava a pensar exatamente como seria estupidamente suicida tentar obter gotas do sangue de Bishop, imagina "tubos". Myrnin tinha conseguido uma vez, mas ela ainda duvidava que pudesse conseguir uma segunda, sem ser estaqueada e levada à morte. Mas ela não

estava disposta a desistir, de qualquer modo. "Nós teríamos que drogar dele", disse ela.

Myrnin olhou para ela do vidro da mesa. "Como? Ele não é um daqueles que partilham humanos com comidas e bebidas. E duvido que algum de nós poderia chegar perto o suficiente para dar-lhe um tiro grande o suficiente para conseguir isso".

Claire deu uma respiração profunda, uma vez que ocorreu nela um frio e estranho flash. "Temos de droga naquilo que ele beber."

"De tudo o que eu tenho ouvido falar Bishop, ele não bebe sacos de sangue", disse o Dr. Mills. "Ele só se alimenta de vítimas vivas."

Claire concordou. "Eu sei". Ela disse isso como se estivesse doente, tão doente que ela quase não podia falar nada. "Mas é a única forma de chegar até ele, se você realmente quer acabar com isso."

Os dois homens olharam para ela, um mais velho que ela, o outro infinitamente mais velho e por apenas um momento, eles tiveram a mesma expressão em seu rosto: como se nunca a tivessem visto antes.

Pensativo Myrnin disse, "É uma idéia. Tenho de pensar. O problema é que um sangue com veneno suficiente para afetar Bishop irá certamente matar um humano".

Veneno. Ela estava pensando em algum tipo de droga que o nocauteasse, mas não iria funcionar, ela percebeu. Doses grandes o suficiente para afetar um vampiro seria veneno para a circulação sanguínea em um ser humano. "Ele sempre bebe de pessoas?"

Myrnin vacilou. Ela sabia por que, ela sabia que Myrnin tinha drenado um casal de vampiros assistentes dele, que era estritamente contra as regras. Ele fez isso acidentalmente, tipo, quando ele estava louco.

"Não... sempre", disse ele, muito calmamente. "Há tempos, mas ele tem que estar muito zangado."

"Sim, como isso é um truque", disse Claire. "Será que matar um vampiro para colocar a mesma quantidade de veneno em seu sangue?"

"A droga não necessariamente mataria um vampiro", Myrnin disse. "A drenagem de Bishop certamente o faria."

O silêncio caiu. Myrnin olhou para baixo pra seus pés no ridículo chinelo de borracha. Na outra sala, Claire ouviu uma criança cantando ABC e, em seguida, uma mulher calma acompanhando com a voz dela.

"Myrnin", disse Claire. "Não tem que ser você".

Myrnin levantou a cabeça e seu olhar se fixou no dela.

"Claro que não", disse ele. "Mas terá de ser alguém que você conhece. Alguém que você talvez possa desejar. De todas as pessoas em Morganville, Claire, eu nunca esperava que você fosse tão fria para essa possibilidade."

Ela escutou a decepção em sua voz, e notou suas mãos no moletom grande de Shane. "Eu não sou fria", disse ela. "Estou desesperada. E vocês também."

"Sim", disse Myrnin. "É verdade, infelizmente."

Ele se afastou, colocando suas mãos, por trás das costas, e começou a andar até o final da sala, enquanto balançava sua cabeça baixa.

Dr. Mills limpou a garganta. "Se você tem algum tempo, eu preciso de ajuda no engarrafamento do soro que tenho. Há o suficiente para talvez vinte, trinta vampiros se eu alongá-lo. Não mais."

"Ok", disse Claire, e seguiu-o para o outro lado da sala, onde um copo pequeno e garrafas esperavam. Ela derramou e entregou-lhe as garrafas com tampas metálicas para serem pegas com uma pinça. O soro era ligeiramente leitoso e rosa. "Quanto tempo leva para o trabalho?"

"Cerca de quarenta e oito horas, de acordo com as minhas provas", disse ele. "Eu preciso dar a Myrnin; ele é o pior caso, temos que já não é confinado em uma cela."

"Ele não vai deixar", disse Claire. "Ele acha que ele tem que ser louco para Bishop não poder saber que ele ainda trabalha para Amelie."

Dr. Mills amarrou a cara para ela. "Isso é verdade?"

"Acho que ele tem que ser louco", disse ela. "Mas provavelmente não para a razão que ele diz."

Myrnin negou. É claro. Mas ele pegou as seringas descartáveis e as coisas médicas, e Claire foi escoltada de volta para fora do laboratório. Ela ouviu o fecho bloqueando atrás deles.

"O Dr. Mills e sua família estão seguros aí dentro?" Ela perguntou.

Myrnin não respondeu. "Estão?"

"Como alguém que está no cofre em Morganville", disse ele, o que realmente não era uma resposta. Ele parou e inclinando-se contra uma parede e fechou os olhos. "Claire. Estou com medo..."

"O quê?"

Ele agitou sua cabeça. "Estou com medo. E isso é raro. Isso é muito raro."

Ele parecia perdido e incerto, por vezes a forma como ele fazia quando a doença começava a se manifestar, mas desta vez era diferente. Era o verdadeiro Myrnin, e não uma confusão. E isso deu medo em Claire, também.

Ela chegou e tomou a mão dele. Parecia uma pessoa real, apenas frio. Seus dedos esticados sobre os dela, de forma breve e, em seguida, largados.

"Creio que é hora de você aprender algumas coisas", disse ele. "Vem".

Ele abriu a parede, e levou a levou em direção a um portal, os chinelos batendo com urgência.

O laboratório Myrnin atualmente estava totalmente destruído.

Se era os caras vândalos de Bishop, ou apenas Myrnin sendo louco, o que era certo era que havia ainda mais destruição agora do que da última vez Claire tinha visto o lugar. Praticamente todos os vidros tinham sido quebrados, o que deu ao lugar um ar brilhante. Os quadros haviam sido derrubados no chão e totalmente rasgados. Livros tinham sido arrancados aos bocados, com o couro e tecido amassados e emburacados, lançado em pilhas de lixo.

O lugar todo cheirava a produtos químicos derramados e papel velho queimado.

Myrnin não disse nada à medida que descia as escadas rumo a bagunça, mas no último passo, ele parou e sentou - parecendo triste, na verdade. Claire não estava certa do que fazer, então ela esperou.

"Você está bem?" Ela finalmente perguntou. Ele balançou a cabeça lentamente.

"Eu tenho vivido muito tempo aqui", disse Myrnin. "Principalmente por escolha, acontece que eu sempre preferi um laboratório a um palácio, o que Amelie nunca compreendeu, embora ela achasse engraçado. Sei que é apenas um lugar, apenas coisas. Eu não esperava que sentisse tanta... perda." Ele ficou novamente em silêncio por um instante, e então suspirou.

"Vou ter de reconstruir tudo novamente. Mas será um aborrecimento."

"Mas... não agora, certo? "Porque a última coisa que Claire queria fazer era ter uma vassoura e uma pá para pegar todos os vidros quebrados enquanto o destino de Morganville estava andando sobre um triz.

"Claro que não." Ele se levantou e para o choque dela, andou por toda a sala com vidros quebrados em saltos. Não parando nem mesmo quando um vidro entrou profundamente em seus tornozelos. Claire olhou para baixo, para seu próprio sapato tenis-de-molas-alto e suspirou. Depois ela o seguiu com muito cuidado, criando um caminho através do vidro, ela foi embora seguindo Myrnin negligentemente seu caminho.

"Você está se machucando!" Ela alertou.

"Bom", ele respondeu. "A vida é dor, a criança. Ah! Excelente." Ele se curvou, limpando uma mancha clara no chão, e pegou algo que parecia um esqueleto de rato. Ele analisou curiosamente, por alguns segundos e, em seguida, jogou-o sobre o seu ombro. Claire era um alvo fácil então desviou. "Eles não encontraram."

"Encontrar o quê?"

"A entrada", disse ele. "Para a máquina."

"Que máquina?"

Myrnin deu seu melhor sorriso, o sorriso maluco para ela, e socou seu punho para baixo para quebrar o assoalho, o qual curvou-se e gemeu. Ele bateu de novo, novamente, e um conjunto de seis divisórias do chão desmoronou em um grande buraco negro. "Eu a escondi aqui", disse ele. "Inteligente, sim? Costumava ser um alçapão, mas isso parecia um pouco obvio demais."

Claire percebeu que sua boca estava aberta de espanto. "Poderíamos ter caído através desse buraco!", disse ela.

"Não seja excessivamente dramática. Eu calculei o seu peso. Era perfeitamente seguro, desde que você não estivesse carregando nada muito pesado." Myrnin acenou para ela para que ela fosse com ele, mas como ela ficou meio lá parada, ele saltou para dentro do buraco e desapareceu.

"Perfeito." Ela suspirou. Quando ela finalmente chegou ao limite, ela olhou para dentro do buraco, mas era muito negro... e, em seguida, houve o som de um arranhão, e uma chama chegou à vida, brilhante sobre o rosto de Myrnin a uma dúzia de metros. Ele acendeu uma lâmpada de petróleo e colocou-a de lado. "Onde estão as escadas?"

"Não há nenhuma", disse ele. "Pule".

"Eu não posso!"

"Eu vou pegar você. Pule".

Isso exigia um nível de confiança que ela realmente nunca quis ter com Myrnin, mas... não havia nenhum sinal de loucura nele, e ele a encarava com total concentração.

"Se você não me pegar, eu vou totalmente te matar. Você sabe isso, certo?"

Ele levantou uma sobrancelha cético, mas não contestou isso. "Venha!"

Ela fez, deu um pequeno grito enquanto caía, e então ela para em seu forte e frios braços, e de perto, seus olhos eram largos e escuros e quase, QUASE humano.

"Viu?" Ele murmurou. "Não foi tão ruim ao todo, não é?"

"Sim, foi ótimo. Você pode colocar-me no chão agora."

"O quê? Ah. Sim". Ele a deslizar para o chão, e pegou a lâmpada a óleo. "Esse é o caminho."

"Onde estamos?" Porque parecia um grande túnel industrial, obviamente, muito velho. Uma construção ainda original, provavelmente.

"Catacumbas", disse ele. "Ou túneis de drenagem? Me esqueci o que era inicialmente. Não importa, está tudo selado a muito tempo. Cuidado com o homem morto, minha cara."

Ela olhou para baixo e viu que ela não estava em pé em algumas varas aleatória, mas sim em ossos. Ossos de um esqueleto, com uma antiga camisa e calças. E havia um crânio branco olhando para ela de perto, também. Claire gritou e pulou para o lado. "Que diabos é isso, Myrnin?"

"Visitantes indesejados", disse ele. "Isso acontece. Oh, não se preocupe, eu não matei ele. Eu não tenho que - bem há abundância de guardas aqui. Agora vamos, pare de agir como você nunca tivesse visto um homem morto antes. Eu te disse, isso é importante."

"Quem era ele?"

"Que diferença faz? Ele é poeira, filha. E nos não, ainda, embora a probabilidade é que certamente podemos estar antes de chegarmos onde estamos indo. Vamos lá!"

Ela não queria, mas também queria ficar dentro do círculo da luz da lâmpada. Em locais escuros, Morganville realmente estavam cheio de coisas que poderiam te comer. Seguiu Myrnin, sem fôlego, como ele marchava rapidamente pelo longo túnel que parecia dez metros à frente aparecendo e desaparecer por trás deles.

E de repente, o teto desapareceu, e havia uma caverna. Uma grande caverna.

"Segure isso," Myrnin disse, e passou-lhe a luz. Ela pegou-o tomando cuidado de evitar o vidro quente e o metal, e Myrnin abriu uma maçaneta enferrujada na parede do túnel e puxou para baixo uma enorme alavanca.

A lâmpada ficou totalmente redundante quando luzes brilhantes começaram a brilhar, uma por uma, e um círculo se formou em torno da enorme caverna. O brilho das vigas se apagaram derrubando uma massa de vidro e metal, e quando Claire piscou, coisas entraram em foco.

"O que é isso?"

"O motor de todas as minhas criações", disse Myrnin. "A versão mais recente, pelo menos. Eu construí-la para ser o núcleo há uns trezentos anos atrás, mas eu tenho reformado e aperfeiçoado ela ao longo dos anos. Ah, eu sei o que você está pensando, isso não é o projeto Bab Bage, limitado ou uma coisa estúpida. Não, isto é metade arte, metade artificial. Com uma boa pitada de genialidade, se eu poderia dizê-lo."

Lá dentro tudo parecia um enorme tubo de órgãos, com filas e filas de chapas metálicas finas e todos se deslocavam juntos fazendo pequenos barulhos de batidas em colunas verticais. A coisa toda cuspiu vapor. Próximo tinha o que parecia um espaguete de cabos, tubos, e em alguns casos, fita adesiva colorida. Havia três grandes telas de vidro, muito grossas para servirem de monitores, e no meio havia uma gigante com cada tecla do teclado do tamanho da Claire de lado. Só que em vez de letras neles, havia símbolos. Alguns deles, muitos deles, ela sabia, devido a seus estudos com Myrnin sobre alquimia. Alguns deles eram símbolos de vampiro. Alguns estavam apenas... em branco, tal como tinha sido no início, mas ele já tinham sido usado antes, mais agora estavam completamente desligados.

Myrnin bateu o sujo flanco de metal carinhosamente. Deixando aparecer vários buracos na tubulação. "Esta é Ada. Ela é o que impulsiona Morganville," Myrnin disse. "E eu quero que você aprenda como usá-la."

Claire encarava a máquina, então ele, então a máquina mais uma vez. "Você esta me gozando?"

E a máquina disse: "Não. Ele não esta. Infelizmente".

Claire tinha visto um monte de coisas estranhas por ai desde que chegou a Morganville, mas nunca um vivo, não uma máquina a vapor tipo Frankenstein em uma versão computador, feito de madeira e sucatas?

Isso já era demais.

Ela sentou repentinamente nas rochas duras, buscando por ar para a respiração, e descansou sua cabeça sobre as suas palmas que estava tremendo. Remotamente, ela ouviu o computador - que era o que era aquilo era, certo?- perguntando, "Você realmente esta tentando matar outra não é, Myrnin?" E Myrnin respondeu: "Vocês não pode falar nada ate eu dizer que pode, Ada. Quantas vezes tenho que lhe dizer isso?"

Claire honestamente nem sabia como começar a lidar com isto. Ela acabou ficando sentada, lutando para manter a si própria longe do pânico total, e Myrnin finalmente se abaixou ao lado dela. Ele se reclinou, com os braços dobrados atrás de sua cabeça, olhando para cima.

"O que você quer saber?", Indagou.

"Eu não", disse ela, e limpou as lágrimas de seu rosto. "Eu não quero saber de nada mais. Eu acho que estou ficando louca."

"Bem, é sempre uma possibilidade." Ele levantou os ombros. "Ada é uma vida dentro de uma mente artificial. Uma mulher brilhante, uma antiga colaboradora da mina, na verdade. Está preservada a melhor parte dela. Eu nunca lamentei tomar as medidas para a integração da tecnologia e da humanidade".

"Bem, claro que não. Eu tenho ", disse Ada, ao nada, em particular. Claire encolheu os ombros. Havia algo não muito certo sobre a voz, como se estivesse saindo de um velho e barato rádio AM, em gravações que já tinha sido repetidas varias vezes. "Diga a sua nova amiga a verdade, Myrnin. É o mínimo que podemos fazer."

Ele fechou os olhos. "Ada estava morrendo, porque eu tive um lapso".

"Em outras palavras," o computador disse friamente, "ele me matou. E então ele me aprisionou dentro desta caixa. Para sempre. O fato de ele não lamentar apenas comprova que ele esta longe de ser humano ."

"Você não esta presa ai para sempre", disse Myrnin, "como bem sabe. Mas eu ainda preciso de você, então você simplesmente tem que parar o seu interminável lamento e me ajudar com as coisas. Se você quiser sair daí, arranje seu modo de sair."

"Ou você vai o que?"

Myrnin arregalou seus olhos abertos, e ele travou os seus dentes - ele não poderia morder o computador. Mas isso foi apenas uma reação de frustração, Claire pensou. "Ou eu vou desligar os conjuntores", disse ele, "e você poderá ler as obras de Bulwer-Lytton para se entreter pelos próximos vinte anos antes de eu ter pena de você."

Ada, controladamente, foi omissa em resposta a isso, e os dentes de Myrnin voltaram ao normal e ele sorriu. "Agora", ele disse a Claire, "deixe-me explicar Ada. Ela é a força vital que dá poderes a cidade, evidentemente, sem ela, não podíamos operar os portais, e não poderíamos manter os campos invisíveis que garantem que os moradores de Morganville saiam sem sofrer perda de memória, se eles conseguirem sua saída da cidade. O inconveniente é que Ada é um ser vivo, e os seres vivos têm... humor. Sentimentos. Ela costumava gostar de pessoas, e às vezes interferir. Tal como com o seu amigo Michael."

"Michael?" Piscou Claire, apenas totalmente intrigada. Ela não queria saber mais... Oh, sim ela queria. Ela realmente queria. "O que você quer dizer?"

"Quero dizer que Ada intercedeu por Michael para mantê-lo vivo, porque ela podia. A presença de Ada é mais sentida nas casas do Fundador, que estão intimamente ligados a ela, ela pode, com esforço suficiente, manifestar em si mesma, ou em qualquer lugar onde exista um portal, por curtos períodos de tempo. No caso do Michael, ela o escolheu para salvar sua vida, armazenando-o na matriz da Glass House em vez de permitir que ele morresse quando Oliver tentou, e falhou, para transformá-lo em um vampiro."

"Ela não só salvou, ela o SALVOU!", disse Claire. "Tal como um computador salva um arquivo". "Suponho que, se você quiser colocá-lo em termos simples". Myrnin bocejou. "Eu disse a ela para deixá-lo ir. Ela me ignorou. Ela faz isso."

"Freqüentemente," disse Ada com uma voz desencarnada. "E com grande satisfação. Assim. Você é a garota da Glass House. O novo animal de estimação de Myrnin."

"Eu..." Claire não estava certa como reagir a isso, então ela resolveu um rápido encolher de ombros. "Acho que sim."

"Você faz bem", disse Ada. "Você trabalha com os portais sem muita compreensão de como funcionam e como criá-los, mas eu suponho que a maioria das crianças modernas não poderiam começar a construir brinquedos com os quais eles são feitos."

O celular de Claire tocou de repente, o seu tom alegre eletrônico foi surpreendente no silêncio. Ela saltou, fazendo-o cair pesado de fora de seu bolso, apenas para imediatamente ir parar no escuro.

"Você faria isso?", Ela perguntou.

"Fazer o quê?" Ada pediu, mas havia um sombrio, se divertindo com suas palavras. "Oh, não desculpe. Eu tenho pouco, menos que o suficiente aqui para me entreter aqui na masmorra. Na minha caixa."

"Ada". Myrnin suspirou. "Eu a trouxe aqui para que você possa explicar-lhe como manter suas funções, para não ter seu ouvir as suas queixas infinitamente".

Ada não disse nada. Não ao todo. No silêncio, Claire ouviu o zunir estável e clique das telas, bem como o silvo do vapor - mas Ada, permaneceu calada.

"Ela é mimada", Myrnin disse, e se moveu até ficar sentado. "Não se preocupe, minha cara. Você pode confiar em Claire. Aqui, deixe-me apresentá-las adequadamente."

A idéia de Myrnin sobre uma boa apresentação era pegar o braço de Claire e lançá-la para a máquina. Antes que ela pudesse gritar para ele a deixar ir, ele escorregou para trás uma cobertura metálica e empurrou a mão dela para baixo sobre uma chapa metálica... e algo perfurou sua palma, rapidamente, como uma picada de cobra. Claire tentou arrebatá-la a mão dela de volta, mas algo, alguma força a segurou no lugar.

Ela podia sentir o sangue vazar para fora, quente, formando uma ferida. "Vamos!" Ela gritou, e chutou a máquina em fúria. "Ei! "

Ada soltou um pequeno gargalhar. Era um som metálico sobrenatural; de perto, realmente não era um som de todo humano, mais semelhantes as partes ralhando dentro dela.

A força que mantinha a mão de Claire no lugar de repente a deixar ir, e ela tropeçou de costas, sentido sua mão queimar, encostou-a no peito dela e tentou, sem muito sucesso, normalizar sua respiração. Ela estava com medo de olhar, mas ela obrigou-se a abrir mão esquerda.

Havia uma pequena ferida pulsando no meio de sua palma, um círculo vermelho sobre o tamanho de um ponto de lápis, havia um círculo branco ao redor dele, como um alvo. Claire ficou olhando se tornar um branco desbotado.

O sangue escorria para fora do buraco em sua pele, vermelhas gotas. Claire olhou Myrnin, que estava a poucos metros de distância; ele estava olhando para sua mão com fascínio.

Ewwwwwww.

Claire fechou seu punho, pronta para parar o sangramento. "Que diabos foi isso?"

"Como?" Myrnin parecia não ser capaz de tirar os seus olhos da mão dela. "Ah, é bastante simples. Ada precisava saber quem você era. Ela vai saber quem você é agora, e ela vai seguir suas ordens."

Ada fez uma suspeita tosse estrangulada.

"Isso não explica por que razão ela me mordeu!" Disse Claire.

Myrnin piscou. "O sangue é o combustível que impulsiona o motor, minha cara. Tal como acontece com todos nós. Ada requer injeções regulares de sangue para operar."

"Você nunca ouviu falar em dizer a ela seu nome? Meu Deus, Myrnin, que fez um computador vampiro? "

"Eu... "Ele parecia honestamente inseguro de como responder a isso, e por fim desistiu. "Ela requer cerca de um litro de sangue cada mês, e não refrigerado sangue, pelo que deve ser aquecido à temperatura ambiente, pelo menos, de preferência à temperatura corporal, é claro. Geralmente, alimentá-la perto do início do mês, embora ela possa, passar semanas sem alimento. Ah, e fazer sua alimentação durante a noite. O sangue é menos eficaz quando oferecidos sob a influência do sol. Fazemos trabalho de acordo com as regras herméticos aqui, você sabe."

"Você está louco", disse Claire. Ela apoiou-se contra uma parede e ficou ali olhando para ele. "Serio. Insano."

Ele não prestou nenhuma atenção a ela contudo. "Você também precisa recalibrar ela uma vez em cada primeiro dia de sol, no inverno e no verão, para acomodar o deslocamento e a influência do sol e da lua. Você se lembra do que eu te ensinei sobre simbologia hermética, não é? Bem, a fórmula é bastante simples. Você deve encontrar todas as observações para você, aqui." Myrnin pateou pelos bolsos de sua jaqueta e finalmente, apareceu com um grande, riscado, velho e rasgado papel sujo, que ele ofereceu para Claire.

Ela não pegou isso. "Isso é loucura", disse ela novamente, como se fosse realmente importante que ele compreendesse isso.

Myrnin lentamente levantou suas sobrancelhas. "Você construiu um computador vampiro. Feito de madeira por fora. E vidro. Você não está... Este não é..."

Ele tocou - lhe suavemente no ombro. "Esta é Morganville, querida Claire. Você deve saber por agora, que não seria o que você esperava." Com uma súbita explosão de energia, Myrnin colocou Claire para o lado, e o papel bateu nela, e caiu aos seus pés. "Ada!"

"O quê?" O computador soava ranzinza. Duro. Ela não era mesmo real, disse Claire para ela mesma. Yeah. Ela não é real, e ela bebe sangue. Ela bebeu o meu.

"Você vai aceitar todos os comandos de Claire Danvers como o meu. Você me entendeu?"

"Tudo muito claramente". Ada suspirou. "Muito bem. Vou gravar sua essência para referência futura."

Myrnin voltou-se para Claire e dobrou a sua mão sobre o pedaço de papel. Suas unhas estavam sujas e afiadas, e ela estremeceu pelo seu toque frio. "Por favor", disse ele. "Você deve manter isto seguro. É o único registro da sequência. Fiz isso para me lembrar, no caso... quando eu me esqueci. Se você começar a sequência de errada, você corre o risco de matá-la. Ou pior."

Claire estremeceu. "O que poderia ser pior do que estar aqui ao todo?"

"Ter ela contra nós", disse Myrnin. "E acredite em mim, querida, você não gostaria que isso acontecesse."

Até ao momento em que fizeram o caminho para fora da caverna de Ada, era noite - completa, escura.

Que era um problema.

"Nós não podemos andar," ela para disse Myrnin, por cerca de milhões de vezes. "Não é seguro lá fora. Você realmente não entende!"

"Claro que eu entendi", disse ele. "Há uma vampiros rondando no escuro. Muito assustador. Estou muito preocupado em minhas sandálias de praia. Vamos lá, anime-se, garota. Eu vou te proteger." E depois ele agiu como uma aberração, que fez Claire não se sentir muito tranquilizada. Ela não confiava nele. Ele estava começando a ficar nervoso, maníaco o que ela temia, e ele continuou insistindo que ele não podia tomar o soro ainda, ou mesmo as pílulas, os cristais vermelhos que Claire mantinha em uma garrafa em sua mochila.

Passado um certo ponto, Myrnin estava louco o suficiente para que ele soasse normal. Isso foi quando tudo ficou muito, muito perigoso para ele.

"Poderíamos usar o portal", disse Claire. Myrnin, a meio caminho subindo as escadas, não fez pausa.

"Não, nós não podemos", disse ele. "Não a partir deste recinto. Eu tive de fechá-lo. Não quero ninguém vindo aqui. Eles vão estragar o meu trabalho."

Claire deu um olhar em torno dos destroços – vidro quebrado, os livros retalhados, as trincas de mobiliário. Em sua opinião, não havia mais nada para os vândalos destruir, e mesmo se houvesse, a impermeabilização até o portal não iria impedi-los, pois só ela inconveniente (e Myrnin) ficavam aqui.

Só... Talvez isso era o que ele pretendia. "E sobre a entrada da caverna?" Ela perguntou. Ele bateu os dedos como se ele tivesse esquecido tudo sobre isso.

"Excelente ponto."

Myrnin arrastou a maior, mais pesada mesa, até o topo, e cobriu com ela o buraco que ele tinha feito no chão. Então ele tirou mãos de vidros quebrados e espalhou por todos os lados.

"Porque deslocar a mesa?" Ela perguntou.

"Então, eles poderão encontrar Ada, e, provavelmente, ela irá comê-los", disse ele alegremente. "Falando de que, eu realmente preciso encontrar algum almoço. Não é você, querida."

Claire teria sido mais feliz se ele tivesse alguma forma mágica para consertá-lo, mas ela supôs que teria que fazer. Parecia que os bandidos tinham revirado o lugar muitas vezes, de qualquer maneira, eles provavelmente não estariam de volta e com vontade de redecorar.

Claire abriu sua mochila. Na parte inferior, em sacos soltos, estavam duas estacas afiadas de madeira. Ela tirou uma para fora e ela escorregou para seu bolso. Ela não mataria um vampiro, por si só, mas ficaria paralisado até que fosse removido... e que seria suficiente para enfraquecer e tentar matá-lo por outros meios.

Se problemas viessem, mesmo se fosse o próprio Myrnin – ela queria ser capaz de conseguir se manter viva.

Myrnin artisticamente ajeitava mais alguns vidros quebrados. "Não", disse Myrnin, e apoiado pelas escadas para fora outra vez. "O que você acha?"

"Fabuloso". Ela suspirou. "Brilhante trabalho de camuflagem".

"Normalmente, eu adicionaria um cadáver", disse ele, "só para manter as pessoas com medo. Mas isso pode ser bom o suficiente."

"Sim, é isso... suficientemente bom", disse ela. "Podemos ir agora?" Antes dele decidir que colocar um cadáver fosse uma boa idéia.

Enquanto ela seguia Myrnin para fora da barraca que cobria a entrada da sua caverna, ele teve tempo para fechar com cuidado e trancar o cadeado da porta. O que era realmente ridículo, porque Claire poderia ter chutado através dos podres na porta, e ela não era exatamente a menina-Hulk.

Claire puxou seu telefone para fora e abriu, para procurar o número de Eve.

Myrnin bateu para fora de sua mão direita, para cima no ar como uma bola que saltava, e apanhou-o com facilidade. Ele grunhia, todos os dentes afiados em ângulos loucos, e colocou o telefone no bolso seu casaco.

"Agora, agora," ele chiou para ela. "Onde está o seu senso de aventura?"

"Desligado em uma praia em algum lugar com a sua sanidade mental? Nós não podemos fazer isso. Você sabe o que acontece nas ruas à noite."

"Eu não posso ajudar nisso. Preciso de ar e, além disso, o passeio a pé é muito saudável para o homem, você sabe." Com isso, Myrnin olhou para ela e começou a andar, para o estreito beco no escuro. Claire ficou parada por um segundo e, em seguida, apressada, seguiu atrás dele, porque ficar para trás não era uma fantástica escolha. Na sua direita, feita de madeira, ela viu a escura Day House. Estava abandonada nos dias de hoje. Vovó Day tinha ido embora, temporariamente, e sua neta tinha ido esconder-se - provavelmente era uma boa, considerando que ela tinha atirado com sua gangue as forças anti-vampiras na cidade, e que não tinha saído bem para ninguém.

Claire parou por um segundo, olhando para as janelas apagadas da casa. Ela podia jurar pela luz do frio da estrela⁸ que ela tinha visto uma dessas cortinas brancas de renda mover. "Myrnin", disse ela. "Há alguém aí dentro?"

"Muito provável." Ele não parou. "As pessoas estão se escondendo em dezenas de lugares por toda a Morganville, esperando."

"Esperando o quê?"

"Deus a descer do alto e guardá-las? Quem sabe?"

⁸ Não entendi muito bem, mas acredito que seja tipo quando a gente fala – juro por tudo que é mais sagrado, ou coisa desse tipo.

Do outro lado da cerca, Claire ouviu um desmaio, respiração apressada. Ela deu uma parada, olhando para Myrnin, que parou e olhou para a cerca, sacudiu a cabeça, e concordou. Ele se mexeu.

Mas Claire estava convencida do que existia do outro lado da cerca dos Days estava observando eles agora, e quando eles chegassem ao final da cerca... *Ruim. Isso vai ser ruim.*

"Myrnin, talvez devêssemos chamar alguém. Você sabe, conseguir um táxi. Ou Eve, que poderíamos chamar Eve -"

Myrnin virou para ela.

Aconteceu rápido, tão rápido, e ela quase não teve tempo de sobressalto e enquanto ele veio vindo para ela, um borrão branco na velocidade da luz. Houve um som de impacto forte, de queda, e então tudo correu um pouco suave nas bordas.

Myrnin estava esticado em cima dela, e como o mundo parou de respirar, ela percebeu que ela estava de costas para o chão. "Saí fora!" Ela gritou, e bateu em seu peito com ambos os punhos. "Fora!"

Ele colocou suas mãos sobre a sua boca e sinalizou com seus dedos para que ela ficasse quieta. Ela não podia ver o rosto dele nas sombras, mas ela viu o gesto, e isso fez o pânico dela mudar de – *Oh! Meu Deus, Myrnin estava vindo para me morder* para *Oh! Meu Deus, Myrnin está tentando me salvar.*

Myrnin moveu sua cabeça devagar, tão devagar quanto era provável para ele, e ela o ouviu sussurrar, "Não se mova, fique aqui."

Então ele tinha ido, apenas isso. Enquanto se podia ouvir um barulho de tempo em tempo, também era possível ouvir o silêncio vindo das sombras para onde ele tinha ido.

Claire mexeu sua cabeça apenas um pouco para olhar em volta, mas ela não viu nada. Apenas o beco, a cerca, o céu acima de sua cabeça com nuvens pesadas que as vezes mostravam as estrelas.

E as sandálias de Myrnin, as quais ele tinha deixado, largadas e abandonadas no chão.

De repente, do outro lado da cerca veio um estranho barulho, e alguma coisa bateu contra a madeira com tanta força que lascas caíram. Claire rolou sobre seu corpo, coração pulando, e estava segurando sua estaca na mão com força. *Engraçado, eu não pensei em usar isso em Myrnin...* Talvez, ela soubesse, bem no fundo, que ele estava atuando para proteger ela.

Ela esperou. Ela esperava que não pudesse ver a verdade nele. Porque essa verdade poderia eventualmente matá-la.

O que quer que estivesse acontecendo do outro lado da cerca, era ruim. Soava como brigas de tigres, sons de lobos atrás de algo e som de corpos caindo em algum canto, e um pedaço da cerca quebrou novamente, e uma mão branca – não a de Myrnin, a de uma mulher – balançava no ar.

Procurando por Claire.

"Minha mente está mudando", Myrnin disse. Ele parecia normal. "Levante-se e corra, Claire. Eu te alcançarei. Isso irá levar algum tempo."

Ela não esperou. Ela pegou sua mochila e correu para a saída do beco, onde se abria para o cul-de-sac* perto da Day House.

*rua sem saída.

Um carro de vampiro estava parado ali, portas abertas, chaves na ignição. Ninguém em volta.

Claire hesitou, olhou dentro. Pelo vidro acima do painel, ela não poder ver muita coisa, escuro, principalmente. Ela não pensou se havia algum corpo dentro, se virou para atrás dela. Ela procurou dentro e acendeu a luz externa da frente, então olhava em volta com a estaca nas mãos, esquadrinhando a área o tanto quanto fosse possível. (O que, ela tinha de admitir, provavelmente não estava intimidando ninguém.)

Felizmente, nada saltou sobre ela do banco de trás.

Claire sentou no banco do motorista, jogou sua mochila no chão do banco do passageiro, e bateu a porta. Ela observava a sua volta, com pesar, e gritava, “Myrnin! Vamos lá!”

Era um risco. Existia a possibilidade de quem ganhasse a briga voltasse, e talvez não fosse Myrnin que abrisse a porta do carro, mas ela tinha de tentar. Ele brigava com algum vampiro – mais de um, ela pensou – para salvar a vida dela. A última coisa que ela ia fazer era esperar por ele ao invés de correr e deixá-lo para trás.

Era impossível ver através da janela pintada. Claire contou até dez, devagar e pausadamente, e suspirou no sete antes de ouvir um casual barulho na janela do passageiro. Ela pulou, assustada, e procurou a maçaneta para baixar a janela.

Myrnin estava ali e sorria para ela. “Querida dama, posso ir com você em sua carruagem?”

“Deus – entre!” Ele parecia... confuso. Mais do que o normal, de qualquer forma; seu casaco estava rasgado em algumas partes, ele tinha sangue em seu rosto, e seus olhos eram selvagens, confusamente vermelhos. Enquanto ele deslizava para o assento do passageiro, ela sentiu algo vindo dele – sangue fresco de vampiro. Pelo vidro, ela observou traços disso em sua boca e mãos. “Quem era?”

“Não sei”. Myrnin disse, e bocejou. Suas presas voltavam devagar. “Alguém que Bishop mandou para me espionar, sem dúvida. Ela não voltará para fazer um relatório. Infelizmente, seu companheiro foi mais rápido que eu. E também mais assustado.

Ele era tão casual a respeito disso. Claire assustada, certificou que todas as portas estivessem trancadas e fechou as janelas, e então percebeu que não podia ver nada na frente dela. Claro. Era um tipo de sedan na edição vampírica. Nada de humanos.

Myrnin sinalizou. “Por favor, permita-me.”

“Você tem alguma idéia de como se dirige um carro?”

“Eu sou um aluno que aprende muito depressa.”

De fato, ele não era.

Myrnin deixou Claire na casa de seus pais, jogou o celular dela pela janela para ela, e saiu batendo em cercas, subindo em caixas de correios abandonadas. Ele parecia estar se

divertindo enquanto dirigia. O que era terrível para ela, mas ele era oficialmente um problema para a polícia de Morganville e não dela.

O cansaço do dia caiu sobre ela enquanto ela destrancava a porta da frente, e tudo o que ela queria era cair no sofá da sala e dormir, mas ela cheirava a sujeira, velhos ossos, e outras coisas que ela realmente não queria saber. Banho. Mamãe e papai estavam na cama, ela achava; a porta deles estava fechada no topo das escadas. Ela passou o mais longe possível, em direção ao final do corredor, jogou sua mochila na cama, e pegou um velho pijama de algodão antes de ir para o banheiro.

Um déjà vu atingiu ela enquanto ela trancava a porta e abria a água. A casa do Fundador de papai e mamãe possuía o mesmo layout da Glass House – a qual parecia mais lar, mesmo que ela tivesse estado nas duas pela mesma quantidade de tempo. Mesmo móveis e pavimentação. Apenas na de mamãe – ela aprovava cortinas no banheiro e as tolhas eram diferentes. Eu quero voltar. Claire sentou no assento da privada e deixou a tristeza sair. Eu quero voltar para os meus amigos. Quero ver o Shane. Quero que tudo isso pare.

Não que nenhum gênio fosse lhe conceder desejos, infelizmente. E chorar não tornaria mais fácil, no final.

Após uma longa, ducha quente, ela se sentiu um pouco melhor - mais limpa, de qualquer maneira, e agradavelmente cansada. Claire utilizou o secador em seus cabelos até se tornar uma massa seca – eles estavam compridos agora, e batiam no ombro quando ela os penteava. Os olhos dela pareciam um pouco desfocados. Ela precisava dormir, e ter cerca de um mês sem que ninguém tentasse matá-la. Depois disso, ela podia lidar com todo o caos novamente. Provavelmente.

Ela tocou a delicada cruz que Shane tinha dado ela, e pensou nele preso em uma jaula no meio da cidade. Amelie tinha feito uma promessa a ela, mas isso tinha sido em épocas e tempos específicos; ela também não tinha realmente prometido que Shane ficaria livre, apenas evitar que ele seja executado.

Claire ainda pensava nisso, quando ela ligou as luzes em seu quarto e encontrou Michael sentado na cama.

"Ei!" Ela protestou, e agarrou um fofo roupão rosa na parte de trás de sua própria porta para cobrir-se, subitamente conscientes de quão fina era a camisola dela. "O que você está fazendo?" Após o primeiro surto de constrangimento, porém, ela sentiu uma forte onda de alegria. Ela não tinha visto Michael - não por sua própria vontade, longe do Bishop – desde o terrível dia que tudo tinha ido mal para todos eles.

Enquanto ela estava parada com o roupão, ele se levantou, segurando as duas mãos em uma grande espécie de educação à la Michael, numa tentativa de acalmar. "Espere! Eu não sou quem você pensa que sou. Não estou aqui para machucar você, Claire. Por favor, acredite em mim."

Ah. Ele pensou que ela ainda acreditava que ele era o bicho de estimação de Bishop. "Sim, você está trabalhando para Amelie, não é do mal, eu entendi. Isso não significa que você pode aparecer sem aviso quando eu estou de camisola!"

Michael lhe deu um sorriso de alívio absoluto e abandonou suas mãos. Ele parecia tão mais alto que ela, e quando ele abriu os braços, ela apenas voou em seu abraço. Ela chegou quase até o queixo. Ele era um vampiro, então não houve qualquer sensação de calor de seu corpo, mas havia conforto, real e forte.

Michael em sua própria pessoa. Sempre.

Havia um verdadeiro amor nele. Ela podia sentir.

"Ei, garota", disse ele, e abraçou-a com cuidado e bem consciente de sua força. "Está bem?"

"Eu estou bem, e cara, quero todo mundo pare de perguntar isso", disse ela, e indo para trás para olhar para ele. "O que você está fazendo aqui?"

Michael assumiu a cara de linha dura, e ele se sentou na cama novamente. Claire subiu junto com ele, sentia sua felicidade transbordando. Ela pegou um travesseiro e abraçou ele insistentemente. Ela precisava de algo para fazer.

"Bishop enviou-me para executar um de seus recados", disse ele. "Ele ainda acha que eu sou um de seus pouco bons soldados. Pelo menos, espero que ele pense. Esta é provavelmente a sua idéia de um teste."

"Mandou você para fazer o quê?"

"Você não quer saber." Claramente, algo que Michael odiava. Seus olhos azuis eram sombras, e ele não parecia querer olhar para ela diretamente. "As coisas estão ficando muito perigosas para você estar no meio disso. Prometa-me que não irá voltar para Bishop. Nem sequer se ele usar a tatuagem para fazer você ir. Fique longe dele. Se algeme em alguma grade se você tiver que fazer, mas não volte."

"Mas,"

"Claire." Ele tomou a sua mão e apertou-a. "Confie em mim. Por favor. Você tem que ficar aqui. Fique segura."

Ela concordou fragilmente, de repente ela teve mais medo do que tinha sentido o dia todo. "Você sabe de uma coisa. Você ouviu alguma coisa".

"Não é tão simples assim", disse Michael. "É mais do que um sentimento. Bishop está ficando entediado, e quando ele fica aborrecido com alguma coisa... ela rompe."

"Quer dizer?"

"Quero dizer Morganville", disse ele. "Eu quero dizer tudo. Toda as pessoas. Você é apenas uma tarefa fácil, alvo óbvio."

Claire engoliu seco. "Mas você... você está bem, certo?"

"Sim". Ele suspirou e passou a mão em seus cabelos loiros cacheados. "Eu vou estar melhor. Não tenho muita escolha mais. Não se preocupe comigo - se eu preciso sair, vou. Eu estou apenas tentando ficar com ela enquanto eu posso."

Claire odiava a tristeza dele, e da raiva, e ela desejava que ela pudesse dizer alguma coisa para fazer ele se sentir melhor. Qualquer coisa.

Espera – tinha algo. "Eu vi Eve".

Isso teve uma resposta imediata nele, levantou a cabeça, e os seus olhos azuis se ampliaram. "Como ela está?" Havia tanta emoção por trás da pergunta que fez tremer Claire.

"Ela está bem", disse Claire, o que não era exatamente verdade. "Ela está, uh, uma espécie de chateada, na verdade. Tive de lhe dizer. Sobre você não pode ser realmente mau."

Michael suspirou e fechou os olhos por um instante. "Não estou certo de que foi uma boa idéia."

"Será se você vê-la hoje a noite e contar... assim, que seja. Oh, mas esteja atento. Ela parece a Buffy⁹ com todas as estacas e outras coisas."

"Soa como algo que ela faria, tudo bem." Michael estava sorrindo agora, mais feliz do que tinha visto ele em meses. "Se der vou tentar vê-la. Obrigado."

"Você é bem-vindo." Ela não estava certa sobre o que mais a dizer, mas ela estava cansada de não dizer a verdade. "Ela realmente ama você, você sabe. Ela sempre amou."

Ele se sentou durante alguns segundos em silêncio e, em seguida, sacudiu a cabeça. "É melhor deixar você descansar", disse ele. "Lembre o que eu disse. Fique aqui. Não volte para Bishop."

"Sim-sim, Capitão." Ela bateu continência para ele. "Ei. Senti saudades, Garoto vampiro".

"Você Tem passado muito tempo com Eve."

"Não muito. Não recentemente, de qualquer maneira." E ela estava triste com isso.

"Eu sei", disse ele, e beijou as costas da mão. "Nós vamos corrigir. Durma um pouco."

"Boa noite", disse ela, e o viu caminhar em direção à porta. "Ei. Como você chegou?"

Ele agitou seus dedos para ela em um assustador passe de mágica. "Sou um vampiro. Eu tenho poderes secretos", disse ele com um falso sotaque da Transilvânia, parando para dizer: "Na verdade, a sua mãe me deixou entrar."

"Sério? Minha mãe? Deixou você entrar no meu quarto? No meio da noite?"

Ele concordou. "Mãe gosta de mim."

Ele lhe deu um sorriso estilo Hollywood, e escorregou para fora da porta.

Claire entrou para as cobertas e, pela primeira vez toda a noite, sentiu que era seguro dormir.

De manhã cedo – não tão cedo - Claire encontrou cereal e suco esperando por ela, juntamente com uma nota da sua mãe que ela tinha ido fazer compras, e que ela esperava Claire ficasse em casa hoje. Era o mesmo tipo de nota que sua mãe deixava a cada dia. Pelo menos, o "espero que você fique em casa" parte.

Claire pretendia, desta vez. Ela ia até que ela olhou para o seu calendário, e percebi que dia era, e que estava no círculo vermelho com pontos de exclamação multicoloridos à sua volta.

⁹ Buffy – A caça vampiros – seriado.

"Ah, merda!" Ela murmurou, e procurou em sua mochila, puxou para fora livros, cadernos, ela possuía muitas anotações, cheias de marcadores coloridos, e notas com mudança. Ela encontrou o caderno roxo, o que ela mantinha para as datas importantes.

Hoje era o exame final de física. Cinqüenta por cento da nota, e não fazer esse teste seria impossível em sua vida.

É apenas um teste. Michael disse –

Não era só um teste, era o seu mais importante exame final. E se ela não aparecesse nele, ela iria automaticamente para a prova final. Além disso, Michael tinha dito para não aparecer para Bishop - ele não disse nada sobre ir às aulas. Essa era sua vida normal.

Ela precisava ser normal agora.

Após o cereal e suco, Claire pegou a mochila e se expôs na fria manhã para a Universidade Prairie Texas. Foi uma curta caminhada de praticamente qualquer lugar de Morganville; a partir da casa de seus pais, o percurso ia por quatro quarteirões residenciais e, em seguida, ao centro de Morganville, e depois cerca de seis quarteirões de lojas. Caminhando à luz do dia mostrou o quanto Morganville tinha mudado desde que Sr. Bishop tinha aparecido: casas queimadas em cada bloco, com poucas tentativas de limpar ou reconstruir. Casas abandonadas, portas penduradas e janelas quebradas. Uma vez ela tinha ido a área empresarial, metade das lojas estavam fechadas, temporária ou permanentemente. O café de Oliver, Common Grounds, estava trancado e tranqüilo, com um sinal fechado, na janela escura.

Em todo o lado, havia um sentimento de que a cidade estava realizando uma respiração, fechando os olhos, tentando jogar fora seus problemas. As poucas pessoas que Claire viu tentando continuar com suas vidas normais, pareciam nervosos e distraídos, ou como se tratasse de colocar alguns falsos sorrisos e cara feliz. Foi assustador, e ela sentia um pouco aliviada quando ela passou pelo portão da universidade – aberta, como se fosse uma espécie de dia - regular e se juntou com as multidões de jovens que se deslocam ao redor do campus. A universidade não era enorme, mas ocupava uma grande área, com áreas de estacionamento e espaços vazios. Ela normalmente teria feito uma parada no Centro Universitário para um café, mas não havia tempo. Em vez disso, ela caminhou para o bloco de Ciências, navegando nas multidões para a sala de Química 101 e Introdução à Geologia. As aulas de física foram dados no final do corredor, e eles eram bem menos bem freqüentadas. TPU não era exatamente a MIT, a maioria dos alunos só queria receber suas principais aulas e se transferir para um lugar melhor. A maioria deles nunca teve uma única pista sobre a verdadeira natureza de Morganville, porque não saía campus – a TPU se orgulhava de seus serviços para os estudantes.

Naturalmente, havia também os estudantes locais, destinados a permanecer em Morganville por toda a sua vida. Até há poucos meses, ela poderia identificar as pessoas, porque eles usavam pulseiras de identificação com símbolos estranhos sobre eles para identificar seu protetor vampiro. Só que o sistema tinha sido cancelado principalmente após a chegada de Bishop. Os vampiros já não eram Protetores, a maioria estava fora-e-sem predadores. Não há mais bancos de sangue, pelo menos para aqueles leais a Bishop, que eram todos a favor da caça.

Caçar pessoas.

Até agora, Bishop tinha visto com sabedoria manter a sua caça fora do campus da TPU; afinal, as crianças aqui ajudavam a financiar a cidade e manter a economia rodando. A maioria delas

permanecia no campus, onde eles tinham tudo que precisavam exceto a ocasional viagem a uma loja ou um bar – eles não sabiam muito, e nem queriam saber - de Morganville. Morganville não oferecia muito entretenimento, quando você ia atrás disso. Mesmo as lojas eram aborrecidas.

Se ele começasse a deixar os vampiros caçarem os estudantes, ela iria ficar muito, muito mau. Claire não podia sequer imaginar como o frágil sistema de Morganville poderia sobreviver com uma exposição como essa, a imprensa iria aparecer. O governo. Nem mesmo Amelie poderia manter sob controle os tipos de condições, e a Bishop não incomoda mesmo de tentar.

Olhando em volta, Claire podia pensar que era precária, e como tudo era muito óbvio.

Claire sentou em seu lugar habitual na classe de física, dois minutos mais cedo. Tinha apenas cerca de dez outras pessoas que freqüentam agora; Eles eram cerca de vinte, mas muitos haviam caído fora, e de todos aqueles que estavam ali, ela pensou que era a única com um sólido A. Como na maior parte das suas aulas, ninguém fez contato visual. A menos que você tivesse amigos quando você veio para TPU, você não fazia-os casualmente.

O professor de Claire não deu aula, mas o seu assistente fez, um nativo de Morganville chamado Sanaj com cerca de vinte e dois anos, quem entregou os testes selados aos estudantes, mas disse para não abrir ainda. Claire mexia sua caneta sobre o teste impacientemente, à espera da vez. Ela esperava que isso fosse rápido afinal, ela dominou a maior parte dos princípios básicos desta classe nas duas primeiras semanas. Se ela fosse rápido o suficiente, ela poderia ser capaz de agarrar um café, dizer Olá a Eve, e começar a saber sobre Michael e sua visita. Ela estava louca para ouvir tudo sobre isso.

A porta no fundo da sala se abriu e, em parada estava Monica Morrell.

Claire não tinha visto o seu arquiinimigo muito ultimamente, mas que tinha sido principalmente boa sorte em parte. Monica tinha sido altamente visível em lugar de destaque no funeral do seu pai e, em seguida, tendo o seu papel como a Primeira Irmã* o que era uma desculpa para qualquer tipo de comportamento louco que ela quisesse experimentar. A maioria das pessoas na cidade pareciam gastas, cansadas, e preocupadas, incluindo o próprio irmão de Monica, o prefeito, não Monica, apesar de tudo. Ela parecia que ela estava profundamente desfrutando estes dias. Ela passou por um mau bocado, depois de perder o seu lugar com Oliver de 'a menina', mas vergonha era algo que nunca pareceu ruim, não com ela.

Monica caminhou lentamente. Ela foi o centro das atenções e amando cada minuto. Ela estava deixando o loiro sair novamente; Claire pensou se a nova cor parecia melhor, de qualquer modo, mas ela duvidou que isso mudasse. Monica mudou o cabelo dela do jeito que ela mudava sua roupa, de acordo com o humor e tendência.

Aparentemente, pensando, ela tinha deixado o cabelo crescer, longo e lustroso, e estava escuro, um belo castanho. Sua maquiagem – claro – perfeita, num rosto perfeito onde seu nariz empinado mostrava toda a sua arrogância em seu belo sorriso. Claire vestia jeans e uma camisa de um número bem maior; Monica vestia um belo vestido, algo ao estilo de Hollywood ao invés de Morganville, e incríveis saltos magenta que Claire estava certa que foram comprados via internet – nenhuma loja da cidade possuía aquilo. Em resumo, ela parecia perfeita, maravilhosa e absolutamente no comando dela mesma e de todos a sua volta.

Atrás dela suas guardas-costas, Gina e Jennifer. Elas pareciam bem, mas não tanto quanto Monica. Isso era como as coisas funcionavam: as backvocals nunca brilhavam tanto quanto a estrela principal.

Sanaj parou a entrega dos testes na classe, olhando para as provas em suas mãos e depois para Monica e suas groupies¹⁰. “Senhorita?”, ele perguntou. “Posso ajudá-la?”

“Sem dúvida”, Monica murmurou. “Não estou aqui por você”. Seus olhos caíram sobre Claire, e ela sorriu. Ela fez um pequeno gesto de venha aqui.

Claire calmamente se ajeitou, erguendo as costas. Monica observou, ajeitando seus lábios cheios de gloss rosa. “Não faça desse jeito, Claire”, ela disse. “Seria vergonhoso se alguma coisa acontecesse com essas pessoas legais.”

O assistente parecia honestamente chocado e ofendido. “Me desculpe; você está ameaçando meus estudantes?”

Monica rolou seus olhos. “Olha, idiota, apenas sente e cale a boca. Isso não tem nada a ver com vocês. Se acha que temos um problema, eu ligo para meu novo amigo. Talvez você conheça ele?” Ela puxou seu telefone e começou a discar. “Sr. Bishop?”

Sanaj observava os dois últimos testes em suas mãos e olhou para Claire suplicantemente. “Talvez seja melhor você conversar com sua amiga lá fora”, ele disse. “Para não atrapalhar os outros estudantes.”

“Mas eu estou fazendo prova!”

Monica começou a rediscagem devagar. Sanaj ficou pálido, observando ela – ele era claramente um dos que tinham medo das coisas. “Não”, ele disse, e pegou o teste de Claire da mesa. “Me desculpe. Você pode fazer o teste quando você terminar com elas. Por favor vá!”

“Mas-“

“Vá agora!”

Os outros estudantes tinham suas cabeças abaixadas, eles pensavam se deviam ser simpáticos, assustados ou com raiva de Claire. Ninguém se levantou por ela.

Claire abaixou sua caneta, olhou para Sanaj em seus olhos, e disse, “Guarde meu teste. Eu volto.”

Ele concordou e se voltou para turma.

Ela andou para encontrar Monica na porta.

“Bem, isso foi fácil”, Monica disse, e fechou seu celular. “hey, perdedora. Como foi a guerra? Oh, sim, você perdeu.”

“O que você quer?” Claire estava determinada a terminar isso rápido. Ela não estava interessada em lutar, ou se rebaixar, ou até mesmo o sarcasmo. Monica sorriu para ela e colocou seu telefone em sua pequena bolsa.

“Ande comigo”, ela disse. “Vamos sair daqui”.

¹⁰ Aquelas meninas que seguem as bandas.

Claire resistiu a fazer o estilo piada de Eve sobre os sapatos de Monica, e a seguiu silenciosamente para fora da sala. Gina e Jennifer cobriam a retaguarda.

Fora, o corredor parecia deserto, exceto por uns poucos estudantes que corriam atrasados para suas aulas. Monica parou no canto numa área com cadeiras e mesas de estudo. Ela se sentou, mostrando suas pernas perfeitas.

Ela parecia uma rainha no trono. Instantaneamente, parada de frente para ela como um bandido que estava a espera do julgamento, Claire se moveu para um assento e se sentou. O sorriso de Monica se ampliou. “Ótimo”, Claire disse. “Você me têm. E agora? Ficaremos aqui até que minhas atitudes mudem?”

“Sem papo furado”, Monica disse. “Não estou no clima. O que você fez com meu irmão?”

“Seu...” Claire se levantou lentamente. “Richard? O que aconteceu com ele?”

“Sério que você não sabe? Por favor. Ele está desaparecido. Ele desapareceu logo após falar com você – saiu pela porta e nunca voltou. Eu sei que é algo que você disse a ele. Me diga o que vocês conversaram.” Seus olhos se cravaram no silêncio de Claire. “Não me faça pedir por favor.”

Claire tentou se levantar. Gina, atrás dela, colocou a mão em seus ombros e a forçou a se sentar.

Jennifer se moveu para o outro lado e mostrou uma pequena faca.

“Me diga”, Monica disse, “ou eu prometo, que isso terminará mal. E somente para você.”

Claire se sentiu enojada, fria de medo. Na verdade, ela podia gritar, mas aqui era Morganville. Ela tinha certeza de que ninguém iria aparecer. E além disso, Monica – quem tinha sido uma pária – estava de volta em seu usual brilhante, estilo predatório novamente. Bishop tinha entrevistado ela e fez uma nova amiga. Claire queria saber se ele se sentia enjoado das coisas, e se divertindo com elas, também. Mas ele nunca deu à ela seu selo de aprovação e mandava ela para fora como algo divertido, enquanto Monica tinha sido aceita e mandada para machucar qualquer um com quem ela não fosse com a cara.

Algumas pessoas não tinham essa sorte, o que fazia de Claire uma pessoa sortuda.

“Eu fui até Richard para pedir um favor”, Claire disse tão calma quanto ela pôde. “Ele tentou me ajudar, mas ele não pôde. Então eu sai. Fim. E pelo que eu saiba, ele teve um dia normal; eu não vi nada nem ninguém estranho nas redondezas. Isso é tudo que eu sei.”

“Que tipo de favor você pediu?” Monica perguntou. Pelo canto dos olhos ela viu o brilho da faca nas mãos de Jennifer. “Deixe-me adivinhar. O favor era resgatar seu namorado perdedor?”

Claire não respondeu. Na verdade isso não seguiria por um bom caminho. Monica sorriu, mas não era o tipo de sorriso confortador.

“Então meu irmão segue você enquanto você pede que ele use sua influencia para libertar seu namorado marginal, e você faz ele desaparecer”, ela disse. “Ótimo. Eu acho que você como a próxima prefeita seria uma grande idiota e deixar ter o que você quer.”

Claire deu um profundo suspiro. “Porque eu pensaria nisso? Desde que aparentemente a prefeitura é um negócio de família em Morganville, e você seria a próxima da lista. Oh, eu vejo o seu ponto. Você é definitivamente uma grande idiota.”

“Oh, ela está pedindo por isso”, Gina disse, e pressionou cruelmente a faca nos ombros de Claire. “Corte ela, Jen. Dê a ela algo para pensar.”

“Eu falo sério! Por que eu pensaria que um novo prefeito pode me ajudar mais do que Richard? Olha, eu gosto do seu irmão. Eu gosto dele bem mais do que gosto de você. Por que eu faria algo para machucá-lo? Eu realmente faria algo a alguém que realmente poderia me ajudar?”

Monica não se moveu. Ela não disse nada. Jennifer pegou seu silêncio como um encorajamento, e colocou a ponta da faca na bochecha de Claire.

Isso estava quente. Claire parou de respirar.

“Se eu acreditasse a cada vez que alguém me dissesse isso nessa cidade...” Claire disse, e os lábios de Monica quase abriram um sorriso. “Vamos lá; você sabe que é verdade. Morganville. Venha para ter educação, fique pelo terrível drama.”

“Tente nascer aqui”, Monica disse.

“Eu sei. Não é fácil.” Claire olhou para Gina, que estava abaixada; Gina olhava para Monica espantada, e então se ajeitou e foi embora. Claire esticou seus ombros. Ela provavelmente teria dores mais tarde, se não contusões. “Como está a sua mãe?”

“Ela não... está, exatamente. Tem sido difícil”. Monica tinha diminuído um pouco. Não que elas não gostassem uma da outra, Claire pensava; Monica era valentona e uma vadia, e ela sentia que ela era mais do que todo mundo em sua volta. Mas nesses momentos quando Monica era apenas uma garota um pouco mais velha que Claire – alguém que tinha acabado de perder o pai, estava perdendo a mãe, e estava com medo de perder o irmão.

Então ela surpreendeu Claire perguntando, “Seus pais estão ok?”

“Eu não acho que ok seja a palavra certa, mas estão a salvo. Por agora, de qualquer maneira”. Claire pegou sua mochila. “Talvez eu possa ir terminar meu teste agora?”

Monica levantou uma sobrancelha. “Você quer fazer o teste? Sério? Eu estava te dando uma desculpa, você sabe. Eles deixariam você fazer o teste depois. Você provavelmente pode comprar as respostas.” Ela disse isso como se ela realmente não fizesse nenhum tipo de teste, nunca.

“Eu gosto de teste”, Claire disse. “Se não gostasse, porque eu ainda estaria em Morganville?”

Monica sorriu dessa vez. “Uau. Bom ponto. É tipo de passe ou falhe.”

O teste terminara (e ninguém tinha saído ainda), Claire se encaminhou para o Centro Universitário. Especialmente, ela se dirigia para o café, onde Eve estaria em suas horas de escravidão fazendo cafés para os estudantes. Estava mais cheio que o usual; com o Common Grounds ‘fechado para renovação’ (de acordo com o cartaz), mais estudantes ocupavam o lugar que o usual. Atrás das máquinas, Eve trabalhava em um concentrado silêncio, procurando cada pedido enquanto entregava o café a seus donos, mas quando ela disse, “Mocca”, e colocou o café na bancada, Claire tocou a sua mão.

“Hei”, ela disse.

Eve olhou para cima, paralisada e piscou por um segundo, como se estivesse tentando lembrar quem Claire era, e porque ela estava sentada em frente a ela interrompendo seu trabalho.

Então gritou, “Tim! Cinco minutos!”

“Não, você não pode!” Tim, que trabalhava no caixa, gritou de volta. “nada de cinco minutos. Eve!”

Era tarde demais. Enquanto Eve apontava o canto do café, ela passava por debaixo do balcão para encontrar Claire. Tim sinalizou e se encaminhou para onde as bebidas eram servidas enquanto elas seguiam.

“Um dia desses, ele vai colocar fogo em você por isso”, Claire disse.

“Não hoje. Muito ocupado. E ele esquecerá amanhã. Tim é uma espécie de peixe-dourado¹¹. Três segundos de memória.” Eve parecia relaxada. De fato, a respeito do fato que ela estava tipicamente vestida de gótica em vermelho e preto, com maquiagem branca e batom no tom sangue, Eve parecia quase... contente. “Obrigada.”

Claire tomava seu mocca, que estava muito bom. “Pelo quê?”

“Você sabe o quê.”

“Não, de verdade.”

O sorriso de Eve se ampliou. “Michael veio me ver.”

“Oh?” Claire jogou a mochila numa mesa vazia. “Conte.”

“Você é tão nova.”

“Dezessete feitos ontem.”

“Oh? Oh. Um... me desculpe.” Eve parecia profundamente chateada. “Eu... Feliz Aniversário. Cara, não acredito que esqueci disso. Bem, em minha defesa, eu estava com muita raiva de você.”

“Sim, eu percebi isso. Está tudo bem. Mas você me deve um bolo.”

“Devo?” Eve arrastou a cadeira da frente dela. “Ok. Eu provavelmente farei, acho.”

Claire deu um sorriso. “Eu espero. Tudo bem. O que aconteceu com Michael?”

“Oh, você sabe. O de sempre”. Eve traçou com as unhas pretas na mesa – aparentemente Martin + Mary = QUENTE , ou qualquer coisa do tipo. “Nós conversamos. Ele tocou guitarra para mim. Isso parecia... normal. Apesar de tudo.”

“E?”

¹¹ Na verdade é aquele peixinho do filme do Procurando Nemo, a peixinha q esquece tudo...rs

“Como se eu fosse te contar.”

Claire olhou para ela.

“Ok, eu vou te contar. Deus, não pire, ok?” Eve arrastou a cadeira para próximo dela. “bem. Nós nos beijamos por um tempo – eu fiz alguma menção sobre o beijo dele? Eu fiz, certo? – e...”

“E?”

“E eu não vou me transformar em banco de Sangue porque eu disse a você algumas pequenas sujas histórias sobre eu e Michael, senhorita ‘eu tenho dezessete’. Então, você imagine.” Eve brincou. “Você pode ser bem real se quiser.”

“Escrota”. Claire sinalizou.

Eve abriu a boca, então fechou sem dizer uma única palavra. Antes que qualquer uma delas pensasse na próxima coisa a dizer, sombras caíram na mesa.

Claire nunca tinha visto ele antes, mas ele tinha o típico look de garoto-legal-do-campus... uma gigantesca camisa preta que sobrava nos ombros, confortáveis jeans, um usual pacote de livros. Cabelo escuro, um estilo emo legal, e expressíveis olhos escuros por debaixo da franja.

“Oi”, ele disse, e trocou um pé pelo outro. “Umm, eu poderia...?” Ele apontou a cadeira vazia na mesa. Claire olhou em volta. Todas as mesas estavam lotadas.

“Você sabe de si mesmo”, Eve disse, e puxou a cadeira com seu pé. “Espero que você não seja alérgico a conversa de garotas.”

“Não de verdade. Eu tenho quatro irmãs”, ele disse. “Hei, eu sou o Dean. Dean Simms.” Quando ele estendeu sua mão para Eve para apertar, Claire automaticamente checkou seu pulso. Não era um nativo de Morganville; não tinha bracelete, e nenhum sinal de já ter tido um. Quem tinha usado os símbolos de Proteção ainda tinha as marcas.

“Eve Rosser”. Um sorriso formou no rosto de Eve, ela apontou para o outro lado da mesa. “Essa é Claire Danvers.”

“Hei”. Ele apertou a mão de Claire, também; ela pensou que isso era algo um pouco forçado, formal para ele. Ele parecia um pouco nervoso. “Desculpe por atrapalhar vocês. Eu apenas preciso de um lugar para ler minhas notas antes do meu teste.” Ele procurou algo em sua mochila e tirou um grande caderno de espiral, que tinha um belo desenho de carros na capa. Ele viu Claire olhando para isso, e ficou de bochechas vermelhas. “Aulas difíceis. Você deve estar chateada, certo?”

“certo”, ela disse. Ela tinha várias aulas difíceis – teste em todas elas – mas ela entendia. Ela se sentia tão chateada que tinha lido todos os livros de Shakespeare, e isso tinha acontecido quando ela era caloura no segundo grau. Mas ela nunca tinha sido uma fanática. “Belo desenho.”

“Obrigado”. Ele abriu o caderno, passou algumas páginas, uma clara caligrafia.

“Que aulas?” Eve perguntou. “Seu teste”.

“Um, história. História Mundial 101.”

Claire tinha tido facilidade naquela. “Parece que você vai precisar de todas as notas.”

Ele sorriu. Isso parecia estranho e nervoso, e ele dava uma olhada nas suas notas novamente. “Sim, eu anoto bastante quando estou nas aulas. Suponho que ajuda a memória, certo?”

“Ajuda?” Eve perguntou.

“Eu te digo depois do teste, eu acho”. Ele se focou em suas notas, parecendo mais desconfortável. Claire olhava para Eve, que lhe mandava pequenos sinais de tanto faz.

“Então”, ela disse. “Planos para hoje?”

“Aparentemente...” Claire não poderia falar nada em frente a um inocente espectador. “Bem, nada de verdade. Você sabia que Richard Morrell está desaparecido? Monica me perguntou se eu poderia procurar ele.”

“Volta. O quê?”

“Monica me perguntou –“

“Sim, isso eu entendi. Agora você faz favores para família Morrell? Amiga, é legal, e então isso se torna demais. Você não precisa fazer nenhum favor para Monica. O que ela já fez por você?”

“Por isso que se chama favor”, Claire apontou. “Não há score. Isso é algo que você faz antes de cobrar um.”

“Você está perguntando por isso. Fique fora de problemas, ok? Apenas descanse sua cabeça. Eu sei o que Michael te disse. Se Shane estivesse aqui, seria o que ele diria, também.”

Dean fazia uma ótima imitação de estudo, mas suas orelhas estavam se tornando rosas, e então, ele olhou para cima e sussurrou, “Sim, sobre isso. Eu sei sobre Shane”.

A conversa deu uma pausa. Dean olhou em volta e baixou ainda mais a voz. “Eu também sei sobre seu pai.”

“Oh Deus, por favor. Me diga que você não é um dos idiotas caçadores de vampiros de Frank Collins”. Eve sinalizou. “Porque se você é, cara, você terá uma vida curta. Compre algum tipo de seguro de vida hoje, e por favor, me faça sua beneficiária.”

“Não exatamente um caçador de vampiros, mas... Eu trabalho para Frank Collins, só.”

Eve olhou para Claire. “Eu penso que nós achamos uma boa escolha para substituir o Capitão Obvious”. Capitão Obvious tinha feito parte do secreto time de caçadores de vampiros quando Claire tinha chegado em Morganville; ele teve um fim muito óbvio. Obviamente morto.

“Porque ele será morto antes de ter sua primeira tarefa de matar um vampiro cara-a-cara?” Claire perguntou, assustada.

“Eu estava pensando em colocar nele uma camisa que diz, ‘Olá, meu nome é Dean e eu estou aqui para matar vocês, malvadas criaturas sanguessugas da noite’. Com uma seta apontando para seu pescoço dizendo, ‘Morda aqui’.”

Dean estava com sua atenção dividida entre a incredulidade e o óbvio da situação. “Ok, deixa eu começar de novo. Eu estou tentando achar onde Shane e seu pai estão. Alguma idéia?”

“Amiga”, Eve disse, e apontou para sua pessoa vestida no estilo cadavérico. “Namorada”. E as unhas negras iam para Claire. “Colegas de quarto”. O dedo incluía ambas. “Sim, nós sabemos. O que você sabe exatamente de Shane?”

“Eu... eu encontrei ele quando ele, sua mãe e seu pai estavam fugindo. Ele disse algo sobre isso?”

Ambas concordaram. A irmã de Shane tinha sido morta numa casa em chamas; a família Collins ganhou o esquecimento em resposta – eles foram embora de Morganville... com algum tipo de ajuda dos vampiros, porque é o único jeito de passar pelas barreiras se você tem as marcas de Proteção. Lá fora no mundo, as coisas não foram boas. Os pais de Shane ficaram doidos de um jeito especial e único: seu pai se tornou um frio, duro, caçador de vampiros bêbado, e a sua mãe se tornou uma depressiva, possível suicida bêbada, deixando Shane achar seu caminho da melhor maneira que ele pôde.

“Eu estava lá”, Dean disse. “Quando a sra Collins morreu. Eu digo, eu estava no hotel. Eu vi Shane após ele encontrar ela. Cara, ele estava totalmente ferrado.”

“Você estava lá?” Claire repetiu.

“Meu irmão estava fugindo com o pai dele, então sim. Eu estava. Eu e Shane éramos meio aéreos, porque nós estávamos em uma coisa sem saber o porque disso ter acontecido.”

“Espere um minuto. Shane nunca disse nada sobre ter voltado à Morganville com um amigo”, Eve disse.

“Sim, ele não disse. Porque ele não sabe que eu estou aqui. O sr Collins – pai de Shane – me mandou depois dele. Era suposto de eu estar aqui para ficar de olho nele, cobrir sua retaguarda”. Dean balançou a cabeça. “Exceto que nada foi do jeito que ele disse que seria. Eu não sabia se eu tinha de me esconder, então eu me matriculei na TPU porque me dava a desculpa para estar aqui. Mas eu meio que perdi o rastro dele umas semanas atrás.” Ele olhou para elas esperançosamente. “Então? O que eu tenho de fazer agora?”

Claire e Eve olharam para ele em silêncio por um momento, e então Eve disse, muito seria, “Olha. Nós sabemos de Frank Collins – sabe, odeia, o que quer que seja. E você precisa lembrar que ele é um velho mal perdedor. Você parece ser o tipo de criança doce. Pegue suas coisas e vá embora. Saia enquanto você pode.”

“Não era para ser assim”, Dean disse. “Era para ser fácil. Eu digo, os caras legais deviam vencer, você sabe? Os vampiros deviam morrer.”

“E então o quê, vocês caras destroem e tomam a cidade?” Claire comentou. “não é legal. E eu encontrei com o sr Collins. Não é uma boa idéia dar a ele a chave da cidade, também.”

Dean olhava para ela pensando que ela era louca. E isso fez ele dar um piti. “Contudo ele não é um vampiro.”

“Eles não são todos ruins”, Claire disse.

Por um segundo, ela pensou ter visto algo diferente enquanto Dean observava ela – o mesmo cara, o mesmo corte de cabelo, mas seus olhos eram selvagens. Não do jeito dos vampiros. Um selvagem esquisito.

Então ele piscou, e isso foi embora, e ela pensou que era apenas a sua imaginação. Você não pode ficar paranóica em Morganville, pensou, onde você poderia?

“Bem, isso é novo para mim,” Dean disse. Ele sorriu, e era um sorriso real. Um caloroso, e não de todo nervoso. “Eu sempre pensei que os sanguessugas tinham feito coisas ruins.”

“O que você sabe sobre vampiros poderia ser considerado um pingue-pongue,” Eve disse, irritada. “Tudo o que você sabe é o que você assistiu na TV enquanto crescia. Você realmente já encontrou um?”

Dean não respondeu isso, mas suas orelhas ficaram vermelhas e seu sorriso foi morrendo enquanto ele observava Eve. “Sim, bem, eu não vou colaborar dando desculpas para o que esses monstros fazem. Esse é o ponto. De qualquer forma – isso realmente não foi minha escolha. Eu vim porque Frank pediu, e eu não tinha nenhum lugar para ir. Meu irmão estava fugindo com Frank e ele era tudo o que eu tinha.”

Os olhos de Eve se ampliaram. “Então onde está o grande irmão assustador agora?”

“Morto”, ele disse calmamente. “Ele foi morto em batalha. Eu estou sozinho.”

Claire observou a mesa, de repente não estava mais interessada em seu mocca, não importa o quanto delicioso estivesse. A verdade era que alguns desses caras – os soldados, os que tinham vindo para Morganville com Frank Collins como sua tropa – bem, alguns deles não estavam exatamente bem, eles tinham morrido nas lutas ou estavam na prisão. Ela não sabia quem eles eram, não seus nomes. Até esse momento, eles figuravam na cabeça dela como os meninos de Frank Collins. Mas todos eles tinham nomes, amigos, vidas. Todos eles tinham famílias. Claire não sabia se o irmão de Dean era um dos musculosos bikers, mas isso não importava quanto Dean não soubesse dele.

Isso fez Claire lembrar um terrível real pesadelo chegando – Bishop convocando ela, dizendo que tinha decidido deixar Shane ir. Shane estava parado lá, sem se mover...

“Hei, Claire?” Eve encostou seus dedos no nariz de Claire, e Claire se assustou tanto que derrubou café na mesa. “Caramba, garota. Você viaja tanto, você poderia pensar numa carreira na NASA. Bem, nós concordamos que o sr Dean tem uma ótima desculpa para um caçador de vampiros, e ele deve nos ouvir se sabe o que é melhor para ele?”

“Exato”, Claire disse, mas Dean estava realmente parecendo extravagantemente teimoso.

“Eu não vou a nenhum lugar,” ele disse. “meu irmão queria que eu terminasse o que comecei. Eu falei para Frank Collins que eu estaria olhando por Shane. Eu vou ficar até saber que eles estão ok.”

“Tão doce, mas quanto exatamente você está olhando por ele, tem visto ele na prisão?” Eve disse. “Talvez você devesse olhar pela garota dele.” Ela indicou Claire.

As orelhas de Dean eram escarlates. “Não foi isso que eu quis dizer.”

Só que Claire tinha a sensação de que ele não tinha achado graça.

Ela evitou o olhar de Eve por mais alguns segundos, depois puxou seu celular e verificou a hora. Ela não tinha muito aonde ir, mas isso foi estava ficando desconfortável.

"Tenho de ir", disse ela, e agarrou sua mochila. Ela tinha cerca de todos os tempos de Dean.

Eve piscou. "Você quase não tocou a mocca!"

"Desculpe. Você bebe."

"Eu trabalho em um café. Não. Aqui, Dean. Para você."

A última coisa que ela viu antes encarar a multidão, indo para nenhum lugar em particular, foi Eve entregando à Dean a sua bebida, e conversando como velhos amigos.

Claire realmente não tinha muitas idéias sobre o que fazer no resto do dia, mas uma coisa ela não tinha intenção de fazer ir contra as instruções de Michael. De jeito nenhum ela ia a algum lugar perto do centro da cidade. Indo para casa, não tinha muito recurso, também, mas parecia que era a coisa segura a fazer. Enquanto ela andava, ela discou o número de Richard Morrell. Caiu na caixa postal. Ela tentou o novo chefe de polícia.

"Hannah Moisés, falando", disse a alegre, calma voz do outro lado.

"Ei, Hannah, é Claire. Você sabe, Claire Danvers?"

Hannah riu. Ela era uma das poucas pessoas que Claire conhecia em toda Morganville que não estava com medo de rir enquanto ela dizia isso. "Eu sei quem você é, Claire. Como está?"

"Bem." Isso era a verdade, Claire pensou, mas não de acordo com as normas de Morganville, talvez. "Qual é a sensação de estar no comando?"

"Eu gostaria de dizer bom, mas você sabe." Claire poderia quase ouvir um desanimo na voz da mulher mais velha. "Às vezes, é uma carreira confortante. Não tem de saber como a guerra está indo, só a lutar." Hannah era, em termos do mundo real, um soldado – ela tinha voltado do Afeganistão, há alguns meses, e ela era durona como um lutador como Claire poderia sequer imaginar, fora de ninjas estrelas de TV. Ela pode não tinha a fantasia de girar e chutar alto, mas ela poderia começar o trabalho em uma verdadeira luta.

Mesmo contra os vampiros.

Hannah finalmente disse, "penso que você não está me ligando porque se perdeu."

"Ah. Não... Eu só... Sabia Richard Morrell está desaparecido?"

"Sabendo de tudo", disse Hannah, sem uma mudança em todo o seu tom. "Nada para se preocupar. Deixe-me adivinhar, Monica colocou você nisso. Eu já disse a ela que está tudo ok."

"Eu não acho que ela acredita em você."

Na outra extremidade do telefone, Hannah provavelmente sorria. "Não me diga? Bem, ela é ruim, ela não é estúpida. Mas seu irmão é suficientemente seguro. Não se preocupe. Richard pode cuidar de si mesmo, sempre pôde."

"Está acontecendo alguma coisa? Algo que eu deveria saber? "Hannah não disse nada, e Claire sentiu uma ponta de vergonha. "certo. Esqueci-me. Estou usando no lado errado da equipe, certo?"

"Não é sua culpa", disse Hannah. "Você está seguindo ordens; você não se juntou. Mas não posso falar com você sobre estratégia, Claire. Você sabe disso."

"Eu sei". Claire suspirou. "Quem me dera... você sabe."

"Eu realmente sei. Você vai para casa, e fica lá. Entendeu?"

"Estou no caminho", prometeu Claire, e desligou.

Do outro lado da rua, empresas adjacentes estavam começando a fechar, mesmo que ainda fosse cedo. Ninguém gostava de ser capturado fora à noite, era inseguro durante o dia, mas era um inferno pior no crepúsculo, e depois.

Claire abrandou quando ela passou pelo Common Grounds. As persianas ainda estavam abaixadas, a porta estava fechada, mas havia algo... alguma coisa...

Ela atravessou a rua, não tenho certeza porque é que ela fez, e ficou lá por alguns segundos, olhando como um idiota a porta trancada.

Então ela ouviu o distinto, som metálico de uma chave, e em câmara lenta, a porta abriu apenas uma polegada. Nada, mas mostrou escuridão.

Eu não vou dizer, 'Olá, tem alguém aí', como uma estúpida, igual aos filmes, Claire pensou. Também, não vou entrar aí.

Eu realmente não vou.

A porta abriu outra polegada. Mais trevas. "Você tem que estar brincando," disse Claire. "Quão estúpido você realmente pensa que eu sou?"

Desta vez, a porta abriu mais. Parado nela, fugindo da luz havia alguém que ela conhecia: Theo Goldman, vampiro e médico.

"Me desculpe", disse ele. "Eu não poderia chegar a você. Vai fazer-me a honra...?"

Havia um monte de vampiros em Morganville que assustavam Claire, mas Theo não era um deles. Na verdade, ela gostava dele. Ela não culpava-o por tentar salvar a sua família, que incluía tanto os seres humanos e os vampiros. Ele havia feito o que ele tinha que fazer, e ela sabia que não tinha sido ruim qualquer motivações.

Claire caminhou para dentro. Theo trancou a porta e após ela. "Desta forma," ele disse. "Nós mantemos todas as luzes apagadas na frente, é claro. Aqui, permitam-me, minha cara. Eu sei que você não será capaz de ver o seu caminho."

Sua forte, gelada mão fechou em torno de seu braço como uma empresa, mas não dura aderência, e ele orientou-a através das trevas, zigzageando (ela assumiu) mesas e cadeiras. Quando ele a soltou, ela ouviu uma porta estreita atrás deles, e Theo disse, "Cubra seus olhos. Luzes vindo."

Ela fechou os olhos, e uma labareda de luminosidade avermelhada no interior das suas pálpebras. Quando ela olhou, Theo estava ajeitando a intensidade da luz de e se deslocando em direção ao grupo de pessoas sentadas na extremidade final da sala. Sua esposa de cabelos escuros levantou de sua cadeira, sorrindo; exceto pela sua pele pálida, ela não parecia muito com um vampiro, de verdade. Os filhos e netos de Theo, algumas fisicamente mais velhas que Claire, alguns mais jovens, sentados um grupo jogando cartas. No escuro, porque todos os que jogavam eram vampiros. Os seres humanos não estavam ali."

"Claire," Patience Goldman disse, e estendeu a sua mão. "Obrigado por ter vindo para dentro."

"Um... não há problema", disse ela. "Está tudo bem?" Não tinha sido por um tempo. Bishop tinha pensado em matar todos os Goldmans, ou fazê-los sair Morganville. Algo sobre serem judeus. Claire realmente não entendia toda a dinâmica da mesma, mas ela sabia que era uma velha raiva, e um muito antigo feudo.

"Sim, nós estamos bem", disse Theo. "Mas eu queria te dizer que iremos deixar Morganville esta noite."

"Você... o quê? Pensei que Bishop disse que podia ficar-"

"Oh, ele fez", disse Theo, e seu rosto gentilmente assumiu um olhar mais duro. "Promessas foram feitas. Nenhuma que eu acredite, claro. Não é pecado para um homem como ele quebrar uma promessa para um homem como eu, afinal, não sou melhor do que um humano para ele." Sua esposa fez um som de protesto, e Theo piscou. "Eu não significa que esteja falando de você, Claire. Você entende o que quero dizer."

"Sim". Bishop tinha carregado alguns de seus preconceitos humanos, um grande tinha a ver com uma antipatia ao povo judeu, então, talvez ele não olhasse para qualquer judeu vampiro como sendo diferentes, nada melhor do que meros seres humanos, que não eram verdadeiros para Bishop, de qualquer maneira. "Mas... Porquê me dizer? Você não pode confiar em mim, você sabe." Ela esfregou o braço sob a longa mangas da camisa, sentindo-se envergonhada de novo. "Eu não posso ajudá-lo. Se ele me perguntar, tenho de dizer sobre você."

Theo e sua mulher trocaram um olhar. "Na verdade," Patience disse, "você não precisa. Eu pensei que você sabia."

"Soubesse o quê?"

"Esta influência do encanto que ele usou em você está falhando." Patience se inclinou para frente. "Posso?"

Claire não tinha idéia do que ele pedia, mas, Paciência tinha posto suas brancas frias mãos, Claire hesitantemente evitada elas. Mrs. Goldman empurrou a manga da camisa até expor a tatuagem, olhando-a e, estudando-a.

"Bem"? Theo perguntou. "Pode dizer?"

"É definitivamente parece enfraquecida", disse a esposa. "É muito, é difícil de dizer, mas eu não penso que ele consiga obrigar a ela sem um grande esforço. Não mais."

Isso era novo para Claire. Boa notícia, na verdade. "Será que ele sabe o que estou pensando?"

"Ele nunca soube, minha cara," Patience disse, e estudou a sua mão antes de largá-la. "As habilidades do Sr. Bishop são muito poderosas. Ele simplesmente usa o nosso medo contra

nós, parecendo que está nos dominando." Ela concordou com seu marido. "Eu acho que ela pode seguramente fingir para ele, se ele olhar para ela."

"Espera o quê?" Claire perguntou.

O seu filho mais velho, Virgil, jogou para baixo um punhado de cartas e cruzou os braços. "Oh, basta dizer a ela", disse ele. "Eles querem levá-la conosco."

"O quê?"

"É o melhor", disse Theo rapidamente. "Podemos acompanhá-la com segurança para fora da cidade. Se você ficar, ele vai te matar, ou te transformar em vampiro para que ele possa te controlar melhor. Você simplesmente não tem opções aqui, minha querida. Nós só queremos ajudá-la, mas tem que ser agora. Hoje à noite. Não podemos esperar mais."

"Isso é... tipo de doce", disse Claire cuidadosamente, e mediu a distância entre onde ela ficava e a porta. Não que ela poderia fugir de um vampiro, muito menos seis. "Mas estou bem aqui. Além disso, eu realmente não posso sair agora. Shane-"

"Ah". Theo bateu os dedos, e seu sorriso assumiu uma espécie de inclinação nas bordas. "Sim, claro. O rapaz. Acontece que eu não esqueci do jovem Sr. Collins; Clarence e Minnie foram buscar para ele. Quando eles chegarem aqui, vamos ter certeza que ambos estão seguramente longe."

Os olhos de Claire se alargaram, e de repente ela não podia obter um suspiro. Seu coração começou a bater forte, em primeiro lugar como uma antecipação, então definitivamente de medo. "Você... você decidiu tirar Shane da prisão?"

"Chame de o nosso último bom ato de caridade", disse Theo. "Ou a nossa vingança sobre o Sr. Bishop, se quiser. De qualquer maneira, é um benefício para você, eu acho."

"Amelie sabe o que você está fazendo?"

A expressão de Theo se transformou em uma máscara assustadoramente branca. "Amelie considera melhor esconder-se nas sombras, enquanto pessoas morrem por sua falta de coragem. Não, ela não sabe. Se ela soubesse, ela iria, sem dúvida ter uma dúzia de razões por que isso é um erro."

Era um erro. Claire não poderia dizer porquê, mas ela sabia que, no fundo. "Ela me prometeu que iria cuidar dele", disse Claire. "Ela tem um plano, Theo. Você não deveria ter interferido."

"Os planos de Amelie estão sujeitos às suas próprias necessidades, e ela nunca se incomodou em me incluir", disse Theo. "Estou lhe oferecendo o menino e seu caminho para fora de Morganville. Agora. Hoje a noite. E você nunca precisa voltar aqui novamente. "

Não é tão simples. "Meus pais".

"Nós podemos levá-los com a gente também."

"Mas... Bishop pode nos encontrar", disse Claire. "Os vampiros encontraram a família de Shane, quando saíram da cidade antes. Eles mataram sua mãe."

"Shane e seu pai culpam os vampiros por aquilo que era apenas um desespero natural humano. A mãe de Shane tirou sua própria vida. Você vê, não? Claire?" Theo parecia querer

que ela concordasse, e ela não estava certa do porquê. Talvez ele duvide de si próprio. Quando ela não tinha, ele olhou desapontado. "Bem, é muito tarde agora, em qualquer caso. Podemos discutir isso com segurança, uma vez que estamos longe. Vamos ajudá-la a encontrar um lugar para ficarmos até que Bishop – e Amile – resolvam suas coisas e nos deixem em paz."

Um dos netos – o do meio, Claire não podia lembrar o seu nome - fez um som rude e jogou sua carta. "Vovô, nós queremos sair." As outras crianças tentaram fazer ele ficar quieto, mas ele se levantou. "Nós não! Nenhum de nós! Temos vidas aqui. Devemos parar de correr. Era seguro para nós. Agora você quer que a gente se mude de novo, começar de novo?"

"Jacob!" A mulher de Theo parecia chocada. "Não fale com o seu avô assim!"

"Nunca falou conosco. Você acredita que todos nós ainda somos crianças. Não somos, vó. Eu sei que você e vovó não pode aceitar que, eu sei que você não quer deixar a gente ir, mas nós podemos ter nossas próprias decisões."

Mrs. Goldman pareciam não saber o que dizer. Theo olhou muito ponderado e, em seguida, concordou. "Tudo bem. Estou ouvindo. Que decisão você quer?"

"Ficar aqui", disse Jacob. "Queremos ficar aqui." Ele olhou para baixo para seus irmãos e irmãs, todos concordando – alguns relutantemente, apesar de tudo. "Você pode ir se quiser, mas não estamos deixando Bishop nos expulsar. E não importa o que você diga, isso é o que você está fazendo. Você está apenas poupando-lhe o incômodo exílio para nós."

"Se exílio era o que eu estava preocupado, eu concordo com você. Não é."

"Você acha que ele vai tentar nos matar?" Jacob balançou a cabeça. "Não. Não é dos velhos tempos, vovô. Ninguém nos caçará aqui."

"Se eu tivesse aprendido alguma coisa na minha longa vida, é que alguém sempre nos caça", disse a mulher de Theo. "Agora sente, Jacob. O resto de vocês, sentem-se. Chega disso. Você está sendo rude na frente da nossa amiga."

Claire queria pedir desculpas, de alguma forma; Jacob atirou-lhe um olhar zangado, mas ele caiu de volta no seu lugar no chão, ombros caídos. Ela nunca pensou nisso, mas ela supostamente pensava que para um monte de vampiros Morganville era quase tão bom quanto poderia ser uma prisão - olhar por cima do ombro, à espera de ser descoberto. Não se preocupar criando raízes, fazer amizades, ter algum tipo de vida.

"Theo", disse a Sra. Goldman, e indicou em direção à porta por onde eles vêm "Eu ouvi dizer que alguém vem."

"Ela tem orelhas melhor do que eu", confessou Theo à Claire. "Fique aqui. Vou deixá-los entrar."

"Mas,"

"Fique aqui. Não há nada a temer. Você estará com o seu jovem homem em breve".

Ele saiu, fechando a porta atrás dele. Mrs. Goldman se encaminhou calmamente para falar com seus filhos e netos em uma baixa, urgente voz - a maneira urgente que as mães sempre falam com as crianças quando se tem visitas - e Claire não ficou sabendo perfeitamente o que ela deveria fazer. Se eles tivessem conseguido tirar Shane da prisão, bem, isso era bom, não?

Talvez não de acordo com os planos de Amelie, mas isso não se tornava uma coisa ruim. Não automaticamente.

Claire pegou seu telefone celular, e discou a Glass House. Sem resposta, pelo menos não nos primeiros três toques.

No quarto toque, ela pensou que ouviu alguém pegar, mas ele foi abafado por um grito de alerta do Mrs. Goldman atrás dela.

A porta fora aberta com força, e Theo veio voando, através, batendo em Claire e enviando-a ao chão. O telefone pulou para fora de suas mãos e caiu debaixo da sombra de uma antiga, cadeira estufada. Ela não podia respirar; O ombro de Theo tinha atingido ela no estômago, e como ela lutou para ter seus músculos trabalhando novamente, ela viu manchas pretas na borda de sua visão. Seu corpo inteiro parecia líquido e quente, e ela não tinha certeza do que aconteceu, exceto que era ruim...

Sra. Goldman passou pelo corpo abobadado de Claire e agarrou Theo, que estava tentando se manter direito. Ela puxou-o de volta para o canto, com as crianças, e presas a mostra na frente de todos eles, dentes brancos piscando enquanto ela enfrentava seus inimigos.

"Agora, não estaria fazendo isso", disse uma voz mel-escuro da porta na sombra. "Não há necessidade de violência, não é?" A luz capturou a face do vampiro, e Claire se sentia doente. Ysandre, o pequeno animal de estimação de Bishop. Ela estava vestida para negócios agora, em calças de couro preto e um casaco pesado de mangas longas com um capuz. Ela poderia ter sido desenhada em preto e branco, com exceção de uma barra de cor vermelha que era a sua boca. "Tem alguma coisa para você, senhora."

Ela ficou de lado, duas pessoas agarradas pelos cabelos, e sendo jogados no interior. Eram os outros filhos do Goldmans, Clarence e Minnie. Vampiros não pareciam freqüentemente espancados, mas esses dois foram, e Claire sentiu um pouco enjoada na mira do medo no rosto da Sra. Goldman.

"Deixe-os ir", disse ela. "Crianças! Vem cá!"

"Não tão rápido", disse Ysandre, e mexeu no cabelo enquanto falava. "Vamos falar sobre isso primeiro. Sr. Bishop não está muito satisfeito com a sua família por quebrar a sua palavra com ele. Ele permitiu ficarem aqui, vivos e livres, e no retorno era suposto ficar fora do seu negócio. Você fica fora do seu negócio, docinho? Porque realmente não parece que fez, desde que você enviou estas duas belas crianças para tentar tirar os seus inimigos da prisão."

Claire parou de se mover. Ela estava enrolada em seu lado, continuava lutando para respirar, agitada, e agora sentia que o mundo inteiro estava em queda sobre ela. Tentar. Tentar tirar seus inimigos da prisão.

Eles não tinham feito isso. Shane ainda era um prisioneiro.

Ysandre não veio sozinha. Ela enviou os meninos para os braços de sua mãe, e por trás dela um sólido exército de vampiros preenchia a escuridão. "Não sei sobre este lugar", comentou Ysandre. "Não sabia que havia um túnel que ia direito ao abrigo de qualquer maneira. Isso é realmente conveniente. Nem sequer o sol chega em você." Ela brincava com seu brilhante cabelo e, enquanto ela fazia, seu olhar caiu sobre Claire. Ela deu-lhe um lento, mortal sorriso. "Porque, olhe isso. É a pequena senhorita Perfeita. Ah, eu acho que o Sr. Bishop vai ficar muito decepcionado com você."

Claire tentou levantar-se e quase caiu. Ela não estava machucada ainda, mas ela sabia que seria. Contusões, principalmente, talvez um par de músculos tensos.

Theo Goldman pegou ela. Ele chegou a seus pés, quando ela não estava olhando, e agora ele ajudou a se levantar. A pouca distância, ela viu a miséria nos seus olhos antes que ele ponha um sorriso falso para Ysandre.

"Eu suponho que teremos de ir com você", disse ele. "Para a outra entrevista com o nosso mestre benevolente."

"Alguns de vocês", ela concordou. "E alguns de vocês não." Ela bateu os dedos e apontou para Claire. Dois grandes, muscular vampiro foram para trás dela, e agarraram Claire pelo braço, para rebocar ela. Quando Theo protestou, eles o empurraram de volta para sua família. "Eu quero te apresentar a um velho amigo do Sr. Bishop. Este é Pennywell. Eu acredito que você pode já estar familiarizado, embora".

Enquanto ela era arrastada para fora da sala, para a área escura do Common Grounds, Claire pensou em como ela se sentiu estranha ao passar no escritório do Sr. Bishop no seu aniversário. Ele - ela? era difícil dizer – passou caminhando por Claire, como se ela não existisse, indo para a sala onde os Goldmans estavam presos.

"Espere!" Claire gritou. "O que você vai fazer?"

Pennywell não fez uma pausa. Ysandre olhava de volta e se fixava nela.

"Não se preocupe sobre isso, agora", ela tinha um sorriso falso em simpatia. "Você tem seus próprios problemas para se preocupar. Adeus, Claire."

Surpreendentemente havia uma escada escondida debaixo de um grande e bem iluminado túnel debaixo do Common Grounds.. Ele tinha uma parede falsa que levava a um labirinto de túneis que era grande o suficiente passar com carros, e aí estava o que ela não esperava, uma grande limousine vindo devagar. Um dos vampiros raptos de Claire empurrou-a para trás e abriu entrando e deixando a porta aberta para ela. O outro foi para o banco da frente, e antes que mais de um segundo se passasse, eles seguiram pelo escuro mundo oculto debaixo de Morganville. "Ei," disse Claire. O vampiro sentado ao lado dela olhou para ela, então para longe. Ele era de cerca de duas vezes o seu tamanho, e ela tinha uma sensação de que ele poderia tê-la quebrado pela metade com uma palavra dura e seu dedo mínimo. "O que vai acontecer com eles?"

Ele encolheu os ombros, não como se ele não soubesse, mas apenas como se não se importasse o suficiente para lhe dizer. O Goldmans não significava muito para ele. Claire entendeu.

"Qual é o seu nome?" Ela perguntou, e surpreendeu-se. Mas, por algum motivo, ela quis saber. O irmão de Dean - ele não tinha sido apenas nomeado o Garoto Mal Número Quatro. Este vampiro não era ele, de qualquer modo. Ele tinha um nome, uma história, talvez até mesmo as pessoas que fizeram isso acontecer com ele também tenham.

"Meu nome não é da sua conta", disse ele, e continuou a olhar pela janela afora, embora tudo que existia lá não era nada mais que um embaçados tijolos.

"Posso te ligar para uma conversa curta então?" Foi uma piada da Eve, mas Claire não achou que ela executou-a muito bem, porque o vampiro nem sequer piscou. Ele apenas ignorou-a.

Ela concentrou-se em não pensar no que poderia ter acontecido com Shane.

O carro saiu do túnel em alta velocidade, levantou-se uma rampa, e saíram do que parecia ser um edifício industrial, outra das secretas estradas de Morganville. Eles seguiram em uma rua residencial perto da casa dos pais de Claire - ela reconheceu duas das casas queimadas e destruídas vendo os animais cuidadosamente passando pela abertura na frente da casa amarela por uma ripa de madeira na esquina. Ela sempre pensou que o os esquilo deveriam ser loucos.

Eles não diminuíram a velocidade pelas ruas da cidade. Pessoas saíram do caminho - motos, carros, até mesmo um ou dois peões corriam para casa por causa do pôr do sol. O motorista vampiro tinha uma roupa escura, mesmo com a película, ele ainda estava usando óculos escuros, luvas, e teve a maior parte do seu rosto coberto como jovem delinquente, Claire pensou. Vampiros antigos não se preocupam tanto assim com o sol. Ele os prejudica, mas não iria matá-los. Então talvez Bishop tivesse recrutado alguns caras novos.

Antes que ela pudesse pensar em mais alguma coisa para dizer que não iria causar a sua morte, a limousine foi diminuindo a velocidade na sombra de uma ampla na rua. No final da mesma, Claire viu um familiar edifício, bem como a grande extensão de verde praça do Fundador.

Eles estavam levando-a para Bishop.

Ela deslizando para o outro lado, ganhando tempo com isso, e quando o carro diminuiu novamente, ela tentou abrir a porta e sair sozinha.

Fechado. É claro. O vampiro que estava atrás dela nem sequer se incomodou em olhar para ela.

Outra rampa, e trinta segundos depois estavam estacionados no subsolo. Claire tentou criar um plano, mas honestamente, não tinha muitos. Ela perdeu o seu telefone celular quando Theo tinha colidido contra ela, e ela não tinha sequer uma vaga idéia de quem ela poderia chamar de qualquer maneira. Havia uma arma escondida no fundo de sua mochila que, talvez, talvez ela poderia usar, mas só se fosse um-contra-um, e isso seria muito menos assustador do que os atualmente dois vampiros a escoltá-la.

"Saia", o vampiro atrás dela disse, como a fechadura clicado aberta. "Não tente fazer nada".

Ela não fez. Ela queria guardar a sua força para algo mais útil.

Seja lá o que fosse isso era uma coisa útil, o que ficou claro quando eles estavam indo para o elevador barulhento. Aquela não era uma música de verdade, e aquele elevador estava mais para um aço com carpetes, tornando tudo aquilo mais próximo de um pesadelo.

O elevador abriu as portas em uma grande sala formal, a sala rodada em que ela e Myrnin havia circulado em suas fantasias antes de saudar o Sr. Bishop na festa, a festa que tinha servido de ponto de partida para tudo de mal que aconteceu em Morganville. As portas do salão de banquetes estavam fechadas, e os seus guardas vampiros marcharam pelo corredor para o escritório de Bishop.

Michael abriu a porta. Ele hesitou, e quase perdeu a calma, depois apontou e foi para o lado dando espaço para os três passar. Não havia mais ninguém no quarto.

Nem mesmo o Sr. Bishop.

"O que esta acontecendo?" Claire perguntou. "Eu pensei. .. Onde ele está?"

"Senta e cale a boca", seu guarda vampiro se aproximou, e colocou-a em uma cadeira. Michael parecia que estava muito tentado a vir em a sua defesa a qualquer momento, mas ela fez sinal com sua cabeça. Não vale a pena. Não ainda, de qualquer maneira.

A porta do escritório abriu, e Sr. Bishop veio, vestindo o que parecia ser o mesmo terno preto e camisa branca ele estava vestido no dia anterior. Havia algo no olhar selvagem que ele atirou para Claire, mas ele não parou, ele caminhou para sua mesa e sentou.

Ele nunca fez isso. Ela não podia imaginar que era um bom sinal.

"Vem aqui", disse ele. Claire não queria, mas ela sentiu o poder na tatuagem em seu braço ganhando vida. Ela respondeu ao Bishop – apenas para sua voz - e era difícil tentar resistir a ela, e se tentasse doeria muito. Mas parecia que Goldman estava certo. . não doía mais nem um décimo do que doeria antes. Talvez ela realmente estivesse se quebrando.

Melhor para não lutar contra isso e mostrar a ele, se for o caso. Ela deu uma profunda respirada e deixou-se puxar para mais perto, bem na frente da sua secretária. Bishop inclinou-se em frente, olhando para ela com um frio, e vazios olhos, cotovelos apoiados sobre a madeira polida. "Sabia o que Goldman ia fazer?", Indagou. "Você quis ajudá-lo a fazer?"

"Não", disse ela. Ela não estava certa se ela iria ajudar Theo se ela soubesse de algo, de qualquer maneira.

Bispo encarou com os olhos escuros, em seguida, em seguida abaixou os olhos deixando ela livre só seu olhar. "Não que seja uma novidade", disse ele.

"Eu sabia que essas pessoas não poderiam ser confiáveis para qualquer período de tempo. Continuei a prestar atenção neles. E você - sei que você pode não ser confiável, também, menina. Eu posso controlar você, mas eu não posso domar você. Você é mais difícil do que parece, como a minha filha, Amelie. Não admira que ela tomou-lhe sob a proteção dela."

"O que você vai fazer para os Goldmans?"

"Sou feito com moderação. Essa cidade vai aprender não estou brincando ou sendo sarcástico, essa cidade não é nada a não se um brinquedo, a ser ridicularizados. Você irá aprender."

Claire quis atirar de volta algumas pequenas observação, mas ela podia ver a raiva nele, e sabia que ele estava apenas à espera de explodir. Ela ficou lá, silenciosa, observando-o, e então ele lentamente relaxou.

Quando ela começou a sair, ele disse: "Fique aí. Eu tenho algo para você."

Ele estralou os dedos, e quando a porta abriu, Shane. Ela andou lentamente, ela não tinha notado antes, mas ele estava mais magro do que ele era há poucos meses, e ele também estava moído e queimando com febre. Quando viu Bishop, ele avançou para ele.

"Não!" Gritou Claire. "Shane, pára!"

Ele não parou, mas ele também não conseguiu alcançá-lo. Michael atravessou toda a sala e parou em seu caminho, envolvendo Shane em um abraço e trazê-lo para um súbito impasse.

"Vamos!" A voz de Shane suave imperfeita, dividida e chorosa sob a tensão de sua ira. "Ei, Michael. Solte!"

Ele tentou ficar livre. Michael não deixou. Ele empurrou-o para trás, todo o caminho para a parede, e o segurou lá. Claire não podia ver o rosto de Michael, mas ela podia ver a parte de Shane, e ela viu alguma coisa mudar nele. Os combates de Shane pararam, como se ele recebesse alguma mensagem que ela não tinha visto.

"Eu sou um bom mestre", disse Bishop, como se nada disso tivesse acontecido. "Você me pediu um favor de aniversário, Claire. E eu concedi-lhe uma visita. Hoje, eu decidi que era um pobre presente. Eu vou te dar aquilo que você queria. Shane estará livre para ir."

Claire não se atreveu a respirar, piscar, mover. Ela sabia que este era um truque, uma forma cruel de esmagar suas esperanças, e as de Shane, também. "Porquê?" Ela finalmente disse. Seus lábios fiando dormentes. "Por que agora?"

"Porque eu pretendo ensinar-te o que significa desafiar-me, de uma vez por todas, e deixá-la ver o que acontece com aqueles que se viram contra mim", disse Bishop. "Michael. Segure-os, mas certifique-se que os dois ver tudo. Eu não quero que meus alunos percam os meus ensinamentos".

O controle de Bishop a deixou, e Claire tropeçou por trás de Michael. O braço dele foi em sua cintura, e ela sentia a pressão de seus lábios perto de sua orelha. "Fique quieta", ele sussurrou. "Não importa o que aconteça, basta ficar quieta. Por favor. Eu vou te proteger."

Do outro lado de Michael, Shane estava muito, muito calmo. Ele não estava olhando para Bishop. Ele estava procurando por Claire, e ele estava com medo, medo de que algo fosse acontecer com ela, ela percebeu. Ela tentou dar um sorriso, mas não estava certa de como ele saiu.

Shane abriu a boca para dizer alguma coisa, mas antes que ele pudesse, um guarda vampiro veio, trazendo um magro, e cansado homem com um bagunçado e escuro oleoso cabelo e uma desagradável cicatriz no rosto.

Era o pai de Shane. Ele parecia mais velho, mais magro, e ainda mais vulnerável do que ele estava na sua cela, nada como o grande o assustador monstro que tinha apavorado ela quando ela o viu no primeiro dia.

"Esta vendo, Shane?" Bishop perguntou. "Eu quero que você veja, para que você não cometa os mesmos erros novamente."

"Pai", disse Shane. "Pai?"

Frank Collins colocou uma mão para fora para parar Shane e fazê-lo ficar quieto. "Está tudo bem. Nada pode ser feito por mim agora." Ele enfrentou Bishop de frente. "Lembre-se, feito isso, não tenho medo de nada que você possa me fazer sanguessuga. Então me mate de uma vez a acabe com tudo isso logo."

Bishop levantou lentamente de sua cadeira, ficando atrás da mesa.

"Mas, o Sr. Collins, você se enganou. Eu não vou te matar. Eu nunca iria fazer uma coisa dessas. Você é muito valioso para mim."

Suas mãos pálidas agarraram o pai de Shane, e o empurrou de frente sobre a mesa. Claire fechou os olhos quando os dentes saíram, e os olhos de Bishop brilhavam em um vermelho. Ela não o viu realmente o morder, mas ela ouviu Shane gritando.

Demorou cerca de trinta segundos. Shane nunca parou de lutar para ficar livre de Michael.

Claire não se moveu. Ela só não podia. Ela ouviu um ruído surdo quando o corpo do Sr. Collins bateu no chão, e quando ela abriu os olhos dela, ela percebeu que ela tinha estado errada sobre tudo. Muito errada.

Bishop não tinha terminado.

Ele cortou seu punho, e forçou o a abrir a boca de Frank Collins, e derramou sangue nela enquanto sua outra mão estava sobre o topo da cabeça do homem. Claire tinha visto isso antes - Amelie tinha feito isso com o Michael, mas Amelie tinha encontrado dificuldade e tinha ficado fraca para poder fazer um novo vampiro.

Para Bishop, parecia fácil.

"Não", disse Shane. "Não, pára."

Bem ali, bem na frente deles, Frank Collins tossiu, parou, e voltou à vida. Parecia doloroso, e ele parecia levar uma eternidade para a se levantar e gritando para parar.

Quando o fez, ele não era Frank Collins. Não mais.

Ele abriu os olhos dele, e eles estavam vermelhos.

"Você vê?" Bishop disse, e limpou o sangue do punho em seu casaco preto. "Eu não sou cruel. Você nunca mais vai perder o seu pai, Shane. Nunca mais."

Claire podia ouvir a respiração vinda de Shane, rápida e irregular, mais do que apenas uma dor, mas ela não podia olhar para ele. Ela sabia que ele, ela sabia que ele não gostaria que ela o visse desse jeito. Este era Shane. Sempre tentando protegê-la.

Michael deixou Claire ir. Após um rápido olhar para ela, ele virou-se para Shane. "Não desconte em mim", disse ele. "Não. Este não é o momento, e não é o lugar."

Shane nem sequer olhou para ele. Ele estava a olhando para o seu pai.

Frank Collins, em pé ao lado de Bishop, mantinha o olhar em seu filho, e Claire não achou que esse olhar era preocupação.

Era mais para fome.

"Espero que todos tenhamos aprendido alguma coisa hoje", disse o Sr. Bishop. "Primeiro, eu sei tudo o que se passa em Morganville. Segundo, eu não tolero tentativas de rebelião insensatas. Terceiro... bem. Estou tão amável e misericordioso que ninguém mais vai morrer hoje. Não, nem sequer o Goldmans, antes que a questão venha pra mim. Eles foram confinados em algum lugar seguro, por agora, até eu decidir sobre uma boa punição." Ele apontou seus dedos para Michael. "Leve seus amigos para casa, rapaz. Seria uma tremenda ironia se eles fossem mortos ao longo do caminho por algum estranho. Ou parente."

A ênfase sobre o parente só para garantir, Claire pensou. Ela agarrou Shane, agitou sua mão e obrigou-o a olhar para ela.

"Vamos", disse ela. "Temos que ir Shane. Agora."

Ela não estava realmente certa que ele a compreendeu, mas Michael ajudou a levá-lo ao longo do caminho enquanto ele reagia. Demorou uns dez segundos, até que eles chegassem ao outro lado da porta fechada, sendo observados por Bishop e seus guardas vampiros. Claire sentiu-se como o último sanduíche sobre o aparador.

Shane saiu de seu transe quando chegou no elevador.

Infelizmente.

Michael apertou o botão do elevador de garagem no painel, e ele não estava muito próximo. Shane foi como um tiro e deu um soco na sua cara, rápido e duro, quando Michael virou. Foi muito forte o suficiente para que Michael, mesmo com a força de vampiro, senti-lo, e colidiu contra a parede de volta, atingiu-o em um esquema irregular de seus ombros.

Quando Shane tentou seguir com um segundo soco, Michael segurou seu punho com a palma aberta. "Não havia nada que eu pudesse fazer, Shane", disse ele, mas havia algo por trás das palavras. Algo muito carinhoso.

"Vamos esperar para fazer o jogo da gaiola quando Claire não estiver presa no meio, tudo bem?"

Ela não estava exatamente no meio, mas perto o suficiente. De jeito nenhum ela poderia sair dali se Shane e Michael realmente decidisse brigar ali em um pequeno espaço fechado.

Shane parado e, como se ele tivesse esquecido que ela estava lá, ele virou-se para olhar para ela. Por um segundo, não houve expressão em seu rosto, e então tudo passou por dor, raiva, alívio.

E então horror.

Ele baixou o seu punho, Michael deu um olhar muito claramente dito que, mais tarde, e virando para a Claire. Havia dois metros de espaço entre eles, e cerca de uma milha de distância.

"Eu sinto muito", ela sussurrou. "Deus, Shane, eu sinto muito".

Ele encolheu seus ombros e passou os braços em torno dela. Durante esse abraço, foi tudo embrulhado em um conjunto de embaralhada bagunça - apertado, um pouco desesperado, cheio de necessidade. Ele precisava dela. Ele realmente precisava. Ele não disse nada enquanto o elevador descia lentamente. Ela ouviu sua respiração, e, finalmente, ele desmaiou, um som mudo de dor, e foi puxado para longe dela. Ela o segurou em sua mão.

"Vamos lá", disse ela, e Michael abriu a porta e levou os dois por uma garagem escura. Claire sabia que provavelmente havia ameaças lá no escuro, mas ela não se importava. Ela estava cansada e, agora, ela odiava todos eles tanto por terem machucando Shane que ela teria matado qualquer um.

Amelie. Sam. Michael. Ela não podia acreditar que ele não tinha feito nada para impedir o que estava acontecendo. Só agora ela percebeu que ele sempre soube de tudo ele apenas... ficou assistindo.

Shane ficou o tempo todo muito quieto. Michael movia ao seu redor e abriu a porta traseira do seu carro vampiro padrão de Morganville; Claire ficou lá atrás com Shane, deixando Michael sozinho no banco da frente. Se ele tinha alguma objeção aos lugares, ele manteve para si mesmo.

Shane segurou a sua mão firmemente todo o caminho, através dos túneis escuros e, em seguida, durante a viagem pelas escuras ruas. Ela não prestou atenção para onde estava indo. Agora, qualquer lugar seria tão bom quanto qualquer outro, enquanto ele ainda estivesse com sua mão na dela. Enquanto eles ficassem juntos.

Sua miséria era uma espessa nuvem negra, e ela sentia como se fosse engolir a ambos, mas pelo menos eles poderiam unir-se uns aos outros no meio dela. Ela não podia imaginar como seria para ele passar por tudo sozinho.

Quando Michael freou o carro e abriu a porta traseira, porém, Claire percebeu que ele ia obedecer as instruções de Bishop literalmente.

Ele trouxe para casa.

A frente vitoriana da Glass House era esticada pela a noite. Rígida e com algumas poucas folhas na brisa, e na distância escura, porem com brilhantes vidros criado um forte barulho de gritos e zunidos ao lado das árvores. Amo o crepúsculo, Claire lembrou. Era sua melhor hora do dia.

Todo o bairro parecia como vidros quebrados em um liquidificador. Ela ficou com Shane fora do carro e abriu o portão. Eles se moviam com lentos passos para a porta da frente aberta, e lá estava Eve não em preto - não esta noite - mas em roxo, vermelho com detalhes e sapatos de plataforma pretos. Ela estava na entrada com uma mão na frente e uma faca de prata na outra, mas quando ela os viu se aproximando a passos lentos, ela caiu, não para o chão mas para atirar-se em cima de Shane. O que o pegou de surpresa com a guarda baixa.

"Você está livre!" Ela chorou, e deu-lhe um extra-duro aperto antes de soltá-lo olhá-lo e iniciar uma dança da vitória juntamente com gritos de coro e torcida. "Eu sabia que você ia conseguir escapar dessa, Collins! Eu sabia! Máximo cinco..."

Ela foi com sua mão para ele beijocar, mas ele apenas olhou para ela. O sorriso de Eve foi morrendo e ela vacilou, e olhou rapidamente para Claire, em seguida, Michael.

"Oh Deus", disse ela, e baixou a sua mão. "O que é? O que aconteceu?"

"Não aqui fora. Vamos para dentro", disse Michael. "Agora".

Shane não foi muito longe. De fato, os quatro pararam no corredor, ele ficou apenas lá. . . parado. Ele colocou suas costas contra a parede, deslizado para baixo para uma posição sentada, e ficou lá, olhando para baixo para suas mãos.

Claire não sabia o que ela deveria fazer, ficar com os outros ou ficar com ele. Antes que ela pudesse sentar ao lado dele, porém, Eve a agarrou pelo cotovelo e apertou duramente. "Ei! O que esta acontecendo? A casa estava em alerta do nada. Fiquei lá fora procurando por você desde então, ligando para todos os que eu poderia pensar. Hannah estava procurando por você, também. O que é isso?"

"É o pai de Shane," disse Claire. Eve a soltou e cobriu a boca com uma mão arregalando os olhos. Ela já tinha uma sensação de que estava para chegar. "Bishop. . . ele. . . ele transformou-o em um vampiro. Bem na nossa frente."

Claire olhou para baixo, para Shane. "Na frente dele."

Eve não sabia o que dizer. Ela só olhou para eles e finalmente, para Michael. "Você não podia fazer nada sobre isso?"

Ele manteve sua cabeça baixa. "Não."

"Nada? Nada de nada? "

Michael virou-se e bateu o seu punho na parede com tanta violência que toda a casa parecia tremer. Eve o olhou e saltou para trás, e quase tropeçou em Shane empilhado em seu calcanhar.

"Não", disse Michael, com uma espécie de calma forçada que Claire sabia como ele se sentia por dentro. "Nada de nada. Se eu tivesse, Bishop teria conseguido o que queria, era o que ele estava esperando afinal. Isto não era sobre Shane e Claire, ou sobre o pai de Shane. Isto era mais sobre descobrir se eu ainda era sua vadia".

Shane lentamente levantou a cabeça, e os dois meninos se encararam por um longo e calmo momento.

Michael agachou-se. "Eu teria matado ele, se eu pudesse", disse ele. "Mas eu não sou forte o

suficiente, e ele sabe. É por isso que ele gosta de manter-me ali mesmo, porque ele sabe que lá no fundo, eu quero rasgar a cabeça dele fora. É divertido para ele."

"Então o meu pai era apenas a sua lição", disse Shane. "É isso?"

Michael colocou a mão sobre o joelho de Shane. Ele quase feriu sua pele durante o seu soco, porem ali só ficou o gesso e a poeira por toda a sua pele. Não sangrava.

"Estávamos indo buscá-lo, Shane. Nós íamos."

"Quem é que estava?" Shane perguntou, e deixou sua cabeça cair para trás contra a parede enquanto ele fechou os olhos. "Só me deixe em paz, cara. Estou cansado. Eu não posso. . . Estou cansado."

Eve colocou a mão sobre o ombro Michael. "Vamos lá", disse ela. "Deixe-o sozinho. Ele precisa de tempo".

Shane riu secamente. Saindo um riso da sua garganta, como o som de um corvo estava lá fora. "Sim. Tempo. Isso é o que eu preciso." Ele não soava como ele próprio. Não totalmente.

Michael não queria ir, mas Eve insistiu, segurando sobre a mão até que ele se levantou e seguiu-a para a sala. Deixando Shane sentado sozinho no chão.

"Ei", disse Claire, e sentando ao lado dele, braços envoltos ao redor de seus joelhos. "Você vai ficar aqui toda a noite?"

"Talvez."

"Eu só pensei:"

"O quê? Que nos poderíamos sair, ir jogar alguns jogos? Comer um taco? Isso não é fácil, Claire. Ele é meu-" a voz de Shane quebrou, então voltou mais forte. "Ele era meu pai. Só havia uma coisa no mundo que ele tinha medo, e eu vi exatamente isso acontecer com ele. Não posso sequer pensar sobre isso agora."

"Eu sei", disse ela, e inclinado a cabeça no seu ombro. "Eu estou tão arrependida."

Eles ficaram lá juntos por muito tempo. Eve e Michael olhavam para eles de vez em quando. Após um tempo, eles procuram sair, e Claire os viu subindo. A casa estava ainda mais quieta.

"Está frio", disse Shane finalmente. Ela estava ficando um pouco sonolenta, apesar do desconforto, a voz dele assustou a ela colocando suas costas eretas novamente.

"Sim, um bocado. Bem, o que fazemos." Embora não seja exatamente por eles estarem lá no chão, Claire supôs.

Ele considerou, em silêncio por alguns longos segundos. "Acho que é muito estúpido ficar aqui a noite toda."

"Talvez não. Se isso faz você se sentir melhor..."

Ele esticou as pernas com um baque súbito e suspirou. "Não vejo como ficar com frio e perder a sensação do meu corpo vai ajudar. Além disso, eu preciso de uma cama que não seja um

beliche, e que seu antigo proprietário não tenha sido algum cara chamado Bubba e com um problema de gases."

Isso era quase-o-velho Shane. Claire até ficou de frente e olhou para ele. Após um segundo, ele olhou nos olhos dela. Ele não parece feliz, mas ele pareceu... melhor.

Ele estava começando a ficar melhor.

"Eu esqueci de dizer" Olá, "disse ele. "Lá no escritório do Bishop quando eu te vi."

"Dadas as circunstâncias, penso que podemos deixar isso de lado." Ela engoliu, porque ele não estava olhando para ela, ele estava encarando o nada. "Já tem um tempo. Desde. . . você sabe. Bishop ter te colocado atrás das grades".

"Não fiz as contas", disse ele, sem expressão. "Você está perguntando se eu tenho alguma história para contar sobre algum gigante de bar preso?"

"O que?" Ela se sentiu corar e seu rosto começar a queimar ao longo de seu rosto e sobre suas bochechas. "Não! Claro que não! Eu só... Eu não sei se-"

"Pare de balbuciar".

"Você me faz balbuciar. Você sempre faz, quando você olha para mim assim."

"Assim como?"

"Como se eu fosse à sobremesa."

Ele lambeu o nariz dela. Ela gritou e o empurrou para trás, sentiu a umidade, mas, depois, ele a segurou, e os seus lábios estavam quentes, suaves e úmidos, pressionando-os nos dela com uma verdadeira urgência. Ele não parecia como uma sobremesa, não totalmente, ele parecia mais para ela como um bom vinho, um realmente com esse gosto, escuro e forte e indo direto para a cabeça dela. Seus músculos aquecidos e trêmulos onde ele a tocava, e ela sentia como se por um momento, só por um momento, não havia mais nada no mundo.

Nada além deles.

Ele rompeu o beijo e encostou sua bochecha quente contra a dela fazendo queimar, ela sentiu o seu hálito vibrar nos seus cabelos acima da sua orelha. Ela sentiu-lhe tomar um fôlego para dizer algo, mas ela chegou lá primeiro.

"Não", ela sussurrou. "Não me diga todas as razões pelas quais esta não é boa hora, ou uma boa idéia. Não me diga que deveríamos estar a pensar sobre o seu pai ou sobre os meus pais ou em o que Bishop está fazendo agora. Quero parar tudo e apenas ficar aqui com você. Apenas... aqui".

Shane disse, "Bem, eu não quero estar aqui."

O mundo saiu do foco, e seu coração despedaçado. Ela sabia o que estava chegando, que tinha acontecido era que ele tinha mudado de idéia, que depois de tudo, ele tinha tido tempo muito tempo para pensar e ver que depois de tudo ele não gostava dela.... Porque é que alguém como Shane amaria ela afinal? Ele já tinha estado com outras meninas. Melhores meninas. Bonita e mais inteligente e mais quentes. Ele teve muito tempo para ver, para reparar

que ela não passava de uma magricela estranha. Mas isso a machucou, oh Deus, isso machuca tanto, era como se tivessem a esfaqueado com uma adaga feita de gelo.

Ela não podia impedir as lágrimas que inundavam os seus olhos, e ela não podia segurar o soluço. Shane ficou tenso, e puxou-a de volta para seus braços. "O quê?", Indagou. "O que eu disse?"

Ela queria dizer-lhe que estava tudo bem, mas não estava, apenas não estava e nem nunca estaria. Ela sentia como se metade dela estivesse morrendo, e olhou para ele e uma confusão o agitava, como se ele não entendesse o que ele havia feito para ela.

Claire se moveu para longe de sua confusão. Era normalmente Shane, que fugia, mas desta vez, ela não podia ficar. Ela não poderia ficar ali em pé, humilhada, estúpida e ferida, e tentar ser simpática com ele, mesmo que ele precisasse. Talvez até merecesse.

"Claire!" Shane tentou levantar, mas seus pés não o obedeceram. "Merda, espera - minhas pernas ficaram dormentes, espere! Claire-"

Ela não esperou, mas de alguma maneira ele conseguiu alcançá-la, após conseguir levantar e correr como se tivesse blocos em seus pés. Ele tropeçou e eles caíram para o sofá. Claire olhou feio para ele e tentou ficar livre dele. "Vamos!" Disse ela tentando tirar ele de cima dela. "Me deixe ir!"

"Não até que você me diga o que aconteceu. Claire olhe para mim. Eu não entendo por que você está chateada!" Ele realmente não sabia. Era isso, mas ele estava suplicando para lhe dizer. Tudo bem, então, tudo bem.

"Tudo bem", disse ela em voz alta, em uma voz que mais tremula do que ela queria. "Eu entendo. Você não me quer mais agora. Talvez nem nunca. Eu entendo, ela sabia disso já a um longo tempo, e... seu pai... Eu só... Eu não posso... Oh, deixe me ir!"

"Do que diabos você está falando?" E então ele conseguiu finalmente dizer. Ela o viu balançar sua cabeça, e seu olhos arregalados. "Oh meu Deus. Claire, você pensou que eu não quis dizer - Não. Deus, não. Quando eu disse, 'eu não quero estar aqui', eu queria dizer que eu não queria estar lá. Você sabe, sentado no chão frio com a minha bunda se transformando em um iceberg. Eu queria que você. Eu só queria que você e eu estivéssemos em um outro lugar." Ele balançou a cabeça. "Eu quis dizer aquilo como uma piada. Eu ia dizer, 'eu queria estar no sofá. 'Ok, isso foi estúpido, eu sei. Desculpe. Eu nunca quis dizer o que você achar que significava... o que você pensa - Espere. Por que você acha que eu não quero ficar com você, afinal?"

Porque eu sou uma garota, Claire pensou. Ela apenas não conseguia manter o alívio que transbordava dentro dela. Porque todos somos estúpidos e inseguros e achamos que nunca, nunca seremos o suficiente. Ela não podia dizer isso apesar de tudo. Algumas coisas é melhor que os meninos não saibam. "Eu só... Tem sido um dia difícil." Ela ainda estava chorando, e parecia que ela não conseguiria parar. "Desculpa, Shane. Sinto muito, seu pai"

"Ei." Ele tocou sua bochecha. "É ruim, mas eu posso lidar. Estou mais preocupado com você." Ele sempre estava. "Porquê?" Ele limpou as lágrimas que escorria pelo rosto dela ate suas bochechas. "Porque eu não sou o único a te fazer chorar, por qualquer coisa."

Ela balançou a cabeça e encolheu os ombros, e começou a voltar a soluçar. Ele esperou segurando-a, até que ela finalmente ficou calma – distraída de um jeito que ela não esteve antes. Mas feliz só por estar aqui, com ele, não importa o que tinha acontecido ou o que acontecesse. Neste momento, tudo era perfeito.

"Shane?" Ela perguntou. Ela se sentiu sonolenta agora, preguiça, no calor do seu corpo.

"Sim?"

"Você tem alguma historia de brigas de bar selvagens?"

"Não na verdade. Desculpe te desapontar", disse ele, e traçou o seu dedo para baixo ate sua bochecha e lábios. Lentamente. "Você sabe que eu passei muito tempo pensando em você, não é? Sobre a forma como você parece, como você cheira, como é seu gosto".

"Que rapaz sinistro e tarado!"

Ele beijou-a. Havia algo de novo ali também, algo quente, feroz e selvagem, e ela sentia como se isso fosse explodir dentro dela, mesmo que ela não soubesse o que. Seu corpo inteiro se movia, como se ela desejasse se tornar metal para o seu ímã. Shane gemeu e lamentou sobre as costas dela, seu peso em cima dela, e continuava a beijá-la como se fosse a coisa mais importante no seu mundo.

Seus lábios procuravam por ar, ele percorreu-lhe o pescoço, e foi descendo em torno da gola de sua blusa, e sua mão arrastou o tecido pra baixo deixando sua pele exposta para mais dos seus beijos. Acabou, Claire pensou, e tentou puxar a orla de sua camisa para cima. Shane segurou a mão dela. Ela olhou para ele.

"Não aqui", disse ele. Ela esperou. Ele olhou desconfiado. "O quê?"

"Eu só estava esperando por você para dizer, 'Não é agora,' novamente. Você sabe, como sempre."

Ele sorriu, e era um sorriso Shane cheio de arestas e ainda estranhamente doce. "Claire, eu acabei de sair da prisão. Honestamente você acha que estou com muita santidade, ou algo assim?"

Seu corpo todo queimado com uma súbita explosão de furiosa energia. Ele apenas disse que sim. Oh, meu Deus. Tudo que ela podia pensar em dizer era: "Diga-me o quanto você a perdeu?."

"Nem tudo precisa de um discurso." Ele estava certo sobre isso. Ela podia sentir a energia selvagem nele, os tremores sob a sua pele, uma resposta para a dela. "Mas eu tenho de saber, que você quer fazer isto? A sério?"

Ela ficou tentando não pensar sobre a mecânica desse momento assustador. Ela perguntou para Eve, uma vez em que elas fofocavam sozinhas tentando tirar suas dúvidas sobre o assunto e descobrir se ou não a primeira vez doeu mesmo. Eve tinha dito, muito fatalmente que sim, e passou a dizer-lhe tudo sobre a primeira vez e do horrível cara. Então, parte do corpo da Claire receava o desconhecido, e parte dela estavam gritando para saltar para dentro, não importa o que acontecesse.

"Sim", ela disse, e todo seu corpo ficou tranqüilo em um longo silêncio. "Sim, Shane. Eu quero fazer isto. Eu quero fazer isso com você."

Ele deixou o seu fôlego escapar rindo. "Ninguém mais? Nem mesmo aquele cara quente daquele filme? Não? Certa. Sem nenhuma pressão." Ele lhe deu outro beijo, este rápido e quente. "Cima?"

Eles deslizaram para fora do sofá juntos, lado a lado, e ele levou-a para subir as escadas, olhando para ela com quentes olhares, parando cada poucos passos para beijá-la. Até ao momento em que eles chegaram ao fim da escada, ela estava formigando e nervosa.

Shane apontou referindo-se à sua própria porta, mas ela sacudiu a cabeça dela. Seu quarto era maior, e era no final do corredor. Mais privado. Ele puxou uma rápida e agitada respiração. "Cinco minutos", disse ele. "Preciso de um banho."

Ela concordou, apesar de alguma forma ela sentia como se sua partida fosse um risco. Ele poderia mudar de idéia a qualquer segundo. Ela abriu a porta de seu quarto enquanto Shane entrava no banheiro. Ainda não tinha ocorrido a Claire, mas Eve poderia ter transformado seu antigo quarto em outra coisa – um gótico roupeiro ou um armazém, por exemplo, cheio de crânios – ou decorações do tipo. Ou armazenado nele uma coleção crescente de armas anti-vampiros. Em vez disso, o quarto estava apenas do modo como Claire havia deixado limpo, e vazio, nenhum traço de suas próprias coisas deixadas para trás. Havia uma camada de poeira sobre a escassa mobília, tudo pareceu muito frio por um segundo, e em seguida, começou a aquecer como se a casa sentisse a presença dela e lhe desse as boas vindas.

A grande cama macia ainda tinha folhas e camadas de cobertores e travesseiros. Ela fechou a porta e sentou-se na cama. Suas mãos estavam frias e tremendo agora, que Shane não estava lá, ela sentiu o medo tentar bater novamente em sua própria cabeça.

Não, ela pensou prontamente. Não, não desta vez. Foi menos do que cinco minutos antes de ele entrar, o cabelo úmido ao redor de seu rosto, pérolas de água na sua pele e umedecendo sua camisa.

Ele se encostou contra a porta depois ao chegar, olhando para ela.

"Então", disse ele. "Talvez eu deva-"

"Cale-se, Shane", disse ela, e passou a beijá-lo de forma longa e quente, prolongado momento. Então ela chegou por trás dele e trancou a porta. Só ela e Shane, nada de amigos batendo na porta, nenhuma família disposta a arrastá-los e afastá-los. Nem mesmo um único vampiro escondido nas sombras para estragar as coisas. Desta vez, nada iria fazer qualquer um deles mudar de idéias.

"Você não ouse perguntar novamente se eu tenho certeza", disse Claire, e levantou a gola de sua camiseta e puxou-a. O ar frio passou sobre sua pele e a fez tremer. Ela sabia que ela era tímida, e ela não podia parar de tremer, mas estava tudo bem, de alguma forma. Quando a camisa dela caiu no chão, ela pensou, ele esta me vendo como eu sou. Esta tudo bem.

Shane sentou na borda da cama, assistindo-lhe, com absoluta concentração. Ela tirava seus calçados, meias e largando-os por aí, ela desabotoou seus jeans e os tirou, e chutou-os para a mesma pilha. Ele ainda a observava. Ela chegou por trás dela para o fecho de seu sutiã. Mas não tirou este.

"Espere", disse ele, e puxou sua própria camisa. Abaixo dela, sua pele pálida entrava em contraste com os seus músculos mais definidos. "Eu só quero mantê-lo por enquanto."

Ela engoliu um riso nervoso. "Então você só tem que tirar essas calças agora".

Shane sorriu para ela e voltou ao trabalho com o botão e o zíper. "Não me culpa pela péssima roupa ", disse ele. "Trata-se de um problema com a prisão".

"Estou tão feliz que você não disse isso antes. Ah, e não diga isso para os meus pais, nunca."

Shane deixou suas roupas irem para o chão, juntamente com os seus sapatos e meias. Claire ficou olhando sobre ele, e ela se sentia tonta em ver de tanta pele exposta.

"Venha aqui", disse ele. "Vamos cuidar desse frio."

Ele deitou puxando ela para que ela ficasse em cima dele. Ela o seguiu, com uma sensação incômoda e analisando todos os ângulos mais não sabendo qual o melhor para eles se encaixarem. Ficar ao lado dele era estranho e, ao mesmo tempo, completamente certo. Ele a segurava e a girava para varias posições. Ansiosos, e se tocando. Shane perdeu o sorriso por um segundo. "Você pode me dizer para parar a qualquer momento. Qualquer mesmo."

"Eu sei."

"Não vou ficar irritado com isso."

"Shane-"

"De qualquer forma, eu só queria te dizer uma coisa."

"O quê?"

Ele a soltou e tocou a palma de sua mão em seu rosto. "Eu te amo."

De alguma maneira, ela teve de se segurar para não chorar, mas ela sabia que ele ia ver o brilho de lágrimas nos olhos. "Você disse primeiro desta vez."

Ele olhou aliviado. "Sim. Finalmente, hein?"

"Finalmente", ela sussurrou. "Eu também te amo."

Ele a puxou contra ele em seus braços, e ela se sentia pequena e sem fôlego e absolutamente segura. Foi apenas um abraço, um abraço como todos os outros abraços... mas era diferente, também.

"Deus, você está linda", disse ele, e ela sentia os dedos dele pressionados nas costas dela. Oh, ele estava trabalhando no gancho de seu sutiã. Ele tinha prática, alguma parte dela notou, mais o resto estava muito ocupado gritando em alegria. Então ela não foi capaz de pensar muito em tudo.

Não foi como nos filmes. Nos filmes, era tudo gracioso, gente bonita e quente ângulos da câmara, na vida real, era uma estranha mistura de tremendamente excitação e totalmente estranho. Shane ainda tinha preservativos na carteira que ele os pegou de seus jeans. Isso era algo que nunca mostrava nos filmes (pelo menos os que Claire assistiu). Ele ficou um pouco envergonhado com isso, também. Ela tornou-se algo mais real para ela, muito mais real do que todas as suas fantasias antigas.

Shane fez um monte de perguntas depois, o que ela achou estranho no início, mas depois ela percebeu que ele estava nervoso, tão nervoso como ela estava, e que estava tudo bem. Ele queria fazê-la feliz. E ele a fez feliz. Apesar de tudo que Eve tinha dito ela, a dor ainda veio como um choque, pulando em uma corrente elétrica através dela e de seu corpo inteiro. Se

Shane não tivesse acalmado ela e a segurado a ajudando, Claire não sabia que ela teria achado sobre isso mais tarde... mas ele fez, e ficou melhor. E então ficou tudo bem.

E então ele estava muito preocupado com ela. Ela chorou um pouco, e ela nem sabia porquê, exceto que as emoções eram apenas demasiado grande para ela. Demasiado fácil.

"É diferente", Claire sussurrou-lhe, no escuro, enquanto eles estavam lá juntos como se fossem um só, quentes e completos. "É diferente do que eu pensava."

"Diferente como?" Ele parecia repentinamente preocupado. Claire beijou ele.

"Bom diferente. Diferentes como ele significa alguma coisa. Como agora, não sinto que estamos nus em tudo, certo?" Ela não sabia porque ela disse isso, mas era verdade, ela não se sentem exposta a ele. Apenas... aceita. "Eu não tenho medo de você. Você sabe o que quero dizer?"

Ele fez um uh-huh que significava que ele poderia não estar a ouvir. "Então foi tudo bem."

"Ok?" Ela levantou-se sobre um cotovelo para olhar para baixo sobre ele. "É isso que você encara os elogios sobre as suas performances quentes?"

"Por quê? Eu tive uma?"

"Idiota." Ela voltou-se de volta para baixo e deitou-se contra ele. Sua mão acariciou a pequena onda das suas costas em minúsculos círculos. "Não vou mentir para você: que foi intenso. E isso machuca. Mas. . . sim. Foi... incrível."

"Eu odeio esse dor", disse ele. "Passa com o tempo"

"Eu sei. Não foi tão ruim, apesar de tudo. Não se preocupe." A almofada quente do seu braço sob sua cabeça era como o melhor travesseiro do mundo. "Eu me sinto diferente. Eu pareço diferente?"

Shane colocou seu cabelo para trás de seu rosto. "É muito escuro aqui, mas sim, eu posso vê-la."

Ela sentia os olhos dela se arregalar. "Você pode?"

"Claro." Ele traçou um dedo sobre sua testa. "Claire não é uma virgem. Diz aqui mesmo."

Ela sentiu suas bochechas e testa aquecer, e beijou seu braço. "Você é muito engraçadinho."

"Ah, é verdade mesmo."

"Sério. Eu sinto... Pareço diferente. Eu sinto que sou alguém que eu era antes. Você sabe?"

"Sim", disse ele sorrindo. "Eu sei. Mas eu sinto isso a cada dia que eu acordo em Morganville".

Ela beijou-o, e viu a tristeza nele. Seu suspiro parecia vir de todo o caminho ate seus pés. "Deus, eu precisava de você ", ele murmurou. "Eu não posso mesmo dizer-lhe quantas vezes eu pensei sobre isso. A coisa engraçada é, eu não preciso de você menos do que antes. Acho que preciso de você ate mais que antes".

Isso, Claire pensou, foi uma bela definição de amor: necessidade, mesmo após você ter alguém que você pensou que queria.

Após um longo momento, ele disse: "Seu pai vai me matar. E ele provavelmente tem direito."

Ela não tinha pensado sobre os pais dela, mas agora veio um sentimento de apreensão. Isto iria virar uma bagunça. Será complicado. "Ele vai ficar bem", ela sussurrou, e espalhou a sua mão ao longo de seu peito. Ele colocou sua própria mão sobre a dela. "Nós vamos ficar bem."

Eles dormiram um nos braços do outro, e acordaram tarde, de manhã ao som de pássaros. Não mais corvos. Apenas pássaros.

“Você está tão estranha”, Eve disse, enquanto Claire, fresca devido a um banho descia as escadas trazendo sua mochila.

Eve estava sentada na mesa de jantar, bebericando uma Coca e lendo a Cosmo¹² com grande concentração. Ela estava vestida de rosa – ou, como Eve gostava de dizer, um Irônico Rosa. Uma saia roda com logos de caveiras e ossos. Com botões rosas de caveiras. Pequenas chuquinhas rosas com caveiras, que tornavam ela um pouco agressiva, alguém ousada.

“Desculpa?” Claire parou de se movimentar. Eve levantou o olhar do seu artigo.

“Nem tente.”, ela disse. “Eu conheço esse olhar.”

“Que olhar?” Claire mantinha a porta da cozinha aberta.

“O olhar agora-eu-sou-mulher. Oh Deus, não me diga, por favor, porque eu tenho plena certeza que você tem dezessete e eu tenho mais experiência nessa área, certo?” Claire não podia pensar em nada para dizer. Eve continuou “Melhor que ele tenha sido legal com você, doce, ou eu juro, eu vou chutar o traseiro dele daqui até – hey, essa camisa é do Shane?”

Era. “Não”. Claire fugiu para a cozinha.

Michael estava parado em frente a cafeteira, mexendo nos botões. Ele olhou para ela, levantou as sobrancelhas, mas não disse nada.

“O que?”, ela perguntou, e jogou sua mochila na mesa enquanto ela pegava um copo de suco de laranja. “Vou voltar a pagar o aluguel?”

“Nós temos mais coisas para conversar do que o aluguel.”

“Tipo o que?” Ela mantinha o foco em seu suco. “Como qual longe você está indo com essa coisa de ser espião com Bishop, e coisas do tipo ou você não está tentando se matar? Porque eu estou preocupada, Michael.”

Ele deu um suspiro profundo e correu as mãos em seu cabelo loiro cacheado enquanto ele tentava segurar a frustração. Tinha um corte na sua mão. Claire observou, mas ele estava sem nenhum traço de medo. “Eu não posso te dizer mais nada. Eu corro um enorme risco te falando as coisas que sei, entende?”

“E eu estou pedindo isso? Não. Porque de acordo com Patience Goldman, isso” – ela levantou a manga da camisa e mostrou à ele sua tatuagem, que parecia uma sombra em sua pele, e se mexia – “isso está sumindo. Eu não acho que ele percebeu ainda, mas ele provavelmente irá.”

“Esse é um dos motivos porque eu te disse para ficar longe dele.”

“Como se eu não quisesse! Theo...” Isso voltou forte em sua mente e ela ainda não tinha perguntado, ela podia sentir que suas boas vibrações da manhã tinham se transformado em horror. “Oh Deus. Theo e sua família –”

“Eles estão ok”, Michael disse. “Eles foram levados para uma das prisões. Eu os chequei, e disse a Sam. Ele vai falar com Amelie.”

¹² Revista feminina – tipo Nova, Marie Claire...

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

“Que bom que todos estão bem.”

Michael olhou para ela enquanto ele colocava o café. “Você parece diferente hoje.”

Ela estava entrando em desespero, e ela sentia suas bochechas se tornando carmin em seu rosto. As sobrancelhas de Michael se levantaram, devagar, mas ele não disse nada.

“Ok, isso é... não que eu queira saber. E nunca jogue poker”. Ele lhe deu um meio sorriso ele não ia envergonhá-la sobre isso. “Você está se mudando?”

“Eu não sei.” Ela sentia e tentava manter seu coração que batia apressado sob controle. “Eu preciso falar com meus pais. Eles realmente... Eu tenho medo por eles, isso é tudo. Eu penso que talvez seja melhor se eu ficasse com eles, isso não faz as coisas melhores, mas pior não vai fazer. Eu acho que eu poderia levá-los para fora de Morganville de alguma maneira.”

“Você pode”, disse uma voz vinda da porta da cozinha. Eram – tantas pessoas! – Hannah Moses, parecendo alta, esguia e extremamente perigosa em seu uniforme policial de Morganville, com uma arma, cassetete, spray de pimenta, algemas, e outras coisas. Hannah era uma dessas mulheres que chamavam atenção no comando não importava o que estivesse vestindo, mas quando ela estava em seu uniforme, isso não era contestado. “Talvez eu possa entrar?”

“Eu acho que você deva entrar”, Michael disse, e fez um gesto para a mesa da cozinha. “Quer café para acompanhar a pausa e o entretenimento?”

“Não é uma pausa e entretenimento com distintivo, especialmente para alguém de vocês.”

“E quem seria?”

“Eve. Na verdade, eu quero um pouco de suco de laranja, se você tiver um pouco,” Hannah disse. “Estou cheia de café. Eu patrulhei a noite toda.” Ela tinha um aspecto cansado, enquanto ela sentava em uma cadeira e colocava as pernas para fora, por mais que Hannah estivesse cansada ela ainda não tinha perdido o foco. Ela usava seu cabelo preto em um complicado penteado junto ao seu pescoço; tinha algumas cicatrizes em seu rosto do período que ela tinha estado no Afeganistão, parecia que ela tinha quebrado o seu nariz. Para algumas mulheres isso parecia uma desfiguração. Em Hannah, isso era um tipo de uma terrível bonita marca. “Está se tornando asqueroso fora daqui.”

Para Hannah dizer isso, era pior do que asqueroso. Claire colocou um pouco de suco numa xícara do Scooby-Doo e foi se sentar.

Michael disse, “você estava falando sobre tirar os pais de Claire da cidade. O quanto isso é possível, sem Bishop saber?”

“Oh, não há dúvidas de que ele saberá”, Myrnn disse, ele estava atrás de Claire – tão perto que sua gelada respiração tocava a parte de trás do pescoço dela, e ela estremeceu e derramou toda a sua bebida na mesa. “O que ele sabe não importa. Queremos que ele saiba.”

“Como você entrou aqui?” Michael perguntou, com seu rosto em choque, ele realmente não tinha visto Myrnn. Myrnn, quando Claire se virou para olhar para ele estava sorrindo. Ele tinha tomado banho; seu cabelo, rosto e mãos estavam limpos, e vestia roupas ao estilo dos anos cinquenta.

“Você dificilmente entenderá se eu dissesse a você. Mas respondendo a sua pergunta, Chefe Moses está totalmente de acordo em transportar as pessoas em segurança da cidade. Nós precisamos montar grupos específicos de pessoas que irão sair de Morganville, e algumas dessas pessoas são seus pais, Claire.”

Ela molhou os lábios. “Alguma razão especial para estarmos saindo com tanta pressa?”

“Sim”, ele disse, Hannah deu a ele um olhar que ele deveria parar de falar imediatamente. Mas isso não funcionaria com ele, claro. “Nós estamos prontos. Uma vez que Bishop comece a matar, ele vai começar pelos que amamos mais. Isso inclui seus pais, Claire, que não podem se defender sozinhos.”

Ele sabia alguma coisa. Ela podia ver, e isso a deixava assustada até a morte. “Quando?”

Ele esfregou as mãos. “Não sabemos. Mas eu posso te dizer que será logo. Michael sabe disso muito bem.”

Michael não disse nada, mas ele estudava a mesa muito intensamente, Claire resistiu a uma urgência de jogar suco no caminho dele. “Quando nós podemos tirar eles da cidade?”

“Eu estava indo buscá-los para que empacotem suas coisas e então partam”, Hannah disse. “Eu tenho dois ônibus com os prováveis alvos, e eles estão sendo enviados para fora de Morganville nas próximas duas horas.” Claire viu um movimento na porta, e percebeu que Eve estava na cozinha, mas ela estava em silêncio encostada na parede. Enquanto ela observava, Shane entrou também, refrescado por um banho, seu cabelo pingava. Seus olhos se prenderam nos dela, mas ele não foi até ela; ele ficou junto de Eve.

Hannah percebeu eles, também.” Vocês dois,” ela disse. “Vocês estão no ônibus de hoje. Peguem uma bolsa. Coisas para alguns dias. Se vocês precisarem de mais, nós buscaremos para vocês.”

Eve e Shane começaram a falar, em um tom alto cheio de raiva. Eve bateu em Shane nos ombros e o fez calar a boca para que ela pudesse falar primeiro. “De jeito nenhum. Eu não vou a lugar nenhum, Hannah. Fim da estória.”

Shane continuou, “eu não vou a lugar nenhum se Claire ficar aqui.”

“Então ela irá também”, Hannah disse. “Eu estava para falar isso de qualquer maneira.”

Mas Michael e Myrnin balançaram suas cabeças. “Ela não pode”, Michael disse. “De um jeito ou de outro, a tatuagem liga ela diretamente a Bishop. Ele ainda tem poder de controlá-la – e todos os que estiverem com ela.”

“Não necessariamente”, Myrnin disse. “Existe vampiros que podem bloquear a percepção dele sobre ela, se eles trabalharem com ela. Mas eles não estão disponíveis no momento.”

“Patience Goldeman”, Claire disse. “Certo?”

“Se Theo pudesse ter esperado apenas mais um dia, isso teria sido possível. Eu planejei usar ela com um propósito. Mas suponho que a falta seja nossa; se nós tivéssemos mantido ele em nossos planos, ele não teria agido de forma tão estúpida.” Myrnin comentou.

“Eu não poderia ir”, Claire disse. “Eu não iria deixar Michael sozinho, fingindo ser o melhor amigo de Bishop.”

“Oh, obrigado por isso. Graças por eu inspirar a sua confiança.”

“Bem, você não inspira. Você não é espião. Você é músico.”

“Os dois”, Myrnin disse secamente, “não são altamente exclusivos. Mas Michael está certo. Nossa pequena Claire não pode sair de Morganville, enquanto as coisas estão desse jeito. Contudo, eu preciso dela do meu lado.”

“Bem, se ela não está indo,” Shane disse, “não contem comigo para fugir da festa”.

“Idem”, disse Eve.

Hannah deu a ambos um olhar que parecia que suas coisas estavam em suas mãos, mas então ela olhou para cima e balançou a cabeça. “Não posso prometer que ficaram em segurança. Entendidos?”

Eve rolou os olhos. “Nós sempre perguntamos pelo que? Tipo, sempre? Você nos conhece, Hannah. Todos nós fomos a mesma escola – exceto Claire. Nós crianças de Morganville temos brigado com vampiros por toda a nossa vida. Não é um novo território.”

“Não é verdade”, disse Myrnin, muito sábio. “Você sempre esteve brincando com os vampiros de Morganville, que jogavam pelas leis e regras. Você nunca ficou cara-a-cara com alguém como Bishop, que não tem consciência e não tem pena.”

“Não ligo”, Eve disparou. “Mais um motivo para todos ficarmos juntos.”

“Sempre algum louco quer ficar quando o tornado está chegando. Não posso salvar todo mundo.” Hannah bebeu seu suco de uma única vez. “Tudo bem, eu estou indo. Nós estamos pegando as pessoas das casas do Fundador primeiro, depois as pessoas leais a Amelie, então as pessoas da administração Morrell. E sim, os Morrells, também.”

“Richard não está desaparecido?”

“Não.” Hannah disse. “Richard apenas está trabalhando conosco no plano para evacuar a cidade. Eu disse isso a sua estúpida irmã, mas ela ficou fazendo tanto alarme quanto ela pode. Desejo que possamos achar um ônibus especial apenas para ela. Um fedorento, lento. Preferencialmente com vaso apoiado.¹³

Claire sorriu para isso, então lembrou de mais uma coisa. “Os Goldmans”, ela disse. “Eles precisam de ajuda, também. Podemos ajudá-los?”

“Sem idéia de onde eles estão,” Hannah disse.

“Eu sei.” Myrnin parecia pensativo. “Não tenho certeza, mas posso tentar”, ele disse. “Eles não seguem Amelie ou Bishop, então eles estão em segurança enquanto se manterem fora do caminho. Mas é um risco incluir vampiros em nossa evacuação.”

“Concordo, é por isso que é bom temos alguns vampiros lutando ao nosso lado se alguma coisa sair errado fora da cidade.” Hannah falou. “Não é uma má idéia.”

¹³ Sabe aqueles banheiros de avião, meio esquisitinhos e que da nojo? A idéia é essa.

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

“Providenciaremos que os Goldmans fiquem bem.” Ele parecia prestes a dizer algo a mais, mas ele balançou a cabeça e colocou as mãos em forma de punhos. “Não, isso não é o que quero. Vamos lutar. Não. Providenciar tudo... providenciar.”

Ele estava se perdendo. Claire se levantou e abriu a mochila. Ela tirou uma caixinha cheia de cristais vermelhos e entregou; era para vampiros, ela tinha uma grande dose. Para um humano, isso certamente, o mataria.

Para Myrnin eram como doces. Ele estava chocado, absorvido, e concordava enquanto devolvia a caixinha vazia para ela. Então ele se virou, rosto para o canto, e abraçava a si mesmo com os braços, cabeça baixa. Seu corpo tremia.

Isso não era para acontecer.

Então os espasmos eram tão fortes que ela achou que ele fosse cair. “Myrnin!” Claire segurou seu ombro; ela nunca o tinha visto daquela maneira – não tão ruim, de qualquer forma. “O que está errado?”

Ele suspirou, “Vão embora. Saiam todos de perto de mim, agora!”

“Mas –“

“Tudo cheira como sangue. Saiam todos.”

Claire se foi e se virou, fazendo sinal para Hannah e Michael seguirem ela. Ninguém disse uma palavra. Shane abriu a porta da cozinha, e todos eles saíram.

Todos exceto Claire, que estava na porta, observando Myrnin lutando pela vida e sanidade, cada um em um segundo.

Ela viu seus ombros relaxarem, e sentiu o medo vindo dela – ele se virou totalmente para ela.

Seus olhos não eram vermelhos. Eles eram brancos. Apenas... brancos, com uma sombra no lugar da íris e as pupilas se fechavam. Os olhos de um zumbi.

“Claire”, ele disse, e deu um passo para ela.

Então ele caiu, batendo no chão, completamente imóvel.

“Precisamos levar ele para o hospital”, Hannah disse, mas ela não achava que isso era uma boa idéia. Claire estava ajoelhada próxima à Myrnin, com Michael próximo dela, pronto para tirá-la do caminho se Myrnin mostrasse qualquer sinal de vida vampírica.

Ele estava quieto. Ele parecia morto.

“Eu acho que isso é mais do que hospital”, Claire disse. “Isso é parte da doença. Isso estava nas notas dele – ele fazia comentários sobre progressos; alguma coisa aconteceu. Eles tiveram um... colapso. Eles sobreviveram, mas eles não eram mais quem costumavam ser, eles não eram –“. Sua voz falhou, e ela teve de limpar a garganta. “Não a mesma coisa.” As notas de Myrnin, que ela podia relembrar sobre isso, indicava que quando – ou se – um vampiro voltasse do coma, ele não voltava totalmente.

Myrnin tem estado doente há tanto tempo. Ele tinha perdido a habilidade de criar vampiros há mais de 100 anos; ele tem estado doente há 50 anos, e isso progredia rapidamente. Amelie,

em comparação, estava agora começando a apresentar os problemas físicos – ocasional perda de controle emocional e os tremores. Oliver... bem. Quem saberia se o problema de Oliver era a doença ou apenas uma atitude ruim?

O fato de Myrnin ter ficado tanto tempo confinado nas celas no subterrâneo com outros 30 vampiros onde a doença não evoluía da mesma maneira para todos, ou era nisso que Myrnin acreditava terrivelmente. Ele não queria a cura... mas agora não tinha escolha. Ele tinha que tomar.

E ela tinha de levá-lo ao Dr. Mills.

Eles o levaram por um portal – bem, Michael e Hannah carregaram ele; Claire se concentrava em manter o destino, o prédio da escola de Morganville. “Fiquem aqui”, Claire disse. “Eu vou chamar o doutor.”

“Nós podemos carregar ele”, Michael disse. Ele era capaz; ele podia fazer isso sozinho, sem problemas, mas ele tinha dividido com Hannah metade do peso.

“Eu sei”, Claire disse. “Eu apenas não quero ir direto ao que deveria ser um esconderijo secreto.”

Ela não esperou por resposta, apenas subiu os degraus, até chegar numa porta trancada, e isso era fora dos corredores, evitando chamar atenção de estudantes da idade dela que entravam e saíam das suas aulas. Era manhã ainda, mas a escola estava cheia, e Claire teve de seguir seu caminho com mais cuidado que o usual.

Alguém agarrou ela pela gola da camisa e fez ela parar. Ela tentou escapar, mas isso era apenas uma tentativa – ela era muito pequena, e ele era muito grande.

Seu captor estava vestindo camisa e gravata, e tinha o cabelo cortado ao estilo militar. Ele sorriu para ela como se ela fosse algum tipo de inseto que se pega na mesa do jantar. “O que pensa que está fazendo?” Ele perguntou. “Nada de se esconder nas paredes!”

“Eu não sou estudante!” ela gritou. “Me deixe!”

Ele viu o grande bracelete dourado em seu braço, e seus olhos ficaram selvagens; ele focou o rosto dela de volta. “Você é aquela garota – Claire. Claire Denver. A da Fundadora – desculpe”. Ele a largou tão rapidamente que ela quase caiu. “Me desculpe, senhorita. Pensei que era uma dessas crianças punks rebeldes.”

Esse era um momento novo para ela, onde a vida não era de todo uma droga – um momento onde ser uma aberração da natureza quase valia a pena desde que ela chegou em Morganville.

Esse era um deles. Ela se ajeitou, colocou as mãos nos quadris, e olhou para ele com toda a calma gelada que ela imaginou que Amelie faria, como uma lâmina em uma guilhotina. “Eu sou uma criança punk rebelde”, ela disse. “Mas eu sou uma criança punk rebelde na qual você não pode mandar. Agora, eu gostaria que você me deixasse em paz e vá para sua sala. E feche a porta. Agora.”

Ele olhou para ela como se não acreditasse no que acabou de dizer. “Desculpe?”

“Você me ouviu. Eu não preciso de você aqui fora me causando problemas agora. Vai!”

Ele parecia confuso, mas ele concordou relutante e se encaminhou para a porta escrito ADMINISTRAÇÃO no fim do corredor.

“Engula seu coração, Monica”, Claire murmurou. “Obrigada pelas lições de vadia.” Ela se voltou ao corredor, observando ele ir embora e olhando seu pequeno reino.

Myrnin a tinha levado pelos corredores escuros, mas ela lembrava onde virar; ela também lembrou um pouco tarde o quanto eles eram escuros, e desejou que tivesse trazido uma lanterna. Havia uma pequena luz vindo do final, e cadeiras e mesas estavam jogadas; ela avançava devagar e finalmente ela deu um grande esbarrão fazendo um derrame épico.

Finalmente ela olhou as portas fechadas no fim do corredor, e uma enorme mesa do professor estava na frente de um painel de madeira.

“Hei!” Sem resposta. Ela bateu de novo. “Dr. Mills, abra; é a Claire! Eu preciso de sua ajuda!”

Sem resposta. Ela tentou a maçaneta.

“Dr. Mills?”

A porta abriu sem resistência.

A sala estava vazia. Sem sinal de luta – sem sinal de nada, na verdade. Parecia como se ninguém estivesse tido aqui. Todos os equipamentos estavam em caixas, embalados e limpos; sem sinal da produção de serum e dos cristais. A única coisa que estranha era a falta de camadas de poeira.

Claire observou a sala de trás – o escritório do professor e a sala de material, onde a família de Mills tinha vivido.

Mesma historia. Nada aqui mostrava que eles tivessem estado por aqui, exceto um monte de papel e brinquedos perdidos. “Oh Deus, eles se foram!”, Claire suspirou, e voltava para onde tinha deixado seus amigos. Ela esperava que a família Mills tivesse se mudado somente. A alternativa era muito, muito pior, mas ela não podia imaginar Bishop – ou seus espiões – gastando tempo e energia para arrumar tudo isso. Eles certamente não tinham feito isso no laboratório de Myrnin.

Claire involuntariamente parou porque o fantasma de uma mulher – preto e branco, com escalas de cinza, sem cores – bloqueava a saída.

Ela parecia como se tivesse em frente a uma fotografia da era Vitoriana. Grandes saias, cabelo num penteado elegante, corpo esguio e gracioso. Ela estava bem perto de Claire, mãos cruzadas na frente. Havia algo assustador e estranho nela que Claire de repente sentiu, não certa sobre o porque, mas absolutamente ela não iria a lugar nenhum perto daquela imagem.

Claire podia ver a sala atrás do corpo. Enquanto ela observava, o fantasma se desconfigurou em algum tipo de estática, então se remontou. Ela colocou um dedo nos lábios, fazendo gesto para Claire se manter em silêncio.

“Fantasmas”, Claire disse. “Ótimo. Eu estou ficando louca. Isso é tudo o que faltava.”

Enquanto ela checava a outra sala, o fantasma ainda estava lá, flutuando a poucos centímetros do chão. Então ela estava totalmente louca.

O fantasma sinalizou para Claire segui-lo, e voltava e seguia de tempos em tempos, desaparecendo, e voltava a ser vista. Não como uma pessoa real, mas como um desenho animado. Isso era louco e insano, e Claire pensava, *eu não estou inventando isso, porque eu nunca imaginaria isso eu mesma.*

Ela seguiu o fantasma para fora do laboratório, indo para o corredor. Entrando em outra sala, vazia exceto pelas cadeiras e mesas. O mesmo sentimento de que algo estava estranho. Parecia que ninguém esteve por ali em anos.

O fantasma se voltou para o quadro e letras apareceram.

AMELIE É QUEM VOCÊ PRECISA, estava escrito. ACHE AMELIE. SALVE MYRNIN.

“Quem é você?” Claire perguntou. O fantasma lhe deu um pequeno sorriso. Parecia esnobe e um pouco superior.

Três letras apareceram no quadro. ADA.

“Você é o computador?” Claire não podia acreditar; ela riu. Não somente porque ela estava falando com um computador chupador de sangue, mas isso era como se fosse uma espécie de heroína de romance gótico. A destemida Senhorita Plum a governanta.¹⁴ “Como você – Oh, esqueça, eu sei que não é hora. Como eu acho Amelie?”

USE O BRACELETE. A imagem em preto-e-branco de Ada se apagou novamente, como um sinal que recebe muita interferência. Quando ela voltou, ela parecia estranha e triste. RÁPIDO. NÃO HÁ MUITO TEMPO.

“Eu não sei como!”

Ada parecia mais ofuscada, e escreveu algo no quadro – mas isso estava fraco, e foi tão rápido que Claire nem pôde ler. S-A-N... “Sangue?” Claire perguntou. Ada concordou, mas Claire observou que havia sim em seu olhar.

“Claro. O que mais? Porque vocês caras não podiam fazer algo que usasse chocolate?”

Nenhuma resposta do fantasma/computador; Ada desapareceu com um puff. Claire olhou em volta e achou uma tachinha presa em um bilhete. Ela hesitou, pressionou a tachinha no dedo, e murmurou, “Se eu pegar tétano, eu vou matar você, Myrnin.”

Então ela sentiu o furo, e veio algumas gotas vermelhas que ela jogou sobre o símbolo de Amelie no bracelete.

Isso se tornou branco como uma luz. O sangue desapareceu dentro do sulco, e o bracelete ficou quente, então desconfortável sobre a pele dela. Claire prendeu os dentes até que ela sentiu o grito vindo, e finalmente, a sensação de queimação passou, deixando o metal gelado.

E era isso. Amelie não apareceu magicamente. Claire não tinha certeza do que esperar, mas isso era totalmente anti-climax.

¹⁴ Deve ser de algum tipo de livro ou filme, mas não achei referencia.

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

Ela deixou a tachinha na bancada, e voltou para dizer a Hannah e Michael que ela havia falhado completamente.

Desajeitada, ela caminhou para o edifício. Os corredores estavam desertos agora, desde que as aulas tinham começado. Enquanto ela passava pela porta da administração, ela se abriu, e o homem que ela tinha mandado ir para sala olhava para ela como uma criança fora de si. “Senhorita Denver?”, ele perguntou. “Há alguma coisa que eu possa fazer por você?”

Esse era o sonho de toda criança no colégio, Claire pensava, e ela estava a ponto de lhe dizer qualquer coisa louca, como fique nu e vá até o auditório. Mas instantaneamente ela apenas balançou a cabeça e continuou andando.

Ele saiu da sala e veio na direção dela.

“Você poderia falar bem de mim?”, ele perguntou, e quando ela tentou passar por ele, ele agarrou seu braço. Ele começou a falar num tom rápido, sussurrado. “Diga ao Sr. Bishop que eu tento ajudar ele. Eu tento ser útil. Apenas diga isso a ele!”

A grande porta dupla se abriu e a luz do sol iluminou o corredor, e um grupo de pessoas entraram. Eles estavam de casacos longos, escuros, e eles se moviam rápido, com um propósito.

Mais rápido que humanos.

Dois deles que estavam na liderança jogou seus capuzes para trás, e Claire estava surpresa por ver que um deles era Amelie, perfeitamente arrumada e parecendo como se nunca nada tivesse mudado, como se ela nunca tivesse deixado de ser a rainha de Morganville.

O outro ao seu lado era Oliver. Não tão confortável.

“Milton Dyer”, Amelie disse. “Por favor tire suas mãos de minha amiga Claire. Agora.”

O homem congelou enquanto sua pele se tornava pálida, e olhava para baixo na direção de Claire, e afrouxou sua mão ao redor do braço dela.

“Agora vá”, Amelie disse com a mesma voz calma, sem emoção. “Eu não desejo vê-lo novamente.”

“Eu...” Ele molhou os lábios. “Eu continuo leal ao meu Protetor.”

“Seu Protetor era Charles”, Amelie disse. “Charles está morto. Oliver, você tem interesse em ficar com o contrato de sr. Dyer?”

“Na verdade não”, Oliver disse. Ele soava aborrecido.

“Então vamos ver as coisas. Leve meu sinal, sr. Dyer. A próxima vez que você precisar de mim, eu acharei você.” Ela disse isso sem nenhum particular senso de pena, mas Claire sabia sem dúvida que era isso que ela sentia. No entanto o sr. Dyer tinha se retirado para seu escritório. Ele não bateu a porta. Ela fechou suavemente com um click.

Deixando ela no corredor cheio de vampiros. Os antigos, ela pensou – Amelie e Oliver eram velhos obviamente, mas os outros pareciam conseguir ficar no sol sem grandes problemas, também. Dez no total. A maioria deles de casacos longos e capuz.

“Você usou o bracelete de uma forma que eu não te ensinei”, Amelie disse. “Quem te mostrou como me chamar assim?”

“Porque?”

“Não brinque comigo, Claire. Foi Myrnin?”

“Não. Foi Ada.”

Os olhos cinzas de Amelie piscaram, um pouco, mas nada que dissesse a Claire o que ela pensava. “Eu vejo. Nós vamos conversar mais tarde,” ela disse. “Porque usou o chamado de sangue? Isso é para ser usado para me alertar quando você estiver seriamente em perigo.”

“Bem, alguém está. Myrnin está muito doente. ele está nas escadas. Eu precisava trazer ele para ter alguma ajuda. Eu vim para achar o Dr. Mills, mas –“

“O Dr. Mills foi realocado,” Amelie disse. “Eu penso que é o melhor, depois do acontecido no laboratório de Myrnin – eles poderiam vir aqui. Eu não posso lhe dizer onde ele está. Você entende porque.”

Claire sabia. E ela se sentiu doente e com um pouco de raiva, também. “Você acha que eu posso levá-lo. Para Bishop. Bem, eu não poderia. Myrnin sabia disso.”

“No que quer que seja que Myrnin acredite, eu não posso correr o risco. Nós estamos perto do fim do jogo, Claire. Eu só posso arriscar o que eu tenho certeza.”

“Você não está feliz por Myrnin ter me apresentado Ada, está?” Claire perguntou.

“O julgamento de Myrnin tem sido... um pouco questionável. Como você sabe, ele está doente. Onde podemos achar ele?”

“Nas escadas, pelo portal”, Claire disse. Amelie concordou com uma leve despedida e se virou para sair, seguida por todos eles. “Espere! O que você quer que eu faça?”

Amelie nada disse. Oliver, pensando por um momento, disse, “Fique fora do nosso caminho. Se você considera importante seus amigos, mantenha eles fora do nosso caminho, também.”

Então eles se foram, se movendo rápidos e silenciosos passando pela porta.

Claire ficou parada no corredor vazio para alguns longos suspiros, ouvindo os sons das aulas em suas classes, estudantes fazendo perguntas ou dando respostas.

A vida continua.

Tão incompreensível.

Ela começou a ir em direção ao prédio, mas um vampiro que ela não conhecia bloqueou a entrada. “Não”, ele disse suavemente. “Você não vai conosco.”

“Mas –“

“Não.”

“Hannah e Michael –“

“Eles ficarão bem. Vá”

Não havia como negociar. Claire finalmente aceitou isso, e se virou para sair da escola do jeito tradicional... indo para a luz do sol, o modo como Amelie e sua gangue haviam chegado. Ela não tinha idéia de onde eles vieram, ou para onde iriam.

Amelie queria desse jeito.

Claire sentou nos degraus da escola por alguns minutos, sentindo o vento frio, mas não tão cortante devido as nuvens brilhantes no céu. As ruas perto da escola estavam vazias – alguns carros faziam seu caminho por Morganville, mas nada além disso.

Ela ouviu a porta abrir atrás dela, e Hannah Moses veio em suas botas do exercito e ofereceu a Claire sua grande e elegante mão. Claire pegou e se levantou. “Amelie o levou?” Ela perguntou. Hannah concordou. “Michael foi com eles?”

“Ele vai te ver mais tarde,” Hannah disse. “A coisa mais importante é tirar você daqui. Eu preciso que você me ajude a colocar seus pais no ônibus.”

“Bishop vai saber sobre isso,” ela disse. “Você sabe disse, certo? Ele vai saber o que você está fazendo.”

Hannah concordou. “Este é o motivo para fazermos isso depressa, amiga. Então vamos nos mexer.”

Mamãe e papai estavam discutindo; Claire podia ouvir isso da onde ela e Hannah estavam paradas na frente da porta da casa, tocando a campainha. Claire sentiu uma estranha sensação em seu estomago. Seus pais não brigavam muito, mas quando faziam, era porque era algo muito importante.

O som das vozes sumiu, e depois de dez segundo, a porta se abriu. A mãe de Claire estava parada, com suas bochechas rosadas. Ela olhava como quando ela dava algum tipo de aviso para Claire, obviamente um olhar esperando por brigas, mas ela relaxou e deu um leve sorriso e deixou que elas entrassem.

“Xerife Hannah Moses, senhora”, Hannah disse sem esperar apresentação. “Eu não acho que nós encontramos pessoalmente antes. Eu conheço a sua filha há pouco tempo. Ela é boa pessoa.”

Ela ofereceu sua mão, e a mãe de Claire pegou-a enquanto os olhos dela passavam de Claire para Hannah, e vice-versa. “Há algum tipo de problema xerife Moses?”

“Hannah, por favor”. Hannah realmente estava jogando seu charme, e ela era boa nisso. “Talvez eu possa falar com você e seu marido ao mesmo tempo? Isso envolve os dois.”

Com um olhar singelo e preocupado sobre seus ombros, sua mãe deixou o corredor em direção a sala de estar. O mesmo layout da Glass House, mas com algumas coisas diferentes, especialmente agora. Claire fazia uma lembrança mental do sofá familiar e a guitarra de Michael e os livros encostados na parede; aparentemente, sua mãe tinha arrumado a casa transformando a sala em um local de leitura, com tudo cuidadosamente alinhado e em seu lugar.

A única coisa que não parecia certa na foto era o pai de Claire, que estava sentado em um dos braços do sofá de couro, rosto vermelho. Ele estava sentado de um jeito esquisito, e um fogo de raiva em seus olhos que Claire tinha de admitir, ela nunca tinha visto. Então, ele se pôs de pé e apertou a mão de Hannah, sua mãe indicava para que Hannah sentasse enquanto ela se sentava na outra ponta do sofá, com Claire entre os pais. Normalmente, sua mãe teria trazido café e sanduíches e biscoitos, mas não era o momento. Ela apenas dava uma outra olhada para o outro canto do sofá e parecia preocupada.

Hannah disse, “Vamos colocar as cartas na mesa. Existe uma emergência na cidade. Sr. E sra. Denvers, vocês precisam vir conosco. Peguem coisas para algumas noites, pegue apenas o que vocês não podem viver sem. Eu vou lhes dar quinze minutos.”

Isso era... brusco, Claire piscou. Ela esperava milhares de questões de seus pais, mas ela estava surpresa pelo silêncio.

Os pais de Claire olharam um para o outro, e então o pai dela concordou. “Ótimo”, ele disse. “Nós estávamos querendo fazer isso já tem um tempo. Claire vá com sua mãe e pegue as coisas. Eu estarei lá em cima em um segundo.”

“Um...! Claire limpou a garganta e tentou não olhar tão péssima como ela se sentia. “Eu não estou indo, pai.”

Eles olharam para ela como se ela tivesse falado em chinês. “Claro que você vai”, sua mãe disse. “Você não vai ficar aqui sozinha. Não quando sabemos o quanto isso é perigoso.”

“Me desculpe, mas vocês sabem o suficiente de Morganville para vocês estarem com problemas”, Hannah disse. “Isso realmente não está em discussão. Vocês precisam fazer as malas e vocês têm de ir. E Claire não vai com vocês, não por enquanto.”

Uma coisa sobre Hannah; quando ela diz alguma coisa sobre isso, ela é clara sobre isso. O silêncio caiu, Claire sentiu seus pais olhando pesadamente para ela, então ela olhou para o chão enquanto mexia com suas mãos. “Eu não posso,” ela disse. “É complicado.”

“Não, não é”, seu pai disse, com um tom forte de voz que ela não se lembrava de ter ouvido antes. “É absolutamente simples. Eu sou seu pai, você tem menos de dezoito, e você vem conosco. Me desculpe, xerife Moses, mas ela é muito nova para ficar aqui por conta própria.”

“Pai, vocês me mandaram aqui para ficar por minha conta!” Claire disse.

“Porque você acha que estávamos brigando, Claire?” Sua mãe replicou. “Seu pai estava apenas me lembrando que eu queria mandá-la para uma escola perto, apenas para adquirir experiência, era uma boa idéia. Ele queria mandá-la direto para o MIT, resolvendo apenas como nós iríamos pagar, eu realmente não tinha nenhuma -“

Seu pai a interrompeu. “Nós não vamos começar isso de novo. Claire, nós estávamos errados em mandar você para cá sozinha em primeiro lugar, não importa o quão seguro nós pensamos que seria. E nós estamos concertando isso agora. Você vem conosco, e as coisas começarão a melhorar depois que sairmos dessa cidade.”

As mãos de Claire se fecharam em punhos enquanto a frustração crescia dentro dela. “Vocês estão me ouvindo? É muito tarde por causa de todas as coisas! Eu não posso ir com vocês!”

Ela achava que eles estavam tendo erradas suposições... e, de qualquer forma, era uma delas. “É aquele garoto, não é?” A mãe de Claire disse. “Shane?”

“O quê? Não!” Claire gritou soando pior do que parecia, como culpa e lamentação. “Não, não na verdade. É algo a mais. Como eu disse, é complicado.”

“Oh meu Deus... Claire, você está grávida?”

“Mãe!” ela sabia que parecia tão mortificada quanto ela se sentia, especialmente com Hannah olhando.

“Querida, aquele menino tirou vantagem de você?” Seu pai estava tirando conclusões erradas; ele tinha se levantado e tornado tudo mais drástico. “Bem?”

Claire olhou para ele, de boca aberta, sem conseguir tentar falar. Ela sabia que veria mentir, mas ela apenas não achava as palavras.

E no silêncio constrangedor, seu pai disse. “Eu quero ele preso!”

Hannah perguntou, “Sob que alegação, sr?”

“Você está brincando? Ele fez sexo com minha filha menor de idade!” Ele deu a Claire um olhar que tinha tanta raiva, tanta ferida e cheio de perigo. “Vá em frente, me diga que estou errado, Claire.”

“É... não é bem isso!”

Seu pai transferiu o olhar para Hannah. “Você vê? Eu totalmente juro que farei uma queixa se precisar.”

Hannah parecia totalmente confortável, “Sr, não há qualquer queixa a ser feita aqui. De fato, Claire tem dezessete anos, o que de acordo com as leis do Texas a faz responsável por ela própria. Shane é mais velho um ano. Não há leis sobre isso, exceto a lei do bom senso, o que eu penso que você tem de admitir que não é a das melhores quando se está na adolescência. Isso é um caso de família, e não de polícia.”

Seu pai parecia chocado, então com raiva. “isso é insano” E tem de ser ilegal!”

“Bem, não é sr., e não tem nada o que fazer a respeito de Claire ficar em Morganville. Isso tem a ver com vampiros.” Hannah definitivamente tinha tirado o foco da conversa de Shane e sexo, o que Claire era realmente grata. “Eu estou dizendo isso para seu próprio bem, e o de Claire: ela fica. Ela não ficará desprotegida; eu prometo isso. Nós a manteremos segura.”

“Nós quem?” O pai de Claire não ia desistir sem lutar.

“Todo mundo que conta,” Hannah disse, e levantou as sobrancelhas. “O tempo está correndo, sr. Danvers. Nós realmente não podemos debater isso. Vocês precisam ir agora. Peguem suas coisas.”

No final, eles fizeram. Claire foi ajudar a mãe, relutante; ela não queria voltar a conversa sobre ela e Shane, mas isso começou assim que a porta se fechou. Ainda bem que o pai dela não estava no quarto. Deus, isso seria horrível.

“Querida”, Claire parou de guardar as roupas dentro da mala em cima da cama dos pais, deu uma olhada para a expressão seria de sua mãe, e continuou com o que estava fazendo.

“Querida, eu realmente não gosto de você envolvida com aquele garoto – rapaz. E não acho apropriado você morar naquela casa com ele. Eu apenas não acho certo.”

“Mãe, nós poderíamos nos focar em não sermos mortos hoje? Eu prometo, você pode me dar a bronca eu-estou-tão-desapontada-com-você amanhã e todos os dias depois, se você apenas empacotar tudo!”

Sua mãe abriu o armário agarrou alguns cabides e os jogou na mala. Não é normal. Sua mãe era daquelas pessoas que dobravam certinha as roupas igual nas lojas. Ela se moveu para a próxima porta, então a próxima. Claire observava a bagunça.

“Apenas me diga”, sua mãe disse enquanto ela tirava as roupas dos armários e colocava na cama. “Você se protegeu?”

Oh senhor, Claire não queria ter a conversa sobre pássaros-e-abelhas parte 2 com a mãe. Não agora. Nem nunca, para ser honesta; elas já tinham tido essa conversa uma vez, horrivelmente, e isso era o bastante. “Sim”, ela disse, com toda calma e tranquilidade que ela conseguiu reunir. “Ele insistiu”. Ela pensava que isso realmente refletia Shane. Claro, sua mãe deu um olhar estranho.

“Você não queria? Oh, Claire. É seu corpo!”

“Mãe, claro, eu –” Claire deu um suspiro profundo. “Podemos apenas empacotar?”

Ela assistia a chuva de sapatos caindo na cama.

Hannah estava esperando quando ela finalmente trouxe as malas para baixo. O pai de Claire tinha subido por alguns minutos, apenas para pegar um travesseiro, e ele insistia em trazer a bagagem, mas Claire fez questão disso. A coisa pesava uns 23 quilos, no total.

Hannah levantou as sobrancelhas. *O que aconteceu?*

Claire rolou os olhos. *Não pergunte.*

Estava frio, silencioso dentro do ônibus.

Richard Morrel tinha conseguido dois genuínos ônibus-leito¹⁵, com assentos em camurça e janelas com insulfilm. De acordo com o letreiro, ele estava indo para Milland/Odessa, mas Claire suspeitava que eles iriam para outro destino.

O primeiro ônibus partiu assim que Claire chegou com seus pais; havia muitas pessoas a maioria eram oficiais da cidade e habitante das Casas do Fundador, incluindo os Morrell. Eve estava lá, também, olhando as pranchetas e checando as pessoas.

“Oh, olhe, é sua amiga”, sua mãe disse, e apontou. “Ela não aparece feliz.”

Ela não apontava para Eve, mas para Monica. Monica definitivamente não estava feliz. Ela tinha sido forçada a entrar no ônibus, argumentando ao mesmo tempo com seu irmão, que parecia incomodado e com raiva. Ela estava com suas duas amigas, Gina e Jennifer pareciam ansiosas com essa oportunidade de saírem da cidade. Monica provavelmente pensava que esse era o melhor momento social para ser a rainha-abelha com Bishop já que Amelie parecia descartada, mas ela estava pensando no meio-termo; se o que Myrnin disse era certo, e Claire

¹⁵ São ônibus que da para as poltronas se reclinarem, viram quase camas.

não tinha razão para duvidar, então a ordem social de Morganville estava para mudar, e se tornar mais popular não significava nada além de ser mais visado na hora da luta.

A briga com Monica vinha do fato que Richard se recusou a entrar no ônibus. Bem, Claire sabia o que estava vindo. Ele não era o tipo que fugia. “Existe toda uma cidade que não pode sair”, ele falava para a irmã, que estava terrivelmente resistindo a entrar no ônibus. “Pessoas que eu preciso procurar depois. Eu sou o prefeito. Eu preciso ficar. Então, desde que eu faço parte do conselho. Eu não posso ir.”

“Você tem um maldito ego, Richard! Ninguém está contando com você. A maioria dessas pessoas estúpidas nessa cidade querem a chance de sair, fariam isso se pudessem.”

“Por isso eu estou ficando”, ele disse. “porque essas pessoas precisam de ordem. Mas eu preciso que você vá, Monica. Por favor. Você precisa cuidar da nossa mãe.”

Monica oscilou, Claire, procurou, pode ver a sra. Morrel sentada no ônibus, olhando para fora da janela com uma expressão pensativa distante. Monica tinha dito que a mãe dela não estava muito bem, e ela parecia magra e frágil e não inteiramente nesse mundo.

“Isso é uma droga de chantagem!” Monica gritou, Gina e Jennifer olharam uma para outra, deram alguns passos para trás, e subiram na escada do ônibus, deixando Monica sozinha. “Sério, Richard. Não acredito que você vai me despachar assim!”

“Acredite. Você está partindo, e partindo para fora daqui. Agora. Eu preciso que você fique segura.” Ele a abraçou, mas ela se esquivou dando um olhar de raiva, e se virou e seguiu sem dizer uma palavra. Ela se sentou atrás de Jennifer e Gina, próxima a mãe dela, e cruzou os braços num protesto silencioso.

Richard deu um suspiro em sinal de desespero, então virou-se para os pais de Claire. “Por favor”, ele disse. “Nós precisamos fazer esses ônibus se moverem.”

O pai de Claire sacudiu a cabeça.

“Pai,” Claire disse, e segurou o braço dele. “Vamos lá!”

Ele ainda estava hesitante, olhando para Hannah, depois Richard, então Claire. Ainda estava balançando a cabeça em protesto.

“Pai, você tem de ir!” Agora!”, Claire praticamente gritou. Ela se sentia doente, preocupada e aliviada ao pensar na segurança deles, finalmente, em algum lugar fora de Morganville. Algum lugar onde isso não poderia atingi-los. “Mãe, por favor. Apenas faça ele ir! Eu não quero vocês aqui; vocês estão justamente no caminho!”

Ela disse isso em desespero, e ela viu o quanto isso doeu em seus pais. Ela havia dito coisas piores ao longo dos anos; ela tinha gritado para eles *Eu odeio vocês* e *Eu gostaria que vocês estivessem mortos*, mas isso tinha sido antes quando ela era apenas uma criança e achava que sabia de tudo.

Agora, ela sabia que ainda não sabia de tudo, mas sabia mais do que eles.

Frustração, porque eles nunca iam ver dessa maneira.

“Não fale conosco desse jeito, Claire!”, sua mãe respondeu. Seu pai colocou uma mão em seu ombro e esperou, ela deu um suspiro.

“Tudo bem”, seu pai disse. “Eu vejo que você não vai sem brigar, e eu vejo que seus amigos não vão nos ajudar.” Ele parou, e Claire olhou em seus olhos enquanto ele olhava para Hannah, depois Richard. “Se algo acontecer a nossa filha-”

“Sr.”, Richard disse. “Se o sr. não entrar no ônibus, coisas acontecerão a todos nós, e isso será muito, muito ruim. Por favor. Apenas vá.”

“Você precisa fazer isso por sua filha”, Hannah acrescentou. “Eu penso que vocês sabem disso, bem no fundo. Então deixem que eu cuide de Claire. Vocês devem entrar no ônibus. Eu prometo, isso terminará logo.”

Isso foi uma espécie de despedida, cheia de lágrimas (de Claire e sua mãe) e uma espécie de abraço tão forte que ela recebeu do seu pai que a chocou, mas não era necessário mostrar isso. Sua mãe alisou o cabelo dela, como fazia quando ela era criança, e a beijou gentilmente na bochecha.

“Você fique bem,” ela disse, e então olhou dentro dos olhos de Claire. “Nós conversaremos sobre as coisas depois.”

Ela sabia que era sobre Shane, claro. Claire sinalizou e concordou, e a abraçou uma última vez. Ela os observou subir as escadas para dentro do ônibus.

Seus pais sentaram na frente, sua mãe estava na janela. Claire deu um leve aceno, e sua mãe devolveu. Sua mãe estava chorando. Seu pai olhava distante, se ele viu o aceno. Ele não devolveu.

A porta do ônibus finalmente se fechou e ele seguiu deserto adentro. Três carros o seguiam, dirigido por pessoas que Hannah havia designado.

Claire tremeu, então ela foi para o sol. *Eles estão partindo. Eles realmente estão partindo.* Ela se sentia sozinha.

O ônibus parecia tão vulnerável.

“Frio?” Uma jaqueta estava sem seus ombros. Ela cheirava a Shane, “O que eu perdi?”

Ela se virou, e ele estava lá, vestindo uma camiseta velha cinza e jeans. A jaqueta dele parecia como um abraço nela, mas não era suficiente; ela queria o calor dos seus braços, e eles ficaram parados por um momento. Ele a beijou na testa. “Tudo está ok”, ele disse. “Eles ficarão bem.”

“Não, não está nada bem,” ela disse, se aconchegando nele. “Apenas não está.”

Ele não argumentou. Depois de um momento, ela voltou a cabeça, e juntos observaram a caravana sair dos limites da cidade de Morganville.

“Por que isso,” ela perguntou com voz calma, “que eu possa lutar com vampiros e quase morrer e eles aceitem, mas eles não aceitam que eu sou mulher, com minha própria vida?”

Shane pensou nisso por um segundo; ela podia ver ele tentando buscar fragmentos em sua própria infância selvagem. “Seria alguma coisa de meninas?”

“Sim, é.”

“Então eu acho que você disse a eles.”

“Um... não foi de propósito. Eu não esperava que eles ficassem tão... zangados com isso.”

“Você é a menininha deles,” Shane disse. “Você sabe, quando penso sobre isso, eu me sinto do mesmo jeito como se fosse minha filha.”

“Você sente?” Havia algo deliciosamente quente sobre o fato dele não ter medo de dizer isso a ela. “Então,” ela disse, com um tom casual que era obvio demais. “Você ter uma filha, hein?”

Ele beijou o topo da sua cabeça. “Dá um tempo, garota.”

Mas ele não pareceu com raiva, ou nervoso. Apenas – era o jeito usual com Shane – focado novamente no que estava na frente deles agora. Um senso de calma estava suavemente envolvendo ela, entrando fundo como um suspiro. Ela se sentia melhor quando estava com ele. Tudo era melhor.

Shane perguntou, “E os Goldmans? Eles estavam no ônibus, também?”

Hannah Moses estava parada perto, assinando papeis com outro policial uniformizado. Ela levantou os olhos para os dois. “Não pudemos pegá-los,” ela disse. “Myrnin disse que ia cuidar dessa questão, mas não tínhamos como tirá-los do controle de Bishop agora. O relógio está correndo, e faltam minutos antes de Bishop descobrir o que fizemos, isso se ele já não descobriu.”

O telefone de Richard Morrell tocou. Ele tirou do seu cinto e checkou o número, então abriu e se afastou para falar por um momento. Claire o observava, ombros tensos, enquanto ele conversava. Quando ele desligou e voltou, tinha o rosto tenso. “Ele sabe”, ele disse. “Bishop mandou uma mensagem para toda a cidade se reunir hoje a noite na Praça do Fundador. Todos devem atender. Ninguém fica em casa.”

“Oh, vamos lá. Você não pode querer que toda a cidade vá nesse encontro. E se eles não receberem a mensagem? E se apenas eles não puderem ir?” Claire perguntou. Mesmo em Morganville, as pessoas burlavam regras – qualquer que elas fossem – era como cuidar de gatos.

Richard e Hannah trocaram olhares. “Bishop não aceita desculpas,” ela disse. “Se ele disse que toda a cidade tem de ir ao encontro dele, ele irá abrir a sessão mostrando quem não está lá. Isso é o estilo dele.”

Richard e Hannah estavam concordando e acrescentando. “Nós precisamos trabalhar nisso. Bater de porta de porta em porta, toda essa coisa. Dá uma olhada no campus e manter os estudantes fora disso. Nós temos seis horas até o crepúsculo. Não vamos perder nenhum minuto.”

Shane estava ajudando as pessoas a fazerem estoques – comida, água, roupas, rádios, coisas de primeira necessidade. Claire não tinha certeza do porque, e ela realmente não queria saber; a atmosfera estava quieta, importante, mas tensa. Ninguém fazia questões. Não agora.

O primeiro vampiro de Bishop apareceu duas horas depois, dirigindo devagar pelas ruas com um dos carros pintados. Hannah fez seu time parar o carro, e Claire estava surpresa de ver um vampiro enquanto ainda havia sol, e que ele não estivesse confinado.

“A maioria das pessoas de Bishop ainda são leais a Amelie”, Hannah explicou. “Amelie gostaria que nós nos mantivéssemos vivos, se conseguíssemos. Ela quer tentar voltar, uma vez que Bishop tenha ido. Chamo isso de insanidade temporária – não um tipo de matança, mesmo para vampiros. Nós apenas precisamos ficar fora da confusão deles, apenas isso.”

Bem, isso soava terrivelmente fácil nos ouvidos de Claire; não pensava que Bishop colocaria – mesmo os renitentes – no mesmo banco. Então, Hannah parecia o que estava fazendo. Esperançosamente. “Então esse é o plano: nós apenas vamos agarrar todos os vampiros que vierem olhar?”

“Calma”. Hannah deu um sorriso para ela. “Você sabe que eu não te disse o plano, certo?”

Certo, Claire ainda estava do lado errado. Ela ainda tinha a maldita tatuagem, a que se mexia debaixo de sua pele, mas aparentemente, era como as asas de uma borboleta. Isso irritava. “Eu gostaria que isso simplesmente morresse.”

“Bishop tem tentando encontrar você?”

“Não recentemente. Ou se ele fez, eu não senti.” Isso parecia excelente, se isso fosse como uma conexão ruim. Talvez ela não fosse mais uma não-mágica-zona de sinal morto. “Então o que posso fazer?”

“Bata nas portas”, Hannah disse. “Nós temos a lista de quem estamos procurando, para o próximo ônibus. Você pode ir com Joe Hess.”

Os olhos de Claire brilharam. “Ele está bem?” Porque ela tinha na memória um sentimento de morte nas mãos, quando ela entregou o papel a ele.

“Sim,” Hannah disse. “Porque não estaria?”

Claire não tinha idéia do que tinha acontecido, mas ela gostava do Detetive Hess, e tudo em volta dele dava a ela uma sensação de conforto, de algo usual. Era como se tudo fosse um propósito. Tudo que ela podia pensar era que seus pais estavam em um ônibus que saía da cidade, e ela não sabia o que ia acontecer com eles. Ou poderia acontecer com eles.

Ela desejava ter dito adeus. Ela desejou que eles não tivessem tão aborrecidos com ela sobre Shane. Bem, eles vão ter de se acostumar com isso, ela pensou desafiadora, mas apenas para si mesma, isso a fazia se sentir fraca e um pouco egoísta.

Mas estar com Shane não era erro. Ela sabia que não era.

Joe Hess dirigia o próprio carro, mas ele estava cheio de aparatos policial – rádio, aquela luz que piscava azul e vermelha, e uma arma que estava travada no banco de trás. Ele era alto, sossegado, alguém que seguia seu próprio caminho. Por essa coisa, ele nunca olhou para ela como uma criança; ele apenas olhava para ela como pessoa. Uma jovem, mas a levava a sério. Ela não tinha certeza do que ela deveria esperar dele, considerando a mensagem de morte que ela tinha entregue.

“Eu estou procurando as portas”, ele disse a ela enquanto ela subia no banco do passageiro, metade de um segundo passou antes do click das trancas serem acionados. “Bom ver você, Claire.”

“Obrigada. É bom ver você, também. E os ônibus?”, ela disse. “Já estão fora da cidade?”

“Amelie desativou as barreiras há uns minutos atrás”, ele disse. “Houve um pequeno problema, mas nada que não pudemos resolver. Eles estão no caminho. Ninguém e machucou.”

Então veio aquela sensação em seu peito que nunca soube que existia. “Para onde eles estão indo – não, não me diga. Eu provavelmente não preciso saber, certo?”

“Provavelmente não,” ele concordou, e deu um longo olhar. “Você está ok?”

Ela olhou pela janela do carro e deu de ombros. “Meus pais estão em um dos ônibus, isso é tudo. Eu apenas estou preocupada.”

Ele mantinha um olho nela enquanto dirigia, e tinha uma estranha expressão em seu rosto. “E cansada”, ele disse. “Quando você me deixou, você voltou a Bishop? Ele te machucou?”

Não era realmente fácil responder aquela questão. “Ele não me machucou,” ela finalmente disse. “Não... pessoalmente.”

“Eu acho que parte disso tem a ver com a pergunta,” ele disse. “Mas não respondeu minha questão, na verdade.”

“Veja, acredita que precisarei de uma séria terapia a respeito disso?” Outro dar de ombros dizendo que seria apropriado. “Sim, provavelmente. Mas esta é Morganville. Não é exatamente a pior coisa que pode acontecer.” Ela virou a cabeça e olhou diretamente para ele. “O que era o bilhete que eu lhe entreguei?”

Ele ficou em silêncio por um longo tempo que ela pensou que ele estava se esquivando da questão, então ele disse: “Era uma sentença de morte.”

Isso ela sabia. “Não sua, penso.”

“Não,” ele disse. “De alguém.”

“Quem?”

“Claire”

“Não importa. Nós vamos revidar. Não é mais um problema.”

“Eu entreguei. Eu tenho direito de saber.”

Para responder, Joe abriu sua jaqueta esporte e tirou um pedaço de papel do bolso, amassado nas pontas, com fragmentos de cer. Ele entregou para ela.

Claire desdobrou. O papel estava duro e meio craquelado, papel velho, com um cheiro estranho. A letra – de Bishop – era muito desenhada e difícil de ler, mas o nome ainda era visível e estava sublinhado.

Eve Rosser.

“Isso não vai acontecer,” Joe disse. “Eu apenas quer que você saiba. Se ele contar a você sobre isso, quero que você entenda que Eve está em perfeita segurança, certo? Nada vai acontecer com ela. Claire, você me entendeu?”

Ela tinha carregado uma sentença para matar sua melhor amiga.

Claire não podia pensar. Não sentia nada exceto o vazio, estranho senso de choque. Ela tentou ler o resto do papel, mas seus olhos se mantinham no nome de Eve, indo e voltando para ele.

Ela dobrou o papel e o entregou com uma mão. Respire. Ela sentia uma pequena dor de cabeça e doente.

“Por que você?” ela perguntou levemente. “Por que eu tive de entregar para você?”

“Porque esse é o estilo de Bishop. Ele pega as pessoas que gostam de fazer o que ele quer, então ele pune quando elas não fazem as coisas. Lições para o resto de Morganville. Ele sabe que eu não mataria Eve. Sem chance. Essa é uma lição que ele quer dar em Eve e em mim.”

Ela ainda sentia frio. Certo, Detetive Hess não tinha feito, mas e se ela tivesse entregue para outra pessoa? Monica, talvez?

Eve poderia estar morta agora, e isso teria sido sua culpa.

Ela sentia a morte por entre seus dedos. Quando ela abriu os olhos, lutava contra as lágrimas, Detetive Hess tinha posto o papel de volta no bolso. “Eu só queria que você entendesse contra o que estamos lutando,” ele disse. “E entenda que não importa o que aconteça, alguns de nós nunca vão fazer o que ele quer.”

Claire não podia contar com ela como parte deste clube. Ela sempre faria o que Bishop queria.

Mais de uma vez.

Deus, ela realmente não queria pensar até onde ela iria afundar.¹⁶

“Tudo certo, de volta aos negócios”. Hess entregou outro papel. “Essas são as pessoas que nós precisamos achar,” ele disse. “Eu ouvi o que houve com Frank Collins. Você e Shane estavam lá?”

Ela realmente não queria falar sobre aquilo. “Dr. Mills está com Amelie,” ela disse. “Você pode cortar da lista. Ela não vai mandá-lo para fora da cidade.”

Por toda Morganville, enquanto eles dirigiam, havia sinais de que algo estava acontecendo – pessoas andando em grupos, espreitando as cercas, e parando cada vez que um carro passava. Sem sinais de vampiros, mas Claire sabia que eles não tinham sumido. “O que é isso?” ela perguntou. Hess sacudiu a cabeça.

“Há um estranho movimento anti-vampiros na cidade,” ele disse. “Está mais forte do que meses atrás. Eu venho tentando manter as coisas calmas, porque se eles começarem agora, eles irão se matar. E muitos deles olham o lado de Amelie como outro inimigo. Nós não podemos ter isso até Bishop ter partido.”

“Então o que vamos fazer?”

“Nada. Não podemos fazer nada agora. Bishop tem tudo sob controle, nós não. Se ele quiser uma guerra hoje a noite, ele vai ter uma. Talvez maior do que eles queira.”

¹⁶ Na verdade, o ditado seria algo como: até onde ela entraria no pântano, mas ela definitivamente tinha a bunda em cima dos jacarés. Ta muito estranho.... achei melhor deixar mais simples.

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

Os quatros endereços da lista eram apartamentos – não havia muitos apartamentos em Morganville, pois a maioria das pessoas viva em casa, mas sempre tinham alguns. Numa cidade pequena, o conjunto tinha aspecto decadente; não havia tanto luxo nas habitações multifamiliar.

O conjunto de apartamento que eles pararam estava decadente e no fim. Ele era de tijolos, pintado de rosa desbotado, com duas fileiras de prédios dando para um pátio central... bem, Claire pensou que poderia chamar aquilo de pátio, se você gostasse de incluir uma piscina seca com algo escuro e pegajoso no fim, alguns arbustos e lixo transbordando.

Joe Hess checou os números do apartamento. Se a aparência precária perturbava ele, não mostrou isso. Quando eles chegaram ao número 22, ele bateu na porta. “polícia, abra a porta”, ele gritou, e colocou Claire de lado quando ela tentou ficar próximo dele. Ele fez um gesto fique em silêncio, e escutou. Ela não podia ouvir nada dentro.

Nem ele, aparentemente. Ele balançou a cabeça, mas quando eles se viravam para sair, Claire ouviu alguém dentro do apartamento dizer; “Socorro.”

Ela congelou, chocando com o Detetive Hess. Ele tinha ouvido, também, e ele fez gestos para ela enquanto puxava a arma de sua jaqueta. “Willie Combs? Você está bem? É Joe Hess. Me responda, Willie!”

“Socorro,” a voz repetiu, mais fraca dessa vez.

Hess tentou a porta, mas ela estava trancada. Ele deu um suspiro profundo. “Claire, fique aqui. Não entre, entendeu?”

Ela concordou. Ele se ajeitou e chutou a porta, e o barulho de madeira quebrada veio e a porta abriu na segunda tentativa, fazendo madeira e metal voarem.

Detetive Hess desapareceu dentro. Claire viu as cortinas flutuando enquanto as pessoas procuravam saber o que estava acontecendo., mas nada saiu.

Nada no meio do dia.

Pareceu passar uma eternidade até que o Detetive Hess veio para fora com algo em seus braços. Era uma menina com a mesma idade de Claire, pequena, vestida com a blusa da escola de Morganville e calça de ginástica, ela parecia como se tivesse vindo da aula de educação física.

Ela não estava se mexendo e ele havia posto uma toalha no pescoço dela.

“Chame a ambulância,” ele ordenou a Claire. “Diga que é urgente, e que tragam o kit de mordida.”

“Ela está-“

“Ela está viva,” ele disse, e a apoiou no chão, mantendo a toalha no lugar. Hess olhou para ela com fúria em seus olhos. “Seu nome é Teresa. Teresa Combs. É a mais velha de três irmãos.”

Claire sentia frio, e olhava pela porta do apartamento. “Eles não –“

“Apenas tinham foco em se manterem vivos,” ele disse. “pegaram a garganta dela, só isso.” Ela se ajoelhou perto dele e colocou seus pequenos dedos onde os grandes dedos dele estavam.

Ela sentia como se tivesse pressionando com muita força, mas ele concordou. “Bom. Mantenha assim. Eu vou dar mais uma checada lá dentro, só para ter certeza.”

Enquanto ele deixava a menina e voltava ao apartamento, os olhos de Teresa abriram, e ela olhou para Claire. Olhos grandes, escuros. Desesperados. “Ajude,” ela sussurrou. “Ajude Jimmy ele só tem doze anos.”

Claire pegou a mão dela. “Shhhhh. Descanse.”

Os olhos de Teresa estavam cheio de lágrimas. “Eu tentei,” ela disse. “Eu realmente tentei. Porque isso está acontecendo conosco? Não fizemos nada de errado. Seguimos todas as regras.”

Claire não podia fazer nada por ela, exceto segurar sua mão e manter a toalha no lugar, como o Detetive Hess tinha falado. Quando ele voltou, se ouvia um barulho distante de sirenes, ela olhou para ele em uma miserável esperança.

Ele balançou a cabeça.

Eles não falaram até os paramédicos levaram Teresa. Claire ficou como estava, ajoelhada, observando o sangue em seus dedos. Detetive Hess sentou e lhe deu um olhar molhado, com uma expressão de alguém que tinha muita coisa com que se preocupar. Ele bateu gentilmente em seus ombros. “Respire fundo,” ele disse. “Me desculpe por você ter visto isso. Bom trabalho cuidando de Teresa. Provavelmente você salvou a vida dela.”

“Quem fez isso?” Uma vez que ela começou a limpar suas mãos, ela não pode mais parar. “Por que?”

“Isso está acontecendo em toda a cidade,” Hess disse. “Pessoas cujo os Protetores passaram para o lado de Bishop. Pessoas que perderam seus protetores em lutas. Pessoas cujo os Protetores nunca se preocuparam antes de tudo. Metade da cidade não é nada mais do que uma reserva de sangue agora.” O olhar no rosto dele, quando ela levantou os olhos, fez ela perder o senso. “Talvez os loucos estejam certos. Talvez nós devêssemos matar todos os vampiros.”

“Sim,” Claire disse. “Porque pessoas nunca matam pessoas, certo?”

Ele não discutiu isso.

Eles acharam outras cinco pessoas da lista de Hannah, todos salvos e vivos - bem, um deles estava bêbado, um estava desmaiado no moinho, mas ainda respirando e sem marcas de mordidas. Um por um, eles foram colocados no ônibus.

Por volta de quatro horas da tarde, o último ônibus saía de Morganville, para algum lugar desconhecido (para Claire pelo menos), e ela estava parada com algumas pessoas em volta que tinham ficado para trás. Richard Morrell, Hannah Moses. Shane e Eve, parados juntos, cochichando. Joe Hess, conversava pelo rádio da polícia. Havia outras pessoas em volta, mas eles estavam na sombra, e Claire tinha uma grande suspeita que eles eram vampiros. Vampiros de Amélie, se organizando para algo grande.

Sem aviso, Claire sentiu a sensação de queimadura em seu braço.

Quando ela levantou sua blusa, ela viu que a tatuagem estava se mexendo, como algo vivo debaixo da sua pele. Bishop tentando trazer ela. Ela pôde sentir o impulso de correr do galpão e procurar a Praça do Fundador, mas ela resistiu.

Quando ela percebeu que isso não teria mais volta, ela contou a Shane. Ele colocou seus braços ao redor dela. “Eu não vou deixar você ir a lugar nenhum,” ele prometeu. “Não sem mim.”

O impulso parecia como uma corda em volta de sua coragem, empurrando ela insistentemente. Era mais forte que o primeiro. Machucava. Finalmente, ela se livrou dos braços de Shane e ficou andando em círculos dentro do galpão que eles estavam usando como área dos ônibus, uma área ampla. Ele a interceptou quando ela veio para perto da porta, e ela olhou para ele em um silêncio miserável. “Eu odeio isso!” ela gritou. “Eu quero essa coisa fora!” E ela caiu em lágrimas, porque isso parecia demais para ela, esse sentimento de desespero e angústia, de nada para fazer ou onde ela deveria ir. Desta vez, a presença de Shane não podia ajudar. A miséria veio em ondas, esmagando-lhe por baixo. Ela ouviu Shane gritando com Richard Morrell, e então Hannah estava lá, dizendo algo sobre ajuda.

Claire sentiu o calor em seu braço, e então o calmo gelado atingiu suas veias. Era uma tentativa, mas isso não chegava na queimação do braço, ou melhorava seu estômago. Seu corpo não era inteiramente dela.

“Ela vai dormir por um tempo,” Hannah disse, depois de um longo tempo. “Shane, preciso de você.”

Claire não podia abrir os olhos, ou dizer que ela não queria realmente dormir. Ela tentava se manter – ela sabia disso – mas ela estava desesperadamente caindo no sono. Fortemente sonolenta.

Shane beijou ela, quente e gentil, e ela sentiu as mãos dele passando pelo seu cabelo, mas ela não conseguia se mexer ou falar.

Seu coração batia, devagar e calmo, mesmo com o pânico que ela sentia por dentro.

Ela se sentiu carregada para algum lugar, colocada em uma cama quente e com travesseiros.

Então o silêncio.

Ela abriu os olhos, como se alguma coisa estivesse controlando eles, e enquanto ela se sentava, ela viu algo parado no canto da sala escura onde eles tinham deixado ela.

Ada.

O fantasma levou seus pálidos dedos aos lábios e fez um gesto para Claire se sentar. Ela fez, sem ter idéia do porque.

Ada chegou perto. Mais uma vez, ela não estava tri-dimensional, apenas uma projeção no ar, como um personagem de TV sem tela. Ela realmente não parecia humana; de fato, ela parecia mais um personagem de vídeo game, com toda a movimentação em câmera lenta e os poucos detalhes.

Em algum lugar no escuro, um celular tocou. Claire caminhou onde estavam pilhas de caixas escritas EQUIPAMENTOS DE COMUNICAÇÃO DE EMERGÊNCIA e pegou o celular. Bateria cheia, de acordo com o visor. Ela colocou no ouvido.

“Bishop está tentando te levar para ele,” a fina voz artificial de Ada disse. “Mas preciso de você em outro lugar.”

“Você precisa de mim.”

“Claro. Com Myrnin desacordado, eu preciso de alguém para me ajudar. Mexer nos portais para mim.”

“Existe um portal?” Claire se sentia lenta e estúpida, e ela não achava que fosse as drogas que Hannah havia dado. O fantasma de Ada deu um olhar mordaz.

“Eu fiz o portal,” ela disse. “Isso é o que eu faço, sua tola! Pegue isso, agora. Seis passos para frente, quatro para direita. Vá!”

A conexão do celular de Claire deu um sinal de perda de sinal. Ela fechou o aparelho e enfiou no bolso, e percebeu que alguém – Shane, talvez – tinha tirado os sapatos dela. Ela os colocou e deu os seis passos em direção ao escuro, então quatro para direita.

No seu quarto passo ela sentiu um frio arrepiante, e então seu pé tocou o chão, e ela estava em algum lugar conhecido.

Ela estava fora das celas onde Myrnin e Amelie confinavam os vampiros doentes para se manterem sozinhos. Era uma velha prisão, escura e úmida, construída em pedra e metal. O tornado que tinha atingido Morganville a uns meses atrás tinha destruído parte da construção; Claire não estava envolvida na fuga dos pacientes, mas ela sabia que isso tinha acontecido, e o lugar destruído. Não que Bishop se preocupasse. Amelie não tinha feito isso.

Mas todas as celas estavam vazias agora.

Claire entrou em um impasse e colocou as mãos em seu estômago, onde a marca de Bishop estava ainda havia uma leve queimação debaixo da pele. Ela se escorou na parede, respirando profundamente. “Eu estou aqui”, ela disse para o ar. “Você me quer para fazer o que, Ada?”

O fantasma de Ada apareceu perto dela – ainda em duas dimensões, mas desta vez a visão das costas dela. Ela estava com uma longa saia que ia até o chão de pedra, e olhava para Claire por cima de seus ombros sombriamente. Ótimo, Claire pensou. Isso não é tão ruim quanto Bishop tinha feito a ela; agora era o computador louco de Myrnin, também. Eu tenho muitos chefes.

Eve tinha dito a ela que precisava de um emprego melhor, um que incluísse de esgoto.¹⁷

“Onde nós vamos?” ela perguntou a Ada, não que ela esperasse resposta. Ela não estava desapontada. A prisão tinha longos corredores, e da última vez que Claire esteve aqui, a maioria das celas estavam cheias de vítimas. Ela entregava a comida – bem, sangue – para ter certeza que eles não piorariam. Alguns eram violentos; mas a maioria era bem tranquilos, inofensivos.

Onde eles estavam agora?

No fim do corredor estava a cela onde Myrnin passava seus dias, bons e ruins, quando ele estava muito perigoso para ficar no laboratório ou envolta de qualquer um – mesmo outros

¹⁷ NT: Juro que não entendi, mas é isso mesmo a tradução.

vampiros. Aqui era como uma casa confortável, com um espesso e suave tapete turco. E pilhas de travesseiros, sua cama de armar, e pilhas de livros.

Nenhum sinal de Myrnin, também.

Ada estava no final do corredor, então se virou para Claire, mostrando sua frente com um corte arrepiante como nos filmes.

“Isso realmente é arrepiante,” Claire disse. “Você sabe disso, certo?”

Seu telefone tocou. Ela abriu. “Você está procurando o Dr. Mills,” Ada disse. “Ele está aqui.”

“Onde?”

“Siga. Ele precisa de assistência.”

Claire mantinha o celular no ouvido enquanto Ada se virava de novo e então atravessava a parede. Claire parou, seu nariz estava a centímetros da superfície da barreira. Ela voltou devagar, e observava a pedra que parecia tão real – cheirava real, velha e mofada – não havia nada embaixo da mão exceto o ar. Então seu cérebro dizia que ela não devia dar mais nenhum passo, ou ela bateria com o rosto. Na verdade, todo o corpo dela se recusava a andar.

Claire forçou os pés, um passo por vez, e entrou na pedra. Então mais um passo, ela tinha passado. Isso não tinha sido fácil, não mais do que dez centímetros, e então a pressão tinha ido, e ela tinha parado numa larga, estranha sala.

Uma sala cheia de vampiros.

Claire congelou quando dezenas de rostos pálidos olhavam para ela. Ela nunca soube dos reclusos – eles sempre tinham estado anônimos nas sombras – mas ela reconhecia alguns deles. O que eles faziam fora de suas celas?

A voz no telefone falou, impaciente, “Você vem, então?”

Claire piscou e então Ada estava no meio da sala, parada olhando para ela em estado de fúria. “Eles não vão –”

“Eles não vão machucar você,” Ada disse. “Não seja absurda.”

Isso realmente não era absurdo. Claire tinha visto alguns desses mesmos vampiros passar suas unhas em forma de unha em pedras e roer seus próprios dedos. Ela era como um cãozinho no meio de uma sala cheia de rottweillers.

Nenhum deles fez nada para ela. Eles estavam olhando para ela como se fosse uma curiosidade, mas eles não pareciam especialmente, bem, com fome.

Ela seguiu a imagem da Ada que atravessava a sala até uma pequena alcova, onde Dr. Mills estava deitado com um casaco por cima.

“Oh não,” Claire sussurrou, e correu até ele. “Dr. Mills?”

Ele despertou e abriu os olhos, piscando para a imagem de Claire entrar em foco. “Claire”, ele comentou, e voltou a si. “Droga. Que horas são?”

“Uh – quase cinco, eu acho. Por que?”

“Eu fui dormir as quatro,” ele disse e colocou seu casaco que estava apoiado nas costas. “Deus. Desculpe, eu estou exausto. 48 horas sem mais do que alguns intervalos de descanso. Eu não sou mais um estudante de medicina.”

Ela sentia as ondas de preocupação. “Eles não, você sabe –“

“Me machucado? Como ira trabalhar se estivesse morto?” Dr. Mills se ajeitou e sentou, balançando a cabeça enquanto ele fazia seu cérebro voltar a funcionar. “Amelie quer que eu use o serum nos piores casos primeiro. Eu coloquei todo mundo aqui, exceto Myrnin. Eu tenho duas doses extras. Não tem como ter mais se não conseguir o sangue de Bishop.”

Ela quase tinha esquecido disso. “Você viu o Myrnin?”

“Não desde que Amelie me trouxe aqui,” Dr. Mills disse. “Por que?”

“Ele estava doente,” Claire disse. “Muito doente. Eu estava procurando você para ajudar ele, mas eu não sei onde ele está agora. Amelie levou ele, também.”

Ele estava balançando sua cabeça. “Ela não trouxe ele aqui. Eu não tenho visto eles.”

Claire sentiu uma sombra atrás dela e, se virando deu de cara com um vampiro. Um pequeno, um pouco mais alto que ela. Era uma menina, com longos cabelos loiros e amáveis olhos escuros, que sorria para os dois com uma expressão de conhecimento no rosto.

“Eu sou Naomi,” ela disse. “Aquela é minha irmã Violeta.” Bem atrás dela estava uma menina mais velha, mesmos olhos escuros, somente com um olhar forte, e de cabelos escuros. “Nós temos de agradecer a você, doutor, pelo presente. Não nos sentimos bem em anos.”

“Você é bem vinda,” Dr. Mills disse. Ele parecia tenso, e Claire pode entender porque; os vampiros estavam todos em sua melhor forma, mas isso podia mudar, e ela viu as sombras em Naomi. “Eu estou certa que Amelie vai querer estar com você logo.”

Dois vampiros concordaram, e fizeram uma mesura. Havia um leve som de conversas fora dali, uma espécie de sussurro que parecia como um mar calmo. Os vampiros não precisam falar alto para serem ouvidos.

“Amelie está vindo?” Dr. Mills perguntou. “Porque estou começando a me sentir em um dia especial aqui.”

Oh. Ele pensou que Claire estava vindo com a cavalaria de vampiros. Ela procurava por Ada, mas ela não tinha visto sinal dela em nenhum lugar agora. Ela apenas queria dar o fora. Claire pegou o celular e guardou no bolso, se sentia um pouco estúpida. “Eu não sei,” disse ela. “Eu estava procurando por ajuda.”

Ele estava confuso, murmurou uma desculpa, e concordou. “Eu tenho saco de cristais, e um pouco em liquido. Nós precisamos distribuir pela cidade, ter certeza que todo mundo vai ser medicado. Não vai durar muito, e isso não é a cura, mas até eu ter o sangue de Bishop, é tudo o que eu posso fazer. Pode me ajudar a distribuir as doses?”

Claire concordou, enquanto ela media com uma colher os cristais e os colocava em garrafas, aquela urgente queimação dentro de si, tinha ido embora.

Ela puxou sua manga.

A tatuagem mal parecia uma sombra em sua pele.

Enquanto ela observava o local onde estava, Naomi a vampira estava com os ombros perto dela e estudava isso com ela. Claire vacilou, o que provavelmente era a intenção da vampira, e Naomi comentou. “vejo que Bishop marcou você,” ela disse. “Não sinta medo, criança. Esta quase indo embora agora. Ele marcou minha Irma uma vez.” O sorriso no rosto, e isso parecia difícil. “Então ele nos marcou para sempre. Irmã Amelie nos disse que ele estava morto, há muito tempo, mas ele não está, está?”

Claire balançou a cabeça, estava esperando ver as presas já que seu pescoço estava tão perto. Naomi não parecia ver isso desse jeito, mas ela não se sentia confortável, também.

“Então isso está vindo,” Naomi disse. “É hora de lutarmos contra ele. Bom. Pela causa da minha irmã, eu estarei feliz de ver o rosto dele de novo.” Naomi colocou a mão gelada na bochecha de Claire. “Pequena criança. Você cheira calor.”

Claire deu de ombros. “Sim, bem, eu, uh, sou. Eu acho.”

“Calor é como luz do sol. Eu já estive, uma vez.” Naomi sinalizou a pele de Claire, e então os vampiros tinham ido, se movimentando como um borrão. Os vampiros estavam todos se movimentando rápido agora – se redescobrimo, Claire achava. Ficando fortes.

Dr. Mills estava olhando para eles com satisfação, mas Claire não se sentia bem ali. Ótimo, eles estavam se sentindo melhor, ela podia deixar isso.

Mas agora eles eram vampiros saudáveis. Provavelmente poderiam fazer mais vampiros, e isso mudava tudo. Isso mudava toda a dinâmica de Morganville.

Não mudava?

Seu telefone tocou. Nenhum número apareceu no visor. Claire abriu e disse, “O que, Ada?”

“Você deve pegar o Dr. Mills e sair,” Ada disse. “Eu irei abrir um portal para vocês. Vá agora.”

“Você poderia me dizer o que-“

“Faça o que eu digo ou deixarei você em uma sala cheia de vampiros que estão desesperados por comida.”

O computador de Myrnin era uma vadia.

Claire fechou o telefone. “Pegue o que precisa,” ela disse. “É hora de irmos.”

Dr. Mills concordou. Ele tinha colocado as doses individuais nas sacolas, e ele entregou uma a ela e ficou com a outra. Ele abriu uma caixa prata e checkou o conteúdo.

Duas seringas.

“Estas são as duas ultimas doses de serum, certo?” Claire perguntou. “Talvez não seja melhor...?”

Ele fechou. “Tenha certeza que Myrnin use uma, e Amelie a outra,” ele disse. “Oliver vai tentar obter uma. Não deixe.”

Como se ela tivesse a chance de dizer não a Oliver pessoalmente, mas ela concordou. Dr. Mills checava se as coisas estavam em suas mãos. Ele olhava em volta para os vampiros, que estavam melhorando. “Talvez nós devêssemos ir,” ele disse. “Eu tenho certeza que eles estão agradecidos, mas –”

“Sim,” Claire disse. “Vamos.”

Caminhando através da multidão enquanto iam em direção aos leões de pedra. Eles observavam calmamente, mas não tinham dúvidas do olhar predatório que eles davam. Claire tinha pego o brilho das presas de alguns deles, e com certeza não fazia contato visual.

Naomi parou perto dela. A jovem vampira – bem, jovem na aparência – bloqueava o seu caminho. “talvez você pudesse me fazer um favor?” ela perguntou. “Um pequeno, eu garanto.”

Claire mordeu os lábios. “Claro.”

“Entregue isso a minha irmã Amelie,” ela disse tirando um colar de prata de seu pescoço. Era uma coisinha graciosa, fino como um sussurrar, e tinha um camafeu¹⁸ branco desenhado. “Diga a ela que estamos com ela se ela precisar.”

Claire colocou o colar no bolso, e concordou. “Eu direi a ela.” Naomi não se mexeu. “Mais alguma coisa?”

“Oh sim,” Naomi disse pesadamente. “Muito ruim. Mas veja você, eu conheço minha irmã. Eu sei que ela não me perdoaria se eu fizesse algo ruim. Então você e seu doutor deveriam ir, antes que nós esqueçamos nossas promessas.”

Ainda sim, ela não se mexeu.

Claire saiu de perto dela. Naomi continuou observando.

Passar pela pedra falsa foi mais fácil dessa vez, talvez porque ela sabia que ficar ali definitivamente não era uma boa idéia.

O fantasma de Ada continuou no corredor, dando olhares furiosos. Ela se virou e aumentou o passo. Claire começou a correr, e o Dr. Mills ficou parado. Ada de repente parou e sua imagem parecia querer enfrentá-la, e o viva-voz do telefone de Claire ficou cheio de estática.

Dr. Mills caiu.

“Corra!” Ada gritou no viva-voz, mas Claire não podia. Ela não podia deixá-lo para trás.

Claire parou para ajudá-lo, mas ele não se movia. Havia um corte em sua cabeça, e ele estava respirando, ele estava completamente inconsciente.

O corte era atrás da cabeça dele. Ele não podia ter se machucado daquele jeito.

¹⁸ Um camafeu (do francês antigo, *camaheu*) é uma pedra fina cinzelada de modo a formar uma figura em relevo (em oposição a entalhe) e que comporta ou não camadas superpostas de cores diferentes.

Alguém havia machucado ele.

Ada tentava dizer para ela correr, mas ela estava parada. A imagem fantasmagórica de Ada gritava silenciosamente em frustração e se transformou em um estrondo.

Tinha ido.

Na escuridão, Claire sentiu dedos próximos a ela.

“Naomi?” ela perguntou num sussurro.

Uma voz seca soou próxima a sua orelha, surpreendentemente próxima. “Nunca encontre a dama. Você sabe que eu sou,” uma voz masculina disse. “Não sabe, Claire?”

Ela fechou os olhos.

“Olá,” ela disse. “sr. Collins.”

O pai de Shane pareceu ligar a chave geral da luz elétrica, então em um súbito reflexo Claire se retraiu e piscou. Ela olhou para baixo rapidamente em direção a Dr. Mills para confirmar que ele ainda estava respirando, e não se movimentando. Bom. Ela necessitaria de toda a sua concentração agora.

Frank Collins parecia do mesmo jeito que ele estava da última vez que ela o tinha visto vivo, lá no escritório do Bishop - fino, magro, com o seu longo cabelo oleoso caindo em torno de seu rosto, só que agora ele estava pálido. Ele parecia um homem que tinha vivido e morrido duramente da mesma forma, e havia uma sombra de dúvida de que nele que nunca havia existia antes. Um louco, assustador brilho nos olhos, como um filme antigo. Ele tinha algumas coisas em comum com o Oliver, mas quando ela via Oliver assim era difícil, assustador, mas havia uma última análise racional, Collins perdeu a última, inteiramente.

Ele estava muito perto. Claire permaneceu parada ainda onde estava, tentando não ficar muito nervosa e acelerar ainda mais seu pulso.

"Vejo o porque do meu filho gostar de você," disse Frank Collins. "Você é mais dura do que você parece."

"Obrigado", disse ela. "Agora, de volta ao importante".

Ele riu de novo. Ele se afastou das pedras, como se ele tivesse três ou quatro cópias de si mesmo para desfrutar o show. "Não", disse ele. "Eu não penso assim. Nunca fiz isto antes. Nunca farei." Ele pausou "Eu gostaria de falar com meu filho."

"Nunca vai acontecer", disse Claire. "Ele não quer falar com você."

Sr. Collins deu sorriso maior que mostraram os dentes. Seus dentes lentamente saindo, e as bordas brilhando com a luz. "Você acha que ele deseja que você ganhe uma sucção de plasma, também, coração? Tratarei de matá-lo se algo como isso aconteceu. Então você pode tentar ser um pouco mais educada."

Ela queria vomitar no pensamento de Frank Collins mordendo ela. "Ele vai matá-lo", disse ela. "Você sabe que ele o faria."

"Talvez ele tente." Frank encolheu os ombros. "Ele não iria me machucar, apesar de tudo. Conheço o meu menino bem o suficiente para saber que ele está apaixonado por você. Ele nunca permitiria que alguém toque em um fio de cabelo dessa linda cabeça. Você é a fraqueza dele, Claire."

Isso era a mais simples verdade. Shane faria qualquer coisa para salvar Claire. Até mesmo deixa o seu pai transformá-lo em um vampiro, que poderia ser o que Frank estava pensando. Ela não poderia permitir que isso acontecesse. De jeito nenhum.

Claire lentamente deixou a mala cair com um baque para baixo, para o chão, e fez um balanço do que ela poderia fazer. Não muito. Frank Collins tinha sido criado pro Bishop, ele não estava doente. Ela não tinha qualquer esperança de curá-lo, ou mesmo tratá-lo. Este era seu estado natural de loucura.

Sua mochila.

Claire deixou-a deslizar para baixo de seu braço, esperando que ele ia pensar que ela estava

se preparando para correr dele. Mais ela sabia que isso iria ser inútil, ela nunca iria fazer isso. Além disso, ele ia gostar do assunto.

Quando sua mochila estava na altura de seu cotovelo, ela agarrou o zíper frontal. A gravidade a ajudou a puxar ela sem muito esforço para frente. Ah, merda. As amostras não estavam no bolso da frente. Ela as colocou no bolso grande, com seus livros. Não havia nada no bolso da frente, só alguns cliques, um brilho, e metade de um chocolate. Ela não achou que subornar ele com chocolate faria qualquer efeito.

"Relaxa", O pai de Shane disse. "Eu vou deixar você ir."

Isso pareceu... demasiado bom para ser verdade, mas Claire estava disposta a levá-lo em questão. "Obrigado", disse ela, e se curvou para agarrar o Dr. Mills para puxar ele em direção ao portal.

"Eu não disse que ele podia ir", disse Frank, seu sorriso cheio loucura. "Eu mereço um prêmio por ter sido tão legal."

Claire podia sentir seu coração batendo agora, até mesmo através das camadas de drogas calmantes que Hannah tinha dado para ela antes. Tudo parecia estar mais lento. Ela não fez pausa para pensar. Ela jogou toda sua força para pegar a mala com suas duas mãos, balançando no lugar como um balanço, e a segurando-a em volta de Frank Collins.

Havia um lote de livros lá, e a física era algo que nem mesmo os vampiros podia ignorar, especialmente quando ela os batem com pleno força. Frank correu para longe. Claire agarrou Dr. Mills por um braço e arrastou-o em direção ao local onde Ada tinha estado.

Ada voltou a abrir o portal. Claire ouviu o barulho de telefone ativado e Ada gritando, "Deixa o homem; pegue logo as malas!"

"Morde-me," Claire respondeu. Ela ergueu Dr. Mills até uma posição sentada, e arrastando-o através do portal. Então ela voltou para a pegar sua mochila.

A pálida mão de Frank Collins agarrou seu pulso. Ela olhou para cima, para a sua cicatriz facial e prateados olhos, e gritou. Não havia jeito que ela poderia ficar livre, não sem deixar para trás a sua mão. Ele estava extremamente forte.

O pai de Shane olhou para ela ajoelhada no chão. Ele puxou a cinta da sua mochila para cima de seu ombro e rasgando o tecido aberto, derramando o conteúdo por todo o chão. Seu livro de Física Avançada escorregou para fora do escuro, junto com os Fundamentos de Cálculos. E então caindo duas afiadas estacas de madeira. Tentando esconder o desespero, ela tentou agarrar elas, mas o seu pé foi segurado e ela caiu antes que ela pudesse alcançá-las.

Ele ficou lá, olhando, e ela viu algo mexer sobre o seu rosto, como uma ondulação de real dor humana.

"Cristo", ele murmurou. "Eu costumava levar alguns desses comigo, quando eu estava começando a ser caçado. Que diabos estou fazendo?"

Ela sabia o que era dor, e de repente ela sabia como a magoá-lo. "Agora você é o caçador", Claire disse. Seu coração estava batendo tão duro, ele sentiu como se ele fosse quebrar suas costelas. "É isso que os vampiros fazem. Caçam pessoas".

Ele balançou a cabeça em silêncio e, em seguida, olhou para ela. Ele parecia quase são

novamente, ou tão são como o pai de Shane pode estar. "Venho lutando contra vampiros a um longo tempo", disse ele. "Morreu um jovem, você sabia disso?"

Ela sabia. Ele e Shane tinha quase sido executados por matar Brandon, apesar de Shane não ter tido nada a ver com isso. Ele olhou para baixo de novo na mão largando-a e encarando suas botas.

"Nunca se pode acabar com esse desafio sabe", disse ele, e ela olhou nos olhos. "Você sabe por quê?"

Ela tinha medo de perguntar.

"Porque você não pode matar um vampiro, ele só vai se ferir", disse ele. "Você acha que pode me matar com algo parecido com isto?"

Ela engoliu forte. "Claro. Não que você está tentado me fazer parar."

"A verdade é que a pior coisa que eu já temi era isto. Estar assim. Shane te disse isso?" Ela lentamente concordou. "Estou me desculpando, ele não tinha que ver o que aconteceu comigo. Sinto muito por todas as coisas que fiz para fazer a sua vida ao longo do inferno por anos. Você entendeu?"

Ela balançou a cabeça, porque ela realmente não tinha.

"Diga a Shane que eu o amo", disse Frank. "Eu sempre amei. Não demonstrei bem, eu sei disso, mas isso nunca foi sua culpa. Estou contente por ele ter encontrado você. Ele merece algo de bom em sua vida."

E então, ele a soltou totalmente e a levantou. Claire abriu a sua boca, mas a sua voz estava presa em sua garganta. Ele não a machucaria.

"Você vai para casa", disse ele. "Diga ao meu filho que o seu pai disse adeus. Eu realmente gostaria de vê-lo novamente, mas você está certa. Provavelmente não é uma boa idéia."

Ele se afastou em direção à escuridão, com as estacas em sua mão.

"Eu acho que você deve saber que ele te ama também. Ele não pode ajudá-lo." Sua voz fez eco. Ela não sabe porque ela disse aquilo, mais ela sabia que estava sentindo algo, triste com certeza, que ela não iria vê-lo novamente.

Ela hesitou pensando no pai de Shane, e ficou o observando ir até que ele estava fora da vista. No instante em que ele tinha ido embora, Claire juntou as coisas caídas sobre o tecido da mochila, e seguiu para o já aberto portal.

Ela tropeçou fora do outro lado, e tropeçando novamente com o peso do corpo do Dr. Mills, e caiu em nos braços de Oliver. Ele olhou para ela com uma expressão absolutamente enojada, e caiu-lhe sobre a sua bunda no sofá de pelúcia na sala de estudo de Amelie.

"Pronto já acabou", disse Claire em um terço de tempo, quando Oliver virou seu braço desta forma e que, mantendo - sob uma luz tão brilhante que senti como um laser cortando sua pele. "Ei! Eu disse que já acabou!"

Oliver a segurou em seu lugar com uma mão tão forte que ela sabia que ia deixar o seu próprio

tipo de tatuagem. Em azul, roxo e preto. "E eu disse que gostaria muito de dizer que Bishop pensasse que isso tenha acabado", ele latiu.

"Vocês foram orientados a permanecer onde estavam. Como de costume, você ignorou essa instrução, e agora você colocou todos nós no extremo risco de-"

"Deixe-a ir, Oliver," Amelie disse do outro lado da grande, e polida mesa. Ela batia suas perfeitas unhas na superfície, fazendo uma luz e som como ossos secos tocando caiu em mármore. "A menina poderia ter nos traído uma dúzia de vezes ou mais por agora. Ela não o fez. Penso que podemos dar a ela o benefício da dúvida, por agora."

Ele deixou Claire sair e ir para longe, braços dobrado. Isto, Claire pensou, era o conselheiro de guerra de Amelie, Sam Glass estava ao lado dela em uma cadeira, parecendo mais como Michael, mas com o seu cabelo vermelho solto crescendo em uma bagunça das ondas e caracóis. Oliver parado. Richard Morrel ficava perto, olhando como se tentando acompanhar o ritmo, mas estava demasiado cansado para fazer a tentativa.

Michael moveu-se para o lado de Claire, pondo a mão sobre seu ombro, e levou-a para fora, perto de onde Hannah Moisés estava inclinada contra a parede, olhando fascinados e preocupados. Claire sabia exatamente como ela sentia.

Sendo mergulharam na profundidade final - isso foi o que lhe significou natação para sua vida com tubarões. Mesmo o supostamente favoráveis, poderiam virar e tomar a sua perna quando se sentiam como ele.

"Onde estar Myrnin?" Claire sussurrando. Michael balançou a cabeça. "Não está aqui? Em algum lugar?"

"Não faço idéia", Michael sussurrou de volta. "Amelie escondeu-lhe em algum lugar, eu não sei onde. Ele não-"

"Michael", Amelie disse, "Eu disse que ia dar a ela o benefício da dúvida, e não a história completa. Lembre-se quieto." Ela se levantou, e Claire viu que ela tinha mudado de roupas novamente, desta vez para uma perfeito rosa pálido, algo que parecia ser uma pista de que ele pertencia a Paris. Não é o que Claire teria pensado que você poderia ser usar para um show-down. "Claire. Obrigado por trazer os fornecimentos que solicitou do Dr. Mills. Obrigada também para recuperar o bom médico. Disseram-me que ele irá recuperar de sua ferida." Seus olhos claros centrados na Claire, e atirou direita através dela. "Posso ver também o seu braço?"

Sempre educada. Era quando Amelie era o mais perigosa, Claire sabia. Ela levantou lentamente o braço, com Michael segurando sua mão do outro lado para maior conforto. O toque de Amelie era frio. Ela não estudou a pele, como Oliver tinha; ela fugiu-lhe dos dedos sobre a superfície e, em seguida, baixou o braço de Claire de volta para seu lado.

"Michael", disse ela, "por favor devolva Claire aos seus amigos. Tenho a certeza que ela prefere estar com eles agora".

"Mas..." Claire lambeu seus lábios. "Você não me quer aqui? Para ajudar?"

"Você vai ajudar quando é necessário", disse Amelie. "Por agora, você deve estar noutro lado. Nós estaremos trazendo em algumas de minhas pessoas para removê-los da influência de Bishop. O processo pode ser um pouco inquietante para as testemunhas."

Oliver fez um grosseiro ruído quando ele continuou sua implacável estimulação. "É muito pior quando falha", disse ele. "Eu espero que você não amasse este tapete."

Amelie ignorou isso. "Myrnin e Dr. Mills me disseram que não puderam continuar no soro sem mais do sangue de Bishop. É isso mesmo?" Claire concordou. "Difícil de conseguir, tenho medo, mas eu terei que incluí-los nos nossos cálculos."

"Conversamos sobre drogarmos ele."

"Então Myrnin disse." Amelie não ia dizer-lhe nada. "Isto já não é sua preocupação. Eu vou confiar em você e seus amigos para estar presente esta noite. Você deve vir preparada."

"Preparado para quê?" Claire perguntou.

Amelie levantou suas sobrancelhas. "Qualquer coisa. Já não estamos a seguir um plano. Estamos perante o ultimo movimento sobre o tabuleiro de xadrez, e quem ganhar dependerá muito de suas habilidades, e a capacidade de fazer o inesperado. Você pode contar com o meu pai estar pronto para fazer o seu pior. Temos de ser tão cruel quanto."

Claire pensou nos momentos no túnel, em Frank Collins. Ela não se sentiu implacável afinal. Ela se sentia triste. Ela não suponha Amelie, Oliver, ou qualquer parte do resto deles teria hesitado por um segundo. Frank Collins era um bandido. Ele tinha sido um mau rapaz como um homem, certo? Mas ainda... Só que houve um momento em que ela tinha visto ele como um homem que amava o seu filho.

Talvez todos tivessem aqueles momentos. Mesmo as piores pessoas. Talvez não tivesse importância, exceto para ela.

A porta que se abriu no final do quarto, e dois dos favoritos guardas de Amelie entraram, arrastando um surrado humano. Pelo menos, Claire pensava que ele era humano, era difícil de dizer, com toda a sujeira e contusões.

Ah. Ela sabia quem era ele. Era Jason Rosser, o irmão doido de Eve. Ele parecia que tinha ido viver em um despejo de lixo por todos esses meses – de qualquer forma Claire não sabia. Eve tinha dito que ele tinha ido visitá-la em casa, talvez até mesmo agindo menos louco, mas agora, Claire não poderia saber. Ele parecia um fanático rato de esgoto, e enquanto ele entrava pelo quarto, ele estava todo reluzente, com louco olhos e dentes para fora.

Quando os guardas deixou-o ir, com um aceno de Amelie, Jason avançou para a Fundadora de Morganville. Ela nem se quer levantou a mão para se defender. Ela não precisava.

Oliver entrou no meio, agarrou-o pelo pescoço, e ele caiu no tapete reto e de costas.

"Você vê?" Oliver disse, e Amelie deu um sorriso calmo. "Você realmente deve ter pensado em tirar o carpete, você nunca vai conseguir tirar o cheiro dele. Realmente, Amelie, você realmente insistiu em trazer esses extraviados para casa".

"Eu darei um fim neles quando achar necessário", disse ela. "Este era um dos seus não era, Oliver, sim? Então, eu deixo a você tomar uma boa decisão."

Ninguém disse uma palavra de protesto para isso. Nem mesmo Claire. Jason não era amigo de ninguém; Claire nunca, nunca esqueceu a noite em que ele quase matou Shane, por nada. Ela não estava prestes a falar em seu nome. Oliver encarou Jason com uma profundidade em seus

olhos e disse, "Você merece a morte, você sabe. Não só pelo fato de que você exalar cheiro de culpa, eu sou parcial para um pouco de caos, mais não é isso. Não, você merece morrer porque você quebrou as leis de Morganville sem minha permissão." O sorriso de Oliver se alargou, e ele pareceu de alguma forma um palhaço malvado de pesadelos. "Até então o que estou a fazer com você? Você quebrou a sua palavra para Brandon. Você quebrou a sua palavra para mim. Você teve o mau gosto de trair Amelie, em plena opinião pública. Você tomou o lado do antigo réptil Bishop."

Jason riu. Parecia gelo quebrando. "Sim, eu fiz isso", disse ele. "Vampiros então indo fazer as mesmas coisas de qualquer forma. Eu vou morrer. Perfeito. Nada nunca muda por aqui, pois não? Se um vampiro faz algo, eles não podem ajudá-lo. Se um homem faz, ele vira o almoço em forma de file."

Amelie disse: "Há alguém que irá falar por ele?" Claire sabia que isso era uma pergunta definitiva, como, Fale agora ou cale-se para sempre, mas ela estava pensando em Eve. Sobre a forma como ela iria te dizer que ela tinha visto seu irmão morreu, e não tivesse dito uma palavra...

Mas se isso acontecesse, ela não devia.

"Eu vou", disse Michael.

Houve uma coletiva ingestão de ar. Ninguém - Claire incluída, podia acreditar que ele estava falando por ele. Isto fez com que o próprio Oliver ficasse sem expressões.

"Não me faça nenhuma favor, Glass", Jason bateu.

"Eu não vou." Michael girou para Amelie. "Ele é um patético verme, mas ele é apenas um criminoso. Ele merece ser punido. Não morto como algum cão raivoso".

"Ele é um assassino", disse ela.

"Bem, se ele for, ele não é o único nesta sala, é?"

Amelie mostrou seus dentes brevemente em um sorriso. "Você vai tirar-lhe a liberdade condicional, Michael? Vai colocá-lo em seu próprio lar e abrigá-lo com aqueles que você ama?"

Michael não respondeu. Ele queria - Claire poderia vê-lo, mas ele... não podia.

Finalmente, ele balançou a cabeça.

"Se você não confia nele com aqueles que ama, como posso confiar nele com alguém da família?" Amelie disse, e apontou para Oliver.

Claire interrompeu, "Espere!"

"Vocês poderiam não nos interromper por pontos de vistas infantis crianças?" Oliver disse.

"Porque é que ele está aqui?" Claire perguntou, falando tão rápido que ela tropeçou sobre as palavras. "Porque é que ele está aqui? Quem trouxe ele para cá?"

"Quem se importa?"

Amelie deu uma advertência com sua mão. "É uma pergunta razoável. Quem o trouxe para nós?"

"Ninguém", disse um dos guardas da porta. "Ele veio por meio do portal."

"O quê?" Amelie cruzou com Jason em um flash, Oliver bateu fora do caminho, pegou o menino de volta e bateu contra a parede mais próxima. "Diga-me como você aprendeu a trabalhar com os portais".

"Alguém me mostrou", disse Jason. "Ele me mostrou um monte de coisas. Ele me mostrou como matar. Como esconder. Como chegar na cidade sem ninguém saber."

"Quem?"

Jason riu. "Não, senhora. Não estou dizendo. Isso é tudo que eu tenho como negociação, certo?"

Amelie estava com a cara torcida de raiva, e ela estava em cerca de dois segundos para arrancar alguns ossos dele. "Então você não tem nada, porque eu vou ter que lhe tirar isso de uma forma ou de outra."

Sam Glass, que não tinha dito nada até agora, lentamente, subiu para seus pés. "Amelie. Amelie, pare".

"Não até que esse verme me diga quem que lhe mostrou os portais!"

"Então eu vou te dizer", disse Sam. "Eu lhe mostrei. Eu mostrei-lhe tudo o que você me mostrou." Silêncio. Mesmo Oliver olhou como se não entendesse muito bem o que ele estava apenas ouvindo. Amelie ficou ali como uma estátua de mármore, Jason exploração no local com uma achatada mão sobre seu peito.

"Porquê?" Ela sussurrou. "Sam, por que você faria uma coisa dessas?"

Ela sentia, como se de repente a sala estivesse vazia e eles tinham todos virado fantasmas, à exceção de Amelie e Sam. Havia algo tão poderoso no olhar entre eles que apenas vaporizava o resto do mundo. "Eu fiz o melhor que pude", disse ele suavemente. "Você não me deixou nenhuma escolha. Você não me vê. Você não iria falar nada para mim, todos os anos. Eu estava sozinho, e eu, eu queria fazer algo bom." Ele levou em uma respiração profunda e caminhou na direção dela, chegando perto o suficiente para tocar, embora ele não o fizesse. "Jason era uma vítima. Brandon brutalizava com ele, e ninguém fez nada para detê-lo. Então, sim, eu ensinei o garoto a lutar, para se defender de Brandon. Eu ensinei-lhe a utilizar os portais para ajudá-lo a escapar, quando ele precisava fugir. Eu não podia parar Brandon, não sem você, mas eu poderia tentar salvar suas vítimas. Eu pensei que estava ajudando."

"Não se preocupe, cara, eu não ia atirar você em frente ao ônibus." Jason riu. "Foda-se, você foi o único que foi alguma vez bom para mim. Por que eu faria isso?"

"O rapaz o recompensou mostrando tudo o que você lhe ensinou para meu pai," Amelie disse suavemente. Ela tirou o olhar de Sam para Jason. "Você não?"

"Foi o que eu tinha para comercializar. Você criou as regras, minha senhora. Eu só as segui."

Amelie agarrou Jason pelo cabelo e jogou-lhe para Sam, que o segurou com surpresa e, em seguida, largou e deixou Jason ficar livre. "Ele é seu," ela disse para Sam. "Você criou esta situação. Lide com ele." Ela olhou fiado para Oliver. "Você estava certo. Bishop sabe como usar a rede."

"Então, nós podemos tirar partido de que," Oliver disse. "Uma vez que ele assume que nós não sabemos o que ele faz."

Eles tinham definitivamente terminado com Sam e Jason. Sam olhou para Amelie com tanta dor em seu rosto que para Claire parecia que machucava poder olhar para ela e, em seguida, sacudiu a cabeça dele. "Vamos", disse ele, e para o Michael e apontou para Claire. "Todos nós. Agora".

Ninguém tentou detê-los. Quando Jason tentou fazer um último comentário pouco inteligente, Sam bateu uma mão sobre a boca dele e arrastada para fora. "Cala a boca", disse ele. "Você ainda está vivo. Isso é um resultado melhor do que você merece."

Claire transportou-os diretamente para a Glass House. Ela respirou um involuntário suspiro de alívio ao encontrar Shane sentada no sofá, olhando para uma televisão de com uma concentração que era como se ele estivesse descobrindo os segredos do universo, e Eve andando pelo corredor em sua botas.

Eve os viu em primeiro lugar, ela gritava, e atirou-se em Claire como um cobertor quente. "Oh Deus, a gente pensou que você estava morta! Ou, você sabe, que Bishop a tinha pego o que teria sido pior, certo? O que aconteceu? Aonde você foi?"

Olhando por cima do ombro de Eve, Claire viu que Shane havia chegado ficado em pé. "Está tudo bem?", Indagou. Ela concordou, e ele fechou os olhos em súbito alívio. Claire olhou para Eve com gratidão, amor, e um pouco estava-com-o-diabo-fora-de-mim. Eve recebeu a mensagem. Ela concordou, e sorriu um pouco, mas não podia manter um sorriso sem arruinar a sua maquiagem de palhaço-triste.

"Desculpe por isso," disse Claire. "Eu. . . bem. Não foi exatamente minha idéia, e eu não posso explicar..."

"Mas você está bem. Sem mordidas ou marcas..." O olhar de Eve passado por Claire, e ela parou de falar.

Parou de mover-se, também.

Shane, por outro lado, movido rapidamente, colocando-se entre Claire e Jason. "Que diabos ele está fazendo aqui?"

"Foda-se, também, Collins."

"Cala a boca", disse Sam, Jason e deu um aviso que deve ter agitado seus ossos. "Ele está aqui porque eu não queria matá-lo. Alguma outra pergunta?"

Eve ainda não estava dizendo nada. Claire não poderia culpar ela, ela tinha o mesmo tipo de conflito/emoções passado sobre o rosto dela que Shane tinha quando ele pensava em seu pai. Amor / ódio / perda. Isso juntando, com o fato que Jason estava em pé ali. Ela não tinha realmente o perdido. Ainda não.

"Ele não é bem-vindo aqui", disse Michael, e tinha a força da Casa do Fundador por atrás dele.

Claire podia sentir uma pressão no edifício, ficando pronta despejar Jason – e presumivelmente Sam - Sam, não se deixou ir com ele.

"Espere", disse Sam. "Se você enviá-lo lá fora, ele será morto, ele tem inimigos de todos os lados, e você sabe disso. Bishop não tem mais qualquer uso para ele, já deu a Jason um atestado de fracassado. Amelie iria matá-lo sem pestanejar. Você realmente quer fazer isso com o irmão de sua namorada?"

"Michael, não", disse Eve.. "Ele não vai nos prejudicar." E cada um deles rolou seus olhos. Mesmo Jason, que fez disso algo hilariante.

"Olha," Jason disse, "tudo que eu quero é uma forma de sair desta cidade estúpida. Você me deixa ir, e eu nunca vou mostrar a minha cara por aqui novamente. Você pode manter o seu estilo de vida de estúpido herói. Eu só quero sair."

"Demasiado tarde", disse Shane. "O ultimo ônibus já saiu, cara. E nós estamos trinta minutos da grande reunião de Bishop na Prefeitura. Você pode correr, mas você não pode se esconder. Qualquer pessoa que não estiver lá está morto. Ele vai enviar caçadores. Vai ser aberta temporada."

"Eu poderia ficar aqui", disse Jason rapidamente. "Lá em cima. Na sala secreta, certo?" Eles todos olharam um para um outro.

"Oh, não é como se eu estivesse indo para pegar o seu telefone e ver o pay-per-view. Além disso, se eu fosse matar vocês em seu sono, eu já teria feito isso." Ele fez um manda de beijo para Shane. "Mesmo você, agora vá limpar a bunda".

"Jesus, Jason." Eve suspirou. "Você quer acabar no aterro sanitário, ou o quê?" Ela tocou Michael sobre no braço, e ele olhou para ela e tomou a sua mão. "Você pode dizer se ele está mentindo para nós?"

"Uh, não. Beber sangue não faz de mim um detector de mentiras."

Sam falou-se lentamente. "Eu posso". Ele deu de ombros quando Michael deu-lhe um olhar estranho. "É apenas uma habilidade. Você ganha, ao longo do tempo. As pessoas não podem controlar a forma como os seus corpos agem, vampiros podem. Posso dizer quando normalmente eles estão mentindo."

"Sem ofensa, mas você estava errado muitas vezes, Sam. Como, decidir que você pode confiar esta pequena coisa a ele tanto quanto você pode confiar nele", disse Michael, então vendo um devastador olhar articulado de Eve.

"Tudo bem. Vá em frente. Pergunte a ele o que quiser."

Eve tomou em um profundo suspiro, seu irmão olhou nos olhos, e disse, "Por favor, me diga a verdade. Matou as meninas?"

Por que Jason sempre tinha assumido a culpa disso. Assassinado meninas, despejando elas por toda a cidade, uma série de assassinatos que tiveram começo logo depois do Jason tinha saído da prisão, apenas um pouco depois que Claire tinha chegado em Morganville. Um corpo tinha sido colocado aqui em sua própria casa, em uma tentativa de envolver Shane e Michael.

Jason piscou, como se ele tivesse esperado que ela realmente não lhe perguntasse isso. "A verdade?"

"Evidentemente, a verdade, idiota."

"Eu tenho feito coisas ruins", disse ele. "Estou machucando pessoas. Preciso de ajuda."

O rosto de Eve caiu. "Você realmente fez isso."

"Não foi minha culpa, Eve".

"Nunca é, né? Eu realmente pensei..."

"Ele está mentindo", disse Michael. Ele parecia tão surpreso como Claire sentia. "Certo, Sam?" Sam concordou. "Meus Deus. Você realmente não o fez, certo?"

Jason olhou para longe deles. "Poderia ter sido".

"Que diabos você quer dizer?" Eve disse. "Foi você, ou não foi você !"

"Não", disse seu irmão. "Ou melhor fiz, quer dizer não fiz, eu apenas estava lá quando isso aconteceu e não atrapalhei. Só deixei acontecer."

"Então, quem-"

"Não vou dizer, pessoas pensam que eu sou um assassino, então eles me deixam sozinho. Eles acham que eu sou apenas algum triste-palhaço-de-merda. Eles vão matar-me rápido." Jason olhou direto para Eve, e pela primeira vez, Claire pensou que ele parecia sincero. "Eu nunca matei ninguém. Não eu mesmo, com minhas próprias mãos, de qualquer maneira. Bem, cheguei perto com você, Collins."

"Mas você não vai nos dizer quem matou?" Ele agitou sua cabeça.

"Está com medo?" Perguntou Eve, muito suavemente.

Silêncio.

"Sabe o quê?" Shane disse. "Não importa. Ponham ele na rua antes que ele acorde, com as nossas gargantas cortadas por ele ou por sua amiga imaginária."

E eles poderiam ter feito isso, exceto que a campainha tocou. Michael olhou rapidamente pela janela e olhou para fora.

"Policia. A nossa carona está aqui. Nós não temos tempo para isso."

"Michael", Eve disse. "Por favor. Deixe-o ficar, pelo menos por agora. Por favor."

"Tudo bem. Tranquem-no lá cima ele ficara sendo vigiado por Sam, você pode ficar com ele?"

"Não", disse Sam. "Tenho que voltar para Amelie."

"Temos que sair. Claire, você pode encerrar o portal que nos trouxe aqui?"

"Eu posso tentar, com certeza."

Como Sam levando Jason pelas escadas para o segundo andar, Claire tocou a parede nua de

trás da sala de estar, e senti um pouco a superfície flexível do portal deitado em cima dela. Ele é invisível, mas definitivamente ativo.

"Ada", ela sussurrou, e senti a superfície ondular.

Seu telefone tocou. Claire atendeu. SEM ID tinham aparecido no visor, apenas aleatórios números e letras. Ela respondeu.

"O quê?" Perguntou o computador. "Estou ocupado, você sabe. Eu não posso ser apenas a sua constante secretária em chamada."

"Encerre o portal para a Glass House."

"Ah, não me incomode. Faça isso você mesma".

"Eu não sei como!"

"Eu quase não tenho tempo para brincar de escola que você", disse Ada. Deus, Claire pensou, ela lembra a Myrnin - não de uma boa maneira. "Muito bem. Vou fazer isso para você agora. Mas você terá que transformá-lo novamente em si mesmo. E pare de ficar me chamando!"

A ligação caiu, e os dedos de Claire sentiram a superfície fria e ficar ainda mais fria, como o vidro.

Bloqueado .Estática quântica ela pensou, fascinada, e quis saber como que funcionava, pela milionésima vez. Ela queria aprender como Ada fazia para criá-los e bloqueá-los. Sim, se você viver o suficiente. Tinha tomado de Myrnin trezentos anos para colocar Ada funcionando, mas ela poderia demorar o mesmo tempo só para descobrir os princípios básicos que ele deseja utilizar.

Michael voltou para a sala, levando dois outros vampiros - Ysandre, parecendo uma presunçosa bruxa, e seu parceiro ocasional François, de um jeito igualmente desagradável de alguns filmes de vampiro cheio de melodrama.

Eles estavam andando meio clichês, mas eles também eram mortais. Claire não podia sequer olhar para François sem lembrar como ele estragou a cruz de seu pescoço e mordido ela. Ela ainda tinha as cicatrizes – se apagando, mas eles sempre estarão lá. E ela não pode esquecer como que se sentiu, de qualquer modo. Algo quente cheio de emoção veio sobre ela quando ela o viu sorridente para ela , algo como ódio, medo, aversão, e fúria.

Ela sabia que ele podia sentir saindo dela, em ondas.

Ela também sabia que ele gostou.

François deu-lhe um elaborado cumprimento e soprou-lhe um beijo. "Cherie", disse ele. "O seu requintado gosto ainda encantado na minha boca."

Shane tinha as mãos fechadas em punhos. François viu isso, também. Claire tocou Shane no braço; seus músculos estavam tensos e duros. "Não deixe que ele pegue você", ela sussurrou. "Eu era um lanche. Não sua namorada."

François fechou os olhos e fez um ponto de cheirar o ar. "Ah, mas você cheira tão diferente agora", ele disse, com a elaboração decepção. "Rico e complexo, e não mais simples e pura.

Ainda assim, eu fui o primeiro a provar o seu sangue, não fui, certo Claire? E nunca se esqueça do seu primeiro".

"Não!" Ela disse para Shane, e cavou suas unhas tão profundamente quanto ela podia. Foi tudo que ela podia fazer. Se Shane decidisse ir para ele, ela sabia como iria terminar.

Felizmente, Shane não fez. Ele lentamente relaxou, e olhou para Claire, as tensões de Michael se aliviaram também. "Estamos conversando, ou estamos caminhando?" Shane respondeu. "Pensei que tínhamos um lugar para estar."

Claire sentiu uma explosão de orgulho dele, e uma saudade que veio com ela, ela queria que de repente todos simplesmente sumissem; Ela queria voltar para a noite, o silêncio, o toque da sua pele e o som do seu sussurrar. Aquilo era real. Isso era importante.

Era uma razão para viver através de tudo isto.

Ela olhou para Shane e apertou a mão dele. Ele enviou-lhe uma olhada. "O quê?"

Ela sussurrou, "Você está apenas cheio de alguma coisa incrível, sabia disso?"

François fez uma cara. "Cheia de alguma coisa com certeza. No carro, idiotas."

A Praça do Fundador no crepúsculo estava cheia de pessoas como se estivesse tendo um concerto de rock. Claire nem sabia que esse número de pessoas vivia em Morganville. "Será que eles pegaram os alunos, também?" Ela perguntou Michael.

"Bishop não é tão estúpido. Só residentes. Os portões da Universidade estavam fechados. O local está sob observação."

"O que, de novo? Mesmo os drogados vão descobrir que alguma coisa está acontecendo." Claire certamente teria, e ela sabia que a maioria dos estudantes não seriam crédulos. Então novamente, sabendo e querendo empurrar o status quão foram duas coisas muito diferentes. "Você acha que eles vão permanecer no campus?"

"Acho que se não, o problema vai si resolver em si", disse Michael. "Amelie vai tentar protegê-los, mas temos um problema muito maior hoje."

Tecnicamente, esse desafio era a sobrevivência de Morganville, e todos sabiam.

Não havia cadeiras para na área do gramado, mas os vampiros de Bishop estavam todos lá fora, e eles estavam separando as pessoas, estavam nas entradas para o parque e enviando-os para áreas especiais de exploração. Ou, Claire pensou como classificar bovinos. "O que eles estão fazendo?"

"Dividindo as pessoas de acordo com seus Protetores", disse François. "O que mais?"

Bishop tinha mantido o sistema de proteção, ou então, pelo menos, ele não tinha incomodado a desmantelá-lo realmente.

As pessoas estavam sendo interrogadas no portão. Se eles não tinham um Protetor, batiam neles com um grande adesivo amarelo e os colocava em uma grande área aberta no meio. "E se o seu protetor é um dos de Amelie e seus rebeldes?" Ela sabia a resposta. "Então, eles deixaram protegidos. Eles vão no meio, também?"

Michael parecia pálido, não apenas vampiro-pálido, muito estressado e chateado, como se ele sabia o que estava chegando antes que fosse feito. Claire não entendeu até François disse, "Assim como seus amigos", e ele agarrou Shane.

Ysandre pegou Eve. Os dois lutaram e amaldiçoando-os e tentando-se libertar, mas não era algo fácil, eles foram empurradas para além de Michael e Claire.

Ambos foram arrastados para fora da grande área no centro da praça. Claire tentou segui-los, mas Michael a segurou de volta. "Não", disse ele. "Bishop pode não saber que você está saindo do seu controle ainda. Disse a ele que você estava drogada por Hannah para mantê-lo fora do caminho. E a verdade, ele provavelmente já deve sentido de que -".

"E quanto a Shane? Eve? Deus, como você pode apenas ficar aí?"

"Não sei", admitiu. "Mas eu sei que eu preciso. Claire, não ferre com tudo por agora. Você não vai ajudá-los, e você só vai se matar." Ele lhe deu um sorriso sinistro. "E eu, porque eu estaria indo para ficar no meio."

Claire parou de lutar, mas ela ainda não pôde aceitar. Ela viu porquê Richard queria as pessoas fora da cidade que estivessem ao mais alto risco; Bishop tinha destinados a esse público um espetáculo.

Seu último ato de tornar a indiscutível Morganville. Nos velhos e maus tempos, isso significava executar várias pessoas.

François pegou Claire pelo seu braço e marcharam em frente, passando raiva, homens com medo e mulheres que ela conhecia de vista, e alguns que ela nunca tinha visto antes. Esse ponto havia gravado um símbolo para a barreira que rodeava vagamente reconhecido como símbolo de um vampiro chamado Valerie - que tinha passado para o lado de Bishop na primeira rodada de combates. E sim, lá estava Valerie, em pé dentro da barricada com ele os seres humanos, mas parecendo muito, como se ele desejasse que ele estava em outro lugar. Em qualquer outro lugar.

Na ultima barricada de Valerie tinha uma espécie de grande palco, pelo menos vinte pés fora do chão, com só alguns passos da onde ela estava sendo levada. Havia cadeiras de pelúcias, tapete em um veludo vermelho e um cenário por trás dele. Focos dava um pálido em contraste. O palco estava vazio, mas havia um nó de pessoas de pé a alguns poucos passos.

Richard Morrell estava lá, vestido com um impecável terno azul escuro, como um céu azul. Ele parecia que ele estava correndo para o escritório, e não para lutar por sua vida, aparentemente, ele e Amelie tinha a mesma filosofia em busca do que seria bom para o Apocalipse. Próximo a ele, Hannah ainda em seu uniforme de polícia, mas não o cinto, e nenhuma arma, algemas, bastão, participações, ou spray pimenta. Eles tinham tirado todas as armas dos policiais humanos. Havia outras pessoas, também, principalmente vampiros, mas reconheceu Dean Wallace, o chefe do TPU, e alguns dos outros seres humanos proeminente na cidade, incluindo o Sr. Janes, que era o CEO do maior banco da cidade. Sr. Janes tinha decidido ficar. Ela tinha visto o seu nome na lista evacuação de Richard, e que tinha visto ele saindo do armazém, em vez de ficar no ônibus.

Ela quis saber o que o Sr. Janes estava sentindo sobre essa decisão agora. Não muito boa, ela estava adivinhando. Ele continuou a olhar para fora da multidão, provavelmente tentando encontrar amigos e familiares.

Ela sabia o que ele sentia.

Richard Morrell deu um sinal para ela. "Você está bem?"

Porque todo mundo sempre perguntar isso? "Claro", ela mentiu. "O que vai acontecer?"

"Adoraria saber", disse Richard. "Fique perto de Michael, o que quer que aconteça."

Ela já iria fazer isso de qualquer forma, mas independentemente, sua preocupação era muito apreciada. Ele deu tapinhas em suas costas, e foi descendo para a mão dela, ele pressionado algo em sua mão. Era uma faca de prata, não maior do que o seu dedo. Ela tentou não cortar a si própria, a última coisa que ela queria era que os vampiros ficassem ao seu redor sentindo o cheiro de sangue e conseguiu colocá-la no bolso da sua calça com base para cima sem cortá-la. Richard deu um olhar de alerta, que era uma arma de último recurso.

Ela acenou para deixá-lo saber que ela compreendeu.

Com um cordão de vampiros fechado em seu redor, incluindo o alto, magro, assexuado cara com quem estava na última vez com o Goldmans. Qual era o nome dele? Pennywell. Ugh. Ele tinha um sorriso fino, como se ele soubesse o que iria acontecer, e não seria algo bonito.

"Vamos", disse ele, e apontou seu queixo, para indicar que eles deveriam subir os degraus. Richard foi primeiro tentando dar um bom exemplo, supõe, e ela seguiu, juntamente com Hannah e Michael. Parecia uma longa subida, e que ela lembrou de nada mais do que as velhas histórias sobre as pessoas que iam para a forca, ou andar a última milha para a cadeira elétrica.

Depois de subir ao palco tudo foi subitamente pior. Houve risos e vaias da multidão, que rapidamente silenciou, Claire estava cega pelos brancos holofotes, mas ela podia sentir milhares de pessoas olhando para ela. Eu sou ninguém, ela quis dizer. Eu não quero estar aqui!

Eles não ligavam para suas intenções, ou suas escolhas, ou qualquer outra coisa. Ela estava trabalhando para o Bishop. Isso fez dela o inimigo.

Richard teve uma das cadeiras, e Dean Wallace sentou-se próximo a ele. Hannah ficou de pé ao lado da cadeira de Richard, braços dobrados. Claire, não sabia muito o que fazer, então ela ficou perto de Michael como o Sr. Janes pegou a última cadeira da presidência.

Dois vampiros surgiram os passos largos e transportando o maciço e esculpido trono de Bishop, que ficou exatamente no centro do palco.

Sr. Pennywell - se ele era um ele, Claire ainda não poderia realmente dizer – ficou junto ao trono com Ysandre e François. Os antigos amigos, Claire pensou. A panelinha.

Bishop entrou pela cortinas na parte de trás do palco. Ele usava um terno preto, camisa branca, gravata preta, e um lenço colorido vermelho no bolso. Na verdade, ele estava vestido melhor do que o Sr. Janes. Não ornado em vestes medievais, que era do tipo que Claire tinha esperado. Ele não tinha nem sequer uma coroa.

Mas ele tinha um trono, e ele ficou sobre ele. Seus três fiéis companheiros de crime ficaram na frente dele, e ele lhes deu uma bênção preguiçosa. Então ele disse, "Eu vou falar com o prefeito da cidade."

Claire não sabia que era possível, mas a voz de Bishop ecoavam de todos os cantos, havia um

pequeno microfone quadrado em seu bolso, ela adivinhou, e deve funcionar por radiodifusão para falantes amplificados escondidos nas árvores. Foi estranho, apesar de tudo. Ela olhou pelos cantos dos olhos. Atrás das luzes, ela viu que Shane e Eve tinha espremido seu caminho através da multidão e estava à frente do grupo no centro da praça. Shane tinha o seu braço em torno de Eve, mas não de uma forma de namorados apenas para o conforto.

A forma como Michael tinha o braço em torno de Claire.

Richard Morrell se levantou e caminhou até ficar na frente do Bishop.

"Eu exigia lealdade", disse Bishop. "Recebi provocação. Não apenas da minha filha e os seus seguidores, mas também dos humanos. Os seres humanos sob seu controle, Prefeito Morrell. Isto não é aceitável. Não pode continuar, este desafio descarado no meu Estado."

Richard não disse nada, mas depois, Claire não tinha idéia de que ele realmente poderia dizer. Bishop estava apenas afirmando o óbvio. E isto era apenas um aquecimento para o que estava chegando.

"Hoje, eu soube que você pessoalmente autorizou a remoção de nosso município, vários dos nossos cidadãos mais valorizadas", disse Bishop. "Muitos membros do seu próprio município, por exemplo. Líderes da indústria. As pessoas de posição social. Diga-me, Prefeito Morrell, por que você teve espírito de deixar estas pessoas irem embora, e deixar tantos dos seus cidadãos comuns aqui para suportar o castigo? Estava pensando apenas dos ricos e poderosos?"

Esperto. Ele estava tentando tornar a cidade colocando Richard como um pai-corrupto, em qual só pensa em seu próprio bem. Seria provavelmente fácil, também. As pessoas gostavam de acreditar que este tipo de coisa.

Richard disse: "Eu não sei do que você está falando. Se alguém saiu da cidade, tenho certeza que deve ter tido a sua permissão, senhor. Como poderiam ter deixado se você não autorizou isso?"

Foi uma bofetada direta na cara do Bishop sobre o assunto de sua autoridade. E o seu poder. Bishop se levantou.

"Eu vou descobrir os segredos desta cidade mesmo se eu tiver a rasgar-los sangrentamente cada um de vocês", disse ele, "e quando eu tiver as minhas respostas, você vai pagar um preço, Richard. Mas, para garantir que temos um governo estável e leal, devo lhe pedir para nomear um novo conselho municipal agora. Uma vez que você está tão calmamente permitido tudo lhe escapar."

"Deixe-me adivinhar. Todos devem ser vampiros," disse Richard.

Bishop sorriu. "Não, claro que não. Mas se eles não são vampiros, eu vou, naturalmente, torná-los vampiros... simplesmente para garantir a equidade..."

Sua voz foi morrendo, porque alguém estava subindo as escadas. Alguém que Bishop não tinha convocado.

Myrnin.

Ele parecia meio-morto, pior do que um dia Claire já o tinha visto, seus olhos eram branco leitoso, e ele sentiu-se cegamente a cada passo lento enquanto ele subia. Ele parecia mais

magro, também. Incontinente. Ela se sentiu mal quando viu o maníaco sorriso em seu rosto, tão fora de contato com o esgotamento do seu corpo.

"Desculpe, meu senhor", disse ele, e tentou dar uma de suas habituais elaboradas cambalhotas. Ele pulou quase tropeçou e se equilibrar, e procurou por uma vaga. "Eu fui detido. Eu nunca iria perder uma boa festa. Existe cozinha? Ou vamos ter um buffet no jantar?"

Bishop, não olhou para ele com qualquer favor. "Você poderia ter se vestido para a ocasião", disse ele. "Você está imundo."

"Eu me vestir como a natureza dos testamentos. Oh, Claire, que bom. Que bom te ver, minha cara." Myrnin agarrou Claire e arrastou-a de Michael, ela envolta num abraço apertado, e ela dançou valsa em instáveis círculos ao redor do estádio, enquanto ela lutava para ficar livre.

Não havia nada vago sobre a voz dele quando ele sussurrou, "Você não vai fazer nada. Algumas coisas vão acontecer. Mantenha o seu juízo, menina."

Ela concordou. Ele beijou ela divertidamente na garganta, e não tão inocente como ela teria gostado e rolou se afastado para a magra na parte de trás da cadeira do Bishop. "Imploro perdão", disse ele. "Diz".

"Você está bêbado", disse Bishop.

"Isso é o que acontece quando você é o que você come", Myrnin acordou. "Acabei de sair de uma mordida. Infelizmente, tudo o que foi deixado na cidade foram patéticos alcoólicos e criminosos, mas esses últimos são rápidos demais para eu pegar."

Bishop ignorou ele. Ele virou a sua atenção de volta para Richard. "Será que você pode nomear alguém para o seu município, prefeito? Ou devo nomear eles para você?"

"Você vai fazer o que quiser." Richard encolheu os ombros. "Não vou permitir que você o faça".

"Então vou ter que remover dos seus membros nomeados que permaneceram." Bishop bateu os dedos, e François e Ysandre foram para agarrar Sr. Janes e Dean Wallace. Quando Hannah Moisés tentou interferir, ela acabou caindo de cara sobre o carpete, impedida por Pennywell. "E eu vou permitir que meus caçadores se livrem de qualquer um dos seus cidadãos que permanecem não reclamados, ou que sejam fiéis ao meu inimigo. Então. Isso deve limpar o ar para eu começar o negócio."

A gritaria começou no meio da multidão enquanto as pessoas no centro da praça perceberam que havia sido colocado lá para morrer.

Shane e Eve... Claire agarrou a prata faca em seu bolso e tentou chegar a Bishop. Michael abordou ela, provavelmente para seu próprio bem.

Myrnin riu de Bishop. Bishop foi capturado facilmente por ele, rindo Myrnin tentava lutar, Bishop chamou por Ysandre com um bater de dedos. Ela chegou no seu bolso e tirou uma coisa que a Claire reconheceu.

Uma seringa. Da cor do líquido, que era da cura feita pelo Dr. Mills.

Bishop mergulhou a agulha em Myrnin, no coração e esvaziou o conteúdo e, em seguida, Myrnin caiu deitando-se no tapete, estremecendo, enquanto corria a cura através do seu corpo.

Quando ele abriu os olhos, fios brancos apareciam por eles.

Ele estava curado.

Mas ele também estava com uma horrível de dor.

"Eu conheço os seus planos", disse Bishop, para baixo e sorriu para ele. "Eu sei que você veio recheado com veneno antes de vir aqui. Eu sei que você tem planejado, e queria me fazer morder você próprio para que a sua amante pudesse acabar comigo. Infelizmente, é desperdício de esforço, meu querido velho amigo."

Ele fez um sinal, e as cortinas por trás dele ficaram abertas.

Amelie foi arrastada para fora, amarrada em uma cadeira de prata. Ela ainda estava vestindo seu terno rosa perfeito, mas não era tão perfeito agora - suja, rasgado, sangrento. Sua pálida coroa de cabelo tinha escorregado em torno de todo seu rosto.

Ela tinha uma coleira prata em torno de seu pescoço, e Oliver estava a segurá-la.

Oliver.

Claire se sentia quente, depois fria, então, muito apertada. Ela chegou a acreditar que ele não era tão ruim quanto ela sempre havia pensado.

Ela realmente comecei a pensar que ele realmente era quase... confiável.

Obviamente, Amelie tinha pensado assim, também. E Michael, porque ele foi para Oliver, percorrendo o grande caminho rapidamente, e foi trazida para baixo por Pennywell e dois outros.

Pior, porém, foi o próximo prisioneiro, também envolto em correntes de prata, e um sofrimento muito pior do que Amelie onde metal venenoso tocava. Sua pele e esfumada escuramente onde ela tocou-lhe, porque ele era mais jovem e mais frágil do que ela.

Sam Glass.

Amelie gritou quando ela viu ele, e fechou os olhos dela. Ela perdeu o seu cuidadoso desprendimento, Claire, agora ela podia ver o quanto ela se preocupou. Quanto é que ela queria Sam.

Quanto é que ela o amou.

Bishop sorriu e, nesse sorriso, Claire viu tudo. Ele não queria apenas destruir Morganville; ele queria destruir a vida, e a esperança, e todas as razões para se viver. Ele poderia ganhar se este fosse o último vampiro de pé, não importa quantas pessoas que ele tinha que matar pelo caminho.

"Você não podia ter ganho, Amelie", disse ele, bem quando a tatuagem no braço queimado de Claire começou tecendo o seu caminho, e ardendo a partir de seu punho até que seu braço coberto. Então no peito. Ela sentiu a propagação como veneno através do corpo inteiro dela, ardor e, em seguida, queimado para fora como uma escova fogo. Longe de real, desta vez. "Tome, você pode ter o seu pequeno animal de estimação de volta agora. Eu já não tenho necessidade para ela. Ela me ajudou a aprender tudo o que eu precisava saber."

"Tenho dúvidas disso," Amelie disse. Sua voz era grosseira com emoção, mas ela encarou de frente seu pai. "Tive o cuidado de esconder as coisas dela."

"Nem tão cuidadosa para mantê-los de Oliver, no entanto. E esse foi um erro." Ele segurou o queixo dela virado-o para ficar de frente com os olhos dela. "Morganville é minha. Você é minha. Mais uma vez."

"Então, tome o que é seu," Amelie disse. Ela parecia fraca agora. Derrotada. "Me mate, se você desejar. Queime. Destrua. O que de durável que você tem, Bishop? Nada. Exatamente o que você sempre teve. Nós viemos aqui para construir. Viver. Não é algo que você iria compreender."

"Oh, eu entendo. Eu só desprezo. E aqui", disse Bishop, "é quando você morre."

Ele sorriu, pôs a cabeça de Amelie para o lado, e por um horrível segundo Claire pensou que ele estava indo para matá-la, logo ali, mas então ele riu e beijou-a na garganta.

"Embora, evidentemente, não em minhas mãos", disse ele. "Não seria moral, depois de tudo. Temos de dar um bom exemplo, ou de que modo que você gostaria de dizer-me, criança. Vou deixar que o seu homem te mate, eventualmente. Uma vez que você pediu por esse privilégio."

Ele jogou Amelie nas mãos de Pennywell e ao invés, ele agarrou Sam Glass.

"Não!" Michael gritou, e saltou para os pés para o impedir.

Ele não podia. Claire capturou de vista o pálido Sam, com face em uma determinação que ela não podia entender, e de Michael sendo trazida para baixo dez metros de distância, tal como expondo a garganta de Sam para Bishop.

O grito de Amelie rasgou através do ar. Myrnin – agitado e ainda débil - arrastou-se para ela. Ysandre chutou ele, rindo.

Oliver apenas ficou lá, como um cubo de gelo. Apenas os olhos dele estavam vivos, e mesmo eles não mostram nada, Claire compreendeu.

Michael não estava lá para segurar Claire para que ela não fizesse nada. Ela mexeu em seus pés, escorregando a faca de prata, e mergulhou-o em volta da Ysandre tão profundamente quanto ela podia. E a cravou em seus osso.

"Oh," Ysandre disse, irritada. Ela tentou obter a faca, mas ela estava fora de seu alcance. Ela virou sobre Claire com um rosnado, então parou. Choque passou por seu lindo rosto e, em seguida, se preocupação. Então o medo, quando a queimação começou.

Ela caiu, gritando por ajuda. Claire se apresando sobre ela para ajoelhar ao lado Myrnin. Ele estava lutando a sua maneira de volta através da dor, levantando, e seus olhos eram brilhantes carmim devido ao estresse, e, provavelmente, fome.

Ele não estava fora de controle, apesar de tudo. Não mais. "Ajude-me a levantar," ele exigiu. "Faça isso agora!"

Ela ofereceu-lhe uma mão, e ele usou-a para puxar-se a seus pés, instável, mas mais forte do que ela nunca tinha visto ele. Este era um Myrnin diferente... lustroso, brilhante, escuro e perigoso, com o seu brilhante e irritado olhos fixos em Bishop.

"Pare-o!" Claire gritou com Myrnin, mais ele apenas ficou lá. Sam estava morrendo. Myrnin estava deixando isso acontecer.

"É Sam! Você tem que detê-lo! "

Em vez disso, virou-se e Myrnin atacou Pennywell.

"Não! Myrnin, não! Sam!"

Oliver ainda não estava em movimento. Ele estava olhando para Bishop. Esperando.

Eles estavam todos esperando.

Descendo no meio da multidão, a gritaria tinha recomeçado, e quando Claire olhou para fora viu que as pessoas estavam tentando fugir. Havia vampiros que se deslocam através da multidão -caçadores, tendo as vítimas. Os seres humanos de Morganville estavam lutando por suas vidas. Muita gente tinha aparecido armados prontos para seus próprios funerais, incluindo Shane e Eve; Claire percebeu eles lá embaixo, e tudo que ela podia fazer era rezar para que eles ficasse bem.

Eles tinham uns aos outros para a proteção, pelo menos.

Ela tinha de ajudar o Michael. Claire não se atreveu agarrar a faca de Ysandre de volta - que era a única coisa a mantinha fora da luta, mas ela não podia ficar lá, também.

Felizmente, ela não tem pega-la. Hannah Moisés gritou o nome dela, e quando Claire se virou, ela viu Hannah jogar algo para ela. Ela instintivamente chegou até apanhá-lo.

Era uma estaca de madeira afiada. Hannah não esperou para ver o que ela ia fazer com ela, ela já estava indo para François, que estava tentando se apoderar de Richard Morrell. Hannah saltou sobre o vampiro um pouco delicada, mais depois como uma perita e mudou o seu peso e mergulhando a sua própria estaca de madeira através de seu coração. Ela não iria matá-lo, provavelmente, mas ele estava fora da luta até que alguém lhe removesse.

Michael já tinha ganho sua luta agora Claire chegou lá e ele já estava sangrando e um pouco instável, mas ele agarrou seu braço e gritou: "Sai daqui!"

"Temos que salvar Sam!" Ela protestou.

Mas era tarde demais para isso.

Sam caiu escorregando aos pés de Bishop, e Claire podia se ver que Sam ainda estava vivo, mais ele não estaria por muito tempo. Os furos na sua garganta estavam muito profundos, e ele não estava se movendo.

Fúria a corroia por dentro e tirando o seu bom senso.

Claire correu para Bishop quando ele se virou, e enfiou a estaca em seu peito, no alvo certo para onde o seu coração seria, se tivesse um.

Apanhou o seu pulso.

"Não", ele disse gentilmente, como alguém com um animal de estimação que deseja impedir de roer o bom mobiliário. "Eu não vou ser tomado a gostar de você, menina."

Ela tentou fugir, mas ela sabia que era demais; não havia apenas nenhuma maneira que ela conseguir a sair dessa.

Michael tinha começado uma luta ao longo do caminho para chegar a Sam. Amelie caiu sobre seus joelhos, ainda vinculada a toda a cadeia de prata. Hannah e Richard estavam costas a costa defendendo-se contra três guardas vampiro.

Myrnin estava lutando Pennywell, e destruindo metade do palco ao longo do caminho. Havia um velho ódio lá. Histórico.

Oliver tinha começado a se aproximar a Amelie, embora Claire não podia ver nenhuma mudança nele em tudo. Ele ainda não estava no combate, a favor ou contra, e ele certamente não estava tomado de qualquer esforço heróico para salva-la.

"Claire!"

Shane. Ela ouviu gritar seu nome, mas ele estava muito longe, vinte pés para baixo, ao pé do palco, olhando para cima.

Ele tinha uma faca na mão. Quando ela olhou para baixo para seus olhos, ela capturou ele, ele agarrou a lâmina, e atirou-a.

A faca passou por sua bochecha, mas ele bateu no Sr. Bishop bem no centro do seu peito.

Ele riu. "Seu moço tem um bom braço", disse ele, e puxou a faca, como vulgarmente como uma lasca. Nem prata. Ele mal algum para ele. "Seus amigos gostam de pensar que ainda tem uma chance, mas não é verdade. Não há..."

Em seguida, alguma coisa aconteceu.... Bishop parecia hesitar. Seus olhos estavam em branco e distante, e por um segundo Claire pensou que ele estava apenas saboreando sua vitória.

"Não há hipótese", ele começou novamente, e então parou. Então ele tomou um passo hesitante para o lado, como se ele perdesse o equilíbrio.

Então ele deixou-a totalmente, a segurou-se sobre o braço de seu trono. Bishop olhou para baixo a faca na mão – a faca de Shane em descrença. Ele não pode agarrá-la. Ela escorregou para fora do seu punho, atingiu a sede da presidência.

Bishop se encostava e tentava abrir seu casaco. Ele o fez, o seu casaco voou aberto, e Claire viu que a ferida estava sangrando.

Sangrando muito.

"Pegue o livro!" Amelie de repente gritou, e viu Claire, apontando para o bolso da jaqueta de Bishop. O livro de Amelie, o livro de Myrnin. O livro de Morganville, com todos os segredos e poderes.

Parecia apenas direito que deveria ser uma coisa que ele perdesse, esta noite, mesmo que ele ganhasse tudo o resto.

Claire avançou e agarrou o livro, e de algum modo o alcançou e o apertou em suas mãos.

Bishop se afastou atrás dela como ela dançando para trás, mas ele parecia confuso agora. Mais lento.

Doente?

Como se acionando algum sinal, Oliver finalmente se moveu. Ele levava um par de luvas de couro em seu bolso, vestiu-as com calma, e pegando a prata da cadeia em que Amelie era prisioneira. Ele pegou o final da coleira de prata e segurou-a por um segundo, olhando para os olhos dela.

Ele sorriu.

Aí ele o tirou de seu pescoço e ela caiu no chão.

Amelie ficou em pé - ferida, sangrando, desorganizada, mas perdida do que Claire um dia já a tinha visto. Ela sorriu para Oliver, dentes para fora e, em seguida, foi em torno dele para ajoelhar ao lado de Sam.

Seus olhos abertos e fixos em seu rosto. Nenhum deles falou.

Ela tomou a mão dele em um momento para, em seguida, levantá-la para tocar a parte traseira da mesma para o rosto dela.

"Você tinha razão", disse ela. "Você sempre teve, sobre tudo. E vou sempre vou te amar, Sam. Sempre".

Ele sorriu e, em seguida, ele fechou os olhos. . .

... e ele foi embora. Claire podia ver a sua vida, ou seja lá o que era um vampiro tinha, escapar.

Seus olhos turvos com lágrimas. E quentes. Ah, Sam...

Amelie ponha a mão suavemente para trás em seu peito, tocou-lhe com os lábios à sua testa, e levantou-se. Oliver ajudou a ela, com uma mão sob o seu braço, que era a única maneira Claire poderia dizer que Amelie não estava sozinha, porque ela parecia estar mais viva do que nunca.

Mais motivada, de qualquer maneira.

Bishop ficou gravemente ferido, embora Claire não poderiam descobrir como; a faca de Shane não poderia ter realmente ferido ele. O velho homem mal ficava em seus pés, no momento em que ele se apoiou se afastando de Amelie e Oliver.

Isto o colocava para avançar em direção Myrnin, que pegou Pennywell e jogou-o como um trapo de boneca saindo na distância, todo o caminho para o centro, quando Pennywell bateu no vidro e quebrou a máquina em destroços.

Então Myrnin voltou-se para Bishop, bloqueando-lhe daquele lado.

Os três vampiros que lutavam com Hannah e Richard de repente perceberam que a maré estava contra eles, e se afastaram. Como um moribundo tiro, porém, um deles tirou a estaca de François para fora do peito, e gritou para o vampiro que se recuperou em torno de um segundo e, em seguida, se levantou e rosnou.

Oliver, irritado, chegou a descer e pegou a coleira de prata que ele tinha removido do pescoço Amelie. Em um único e suave movimento, ele o envolveu em torno da garganta de François e amarrou a ele no braço do pesado trono de Bishop.

"Pronto", ele disse, e, só para ter a certeza, embrulhado um outro comprimento de cadeia pesada de prata em torno de seu tornozelo. François gritou na dor.

Oliver pegou a estaca de madeira das mão de Claire, tirando a faca de prata de Ysandre dela, e colocando a estaca através dela encostando no chão do palco. Foi através de seu coração. Ela balançou os ombros e parou de se mover, congelada no lugar. "Isto, que deve mantê-los por um tempo", disse Oliver. "Claire. Tome isto." Ele jogou a faca para ela, e ela a capturou, ainda totalmente paralisado e sem entender o que acabara de acontecer.

"Você esta. . . você não-"

"Do lado de Bishop?" Ele sorriu fracamente. "Ele certamente tinha pensado assim, desde que me vendi a ele na noite em que ele veio para Morganville. Mas não. Eu não sou besta. Eu tenho sido sempre do meu próprio lado."

Amelie tomou um passo em direção a seu pai. "Acabou", disse ela. "Você fez o seu pior. Você ira fazer mais nada."

Ele parecia desesperado, confuso, e, pela primeira vez, realmente com medo. "Como? Como você fez isso?"

"A chave não estava em adivinhar quem você iria escolher para matar", disse ela, e sua voz era calma e gelada. "Você me ensinou os finais de jogo, meu pai. A chave para ganhar é que não importa o que vai mover o seu adversário, pois ele pode mover o errado. Eu sabia que você ia matar pelo menos um de nós pessoalmente, e você o iria apreciá-lo demasiado. Você não poderia resistir."

Como Bishop, ela perdeu o seu equilíbrio. Oliver pegou ela e, a colocou em pé.

O rosto de Bishop em branco. "Tu... você me envenenou. Através de Myrnin. Mas eu não bebi."

"Eu envenenei Myrnin", disse ela. "E eu mesmo. E Sam. O único que não tomou o veneno foi Oliver, porque eu precisava dele na reserva. Você vê, nós sabíamos sobre Claire depois de tudo. Contamos com o seu saber em que faríamos, e aquilo que tínhamos planejado, pelo menos na medida em que ela o sabia." Um peão. Claire tinha sido sempre um peão.

E Sam - Sam tinha sido o sacrifício.

Amelie parecia insegura agora, e Oliver colocou um braço em torno dos ombros dela. Parecia confortável, mas não era, ele pegou uma seringa do bolso dele, ela não era maior que o seu polegar, e conduzi-la para o lado do pescoço de Amelie. Ele esvaziou o conteúdo, e ela balançou os ombros e estremeceu contra ele por apenas um momento e, em seguida, tomou uma respiração profunda e se levantou.

Ela apontou para Oliver, que assumiu uma outra seringa, que ele apontou para Claire. "Dá-lhe isso."

Por um segundo ela achava que ele tinha falado de Bishop, mas depois percebeu, como a força de Myrnin falhou e ele foi para seus joelhos, que era realmente precisava de ajuda. Ela

engoliu duro, olhando Myrnin incerta, e jogou seu cabelo para o lado ficando nu ao lado de seu pescoço pálido. "Rápido", disse ele. "Não tenho muito tempo."

Ela fez isso, de alguma forma, e ajudou-o a ficar volta em seus pés.

Quando ele olhou para cima, ela podia ver que ele estava melhor. Muito melhor.

Amelie disse, "Em caso de dúvida, Bishop, este era um antídoto para o veneno que circula dentro de você. Sem o antídoto, o veneno não vai te matar, mas ele vai desativar você. Você não poderá vencer contra nós. Não agora."

Caído entre as multidões, as lutas estavam morrendo lá em baixo. Havia algumas vítimas, mas muitas delas eram do povo de Bishop, os humanos de Morganville não eram tão fáceis de levar para o abate, como ele esperava.

Toda a sua raiva contra os vampiros - tinha ajudado, depois de tudo.

E agora, batendo-se os passos ao lado do palco, entrou Shane e Eve, que tinham um olhar sinistro – mais totalmente parecendo humano, incluindo Detetive Hess e vários outros policiais. Todos os com armas. Eve tinha uma arma igual a que estava no tórax de Bishop.

Michael tinha uma estaca extra de Hannah.

Todos Morganville, de um lado, e o Bishop sozinho do outro.

Ele apoiou-se em direção à parte de trás do palco.

Atrás dele, a cortina assumiu prateadas luzes.

"Portal" Claire gritou, mas era tarde demais; Bishop tinha ativado uma saída de emergência e, no próximo segundo ele tropeçou através dele e foi embora. Amelie foi longe demais, e estava demasiado fraco para ir atrás dele, de qualquer forma.

Claire não pensou; ela saltou em frente, colocar a mão sobre a superfície do portal, e gritou o nome do Ada.

"O quê?" Perguntou o computador. O som desta vez voando para fora do portal.

"Eu preciso monitorar Bishop!" Disse Claire.

"Eu não trabalho para você, humano", disse Ada, e encerrando o portal com um piscar de olhos. Claire virou-se para olhar Myrnin, que estava assistindo a poucos metros de distância, os olhos de volta ao seu normal preto. Ele caminhou em direção dela, pés descalços deslizando ao longo do tapete, e estudou o espaço vazio onde o portal tinha estado.

Aí ele se afastou e criou um grande círculo com uma varredura de seu braço, e a prata brilhando e voando de voltar à ser vista.

"Não seja rude, Ada", disse ele. "Agora, eu sei que você pode me ouvir. Para onde foi o nosso querido Sr. Bishop, para onde ele escapou?"

"Não posso dizer", disse Ada secamente. "Eu não trabalho para você, também."

Myrnin colocou a sua palma plana sobre a superfície do portal e olhou Claire. "Ele reprogramou ela", disse ele. "Ele deve ter ido com ela e deu-lhe o seu sangue, enquanto nós estávamos

fazendo nossos próprios planos. Eu não esperava que ele se movesse tão rapidamente. Eu não estava a pensar tão claramente como eu deveria ter pensado." Ele removeu sua palma, e Claire percebeu que ele tinha feito isso como uma espécie de botão mudo, de modo Ada não ouvir o que eles tinham para dizer. "Ada, minha querida, vou colocá-la sobre o controle novamente a partir do meu sangue. Você realmente vai dizer que você não me ama mais?" Claire nunca ouviu som de sua voz antes, quando ele estava no controle de si mesmo, de forma segura e sombriamente inteligente. Isto a fez tremer em algum lugar no seu interior. "Deixe-me ir até você. Eu realmente quero ver você, meu amor."

Ada ficou em silêncio por um momento, e então ela apareceu sua imagem fantasmagórica na superfície do portal, uma mulher vitoriana, nas grandes saias e colarinho alto dos tempos. Ela tinha suas pálidas mãos sobre o tecido de seu vestido. "Muito bem", disse ela. "Você pode recorrer a mim, Myrnin".

"Excelente". Ele agarrou Claire pela mão e se intensificaram através do portal.

Seu pé desceu em algo macio que fugiu com um rangido estridente, e ela saltou para fora e deu um grito agudo. Ratos. Ela odiava ratos. Era muito escuro para ver, mas ela podia ver uma fraca luz brilhando na segunda parte da caverna, e lá estava o monstro emaranhado de tubos que era Ada.

Seu fantasma na frente da máquina de estilo desajeitado no gigante teclado, sorrindo como uma apaixonada menina para Myrnin, mas o sorriso vacilou quando ela viu Claire. "Ah", disse ela, através dos altos falantes do computador. "Você trouxe seu cãozinho."

"Não tenha ciúmes, amor. Você é a única menina para mim." Myrnin foi até o teclado, através do formulário bidimensional de Ada, e Claire viu Ada fazer um rosto assustado e virar na direção dele.

"O que você está fazendo?" Ela exigiu. "Myrnin!"

"Reprogramando você, eu espero", disse ele. "Claire".

Ela foi para seu lado, mas, Ada para ela, e a imagem transformada em empertigado vitoriana virando... outra coisa. Algo escuro e corrupto e horrível, rosnando para ela.

Ela vacilar e foi indo para longe, mas a mão de Myrnin a agarrou-a para fora e arrastou-a, Ada passou.

"Ignore dela", disse ele. "Ela não está em um bom estado de espírito." Myrnin procurava pelos símbolos, então descoberto o pressionou no painel de controle, e bateu a mão para baixo no ponto. "Ada. Você deixará de aceitar comandos do Sr. Bishop; você me entendeu?"

"Ele foi simpático comigo", disse Ada gentilmente. "Ele me deu um melhor sangue".

"Melhor que o meu? Creio que estou ofendido."

Ada pareceu soar como um gato. "Bem, você não foi você mesmo, você sabe. Mas seu gosto é muito melhor agora, Myrnin. Quase como o seu antigo você."

"Imaginei isso. Bem, então, eu prometo que você vai ter todas as adoráveis e doces sangue que você gostaria de mim, se você bloquear o acesso do Bishop, minha querida".

Ada fez um longo, e sussurrante som, como se ela estivesse pensando, e então ela finalmente disse, "Bem... tudo bem. Mas você tem que me dar um copo cheio."

"Eu não irei mover minha mão, minha cara. Beba." Ele deixou passar quase um minuto e, em seguida, fez sinais para que Claire se aproximasse. "Quase feito, Ada?"

"Mmmmmm." Ada suspirou. "Sim. Delicioso. Sinto-me sempre tão - O que você está fazendo?"

Ele tirou sua mão fora do painel, agarrou a de Claire, e bateu no chão sobre a agulha. Ela sabia que era melhor não tentar lutar contra ele neste momento, era pouco provável que ela vencesse, e ela só queria saber se bem, digamos, tendo Myrnin um sangue infectado ela teria quaisquer efeitos secundários desagradáveis, como um súbito desejo de sangue e uma alergia ao sol.

"Desculpe", disse ele, mas não era como ele normalmente falava, e alterou a sua voz novamente para que aveludado, escuro, sedutor tom. "Ada, meu amor?"

Sem resposta.

"Ada, Claire é a minha grande amiga, e eu realmente devo insistir para que ela tenha o mesmo acesso sim."

Ada feita horrível som.

"Ada".

"Não."

Ele suspirou. "Liste para mim quem mais tem acesso ao sistema, por favor."

Ada disse, "Existem atualmente seis indivíduos com pleno acesso aos portais, não incluindo você. Eu tinha removido o Sr. Bishop, porque você pediu muito simpático. Isso deixa Amelie, Oliver, Michael, Claire, Jason, e Dean. Embora Claire não é bom para você, Myrnin. Você deve comê-la imediatamente."

"Obrigado, vou pensar nisso depois." E então de cara amarrada para a tela. "Jason. Jason Rosser? Porque eu não sei isso? E quem é Dean?"

"Isso é segredo meu, talvez você o encontre por ai afora", disse Ada, e riu. Myrnin piscou.

"Ela não devia fazer isso, certo?" Claire perguntou.

"Certo. Ah, meu Deus. Penso que o meu sangue possa ter transportado uma infecção profunda em seus sistemas. Isso pode ser uma coisa muito ruim."

"Não é possível entregar-lhe a cura?"

"Não é tão simples", disse Myrnin, e transferiu seu foco novamente. "Ada, meu amor? Pode dizer-me como Jason e Dean podem ter acesso ao sistema?"

"Sam Glass deu a Jason," disse ela. "Mas não o acesso pleno, claro. Apenas para abrir e usar portais. Dean é amigo do Jason. E estou revogando o acesso de Sam, como é óbvio. Porque ele já não é funcional."

Claire se moveu desconfortavelmente. O rubro branco e a dor em sua mão estava começando a comer fora a sua calma.

"Um - Myrnin, parar agora?" Ela percebeu que deve ter escorrido pelo menos um litro para Ada por agora.

"Por favor", disse Ada. "Eu não gosto do seu sangue, de qualquer forma." Ela fez um som computadorizado de cuspir. Claire tirou sua mão para longe e pressionou contra o peito dela, apertando seu punho apertado para parar o sangramento. "Nojento. Tão doce!."

Claire colocou a língua para fora em direção ao computador.

"Eu vi isso."

"Bom", ela bati. "Onde foi Bishop?"

"Por que eu deveria-"

"Ada!" A voz de Myrnin do computador ganhou uma carrancuda resposta, e ela correu tranqüila. "Eu quero que você bloqueie o acesso aos portais de todos exceto a mim, Amelie, Oliver, Michael, e Claire. Você entendeu?"

"Eu não sua escrava." Ada disse, em seguida, saiu completamente.

"Sinto muito", Myrnin disse, e colocou suas mãos sobre a máquina, quase como uma carícia. "Minha querida, eu vou voltar e falar com você em breve, e vamos todos trabalhar nisso. Mas você tem de me prometer isso. É importante".

O som Ada ecoou através das colunas. "Eu nunca pode dizer não para você", disse ela. "Tudo bem. Eu vou bloquear Jason e Dean, também."

"Eu acho que é isso", disse Claire, e senti uma pequena bolha de alívio que rapidamente surgiram quando Myrnin agitou sua cabeça.

"Só mais uma coisa. Eu preciso saber onde foi Bishop, quando ele viajou pelo último portal. Ada, amor, você pode fazer isso por mim?"

Atrás deles, Claire sentiu o empenamento sutil de um portal formando. Ela e Myrnin voltaram-se para olhar.

O fantasma de Ada reapareceu e, em seguida, deslizou para o lado, mãos apontadas para atrás dela e de volta. Definitivamente triste.

Michael intensificou através, segurando a mão de Eve. Atrás dele veio Shane.

"Verdade". Ada suspirou. "Não é só você que tem um orfanato, não é?"

"Ada! Diga-me onde está Bishop!" Myrnin estava fora de paciência, e ela deve ter ouvido isso em sua voz. Ela encolheu os ombros.

"A universidade", disse ela. "Espero que ele possa esconder-se lá por algum tempo sem ser detectado. Abundância de petiscos, depois de tudo."

Como petiscos ela quer dizer os pescoços dos alunos, Claire supôs que isso era o certo. E a universidade estava cheia de cavernosos edifícios, muitos dos quais estavam desertas à noite. Ela tinha razão. Era o esconderijo perfeito para o Bishop, se ele queria recuperar a sua força e se reagrupar.

Eles tinham de ir buscá-lo antes que isso acontecesse.

Myrnin já estava sobre ele. Ele correu para o portal que Michael e os outros tinham chegado através, explorou sua superfície, e escutou. Claire ouvi-lo, também, ligeiramente, uma espécie de toque. Uma frequência obviamente.

O portal trabalhava sobre as frequências, como um rádio - sintonizar um certo destino onde você queria chegar. Ela costumava criá-los sem compreender conscientemente como, mas agora que ela estava focada, ela podia ouvir o tom claramente.

"Aqui", disse Myrnin, e entrou através. Claire chegou para Shane e pegou sua mão, e caminhou para o desconhecido com ele.

Ele vieram para o prédio de Administração, uma sala vazia pelo que Claire se lembrava. Myrnin realmente tinha ido, mas a porta ainda estava balançando mostrando que ele havia ido por ali. Claire teve certeza que era o que todo mundo, então ela deu uma olhar para os outros três.

“Vocês caras tem certeza de que querem fazer isso?” Ela perguntou a eles. Michael parecia mais adulto do que ela tinha visto – e mais como Sam. Ele tinha perdido seu avô, ela acreditava – que era alguém que não se poderia perder, nunca. E isso o fazia ficar diferente.

Mais como Sam do que nunca.

Eve estava miseravelmente. Ela segurava a estaca entre os seus dedos, levantou a estaca em sua mão direita. “Com que frequência eu posso estaquear um vampiro?”, ela perguntou, e sorriu. “Vamos fazer isso.”

“Shane?”

Ele estava estranhamente quieto. Agora, ele apenas concordava. “Observe você mesma,” ele disse, e bruscamente ele colocou suas grandes mãos gentis em suas bochechas. “Você me assusta.”

Ela deu uma brusca gargalhada, se agitando. “Você é insano.”

Havia um curto corredor fora da sala, deserto e escuro; e no final do corredor tinha uma porta de incêndio, e uma das folhas da porta estava um pouquinho aberta. Myrnin tinha ido por ali, Claire achava.

Ela foi atrás dele.

Enquanto ela ia entrava no ar frio da noite, algo agarrou ela. Não era Myrnin.

Bishop.

Ele parecia mal – indeciso, mas mais forte que um humano. Ele mexia nas roupas dela; por um segundo ela pensou, Oh meu Deus, ele vai me estuprar, e então sua mão bruscamente bateu no livro que ela trazia no bolso. Ela tinha esquecido isso.

Agora, enquanto ele tentava tirar isso dela, ela lutava de volta. Bishop estava mais fraco do que nunca, e ela estava em pânico. Bishop ouviu Shane chamando seu nome, e o empurrou para as sombras – então eles estavam perto da construção, e arrastou-a enquanto ele subia. Eles estavam perto do fim do telhado do galpão de manutenção.

“Parado aí!”, ela ouviu Michael gritar, e então ele estava vindo para eles como um borrão, com Shane e Eve o seguindo.

Bishop tinha o livro nas mãos. Não! Ela não podia deixar isso acontecer. Claire poderia não entender o que tinha em suas páginas, mas ela podia ver como ele ia usar. Ela sentia isso, em sua tatuagem.

Ela não daria a chance dele ficar com isso.

Bishop gritou algo para ela, e suas presas saíram. Claire colocou os dois pés no peito dele e o empurrou com força.

Bishop se afastou dela, derrapando no telhado. Claire se desequilibrou e se manteve fortemente em seus pés, correndo para um lugar seguro. Ela não tinha a menor idéia de como ela Isa sair dali. Voando, talvez. Ou se jogando, não importa o quanto isso fosse difícil.

Ela não teve de fazer nada. Michael estava lá, agarrou ela, e pularam juntos. Ele pousou elegante mente, colocando ela no chão ao lado dele, e olhando para o alto.

Bishop estava lá, respirando difícil. Suas presas e seus loucos olhos brilhantes por causa do luar.

“Oh, merda.” Eve disse. “Ele não está parecendo realmente o sr. Fluffy.”

Shane resumiu. “Corram!”

E eles fizeram. Shane pegou a mão de Claire; ela tinha as pernas curtas, mas uma maior motivação, e ela se manteve com eles enquanto corriam para o gramado em frente ao prédio da Administração.

Bishop vinha pela grama atrás deles e estava próximo de alcançá-los.

“Ele está atrás de nós!” Eve gritou.. “Vamos para biblioteca!”

A biblioteca da TPU era grande, um prédio com colunas próximo ao prédio da Administração. Ele estava iluminado e havia estudantes parados e andando pela escada, obviamente não sabiam que estavam no caminho. “Saiam daí!” Claire gritou, e correu com toda velocidade escada acima. Shane estava bem ao lado dela, Eve vinha em algum momento atrás.

Michael tinha parado na escada, e tinha se virado para Bishop. Quando Claire hesitou, Eve agarrou ela pela gola da camisa e a fez seguir. “Não pare!” ela disse, cansada. “Droga, eu preciso de mais exercícios. Vamos pensar nas estacas. Não pare por nada, Claire!”

Enquanto eles passavam pelos detectores de metais, alarmes soaram. Estudantes carregavam seus livros e saiam das mesas como cachorros loucos, então gritavam e sinalizavam que alguma coisa ruim estava acontecendo, deixando uma trilha de notebooks e computadores para trás. Enquanto eles passavam pelas estantes de livros, Shane procurou algo, agarrou dois volumes de capa preta, e entregou um deles à Eve. Ela concordou e guardou-o no bolso da calça.

Houve um barulho atrás deles, e as portas de vidro quebraram em milhões de pedaços no chão. Estudantes gritavam. Alguém gritou para chamar a policia do campus; outro gritou para se calar e esconder.

Michael estava no chão de mármore e rolou por ele, deixando uma trilha de sangue. Ele checou suas mãos e joelhos, observando Claire, Shane e Eve, que haviam parado na metade das prateleiras. “Vão!” ele disse para eles, e ficou de pé enquanto Bishop entrava. Ele não parecia instável agora.

O veneno estava saindo, saindo de pressa.

Shane fez Claire começar a correr. Eve vinha atrás deles, olhando pelos ombros se Michael vinha vindo.

Ele não estava.

O corredor no final dava em uma parede de pedras, com janelas altas, mas havia um aviso de saída a esquerda. Os três viraram o corredor e esbarraram com algo, estudantes passando com fones de ouvidos, obviamente não sabiam do problema à frente.

Shane chegou na porta de incêndio, fazendo soar outro alarme, e eles desceram outro lance de escadas;

Este lado da biblioteca dava para uma grande fonte – só que a fonte tinha ido, e isso tinha sido uns meses atrás. O que estava no lugar, no centro de convergência das calçadas, era um grande vazio de concreto onde tinha sido a piscina, e no centro, uma estátua de bronze de Bishop, segurando o livro na mão.

Havia uma das eternas chamas brilhando em frente a sua estátua – a luz do conhecimento, ou qualquer coisa estúpida como isso. Claire tinha ficado revoltada com a estátua quando ela foi feita.

Agora, ela tinha uma idéia.

“Rasgar!” ela gritou. “Tenha certeza que ele veja que vocês têm o livro!”

Shane e Eve concordaram, um indo para direita e outro para esquerda.

Claire estava subindo na estátua.

Quando Bishop saiu da biblioteca, nenhum sinal de Michael. Ele parou nos degraus, e ele estava pensando que dois deles estavam o enganando – mas qual deles? Claire tinha achado que ele iria assumir que ela havia dado o livro para Shane.

Ela acertou. Bishop pulou das escadas para o gramado, e começou a correr atrás de Shane. Isso deu a Claire precisos minutos para chegar até o vazio da fonte, subir, e pegar a luz do conhecimento – que era apenas gás, na verdade.

Isso era tudo que ela precisava.

Claire tirou o livro do bolso e o envolveu nas chamas. Sim. Finalmente.

“Hei!” ela ouviu Eve gritado. “Hei, Bishop! Peguei!” Quando ela olhou, Eve estava pulando, com o livro como uma louca gótica líder de torcida.

Bishop ignorou ela.

Shane ziguezaveava, fazendo sua melhor corrida até Claire que estava do outro lado do campo, mas Bishop era mais rápido e mais ágil, e ele cortou Shane e o bloqueou-o.

Claire olhava para o livro na mão dela.

Não estava queimando. Ela o virava freneticamente, tentando por fogo dentro das páginas. “Você tem de estar de brincadeira comigo!” ela gritou, e continuou tentando.

Isso não estava queimando.

Bishop pegou o livro de Shane, examinou-o, e jogou fora com desgosto. Ele ia na direção de Claire. Eve viu ele vindo, e foi até Claire primeiro, pulando sob a borda da fonte e quase bateu na borda. “O que você está fazendo?” ela perguntou. “Queime essa droga!”

“To tentando!” Claire gritou, e em desespero, segurou uma das folhas do meio do livro e amassou.

As folhas foram arrancadas. Quando ela colocou nas chamas, elas imediatamente pegaram fogo.

“Sim!” Eve exclamava e pulava frenética, agitando os braços. “Vá!”

Claire tirou mais paginas e as jogou no fogo.

Bishop tremulava em frente a ela, olhos vermelhos e crescendo, e jogou Eve longe quando ela tentou ficar entre ele e Claire.

Claire tirou mais paginas e as queimou. Ela já tinha feito isso em metade do livro.

“Sua pequena malvada besta”, Bishop disse, e esticou a mão. “Me dê!”

Ela puxava mais e mais páginas, fazendo isso ao lado do fogo. A maioria dos papeis caíam nas chamas. Ela não conseguia mais ajeitar seus pés na estatua de bronze. Uma leve brisa passava por suas roupas.

Bishop estava atrás dela enquanto ela arrancava mais paginas do livro.

Uma sombra passou por eles, visível no lugar, e então Claire sentiu um balançar na estátua vindo do topo.

Myrnin, sentado nos ombros da estátua de Bishop, se abaixou e tirou os livros das mãos de Claire no instante que Bishop iria fazer. “Ah, ah, ah,” ele disse. “Não seja rude, velho. Isso nunca foi seu em primeiro lugar.” Ele retirou uma pagina perdida, amassou e jogou dentro das chamas, onde o fogo a consumiu. “Deixe a garota. Você está acabado agora.”

Bishop agarrou Claire e a puxou contra seu peito, mãos apertando a garganta dela. “Me dê o livro ou eu mato ela.”

“Oh, vá em frente, então.” Myrnin disse, e folheou algumas paginas. Ele estudava o que estava escrito e sorriu. “Eu me lembro disso. Bons tempos. Ah, bem.” Ele as jogou no fogo. Bishop desesperadamente agarrou uma que flutuava pelo ar e retirou antes que caísse no fogo. “Oh, querida. Agora você tem minhas lembranças do meu secreto relacionamento com a Rainha Elizabeth. A primeira. Eu espero que isso te faça bem, Bishop. Se você quer saber de palavras e mágica, você não vai achar isso nas paginas. Agora isso...” Myrnin produziu, com a outra mão, outra folha, cuidadosamente dobrada. “Essa é uma coisa fácil de você ter pelas regras de Morganville. Talvez mesmo no mundo humano, mas prometi a Amelie que eu nunca deixaria isso cair em mãos malignas, mas então de novo, elas estão nas minhas mãos, não? Então talvez a gente tenha um ponto.” Ele deu um sorriso perdido. “Deixe a garota ir, e você pode ter isso.”

“Myrnin, não,” ela sussurrou.

“Eu não estou fazendo isso por você,” ele disse. Ele fez um aviãozinho de papel e mandou direto para Bishop, que voava pelo ar com um barulho chorado.

Os olhos de Myrnin brilhavam vermelhos. “Oh querido,” ele disse. “Eu te entreguei a pagina errada. *Ardentia verba!*”

A página queimou numa chama roxa, e ela encostou na pele de Bishop, depois em sua mão, e suas roupas. O papel virou cinzas em segundos. Bishop estava se revirando, envolvido em chamas.

Myrnin desceu e agarrou Claire. Ele pulou com ela e a colocou em segurança no braço de metal da estátua de Bishop – a que tinha o livro aberto.

“O objetivo do sábio,” Myrnin disse calmamente, “isso foi um bom trabalho. Aqui termina sua lição, velho.”

Claire paralisou. Ela não podia assistir ele se queimando, e fechou os olhos. “Eu acho... eu acho que nós precisamos do sangue dele para cura,” ela disse. Ela não queria que ele se salvasse. Ela apenas queria ele para outras coisas.

“Porque, você está certa – nós faremos.” Myrnin estalou os dedos, e as chamas roxas se foram. Bishop caiu no chão de pedra da fonte vazia, também tentava escapar.

Myrnin pulou da estátua, jogando Bishop no chão, e mordeu ele. Ele não drenou ele – não muito – e o rosa, vivo sangue estava em seus lábios. “Eu peguei todo sangue dele que precisava,” ele disse. “Agora eu tenho algo para você, Bishop. Não se preocupe – eu não vou matar você. Eu não te deixaria você morrer.” Ele procurou no seu bolso e puxou outra seringa. “Meu sangue,” Myrnin disse. “Antes de você me curar. Agora eu espero que você tenha uma longa, lenta ida à loucura, como eu. Eu desejo que você aprecie isso.”

Bishop não se moveu. Ele piscou para a lua, as frias estrelas e finalmente fechou os olhos.

Não morto, contudo.

Claire não tinha certeza que aquela era uma boa idéia.

“Hei,” Eve disse, e se sentou, segurando a cabeça. “Oh. Esse cheiro – Oh. Ele –”

“Não,” Michael disse, e veio até o vazio da piscina para ajudar Eve a ficar de pé. “Ele está vivo.” Ele olhava para Claire e sorria, e esse era o completo especial sorriso de Michael Glass, um que fazia o sol e as estrelas dançarem. “Nós estamos todos vivos.”

“Relativamente falando,” Myrnin disse. “Ah. Seu cavaleiro branco está chegando. Um pouco golpeado, mas intacto.”

Shane. Ele estava mais do que um pouco golpeado, mas Claire sabia que ele iria ficar bem com isso. Eles tinham esperanças de sair disso com vida, em algum ponto; Claire pode ver um sorriso nele, como o de Michael, o que nada estava errado.

“Eu desejaria ter uma câmera,” Shane disse, indo para ela. “Isso é alguma espécie de coisa de faculdade? Algo como hastear a bandeira ou algo assim?”

“Cala a boca,” ela disse e pulou.

Ele pegou ela.

O beijo foi tão forte que caíram.

Dois dias se passaram como um borrão. Claire passou a maioria do tempo dormindo; ela nunca tinha se sentido tão cansada, ou tão agradecida de estar viva.

No terceiro dia, quando ela veio para jantar, ela encontrou os outros pegando cachorros quentes de chili e olhavam sombrios. Shane se levantou quando a viu, isso fez o coração dela disparar, e ele puxou uma cadeira para ela. Eve e Michael deram um olhar divertido.

“Tão bonitinho,” Eve disse. Quando Shane olhou fixamente, Eve sorriu. “Não, de verdade. Isso é. Calma, fica frio.”

Havia algo de forçado sobre isso, e Claire não sabia o porque; ela não tinha o sentimento que ela poderia argumentar ou algo assim. “O que está acontecendo?” ela perguntou enquanto colocava os cachorros-quentes. Ela não tinha certeza se ela queria saber. Ela só queria ter a certeza de que nada acabaria em morte. Por favor não seja algo como Bishop escapou, ou algo horrível como isso...

Não era. Michael deu um leve gole em seu café e disse, “O velório de Sam é hoje a noite.”

Oh Deus. De alguma maneira, ela não esperava isso, e ela realmente não sabia porque. Os cachorros-quentes foram esquecidos, e ela tinha de forçar para engolir.

“Eles nunca tiveram um antes,” Eve continuou. “Um funeral, eu digo. Para um vampiro. E também, não um que fosse aberto ao público. Mas este foi publicado no jornal, e eles falaram no jornal da noite, também. Todo mundo convidado.”

A maioria das pessoas viria por curiosidade, mas para eles, era uma perda real. Claire viu por baixo da mesa que Eve segurou a mão de Michael. Ele não falava muito e não olhava para nenhum deles.

“Será daqui há algumas horas,” Eve disse. “Nós três vamos...”

“Ótimo,” Claire disse. “Eu quero ir.” Ela não queria, por causa de toda a dor de pensar nisso, mas ela sabia que eles deveriam estar lá por Michael. “Eu preciso achar algo para vestir.”

“Termine seu jantar antes,” Eve disse. “Uma mordida não é uma refeição balanceada.”

“Nem comer cachorro-quente de chili,” Claire disse.

“Não desfaça do cachorro-quente,” Shane disse. “Isso é algo como mãe e tortas de maçã se tornando um ícone cultural.”

“Você esqueceu os Chevrolets,” Eve disse.

“Nunca fui um cara fã deles.”

“Herege.” Eve deu um olhar maligno para Claire. “Coma. Não estou brincando.”

Claire comeu o resto do chili, mas um foi suficiente para enche-la. Despiando a bronca de Shane e Eve, havia um sentimento de tristeza em Michael como uma segunda pele. Ele não disse muito, exceto, “Meus pais estão aqui. Eles voaram até El Paso e dirigiram até aqui.”

Uau. Claire nunca tinha ouvido muito sobre os pais de Michael, exceto que eles tinham ido embora, e ele não esperava vê-los na cidade de novo. Ela finalmente tentou dizer, “Será que é uma boa...?”

“Sim,” ele disse, e saiu da mesa. “Eu vou ficar legal. Ele caminhou para fora, e o resto deles observavam ele ir. Eve parecia muito triste, pesarosa. E muito adulta.

“A mãe dele tem câncer, você saber,” ela disse. “Esse era o motivo deles terem saído de Morganville. Porque ela precisava de sérios tratamentos. Sam conseguiu os tratamentos para ela. Esta é a primeira vez que eles voltam.”

“Oh,” Claire disse. “Michael está ok?”

“Ele não quer falar sobre isso,” ela disse. “Cara. O que há com vocês e as emoções?”

“Elas são como criptonitas,” Shane disse. “Ele vai ficar bem. Apenas dê um tempo para ele.”

Claire não tinha muita certeza sobre isso.

Michael dirigiu, e ninguém tinha muito a dizer. Era triste e desconfortável.

Enquanto o carro parava em frente a igreja, manobristas vampiros estavam abrindo portas para eles. Um serviço de manobrista vampírico. Em circunstâncias normais isso teria sido horripilante, mas havia algo de que isso estava certo nessa noite. Claire olhou para cima e viu que o vampiro que oferecia a mão para ela, era nada menos que Oliver. Ela congelou, e as sobrancelhas dele se levantaram.

“Hoje, se você pudesse,” ele disse. “Eu estou aqui como cortesia. Não leve para o lado pessoal.”

“Oh, não vou levar,” ela respondeu, e aceitou a mão forte, gelada que a ajudou a sair do carro. Shane segurou rapidamente seu braço, dando a Oliver um olhar tipo cai fora, o que era um pouco engraçado, e então eles seguiram atrás de Michael e Eve.

Isso era bizzaro, Claire pensou. A igreja estava cheia, eles estavam parados na parte de trás, mas a multidão saía enquanto eles andavam, acompanhados de Oliver. E todo mundo voltava a cabeça para eles.

“Ok, isso é estranho,” Claire sussurrou. Ela se sentia como se tivesse um alvo pintado nas costas a princípio, depois percebeu que a maioria das pessoas que olhava para eles não estava com raiva – elas estavam interessadas. Ou eram simpáticas. Ou qualquer coisa assim.

“Muito estranho,” Shane sussurrou de volta.

Em frente de todos estava Amelie, sentada sozinha, vestida num terno branco tão frio e perfeito que ela parecia uma escultura de gelo, da cabeça aos pés. Atrás dela estavam sentados um homem e uma mulher perto dos quarentas, e enquanto ela observava eles, Claire viu a semelhança familiar. A mulher deve ter sido muito bonita quando era jovem; ela era agora bonita, como as pessoas mais velhas são, e seu cabelo dourado contrastava com os olhos vermelhos. Ambos se levantaram enquanto Michael deixava Eve e se encaminhava para eles.

“Querido”, a mãe de Michael disse, e Michael se enfiou no meio dos pais para um abraço triplo. “Oh, querido.”

“Mãe, me desculpe, eu não pude – eu não pude fazer nada...” A voz de Michael falhou, e Claire viu seus ombros sacudirem. Sua mãe alisou seu cabelo gentilmente, e sorriu para ele oferecendo um tipo de entendimento.

“Como ele,” ela disse. “Igual ao seu avô. Não se desculpe, Michael. Não se culpe. Eu sei que você fez tudo que podia. Ele nunca culpou você, nem por um segundo.”

Claire não entendia a culpa de Michael, mas olhando agora, ela não podia imaginar que ele não se culpasse – sua mãe tinha razão – ele estava como Sam, na verdade.

Ele sentia responsável.

A sra. Glass olhava além de Michael, seus olhos viam os três. Claire primeiro, então Shane, e Eve. Ela deu um suspiro profundo, se moveu até eles, e pegou as mãos de Eve para um abraço. “Eu não tenho visto você em anos, Eve. Você está maravilhosa. E Shane...” ela foi até ele. Shane não deu um abraço como Eve, mas ele fez o seu melhor. “Estou tão feliz de você estar aqui por Michael.”

Ele olhou para baixo. Claire sabia que ele estava pensando na raiva que ele sentiu de Michael alguns meses atrás – muita raiva, as vezes. “Ele é meu melhor amigo,” Shane disse, e finalmente encontrou os olhos de Michael. “Vampiro ou não. Ele sempre será.”

Michael concordou.

A sra. Glass abraçou Claire também. “E você é a Claire. Eu ouvi tanto de você. Obrigada por tudo que você fez por meu filho.”

Claire piscou. Tudo que ela fez? “Eu acho que isso está errado,” ela disse gentilmente. “Michael é o herói. Ele sempre está lá por mim.”

“Então vocês estiveram um pelo outro,” a sra. Glass disse. “Verdadeiros amigos.”

A multidão se dissolvia, novamente, deixando mais pessoas passarem, e enquanto Claire olhava em volta, ela viu seus pais. “Oh, não,” ela sussurrou. “Eu não acredito que eles já estão de volta.”

“Seus pais?” a mãe de Michael perguntou, e Claire concordou. A sra. Glass se moveu para cumprimentá-los, graciosa e triste, e então eles estavam próximos de Claire.

E Shane.

Ela observou o olhar gelado que eles deram à Shane, mas eles sabiam que era melhor não fazer nada aqui, agora. Eles se sentaram ao lado direito de Claire, com Shane, Eve, Michael e os seus pais no esquerdo.

E diretamente acima, Amelie.

No altar da igreja, uma confusão bizzara de flores de todas as cores, onde o caixão preto e prata estava. Estava fechado. O discreto som de órgão tocando, e o zunzunzun de conversa da multidão cessou quando as portas foram fechadas, e o Padre Joe veio, vestindo uma batina branca com estola roxa. Ele deu alguns passos e olhou para multidão com um olhar de autoridade. Para um jovem padre, ele tinha muita presença, mas então Claire estava na expectativa dele, que observava sua congregação em Morganville, que era composta de vampiros e humanos.

“Nós vamos celebrar a vida,” ele disse. “A vida de Samuel Glass, filho de Morganville.”

Os olhos de Claire estava cheios de lagrimas. Ela não podia imaginar Sam sendo lembrado de outra forma, na verdade. Ela teve dificuldade para ouvir o resto do discurso do padre Joe sobre Sam – ela se pegou observando Amelie, ou melhor a parte de trás da cabeça dela. Nenhum fio fora do lugar, nenhum suspiro de emoção.

Tão calada.

E então, Amelie se levantou, indo em direção as escadas. Ela não parou no podium, mas no caixão, e abriu a tampa. Um leve barulho no ambiente, e Amelie estava lá, observando o rosto de Sam.

Então ela se virou e observava as pessoas na igreja.

“Eu conheci Samuel Glass aqui nessa igreja,” Amelie disse. Seu tom era leve, mas forte. Ninguém se moveu. Ninguém tossiu. Pelo que Claire pudesse perceber, ninguém respirou. “Ele veio aqui à procura – procura - que eu tivesse errado ele imaginou que eu tinha feito. Ele era como um anjo com uma espada flamejante, cheio de fúria e justiça, com absolutamente nenhum medo das conseqüências. Sem medo de mim.” Ela sorriu, mas havia algo quebrado nela. “Acho que me apaixonei por ele naquele momento, quando ele era tão bravo comigo. Eu me apaixonei por seu temperamento destemido primeiro, e então eu percebi que era mais do que mera coragem. Era uma convicção de que a vida deve ser justa. Que nós tínhamos de ser melhor. E por um tempo... para um tempo penso que fomos.”

Ela pausou, e olhou de novo para a pele de Sam, depois o rosto.

“Mas eu estava errada,” ela disse. “Errada e com medo. Eu o afastei de mim, porque não tinha sua coragem ou convicção. Neste momento, esta perda, é minha culpa. Sam se deu, novamente, para salvar vidas. Para me salvar. E eu nunca mereci isso.”

Havia lagrimas nas bochechas dela agora. E sua voz estava falhando. Claire não podia respirar por causa da emoção em seu peito.

“Alguém recentemente disse que eu deveria mudar as regras de Morganville,” Amelie continuou. “Como Sam tinha falado à cinquenta anos atrás, e continuou falando a cada oportunidade.”

Claire percebeu, com choque, que Amelie falava dela. Como se isso que ela disse fosse algo bravo.

Amelie se ajeitou e retirou os grampos do cabelo dela, um por um. Seu cabelo claro caiu em cascata sobre seus ombros.

“Eu decidi,” ela disse, “coisas serão mudadas. Coisas devem ser mudadas. Sam era a favor dos humanos terem os mesmos direitos na cidade, e isso será feito. Isso será doloroso, perigoso para todos nós, mas deve ser feito. Pela memória de Sam, eu farei isso.”

Ela tinha terminado, e gentilmente, deu um beijo nos lábios de Sam, e fechou o caixão. Ninguém falou enquanto ela se movia, para as escadas em direção a porta. Oliver e alguns outros vampiros em expressões silenciosas, a seguiram.

Padre Joe suspirou. “Vamos rezar.”

Claire juntou as mãos e olhou para baixo. Próximo dela, Shane fazia o mesmo, mas ele suspirou, “Eu estou louco, ou nós ganhamos?”

“Não,” Claire sussurrou de volta. “Mas eu acho que ganhamos uma chance para.”

Quatro semanas depois.

“Caos, desordem, bagunça,” Shane disse. “Situação normal em Morganville.” Ele deu um gole em seu café e colocou um em frente de Claire.

Common Grounds estava movimentado com a grande reinauguração, com o café pela metade do preço, e o lugar estava cheio. Todo mundo adora uma barganha. Isso não era exatamente normal para eles estarem sentados no território de Oliver; Claire nunca pensou em Shane fazendo isso voluntariamente, mas a cafeína era poderosa.

Ele surpreendeu ela quando trocou algumas palavras civilizadas com Oliver enquanto ele buscava café. Falando de... “O que Oliver disse para você?” Claire perguntou.

Shane estremeceu.

“Eu perguntei a Oliver se eles acharam meu pai, mas ele deu o seu usual deixe isso para lá. Me disse para esquecer meu pai. Eu não sei se eles acharam meu pai, eles o mataram, ou ele apenas não ligam. Droga, eu apenas preciso que alguém me diga.”

Claire olhou para ele, num pesado silêncio. Eu preciso dizer a ele, ela pensou. Eu realmente preciso.

Ela apenas não tinha as palavras.

A vida voltava ao normal em Morganville. Amelie tinha proibido a caça. O Banco de Sangue foi reaberto, e as pessoas de Morganville podiam escolher – ficar, ou partir. Muitos optaram pela segunda opção. Claire acreditava que metade da cidade escolheria partir... mas ela também sabia que alguns deles iriam voltar. Apesar de tudo, muitas das famílias nunca tinham saído da cidade. Era um mundo novo fora dali. Para alguns, era realmente muito novo.

Common Grounds tinha sido reorganizado em tempo Record, e tinha mais estudantes que nunca. Oliver estava no bar, em sua máscara de cara legal e fazendo expressões como se nada tivesse mudado.

A estátua de Bishop tinha sido retirada da universidade. Na verdade, qualquer traço de Bishop tinha sumido. Claire não sabia onde François ou Ysandre estavam, mas Myrnin assegurou a ela, com uma certeza absoluta, que ela não gostaria de saber. As vezes, ela ficava contente de ser ignorante. Não sempre. Mas as vezes.

Shane, contudo, precisava saber de seu pai. Frank Collins, pelo que Claire sabia, tinha evaporado no ar. Se Amelie sabia, ela não disse.

Esse era o momento que Claire tinha medo, de qualquer modo. Ela tentava se manter o mais longe possível, mas Shane estava ficando agressivo ao ficar perguntando as pessoas sobre qualquer sinal de Frank Collins em Morganville, e ela realmente não podia mais se manter longe.

“Eu tenho algo para dizer a você,” ela disse, e limpou a garganta. “Seu pai – eu... eu o vi.”

Ele congelou, com a xícara de café sem seus lábios. “Quando?”

“Há um tempo atrás.” Ela não queria ser específica. Ela odiava ter escondido isso dele por tanto tempo. “Ele... ah... ele tentou me matar, mas ele não fez. Ele disse para dizer a você que... que ele te amou. E ele sentia muito.”

Shane piscou para ela, como se ele não acreditasse no que ela estava dizendo. “Onde você o viu?”

“Nas celas onde os vampiros eram mantidos. Ele não está mais lá. Eu procurei. Ele apenas se foi.” Ela falava com dificuldade. “Eu não queria dizer a você, mas eu acho... eu acho que ele se matou, Shane.”

Algo mudou dentro dele em um segundo – ela não reconheceu o olhar dele ou seu rosto. E ela sabia o que era, o olhar de seu pai, o olhar que ele fez antes dele se transformar.

Shane fechou os olhos por alguns segundos, então cuidadosamente ela colocou sua mão na mesa, próxima dele.

Os dedos dele tocaram os dela.

“Droga,” ele sussurrou. “Não, eu não estou bravo. Eu apenas sinto... apenas sinto aliviado. Eu precisava saber. Ninguém queria me contar.”

“Eu devia ter contado algo,” ela disse. “Eu sei. Me desculpe, eu apenas não sabia como. Mas eu não queria você ouvindo isso de Oliver ou de qualquer outro, porque eles apenas... mordem.”

“Não brinca.” Ele deu outro suspiro profundo, então balançou a cabeça. Seus olhos escuros se encheram de lágrimas, mas ele piscou. “Ele não gostaria de se manter assim. Ele fez uma escolha. Eu acho que era outra coisa.”

Ela concordou. “Era outra coisa.”

Ela tinha tirado o curativo, e agora, pelo menos, ele poderia começar cicatrizar.

Era o mesmo em todo lugar. Cicatrização. Tudo igual em Morganville, prédios queimados foram demolidos e reconstruídos. A Prefeitura, destruída por um tornado estava sendo reformada, com mármore e moveis novos. Todas as casas do Fundador – incluindo a Glass House – estavam sendo reparadas e repintadas. Tudo o que não tinha sobrevivido estava sendo reconstruído.

Em um maravilhoso tempo Record, a vida em Morganville estava voltando ao normal. Tão normal quanto podia ser, de qualquer forma. E se os vampiros não estavam felizes sobre as mudanças, bem, ele estavam – longe – mantendo suas objeções do outro lado da cerca.

Shane deu um gole no café – café preto, sem leite como ela gostava – e observava as pessoas pela janela lá fora. Ela observava ele em silêncio e pensava no que ela tinha dito; ele ainda segurava sua mão, e ela sentia que isso era um bom sinal.

“Os ótimo,” Shane disse, e olhou para a porta. “Problemas a doze horas. Justo o que precisávamos.”

Monica Morrel estava parada no vão da porta, tendo certeza que a luz pegava seu melhor lado. Ela tinha voltado para cidade com suas melhores amigas, e voltado ao seu posto de rainha vadia de Morganville sem problemas. Isso significava que Richard Morrel ainda era o prefeito, claro, e que a família Morrell ainda era rica.

Monica entrou no lugar cheio, estalou seus dedos, e mandou Gina ir para a fila. Então ela e Jennifer vieram para mesa onde Claire e Shane estavam sentados.

Ninguém falou nada. Era uma guerra de olhares.

“Vadia, por favor,” Shane finalmente disse. “Você não pode ser séria. De todas as pessoas presentes aqui, você não poderia evitar? Realmente não estou no clima hoje.”

“Eu não estou evitando você,” Monica disse, e sentou na cadeira próxima dele. Jennifer parecia profundamente chocada, então ela saiu, indo perturbar algum pobre calouro sobre uma cadeira extra na mesa dele, e voltaria quando tudo estivesse mais calmo. “Eu penso que desde que você tenha cadeiras extras, você não deveria ser um idiota sobre isso. Não seja um mau ganhador ou qualquer coisa assim.”

Ele piscou.

“Não que você tenha ganho,” ela disse rapidamente. “Isso é apenas, você sabe, você ainda está aqui. O que é uma forma de vitória. Não a melhor.”

Shane e Claire tinham olhares estranhos. Claire deu de ombros, “Oliver te trouxe de volta?” ela perguntou. Monica traçou uma linha imaginária com as unhas perfeitamente manicuradas, então ela jogou seus cabelos ainda escuros para trás.

“Claro,” ela disse. “O que seria de Morganville sem a família Morrell?”

“Eu gostaria de saber?” Shane murmurou. Monica deu um olhar gelado para ele. “Brincadeira.” Não.

“Eu ouvi que você estava trabalhando,” ela disse. “Uau. Bom para você. Shane Collins, atualmente ganhando salário. Alguém avise a imprensa.”

Ele desviou de La, então olhou para seu relógio. “Falando de trabalho, droga,” ele disse. “Claire —”

“Eu sei. Hora de ir.”

Ele levantou e a beijou. Ele fez bem feito, com Monica assistindo, o que fez com que Claire se sentisse toda quente; ele parou e as pessoas das outras mesas começaram a gritar e aplaudir.

“Tome conta das suas costas,” ele murmurou, seu lábios encostaram nos dela. “Eu te amo.”

“Tome conta da sua,” ela disse, “Eu te amo, também.”

Ela observou ele sair com a sensação que ela tinha uma aparência totalmente tola, e ela não ligava. Outras garotas observavam ele ir, também — elas sempre fizeram, e ele raramente notava nesses dias.

Monica cheirava o café que Gina tinha colocado na frente dela. “Deus, vocês dois me deu nojo. Você sabe que isso não acabou, certo?”

“Porque, porque você vai levá-lo embora?” Claire perguntou, e sorriu devagar. “è muita areia para seu caminhão, garota rica.”

“Isso é um desafio?”

“Ok. Bata em você mesma. Não, na verdade. Martelando na cabeça, um problema de cada vez.” Claire bebeu o resto do seu mocca quanto Gina se sentava na cadeira vaga de Shane. “Hei, criança. Aqui.” Claire tinha empurrado sua cadeira para trás batendo num calouro enquanto Gina sentava; ele ficou grato, concordou e colocou seus fones de ouvidos de volta. Estudando.

Claire tinha de fazer, também. Ela tinha acabado o semestre, mas era apenas o começo de suas mudanças. Ada tinha muito que ensinar a ela, contudo o computador ainda a odiava e provavelmente continuaria odiando-a. Myrnin... Myrnin estava absorto no sangue de Bishop no qual ele produzia o serum, para o Dr. Mills aplicar; os vampiros de Morganville foram todos curados, um por um.

Todos exceto Sam. A coragem de Sam foi a esperança de todos estarem vivos. Amelie não saía de casa exceto para as aparições oficiais; ela tinha se tornado uma eremita de novo, vestida no formal branco, de volta ao posto de Rainha de Gelo que Claire tinha conhecido. E se ela estava aflita, ela não demonstrava isso em publico.

Mas Claire sabia que ela se sentia.

Ela sabia que Amelie sempre estava assim.

Enquanto Claire caminhava para porta, alguém agarrou sua mochila. “Hei, Claire!” A voz não era familiar, mas estava alegre e feliz em vê-la. Ela se virou. Ela levou alguns segundos para ver alguém além da pilha de livros.

Era o desajeitado garoto com corte emo – o que ela e Eve tinham encontrado no Centro Universitário antes de tudo mudar em Morganville. O que tinha sido amigo de Shane.

“É o Dean, lembra? Você tem um minuto?”

Ela não tinha certeza se era uma boa idéia. Tinha algo nele, algo que estava perdido em sua memória... oh sim.. “Antes de entrarmos no assunto, como você conhece Jason Rosser?” ela perguntou.

Dean congelou no momento que ele abria a sua mochila na cadeira próxima. “Oh. Uh... flagrante, eu acho. Quando eu me mudei para cá, eu e Jason ficamos juntos depois que saímos da cadeia. Eu digo, minha teoria era que a irmã dele vivia na casa com Shane, então ele era um meio para o fim. Só que ele é uma espécie de encenqueiro, você sabe?”

Claire continuou assistindo ele. Ele parecia honesto. “Ele deve ter te mostrado algumas coisas. Secretas, eu digo. Sobre a cidade.”

As orelhas de Dean ficaram vermelhas. “Você diz – sim. Os portais? Os que leva de um lugar para outro? Honestamente, eu nunca usei exceto uma vez. Isso me assustou pra caramba.”

Ele soava com vergonha de si mesmo, mas Claire poderia totalmente ficar atrás com o conceito de Morganville ser assustador. Ela pensava que era algum tipo de fascinação, mas era, ela era uma medrosa.

Dean parecia patético. “Deixe-me ver. Eu menti, ok? Você nunca mais vai falar comigo de novo.”

“Não, está ok.” Ela sinalizou e se aproximou da cadeira. “è apenas que Jason não é uma pessoa de referencia.”

“Eu ouvi você. Mas poxa, eu estava trabalhando para Frank Collins, e meu irmão era um biker doido, então isso não era algo muito estranho.” Ele comentou.

“Obrigado por me dar as dicas, Claire.”

“Todo mundo merece uma segunda chance. Hei, você viu o Shane? Eu pensei que você quisesse falar com ele.”

“Eu quero. Onde ele está?”

“Foi para o trabalho. Ele acabou de sair.”

“Eu perdi?” Dean olhou em volta, como se Shane pudesse aparecer do nada. Ele parecia desapontado quando isso não aconteceu. “Droga.”

“Bem, tá um pouco cheio aqui. Se você não o viu, provavelmente ele não te viu, também. Não é como se ele estivesse se escondendo ou algo assim.”

“Sim, provavelmente. Então. Você está, ah, ficando? Em Morganville?”

“Sim.” Ela deixou escapar. Entre seu novo, completamente maravilhoso relacionamento com Shane, e o fato de Myrnin está lhe ensinando física tão avançada do que a maioria dos ganhadores dos prêmios Nobel, sem chance dela ir embora. “E você?”

Ele deu de ombros. “Sem lugar para ir. Você ainda mora na Glass House?”

“Uh, não. Eu fiz um acordo com meus pais. Eu tenho de ficar com eles até ter dezoito, e então eu posso voltar. Eve prometeu que eles guardariam o quarto para mim, entretanto.” A verdade era, ela gostava muito de viver lá, e ela parecia sentir falta do tempo que ficava com os amigos – jantares, jogos de tabuleiros, jogos de zumbies, e tênis no Wii... E Eve fazendo as leituras dramáticas de seus livros de vampiros favoritos. Enquanto Michael ficava embaraçado.

Ela sentia falta daquilo.

Morganville não era perfeita. E nunca seria. Mas Amelie mantinha a promessa dela, e os humanos estavam se sentindo com mais direitos, não eram posses. Não eram bancos de sangue ambulantes.

Era um começo. Claire tinha planos para mais, com o tempo.

“Hei,” ela disse. “Talvez você pudesse vir hoje a noite, à Glass House? Jantar conosco? Eu tenho certeza que Shane vai amar ver você. Será uma grande surpresa.”

“será,” Dean disse, e deu a ela um sorriso em resposta. “Sim, ok. As 7 horas?”

“certo,” ela disse. “Escuta, eu tenho de ir trabalhar. Vejo você então.”

Ele se levantou hesitante e colocou seus livros e papéis na mochila. “Eu tenho, também,” ele disse. “Apenas um segundo.”

Ele está me seguindo? Claire divagou. Ela sabia o que Eve diria, mas ela não podia acreditar nisso. Dean era uma espécie de cara legal – mas tinha aquela coisa nos olhos dele quando olhava para ela.

Ela pensou se ela não estaria viajando, mas isso parecia rude.

Oliver estava observando ela de seu canto no bar. Ela acenou para ele, e ele deu um olhar gelado que dizia o que ele realmente pensava dela. Não, eles nunca seriam amigos. E isso estava legal para Claire. Ela ainda achava que ele era assustador.

Dean se ajeitou, batendo no braço de um atleta na mesa ao lado, e teve que pedir desculpas para sair deste problema, apoiada em Claire como ele o fez. Ela suspirou, agarrou sua mochila, e rebocou ele em direção à porta.

Ela estava surpresa dele não deixar cair as coisas na calçada, mas uma vez que ele estava fora da vista do público, ele parecia mais concentrado e um pouco mais coordenado. Huh. Ele era mais alto do que ela havia imaginado. Mais forte, também. Não no estilo de Shane, mas solido, contudo. E tinha um cabelo que enganava ela – estilo emo que fazia dos caras uma espécie de bobos.

“Para onde você está indo?” ela perguntou à Dean. Ele ajustava a mochila nas costas.

“Oh, você sabe,” ele disse vagamente, e apontou rua abaixo. Ela começou a pensar que ele realmente estava seguindo ela. Essa coisa de seguindo o caminho devia ser tão velha quanto Roma e suas ruas. “Você faz todas essas classes e tal?”

“A maioria. Eu tenho alguns laboratórios ainda para finalizar, créditos extras, na verdade. Você parece que estuda bastante.”

“Não na verdade,” Dean disse. “Eu carrego muitos livros para fazer as garotas estúpidas acharem que eu sei muito.”

Ela piscou, não certa do que ela tinha ouvido. Ele disse isso do mesmo jeito das outras coisas. Como um cara legal. Normal.

Eles estavam passando pelo beco entre os prédios. Nenhum sinal.

“O que-“

Ela se virou para ele, e a última coisa que ela viu foi a mochila dele, cheia de livros, bater com toda força na cabeça dela.

Claire acordou sem a certeza de realmente ter acordado – tudo parecia estranho, confuso, como um sonho. Ela não podia se mexer, e sua cabeça doía tanto que ela teve vontade de chorar.

Ela ouviu vozes.

“... não acredito que você trouxe ela aqui,” alguém disse – ela conhecia a voz, mas não o lugar; a dor de cabeça era tão forte que a impedia de pensar. “Você é retardado? Isso não é qualquer um. Ela vai ficar desaparecida, Dean!”

“Esse é o ponto,” Dean. Essa era a voz de Dean. “Eu quero eles achando que ela está desaparecida. Eu quero eles olhando por aí. Eles não irão encontrá-la até que eu decida. Vamos lá, Jason. Anime-se, já!”

“Droga, eu sabia que você era doido. Eu não achei que você era estúpido, também. Nós temos de deixar ela ir.”

Sons de socos. Chutes. Gritos. Dois caras lutando.

Um tinha caído.

“Cale a boca,” Dean gritou. “Você sempre fica choramingando. Tudo o que você tem de fazer é carregar o corpo. Eu não estou pedindo para você sujar as mãos.”

“Não! Olha, eu conheço ela. Você não pode-“

“Este é o porque ela é perfeita. Tudo mundo conhece ela. Vamos lá, cara, vamos fazer isso. Ela é apenas uma garota. Perdedora, ela é uma amante de vampiros. Nós vamos fazer do mundo um lugar melhor, e nós teremos diversão enquanto fazemos.” Dean riu. Isso era o pior som que ela tinha ouvido de um humano – e uma espécie de jogo ruim, no período.

Jason devia ser Jason Rosse, o irmão de Eve. O único que Dean disse que conhecia. Talvez isso fosse um sonho horrível. E talvez fizesse sentido que ela colocasse Jason no sonho de raptar e esconder, certo? Afinal Jason tinha sido acusado de vários assassinatos.

Claire abriu os olhos e observou que o lugar parecia velho, uma casa abandonada. Paredes descascando, que rangia, com uma leve brisa que vinha de uma janela quebrada.

Jason tinha sido acusado de muitos assassinatos. Mas ele disse a Amelie, afirmou, que ele não tinha matado ninguém.

Ele apenas viu acontecer. Ele nunca disse quem estava por trás. Dean.

Claire deu uma rápida respiração. Isso é mal; realmente muito mal... a cabeça dela parecia que tinha sido atingida por um tijolo. Ela se sentia doente, e quando ela tentou se mover, a dor veio. Ela não podia fazer muito, contudo. Ela estava amarrada, tornozelos e punhos.

Havia uma luz vindo da janela, mas de um ângulo baixo. Ela devia estar fora por horas, e ela tinha um gosto estranho, nojento na boca. Eles deram alguma coisa para ela, enquanto batiam na cabeça dela. Talvez clorofórmio¹⁹.

Forçando seu punho, ela pode ver a hora.

Cinco horas.

¹⁹ Um anestésico eficiente, o clorofórmio ou triclorometano, composto químico de fórmula (CHCl₃) é um líquido incolor e volátil. Ele é um anestésico externo sendo muito tóxico se ingerido ou seus vapores aspirados. Sua ação anestésica ocorre devido ao fato deste ser muito volátil, desta forma ele absorve calor da pele, a qual tem temperatura diminuída, então os nervos sensitivos que mandam as informações ao cérebro ficam inativos e a sensação de dor é diminuída. Atualmente, sua principal aplicação é como solvente. Também é usado como matéria-prima para a produção de outros compostos. A inalação do clorofórmio causa desde excitação, euforia, impulsividade, agressividade, confusão, desorientação, visão embaralhada, perda de autocontrole, alucinação, sonolência, inconsciência até convulsões, decorrentes de estágios mais graves onde há intoxicação.

O sol estava se pondo. Ninguém daria falta dela ainda; não era hora do jantar, e ela poderia estar casualmente no laboratório de Myrnin para ver o que ele fazia em seu laboratório. Mas ele não estava esperando por ela.

Ninguém esperava por ela. Shane tinha ido trabalhar, e ele não voltaria até o anoitecer.

Telefone.

Não estava no seu bolso. Eles tinha pego.

Ela piscou, e ela deve ter perdido muito tempo, porque quando ela abriu os olhos de novo, Dean Simms estava sentado próximo a ela, observando-a. Na porta estava Jason Rosser, parecendo doente e estranho.

Dean estava sorrindo como se ele fosse o dono do mundo.

“Hei,” ele disse. “Então, você acordou e está tudo ok, certo? Bom. Eu pensei que você poderia pensar. Eu digo, eles falaram de você como se fosse alguém especial, mas você é como os outros. Sem problemas por mim.”

“Eu...” A náusea veio quando ela tentou falar, e ela parou e esperou até que pudesse falar de novo. “meus amigos vão procurar por mim.”

“Ah sim, isso que eu espero. Então quando eles acharem você drenada como uma triste brincadeira de vampiros na porta de Oliver... bem. Eles não vão ficar felizes, vão?” Os olhos de Dean brilhavam. “Cara, você é tão fácil. Frank pensou que você tinha garra. Eu acho que não.”

“Porque?” ela sussurrou. “Porque você está fazendo isso?” Ela realmente precisava saber. Porque, se ela tinha de morrer, ela precisava entender. Ela queria que fizesse sentido.

“Olha, não é pessoal,” Dean colocou um dedo na bochecha dela. “Bem, talvez um pouco, porque, você sabe, diversão. Mas isso é sobre libertar a cidade. Lutar contra demônios. Era o que Frank Collins queria. É o que eu quero. É o que você, quer, certo, Claire? É o que o Shane quer, também. Então você está fazendo um favor para todos.”

Dean não tinha vindo para Morganville olhar Shane; ele veio ter diversão. E se ele conheceu Frank Collins, ele apenas o usou. Uma vez que ele chegou em Morganville, ele decidiu abrir a sessão, e fazer o que queria.

Ainda fazia, Claire percebeu. Ninguém suspeitava dele.

Ela não tinha.

“O quê?” ele perguntou a ela. “Você não vai me dizer que estou cometendo um erro? Para eu não fazer isso?”

“Porque dizer?” ela sussurrou. “Você vai fazer de qualquer jeito, certo?”

“Sempre faço.” Dean olhou para trás. “Jase. Amarre os pés dela. Não quero ela me chutando.”

“Isso não é certo. Isso não é certo, cara.”

“Cale a boca ou terei dois corpos essa noite. Apenas faça.”

Claire chutou, mas não adiantou; Jason pegou seus tornozelos e amarrou. Dean forçou seu braço para trás e abriu um kit médico. Ele pegou um dos itens que os médicos usavam para colher sangue, mas ele conectou em um tubo de borracha simples, ele colocou algo no tubo.

O tubo de borracha terminava num grande galão do tipo que se guarda o leite.

“Leve picada.” Ele sorriu e espetou a agulha em sua veia.

Claire gritou. Jason olhou para longe, culpa estava estampada no rosto dele, mas Dean apenas continuava sorrindo. O líquido vermelho corria pelo tudo, avançando, e indo cair no galão de leite.

“Como se sente?” ele perguntou a ela. “Você ama vampiros. Como se sente tendo sua vida drenada de você, exatamente como eles fazem? Eu odeio vampiros. Eu realmente odeio. E se eu posso fazer algo por essa cidade e matar todos usando você, será uma barganha.”

Ela apertou seus olhos fechados e tentou pensar em algo que ela podia fazer.

Sangue.

O fantasma preto-e-branco podia ser visto no fim da sala. A imagem de Ada parecia quieta e comportada, e com um pouco de compaixão. Ela tinha vindo assistir Claire morrer.

“Vá buscar ajuda,” Claire sussurrou. “Por favor, busque ajuda!”

Jason e Dean, confusos, não tinham idéia com quem ela estava falando, porque Ada havia aparecido atrás deles. “Com quem você está falando, idiota? Jason não está do seu lado. Jesus, Jason. Amarre os pés dela! Vamos lá, cara! Não estou pedindo muito.”

Ada levantou uma sobrancelha. A imagem dela piscava. Claire não queria olhar para a linha vermelha correndo para o galão de leite; ela tinha de fazer algo por si mesma, seu coração começava a bater mais forte.

“Myrnin,” Claire pediu. “Eu preciso de Myrnin.”

Ada se foi. Claire não tinha idéia se ela tinha aceitado ou não.

Lá fora, o sol sumia da janela.

Crepúsculo.

Jason pulou ao ouvir um som de fora. “Que merda é essa?”

“Nada,” Dean disse. Ele observava o rosto de Claire. Ela estava respirando muito rápido, e ela tentava fazer mais devagar, seu coração corria, e ela estava perdendo muito sangue. *Ada, por favor. Por favor.* “Não se preocupe é o vento.”

Jason liberou os pés dela. Ela estava muito fraca para se mexer, de qualquer forma. “Não, não é. Tem alguém lá fora. Droga, deixe ela. Vamos!”

“Não pira agora. Nós estamos quase conseguindo. Mais uns cinco minutos. Mantenha isso em mente, irmão!”

“Não sou sei irmão!” Jason gritou. “Você está por sua conta, seu idiota!”

Ele se foi. Não – por favor espere. Claire tentava não chorar, mas ela estava perdendo o motivo de se manter forte. Alguém viria? Não, ela mesma teria de se salvar. Ninguém viria salvar ela.

“Dean,” ela disse. “Você sabe sobre os portais, não?”

Isso pegou a atenção dele. Toda atenção.

“Eu posso te dizer algo sobre eles que você não sabe. Se você parar isso.”

Seus olhos escuros brilharam; ele realmente não queria estar sem saber disso. “Que tipo de coisas? Porque realmente precisa ser muito bom.”

“Oh, é,” ela disse. “Eu posso lhe dizer como fazer seus próprios portais. Como ir a qualquer lugar. Fazer qualquer coisa. Imagina o que você poderia fazer com isso, Dean.”

Ele estava imaginando, tudo isso, e ela podia ver suas bochechas se colorindo. Ele gostou.

Ele gostou muito.

Dean deu uma olhada no galão, que estava se enchendo com o sangue dela. Mais saía do tudo e ia em direção ao galão. “Comece a falar,” ele disse. “Se eu gostar do que você disser, eu paro.”

Ele estava mentindo para ela; ela podia sentir isso. “Você precisa parar de fingir que está me matando por uma causa. Não está. Você está matando porque você gosta, Dean. Você não é um vampiro. Você é pior. Eles são como tigres. Você é um canibal.”

Seus olhos piscaram, e ele se inclinou para frente. “Talvez eu tente isso, também,” ele disse. “Talvez eu comece com você.”

Ela piscou, um flash veio em sua cabeça. Um mundo se abriu na frente dela. Ela teve uma visão, e era tão real.

Ela estava olhando além dele uma sala de estar, como um túnel. A TV estava ligada. Eve estava cantando junto com algum comercial, rebolando – mexia os quadris enquanto ela colocava o prato de cachorro-quente na mesa. Era a noite de Eve cozinhar. Michael estava ajustando sua guitarra, sentindo as cordas e tirando sons.

Shane vinha da porta da frente, colocou suas chaves na mesa, e disse, “Cadê a Claire?”

“Não aqui ainda,” Eve disse. “Provavelmente vindo.”

Shane pegou seu celular e discou.

Em algum lugar da casa abandonada, Claire ouviu seu toque soando. O barulho estava abafado, Shane ouviu, também. Ele olhou em volta, levantou a sobrancelha para Eve, e ela deu de ombros. “Talvez ela tenha esquecido.”

Eles podiam ouvir o telefone dela. Mas ele estava aqui.

Claire juntou forças para gritar, mas ela não fez isso.

Shane estava olhando diretamente para ela, e por um segundo, ela acreditou que o túnel estava, com um brilho prateado nos cantos.

Ela percebeu que Ada não ia deixá-la, afinal. Era um portal, e Shane estava vindo para salvar ela.

Ele a viu.

Os olhos dele eram selvagens.

“Claire!” ele gritou, e o portal se fechou.

Fechou antes que ele pudesse vir.

“Oh, cara,” Dean suspirou. “Fechou. Você pode fazer isso, também? Essa coisa de portal? Venha a calhar; eu estou certo?” Ele esticou o braço, e o portal simplesmente não estava mais – mas o lugar que o tunel tinha levado era a Glass House, agora algo vinha da escuridão. Não – não uma escuridão calma. Era a velha prisão, onde os vampiros doentes tinham ficado. “Ada me manteve alerta por algum tempo, e cara, eu estava começando a gostar. Mas eu prometi a ela sangue fresco se ela me deixasse usar mais uns dias.”

Ele tinha usado a rede para matar, e Jason tinha ajudado ele – provavelmente porque Jason era carente e solitário, e Dean sabia como fazer as pessoas se sentirem queridas. Era como Claire se sentia, e ela sabia melhor que ninguém.

Seu coração estava correndo.

“Vê?” ele disse. “Eu posso fazer ir para qualquer lugar. Como você. Acho que isso nos faz especiais.”

Ele era esperto, ela percebeu. Louco e frio. Como Myrnin.

Só que Myrnin tinha consciência.

Algo vinha do portal. Um fantasma. Ada?

Não, pensou Claire que via o caminhar da imagem em preto-e-branco dela por alguns segundos parada no portal, observando ela. Tinha alguém vindo do outro lado.

Então estavam a caminho.

Ada tinha buscado ajuda, contudo, mas não era Myrnin.

Era Frank Collins.

O pai de Shane estava do outro lado do portal, parado de frente à eles, parecendo mais um fantasma do que Ada. Claire deve ter deitado algum som, porque Dean olhou para ela, e seu rosto estava em completa surpresa. “Frank?” ele perguntou. “Frank. Espera – me deixe explicar...”

Frank Collins olhou em volta, agarrou Dean, e o jogou para dentro do portal.

Dean gritou, uma vez, e depois só silêncio. Apenas... nada.

Claire começou a se sentir fria. Isso é como eles se sentem, ela pensou. Ser um vampiro. Exceto que eu nunca vou acordar.

Frank parou perto do portal.

“Mantenha a respiração,” ele disse a ela, e chegou perto dela enquanto tirava o tubo do braço e o jogava fora. Ele pegou um pedaço de bandagem e amarrou no braço dela, fazendo pressão. “Desculpe por Dean. Eu sempre soube que ele não batia bem, mas nunca achei que fosse ficar doido.”

Ele olhou para ela mais uns segundos, se encaminhou para o portal.

Ao longo do caminho, ele tinha pego o galão de leite, e então tinha ido.

O fantasma de Ada estava de volta, observando Claire. Ela estava sorrindo.

“Ajude,” Claire sussurrou.

“Eu fiz,” a voz estranha de Ada veio de longe, como num viva-voz de celular. “Ele me prometeu sangue, mas eu não quero o seu. Eu não gosto dele.”

Ada desapareceu.

Ela estava sozinha, e gelada. Por enquanto, era tudo o que ela era.

Então mãos levantaram ela, e ela sentiu alguém mexendo no seu braço e havia vozes.

Luzes.

Isso era uma espécie diferente de nada.

O quarto do hospital estava escuro no meio do dia, cortesia para os visitantes. O excesso de luz fluorescente machucava a todos, mas ninguém estava em chamas.

Isso era Morganville em resumo. Compromisso.

“Eu disse que você estava indo bem,” Amelie disse, e deixou a cadeira ao lado da cama de Claire, e ela sorriu de volta. “Eu sinto muito por não manter você em segurança.”

“Você não sabia que eu estava com problemas,” Claire disse.

“Você usa minha marca em seu bracelete, e isso a torna minha dependente.” Isso soava algo importante para Amelie. “Isso não reflete minha administração. Por sorte, o Dr. Mills acreditava que você se recuperaria totalmente. Você deveria agradecer seus amigos por serem rápidos para atuar.”

Claire se sentia quente, segura e um pouco drogada. “Sim, sobre o resgate,” ela disse. “O que aconteceu?”

“Várias coisas. Primeiro, Eve me chamou e pediu minha ajuda.” Amelie indicou Eve, que parecia ao mesmo tempo toda cheia de si e embaraçada enquanto ela se encostava na parede. “Embora Eve presume muito sobre a minha disponibilidade para ajudar, eu decidi falar com Ada.” Claire prestava toda atenção na conversa interessante e assustadora. “Ela admitiu

que sabia onde você estava. A partir disso, era simplesmente abrir um portal e trazer você salva.”

“Quem era?” ela perguntou. Suas pálpebras estavam pesadas. “Shane?”

“Na verdade, não,” Oliver disse, do canto escuro do quarto. “Eu carreguei você. Não fique sentimental; o doutor salvou você, não eu. Eu simplesmente levei você de um lugar para outro.” Ele soava como se realmente não quisesse fazer parte da rodada de agradecimentos. Claire estava feliz de agradecer a ele.

“O Banco de Sangue veio rapidamente,” Dr. Mills disse amorosamente, vindo devagar checar os tubos e prontuário. “Sobre tempo isso faz os humanos serem bons, também.” Ele não parecia envergonhado de dizer isso na frente de Amelie e Oliver, contudo. “Você está em dívida conosco. Mas depois, eu prometo. Sem pressa.”

“Obrigada,” ela disse, e levantou para ele os polegares.

“Apenas fazendo meu trabalho,” ele disse. “Claro, alguns dias é um prazer. Descanse. Você terá de ficar aqui alguns dias. Oh, e eu espero que você goste de todos os sabores de gelatina.”

Ela achou que ele estava brincando sobre a última parte, mas ela tinha absoluta certeza. Antes que ela pudesse perguntar, ele escreveu algo em seu prontuário e saiu para ver o próximo paciente.

Os dedos gelados de Amelie alisaram o cobre minuciosamente – para Amelie, isso era positivamente fofo. “Eu acredito que você ainda irá trabalhar conosco por um tempo, Claire,” ela disse. “Durma agora.”

Claire queria fazer, mas ela tinha uma outra questão. “Você pegou ele?” Claire perguntou, e abriu seus olhos de novo. “Você achou Dean?”

“Sim,” Amelie disse. Sua expressão era totalmente impossível de ler. “Nós achamos Dean.” Ela corou, acenou para seus guarda-costas, e deixaram o quarto sem explicação ou olharem para trás. Oliver a seguiu, mas ele não parecia como se isso fosse idéia sua.

Oh, isso era um problema que estava vindo, Oliver manteria essa atitude. Mas isso era um problema que Claire não queria se preocupar. A única coisa que ela tinha de saber era, de fato, sobre os horríveis, asquerosos sabores de gelatina.

Depois de alguns minutos que os vampiros tinham ido embora, a porta abriu novamente, e Shane veio com a mão cheia de bebidas. Café, era o cheiro. A presença dele fazia Claire se sentir como se o sol explodisse dentro dela – tanta felicidade que ela estava surpresa de isto não está saindo pela pele dela, como luz.

O sorriso dele era tão maravilhoso.

“Espero que tenha trago um para mim,” Claire disse, enquanto ele entregava xícaras para Eve e Michael. Mas havia uma a mais.

“Você está brincando, certo?” Shane perguntou. “Você não precisa de cafeína. Você precisa dormir.” Ele ainda segurava a última xícara, e Claire percebeu que ela estava errada; havia alguém nas sombras. Bem no fundo das sombras, onde Oliver tinha estado.

Myrnin.

Ele parecia totalmente diferente para ela, agora, e não apenas porque ele não era mais louco. Ele havia se lembrado de como se vestir; as fantasias e os colares de Mardi Grass e os chinelos tinham ido embora. Ele estava de camisa cinza, calça preta, e a jaqueta que parecia não ter sido usada há algum tempo, mas não tanto quanto antes.

Tudo limpo. Ele estava de sapatos.

“Sim, você deve dormir,” ele concordou, enquanto ele aceitava a xícara e tentava o café. “Eu tive muitos problemas para treinar outros aprendizes da ultima vez. Nós temos trabalho para fazer, Claire. Bom, trabalho duro. Alguns dos que você pode até ganhar Prêmios, uma vez que você sair Morganville.”

Ela sorriu devagar. “Você nunca me deixará sair de Morganville.”

Os olhos escuros de Myrnin se fixaram nela. “Talvez eu deixe,” ele disse. “Mas antes você precisa me dar alguns anos, minha amiga. Eu tenho grandes coisas a aprender com você, e eu sou uma pessoa muito lenta para aprender.”

Claire riu com isso, porque era engraçado. No final, ela sabia que ela faria. Ela se sentiu pesadamente tonta, e então muito cansada.

Seus pais entraram e evitaram todos, por um momento. Mesmo Myrnin. Ela supostamente achou que tudo isso estava certo, no seu louco sonho. Era legal, estava feliz com isso.

Quando ela abriu os olhos novamente, era noite. Seus pais tinham partido, e Eve estava dormindo em uma das desconfortáveis cadeiras do hospital, cabeça apoiada em seus braços e um cobertor do hospital cobrindo sua camisa de boliche rosa gótico. Michael tinha a guitarra dele, e ele tocava suavemente – algo lento e doce e cheio de paz. Quando ele viu que ela tinha acordado, ele parou, parecendo culpado.

“Não, continue,” ela murmurou. “É muito linda.”

“Eu deveria tocar no Common Grounds mais tarde,” ele disse. “Eu posso ficar se você precisar, contudo.”

“Não, vá. Não deixe Morganville sem a maravilhosa Turner de Michael Glass.”

“Sim, como se alguém ligasse,” Michael disse, mas ele estava sorrindo de um modo embaraçado. E continuou. “Eu não deveria ir, mas parece que você tem um guarda-costas permanente.”

Shane estava dormindo, também, cabeça encostada na cama dela. Ela desejava correr seus dedos pelos cabelos dele, mas ela não queria acordar-lo.

Ela não precisou. A respiração de Shane mudou, e ele se sentou, piscando como se ele tivesse recebido um sinal invisível. Ele localizou ela rapidamente. “Hei,” ele disse, e ela o viu relaxar como se algo corresse dentro dele. “Dorminhoca.” Ele observou e pegou as mãos dela, então ele se aproximou e a beijou. Era quente, e úmido e doce. Como uma promessa. “Bem-vinda de volta.”

Ela se sentia como se ela nunca mais tivesse uma outra chance. “Você falou com meus pais?”

“Sim. Cara, minhas orelhas estão queimando. É tudo minha culpa, aparentemente.” Shane sorriu, mas ela podia ver que era assim que ele se sentia, como se fosse culpa dele. “Eu não acredito que eu não estava lá para você, Claire. Eu não posso acreditar que eu não estava com você-”

Ela colocou um dedo nos lábios dele. “Você sempre estava quando eu precisei de você,” ela disse. “Você está aqui agora, certo?”

“Você sabe que eu estou.”

Ela estava pensando em contar a ele sobre Frank, sobre como ele salvou ela. Mas ela não tinha certeza, realmente certeza, se ela apenas não tinha imaginado.

E se Frank Collins estava por perto, ele poderia aparecer e falar com seu filho.

“Eu sei,” ela disse. Algo que Monica tinha dito no Commn Grounds voltou a ela, especialmente neste momento: *Você sabe que isso não acabou, certo?* Coisas mudam. Pessoas mudam. Mesmo Morganville mudou. “Não vá.” Ela não sabia porque disse isso em voz alta. *Precisando muito, Claire?*

Shane pegou a mão dela e levou-a aos lábios num antigo beijo digno de Myrnin. “Eu não estou indo a lugar nenhum,” ele disse. “nem mesmo para tomar banho. E você realmente vai lamentar, diga de passagem.”

“Dorga,” Michael disse. “Eu já estou lamentando.”

“Cala a boca, cara.”

Michael jogou uma caixa de lenços para ele. Shane pegou e disparou de volta, o que não era difícil para os sentidos vampiros de Michael.

Eve acordou, se ajeitando, e gritou. “Vocês idiotas querem fazer o Super Bowl²⁰ lá fora? Alguns de nós precisamos de nosso sono de beleza – não diga isso, Collins!”

Shane segurava a caixa de lenços. “Dizer o que?” ele perguntou, e estendeu a caixa na direção de Eve. “Tadinha.”

Ela saiu da cadeira, pegou a caixa, e balançou a cabeça para ele. Muitas vezes.

Claire não podia parar de rir. Lágrimas enchiam os olhos dela, e ela amava eles tanto.

Ela amava todos eles muito.

Michael salvou Eve da guerra de lenços de papel e rebocou ela para a porta junto com sua guitarra na outra mão. “Estou dando uma trégua,” ele disse, e olhou para Claire da porta. “Nós voltamos depois do show.”

Nenhum deles queria deixá-la sozinha a noite; ela percebeu isso. Ela supostamente se irritou. Mas hoje a noite, apenas se sentia ... grande. Ela amava estar olhando para o futuro.

Então a porta fechou, e era penas ela e Shane.

²⁰ Jogo de futebol americano

Comunidade Traduções e Digitalizações – <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Comunidade The Morganville Vampire Séries - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>

“Então,” ela disse. “O que há na TV?”

“Hockey.”

“Eu tenho certeza que há algo além de hockey.”

“Não. Apenas hockey. Em todos os canais. Melhor reclamar com a companhia de TV a cabo.” Ele chutou uma cadeira e pegou o controle remoto.

“Idiota.” Ela comentou. “Sou eu quem está com pressão sanguínea baixa, aqui. Eu não devia estar com o controle?”

“Eu estou pensando. Olha, te trouxe um presente.” Ele puxou uma estaca de madeira do bolso e colocou na mão dela, em cima das cobertas.

“É para?”

“Emergências,” ele disse. “Emergências de Morganville.”

Ela examinou a estaca. Ela parecia ser uma das de Eve, originalmente. “Eu odeio te dizer isso, mas Dean não era um vampiro.”

“Isso vai funcionar nele, também.”

Ela percebeu que tinha algo escrito no lado. “Você colocou meu nome!” Esculpido. “Você deve ter levado um tempo.”

“Eu tive tempo, sentado aqui enquanto esperava você acordar. De qualquer maneira, Amelie baixou uma nova lei. Todos os humanos podem carregar estacas para defesa pessoal. Vê? Progresso.”

“Ou mutuamente sua destruição.”

“Bem, de qualquer forma funciona.”

Claire segurava a estaca. “Algumas garotas ganham jóias. Mas elas são perdedoras.”

Ele procurou no seu bolso, tirou uma caixinha de veludo, e colocou próximo ao travesseiro dela. Ela deu um profundo, barulhento suspiro, e sentiu todo seu corpo ficar mais tonto.

“O que é isso?” ela perguntou calmamente.

“É... uma espécie de algo para mais tarde,” ele disse. “eu apenas não quero que você pense que eu não estou bem sobre isso e essas coisas.”

Ele beijou ela, e ela sentiu que tudo ia embora. Toda dor, medo, preocupação. Tudo ia ficar... ok.

Em algum lugar, Michael Glass tocava no Common Grounds de casa cheia.

Amelie estava sentada sozinha em seu estúdio.

Myrnin estava escrevendo segredos no livro de couro.

Monica era sarcástica em formato de uma tímida caloura.

E Claire Danvers estava... feliz.

Pelo menos por essa noite.

***** FIM !!! *****

Traduzido por:

αηδψιηθα βιττω
Gaby



Comunidade:

Traduções e Digitalizações

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

The Morganville Vampire

<http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=80134761>